

A Bíblia

em seu

CONTEXTO



Como Aprimorar seu
Estudo das Escrituras

CRAIG KEENER

A Bíblia
em seu
CONTEXTO



Como Aprimorar seu
Estudo das Escrituras

1ª Edição
2016



Título Original inglês: *The Bible in its Context:
How to improve your Study of the Scriptures.*
Todos os Direitos Reservados. Copyright © 2016, por Craig Keener.
Publicado em Português por Carisma Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser distribuída para fins comerciais.

Todas as citações Bíblicas foram retiradas de A BÍBLIA SAGRADA
EDIÇÃO ALMEIDA CORRIGIDA E REVISADA, FIEL AO TEXTO ORIGINAL.
Publicada pela Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. Copyright © 2011.

Traduzido do Inglês para o Espanhol por David Gomero y Yaima Gutiérrez,
Trauducciones NaKar. Traduzido do Espanhol para o Português Brasileiro, com
constante consulta ao original inglês, por Ícaro Alencar de Oliveira,
em Rio Branco-AC, e revisado por Renato Cunha.

Primeira Edição em Português – 2016.

Para mais conteúdo de qualidade como esse,

Acesse:



Craig Keener
www.CraigKeener.com

www.TeologiaCarismatica.com.br

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO	1
INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1 – CONTEXTO! CONTEXTO! CONTEXTO!	8
A importância do Contexto	9
Níveis de Contexto	12
Objecções Relativas ao Contexto	19
Respondendo diante de Deus	22
CAPÍTULO 2 – CONHECENDO O TEXTO	25
O Contexto <i>dentro</i> dos Versículos	26
O Contexto do Parágrafo: Pratique você Mesmo	28
O Contexto do Parágrafo: Examine você Mesmo	33
1. O ladrão de João 10:10	33
2. A crucificação de Jesus em João 12:32	34
3. O dia da Exaltação de Cristo no Salmo 118:24	35
4. O gado no Salmo 50:10	36
5. O Batismo com fogo em Mateus 3:11	37
6. Imitando a Deus em Efésios 5:11	39
7. Resistindo ao diabo em Tiago 4:7; 1 Pedro 5:8-9; Efésios 4:27 ...	39
8. O Exército de gafanhotos de Deus em Joel 2:9	39
9. A força dos fracos em Joel 3:10	40
10. O Rei da Babilônia em Isaias 14	40
11. O Rei de Tiro em Ezequiel 28	43
12. Fortalecidos para Contentamento em Filipenses 4:13	46
13. A Fé Salvadora por meio do Evangelho em Romanos 10:17	47
14. Contexto de 1 Coríntios 13:8-13	47
15. A Fé Perseverante em Hebreus 11:1	48
16. Batendo à porta em Apocalipse 3:20	50
17. Deus deu seu Filho em João 3:16	51
18. Buscar primeiro o Reino de Deus em Mateus 6:33	51
19. Embaixadores de Cristo em 2 Coríntios 5:20	51
20. As testemunhas em Hebreus 12:1	52

21. A vindicação de Deus em Isaías 54:17	52
22. O Verdadeiro coração de um Anfitrião	53
23. A Libertação do salmista no Salmo 18:7-15	53
24. O Amor Matrimonial em Cantares 2:1-2	53
25. A Disciplina da Igreja em Mateus 18:18	54
26. A vinda de Cristo depois da Ressurreição em João 14:3	56
27. Um filho recém-nascido em Isaías 7:14	58
Conclusões	61
CAPÍTULO 3 – O CONTEXTO GLOBAL DO LIVRO	62
1. A reconciliação judaico-gentílica em Romanos	62
2. Justiça para os Pobres em Tiago	65
3. O Juízo de Davi em 2 Samuel 12:11	68
4. Os “pequeninos irmãos” em Mateus 25:40	69
5. O que Significa “ <i>crer</i> ” em João 3:16	70
6. Sob a Lei em Romanos 7	72
7. Recriminando aos Cristãos sem Amor em 1 Coríntios 13	73
8. A vida batizada no Espírito em Marcos 1:8-13	74
9. Como fazer Discípulos em Mateus 28:18-20	75
10. Lealdade até a morte em João 14:34-35	77
11. O castigo de Judá em Gênesis 38	78
12. Rios de Águas vivas em João 7:37-38	80
13. O Caráter de Moisés em Êxodo 6:10-30	83
14. O Engano de Rebeca em Gênesis 27:5-10	84
15. O lançar de sortes em Atos 1:26	85
Algumas observações finais sobre a “ <i>Teologia Bíblica</i> ”	86
Princípios para Interpretação de um livro completo	87
CAPÍTULO 4 – OUTROS PRINCÍPIOS DE CONTEXTO	89
Contexto do Autor	89
Métodos de anti-contexto que devemos evitar	91
Fazer esboço para captar o Segmento do Contexto	95
CAPÍTULO 5 – PLANO DE FUNDO BÍBLICO	100
Alguns exemplos de ensinamentos específicos de cultura encontrados na Bíblia	102
Usando o Plano de fundo Cultural	109
1. Obtendo o Plano de fundo Correto	110
2. Determinando como a passagem se relaciona com a cultura ...	113

3. Aplicando a Mensagem dos Escritos Bíblicos	114
CAPÍTULO 6 – EXEMPLOS DE PLANO DE FUNDO CULTURAL	118
1. O Novo Verbo em João 1:14-18	118
2. A adoração em “ <i>espírito</i> ” em João 4:23-24	120
3. A Mensagem de Deus no tabernáculo	120
4. Por que Sara usou o ventre de Hagar e logo depois a expulsou?	121
5. Mateus 2:1-16	123
6. Guardando a Palavra de Deus em Mateus 5:18-19	124
7. A oração do Reino em Mateus 6:9-13	125
8. Soldados inimigos torturam e zombam de Jesus em Mateus 27:27-34	126
9. O adultério e o assassinato em Marcos 6:17-29	128
10. O Nascimento de um novo Rei em Lucas 2:1-14	130
11. Exigência dos discípulos em Lucas 9:58-62	131
12. O regozijo dos amigos de Deus em Lucas 15:18-32	132
13. O primeiro Cristão gentio em Atos 8:26-27	135
14. Paulo prega aos filósofos em Atos 17:22-31	138
15. Paulo adapta antigas regras de família em Efésios 5:21-6:9	140
16. Jesus repreende aos autossuficientes arrogantes em Apocalipse 13:15-18	145
CAPÍTULO 7 – CONTEXTO DE GÊNERO	147
1. A Narrativa	148
Evite a alegorização	148
Leia o Relato como um todo	151
Identifique a lição no relato	152
Podemos aprender “ensinos” à partir das narrativas?	158
Parábolas	164
As Narrativas e a História	166
2. As Leis na Bíblia	169
3. Orações e Cânticos Bíblicos, especialmente nos Salmos	173
4. Provérbios	177
5. A Literatura Romance	180
6. Os Ensinos de Jesus	181
7. Os Evangelhos	185
8. As Epístolas	188
9. A Profecia	196

Saiba a quem e à quais circunstâncias a profecia se refere no contexto	196
Use a lei e os profetas anteriores como plano de fundo	197
Antes do exílio, os profetas geralmente profetizavam em prosa em seus livros	197
A profecia já se cumpriu? Existe algo que deixou de ser cumprido?	198
Devemos ter cuidado com os “mestres de profecia” que dizem que todos os detalhes do texto bíblico estão se cumprindo em nossa geração	202
CAPÍTULO 8 – O APOCALIPSE	203
Um Histórico de interpretações erradas	204
Perspectivas com respeito ao Apocalipse	208
O uso de Simbolismo?	212
Contexto Global do Livro	214
Plano de fundo	218
Outras aplicações de imagens do Antigo Testamento	221
CONCLUSÃO	226

PREFÁCIO

Todas as palavras de Jesus chamam sobremodo minha atenção, e evidente que não poderia ser doutra forma. Portanto, pelo menos para mim é impossível que ele não impressione com sua sabedoria. Todavia, especialmente uma dessas falas me impõe maior responsabilidade diante daquilo que sei e preciso saber, tanto quanto impôs aos seus ouvintes originais. *“Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus”* (Mateus 22:29) fala de maneira muito particular sobre a razão da maioria de nossos dilemas e inquietudes.

Nosso desafio em um mundo não apenas plural, mas pluralista, é discernir os apelos de mensagens que norteiam extremos objetivamente opostos. Enquanto uns enfatizam apenas o aspecto do poder e do miraculoso, Jesus nos demonstra que o poder divino deita raízes no solo do conhecimento abrangente das Escrituras Sagradas. Não há como dissociar ambas as realidades. Poder sem conhecimento é força irracional sem arreios, arrogância embriagada desprovida de qualquer sentido para quem tem prazer nas benfazejas operações do Espírito.

Particularmente, o contexto da passagem citado acima demonstra de maneira muito clara que os saduceus mantinham um conhecimento superficial das Escrituras; e em razão disto zombavam da ressurreição mencionada por Jesus. Nosso Senhor demonstra que ao negarem aquela realidade, os saduceus anunciavam sua absoluta descrença no poder de Deus, bem como denunciavam as origens desta; em resumo, aquela incredulidade conectava-se indissociavelmente ao desconhecimento da Palavra revelada (Lucas 20:37-38).

Neste sentido, muitos erros têm prosperado em nossas comunidades por que ignoramos a verdade que transpira da Palavra de Deus. Tomando como exemplo o materialismo da teologia da prosperidade que ilude almas vazias pela cobiça demoníaca, bem como se vale da negligência de verdades supremas (Mateus 6.19, 21,24-34; Lucas 12.13-20; *et al*). Outro exemplo lamentável, expressa-se na experiência de uma vida cristã desregrada e irrespon-

sável que ignora a segunda vinda do Senhor (Mateus 24.33; 2 Pedro 3, *et al*). O fato é que tais erros surgem a partir de um hiato que tem como causa, via de regra, a superficialidade hermenêutica.

Este livro que tenho a honra de prefaciar, oferece apontamentos preciosos para uma abordagem articulada e meticulosa das Escrituras, a fim de aprimorar tanto nossa dinâmica de leitura, quanto do nosso método de estudos. Torna-se, portanto, um manual imprescindível para equipar aqueles que desejam aprender a extrair e aplicar devidamente a verdade bíblica e seus contextos.

Sob a direção do Espírito Santo, o Dr. Craig Keener conjugou erudição e piedade com o melhor de suas qualificações acadêmicas, e disponibiliza graciosamente esta obra a todos os que desejam enriquecer com o tesouro eterno. Este livro é uma atalaia rememorando a convocação profética para que conheçamos e prossigamos em conhecer o Senhor (Os 6.3).

Pastores, mestres, seminaristas e cristãos em geral têm por dever servirem-se deste livro como um presente inestimável providenciado por Deus.

Que o Espírito do Senhor nos ilumine e assista, concedendo-nos aquela satisfatória compreensão da boa, perfeita e agradável vontade, revelada aos santos profetas, e em Cristo.

Boa leitura.
RENATO CUNHA.

INTRODUÇÃO

Nos dias de Josias, o livro da lei foi encontrado no templo, e a humilde resposta da parte de Josias ao que o livro exigia, mudou a sua geração. Mais adiante, Jesus enfrentou os líderes religiosos de seu tempo, os quais, com tanta preocupação pela lei a haviam enterrado sob suas tradições religiosas. Durante a idade média, numerosas ordens monásticas continuavam a encontrar a igreja (ou outras ordens anteriores) corrompida e longe da mensagem dos apóstolos, e chamava-os a que retornassem. John Wycliffe, um professor da Bíblia em Oxford, desafiou a hierarquia eclesiástica de sua época. Depois de haver perdido seu posto, começou a enviar seus estudantes aos campos, com traduções das Escrituras a fim de que pregassem. Embora a Inglaterra suprimisse sua obra, esta permaneceu latente, pronta para florescer novamente na Reforma Inglesa, um século depois. Lutero, um professor que ensinava a Bíblia, desafiou a exploração dos camponeses, levada a cabo pela hierarquia eclesiástica, conclamando a igreja a que voltasse à Escrituras (outros reformadores tiveram a mesma ênfase, alguns querendo levar o assunto além do que fez Lutero). Quando muitos Luteranos chegaram a ser complacentes em sua fé, Philipp Jakob Spener, professor da Universidade, contribuiu para motivar o movimento Pietista com seu ensinamento bíblico, também fazendo um chamado a que as pessoas vivessem as Escrituras.

No decorrer da história, muitos dos maiores avivamentos ocorreram quando o povo voltava-se às Escrituras, permitindo-lhes que esta lhes desafiasse a escutar novamente a mensagem de Deus em sua geração. Em muitas partes do mundo, a igreja necessita voltar para a Bíblia, tanto quanto, ou talvez mais que aqueles, buscando de Deus um vento fresco do Espírito que desafie muitas das coisas que se fazem no nome de Deus, de Sua Palavra ou de Seu Espírito. Que possamos orar por tal avivamento, examinar as Escrituras por nós mesmos, e convertermo-nos em povo de Deus, propagando Sua mensagem.

Desenvolvi este assunto a partir dos mais básicos até aos princípios mais complexos. Para alguns estudantes, talvez, princí-

pios como o “contexto” lhes pareçam, por demais básicos e, talvez, desejem saltá-los. Mas antes que o façam, encorajo-vos a buscar amostras de exemplos de contexto; muitos irão se surpreender como em quantas canções, sermões e ditos populares têm-se tomado textos fora do seu contexto. Em outras palavras, uma coisa é afirmar que cremos no contexto, e outra muito diferente é praticar essa habilidade de maneira coerente.

Ofereci exemplos concretos que nos ajudem a lidar com essa realidade e nos motivem a aplicar nossa “convicção” de maneira mais rigorosa no contexto. O contexto é essencial porque foi dessa maneira que Deus inspirou a Bíblia – não com versículos isolados e aleatórios, mas com um contínuo fluir de pensamento, aos quais esses versículos contribuem.

Talvez alguns problemas de interpretação se deem por sessão, porém os tratarei de forma breve na introdução, porque alguns cristãos têm problemas na hora de levá-los para a parte prática. A meta principal de estudar a Palavra de Deus é conhecer melhor a Deus, e quanto melhor O conhecemos, melhor entendemos sua Palavra. Posto que, Deus nos deu a Bíblia como um livro escrito que contém muita história, Ele espera que usemos princípios literários e históricos quando a estudamos, mas, ao mesmo tempo, esta pega a mensagem do coração de Deus para o seu povo, para que não a vejamos como uma mera matéria de interesse intelectual ou por simples curiosidade.

Aqueles que se tornam “especialistas” de um ponto de vista puramente intelectual ou mesmo puramente religioso, podem chegar a tornar-se como os escribas que se opunham a Jesus, nosso Senhor. Devemos lembrar que aquele livro – a Bíblia –, ao contrário de outros livros comuns, tem o direito de fazer exigências morais em nossas vidas. Nós não devemos nos tornar “especialistas” que exibimos nosso conhecimento, mas devemos nos humilhar perante o Deus da Escritura.

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria e do conhecimento (Provérbios 1: 7; 9:10). Nossa tendência humana no que diz respeito às Escrituras é nela encontrar o que nos convém, seja para justificar nosso comportamento ou para confirmar o que já foi

ensinado em nossa igreja, por meio de nossa tradição ou por outros professores, aos quais admiramos. Os escravistas tratavam de justificar o seu comportamento a partir da Bíblia; muitas seitas justificam suas doutrinas na Bíblia, mas às vezes nós cristãos fazemos o mesmo. Se nós tememos a Deus, vamos querer ouvir apenas o que a Sua Palavra nos ensina, e vamos querer ouvi-la o mais claro possível.

Também devemos estar dispostos a obedecer a Deus uma vez que lhe tenhamos escutado. Tiago 1:5 nos diz que se queremos sabedoria, devemos (assim como Salomão) pedi-la, porém não duvidando, mas pedi-la com fé, insiste ele (1:6), e logo explica que a fé verdadeira é aquela que está pronta a viver de acordo com o que Deus nos pede (2:14-26). Se realmente oramos para que Deus nos ensine a Bíblia (e isso deveríamos fazê-lo; veja o Salmo 119), devemos orar com o tipo de fé que está pronta a abraçar o que encontramos na Bíblia. Devemos acolher o que ali na Bíblia encontramos, ainda que seja algo não muito popular, ainda que isso nos traga problemas ou inclusive se desafia o nosso estilo de vida. Esse é um preço alto, porém traz benefício: a emoção de fazer novos e frescos achados, ao invés de simplesmente escutar o que esperávamos escutar.

Estudar a Palavra de Deus com um coração aberto e sedento é uma das maneiras em que expressamos nosso amor Deus. O principal mandamento de Deus para Israel era sua declaração de que Ele é uno (Deuteronômio 6:4); é por ele que aqui não há espaço para a idolatria. Portanto, Ele exorta a Seu povo que a Ele ame e nada mais, com todo um coração fiel e com todo o seu ser (Deuteronômio 6:5). Aqueles que amam a Deus desta forma, falarão todo o tempo de Sua Palavra; aonde quer que eles vão, e a qualquer pessoa que encontrem (Deuteronômio 6:6-9). Se realmente Deus toma o primeiro lugar em nossas vidas, então Sua Palavra será primordial para nós e nos absorverá.

Muitas vezes, as pessoas perdem aquilo que há no âmago da Palavra de Deus. Os fariseus debatiam acerca de detalhes, porém lhes faltava um maior espectro do coração, de justiça, misericórdia e fidelidade que Deus dispõe (o que Jesus chama de “desprezais o

mais importante da lei”, em Mateus 23:23); como diria a conhecida expressão: quem observa as árvores perde o bosque. Toda a Escritura é a Palavra de Deus, porém algumas nos ensinam de seu caráter mais que outras (por exemplo, em Êxodo 33-34, fala dos rituais Levíticos). Talvez até nem escutemos bem a Deus quando lemos a Bíblia, simplesmente porque nosso plano de fundo nos predispõe a pensar que Deus é restrito ou indulgente.

Aonde buscaremos, a fim de para encontrar, a revelação central do caráter de Deus (o “*mais importante da lei*” do que fala Jesus), que nos ajude a aplicar de maneira correta o restante da Palavra de Deus? Deus revelou Sua lei a Israel, porém tanto os profetas do Antigo Testamento quanto os do Novo Testamento mostram que alguns aspectos dessa lei aplicavam-se direta e tão somente ao Israel antigo em um tempo em particular (ainda podemos aprender de seus princípios eternos).

Os profetas ofereciam aplicações dinâmicas da lei baseadas no conhecimento do coração de Deus. Porém Deus revelou mais do Seu coração e de Sua palavra ao enviar-nos a Jesus; quando Sua Palavra se fez carne, nos revelou o coração de Deus (João 1:1-18). Quando Moisés recebeu a lei no Monte Sinai, viu parte da glória de Deus, parte de Seu caráter de graça e verdade, porém ninguém pode ver completamente a Deus e viver (Êxodo 33:18-20; 34:6). Todavia, no Verbo feito carne, Deus revelou completamente sua graça e verdade gloriosas (João 1:14,17); então o Deus que não foi visto por ninguém revelou-se completamente em Jesus Cristo (João 1:18. 14:9).

Neste estudo, veremos bem mais do que apenas o contexto: veremos o contexto de todo o livro, o plano de fundo e os princípios específicos para entendermos os tipos de escritos na Bíblia (tais como os Salmos, os Provérbios, as Leis e as Profecias). Estes são princípios essenciais para aprender o que Deus estava dizendo aos primeiros leitores, um passo necessário na hora de escutar como aplicar a mensagem de Deus em nossos dias. Porém, ainda necessitamos do Espírito Santo para que nos guie em como aplicar Sua mensagem a nossas próprias vidas, a igreja presente e a nosso mundo. Existe mais de uma forma de escutar a voz de Deus (por

exemplo, escutamola em oração), porém é por meio do estudo das Escrituras que aprendemos a reconhecer de maneira clara a voz de Deus quando Ele fala de outras maneiras.

Paulo nos ensina estas duas coisas, que “*em parte conhecemos, e em parte profetizamos*” (1 Coríntios 13:9); é por isso que é bom que dependamos tanto das escrituras quanto do Espírito para que nos ajudem a escutála claramente; porém certamente o Espírito não dirá nada que contradiga o que Ele já inspirou as Escrituras a dizer (a forma em que Ele deu-as a nós, dentro do contexto).

Capítulo 1

CONTEXTO! CONTEXTO! CONTEXTO!

Alguma vez já foi citado fora do contexto? Às vezes as pessoas citam algo que você lhes falou, porém ao ignorar o contexto do que você disse, podem alegar que você falou algo diferente - às vezes o oposto ao que você quis dizer de fato! Vez em quando cometemos este mesmo erro com a Bíblia. É assim que seitas como as Testemunhas de Jeová ou os Mórmons usam-na para defender seus ensinamentos não bíblicos.

Um dos recursos mais importantes para entender a Bíblia está dentro dela própria: o contexto. Alguns leitores querem passar imediatamente a versículos que estejam em qualquer parte da Bíblia¹. Infelizmente, podemos fazer com que ela diga quase qualquer coisa se combinarmos diferentes versículos; inclusive até versículos que soem semelhantes, no contexto podem referir-se a temas muito diferentes.

Usando este método, qualquer um poderia pensar que o versículo de Romanos 3:28, que diz: *“concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”*, contradiz o de Tiago 2:24, que expressa: *“Vedes então que o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé”*. Em contraste, cada passagem tem sentido de maneira especial se o lemos em seu contexto: o fluir do pensamento do que vem antes e depois da passagem que estamos estudando. No contexto, Tiago e Paulo querem dizer algo diferente quando se referem à *“fé”*. Ambos afirmam que uma pessoa se justifica ante Deus somente por meio de uma fé genuína que se expressa em uma vida de consequente obediência (veja mais adiante nossa discussão sobre o assunto).

Se ignoramos o contexto, quase sempre vamos interpretar erroneamente o que lemos na Bíblia. Os estudantes de níveis avan-

¹ Às vezes o fazem usando as referências encontradas nas margens de sua Bíblia; no entanto, estas foram adicionadas pelos editores e não fazem parte da própria Bíblia em si.

çados podem desejar saltar para capítulos posteriores, porém devido ao que muitos estudantes supõem, que entendem o contexto melhor do que a realidade demonstra, insistimos aos leitores a que, pelo menos, provem o capítulo seguinte antes de seguir em frente.

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO

O contexto é a maneira em que Deus nos deu a Bíblia, um livro por vez. Os primeiros leitores de Marcos não recorreram ao Apocalipse para que este lhes ajudasse a entender Marcos; ainda o Apocalipse não havia sido escrito. Os primeiros leitores da carta aos Gálatas não tiveram uma cópia da carta que Paulo escreveu aos Romanos para que esta lhes ajudasse a entendê-la. Estes primeiros leitores sim, compartilhavam de certa informação comum com o autor à parte do livro que receberam. Neste manual chamamos esta informação compartilhada de “*plano de fundo*”: certo conhecimento da cultura, história bíblica que lhe antecede, etc. Porém o mais importante era que tinham um exemplar individual de um dos livros da Bíblia diante deles.

Portanto, podemos estar confiantes de que os escritores da Bíblia incluíram o suficiente em cada um de seus livros para ajudar os leitores a que entendessem cada livro sem ter de recorrer a referências que eles não possuíam. Por esta razão, o contexto é a chave acadêmica mais importante para a interpretação bíblica².

Frequentemente, ministros que são muito populares em nossos dias citam de maneira isolada vários versículos que eles memorizaram, ainda que isto signifique que normalmente eles deixarão de pregar em 99% dos versículos bíblicos. Uma pessoa aparentemente bem preparada, disse a um professor da Bíblia que ela pensava que o propósito de ter um exemplar em casa era para buscar os versículos que o ministro citava na igreja! No entanto, a Bíblia não é uma coleção dos versículos favoritos das pessoas com um

² O plano de fundo, o que o escritor podia tomar por certo, também é importante; retomaremos esse tema em outro capítulo mais adiante.

consi-derável espaço em branco entre eles. Usando versículos fora de contexto se poderia “demonstrar” qualquer coisa acerca de Deus, ou justificar quase qualquer tipo de comportamento – assim como a história no-lo testifica. Porém na Bíblia, Deus tem revelado a Si mesmo em Seus feitos na história, nos registros inspirados destes feitos e na sabedoria inspirada de Seus servos, quando se referiam às situações específicas.

As pessoas em minha cultura dão valor a tudo o que é “instantâneo” – purê de batatas “instantâneo”, *fast foods* e assim por diante. Da mesma maneira, muitas vezes nós tomamos atalhos para a interpretação da Bíblia, citando versículos aleatoriamente, ou supondo que aquilo que os outros nos ensinaram foi mediante interpretação correta. Quando isso ocorre, deixamos de ser *diligentes* em buscar a Palavra de Deus (Provérbios 2:2-5; 4:7; 8:17; 2 Timóteo 2:15).

Um ministro muito proeminente dos Estados Unidos, Jim Bakker, estava tão preocupado com seu ministério em favor dos milhões de pessoas que não tinha tempo para estudar as Escrituras cuidadosamente em seu contexto. Ele confiava no que seus amigos, cujos ensinamentos ele ajudava a promover, seguramente o haviam feito. Em seguida, quando seu ministério desabou, passou muitas horas esquadrinhando as Escrituras com sinceridade, e para seu horror, ele percebeu de que em alguns pontos, os ensinamentos de Jesus, interpretados em seus contextos, significavam exatamente o oposto ao que ele e seus amigos haviam ensinado! Nunca é bom depender simplesmente daquilo que alguém diz que Deus disse (1 Reis 13:15-26).

Descobri isto por mim mesmo quando sendo um jovem cristão, comecei a ler 40 capítulos da Bíblia por dia³. Fiquei impressionado ao descobrir o quanto da Escritura havia em essência ignorado entre os versículos que havia memorizado, e do quão cuidadosamente o texto intermediário conectava aqueles versículos. Eu havia perdido muito, por simplesmente usar a Bíblia para defender

³ Suficiente para ler o Novo Testamento por semana ou a Bíblia completa por mês.

aquilo que eu acreditava!

Depois que alguém começa a ler a Bíblia lendo um livro por vez, rapidamente reconhece que os versículos tomados fora de seu contexto quase sempre querem dizer algo diferente quando lidos em seu contexto. De fato, não podemos fingir que a maioria dos versículos se entendem sem ter que ler os seus contextos. Isolar versículos de seu contexto é falta de respeito à autoridade das Escrituras, posto que este método de interpretação não pode ser aplicado de maneira coerente a toda a Escritura. O que este faz é tomar versículos que parecem explicar, a si e por si mesmos, porém deixa de um lado a maior parte da Bíblia, e a faz incapaz de ser usada da mesma maneira. Pregar e ensinar a Bíblia de maneira que ela nos convide a interpretá-la – em seu contexto original – nos explica a Bíblia de maneira precisa e, por sua vez, provê aos ouvintes um bom exemplo de como estes podem aprender melhor da Bíblia por si mesmos.

Se lermos algum outro livro, não tomaríamos simplesmente do meio do livro uma declaração isolada e ignoraríamos as declarações que a rodeiam, o que nos ajudam a entender a razão pela qual se fez tal declaração. Se déssemos um livro de contos a um menino que já está aprendendo a ler, o mais provável é que esse menino começasse a lê-lo partindo do princípio. As pessoas muitas vezes leem a Bíblia fora de seu contexto (mais adiante, oferecemos exemplos), não porque isso venha naturalmente até nós, mas porque nós temos sido *ensinados* de maneira errada através de frequentes exemplos. Sem faltar com respeito àqueles que têm feito o melhor que podem sem ter entendido o princípio do contexto, devemos aproveitar agora a oportunidade de começar a ensinar à próxima geração a interpretar a Bíblia de maneira correta.

Muitas contradições que alguns leitores dizem encontrar na Bíblia surgem simplesmente por ignorar o contexto da passagem que citam, passando de um texto a outro sem primeiro tomar o tempo de, antes de tudo, entender cada texto em seus próprios termos. Para desenvolver um exemplo oferecido anteriormente, de que quando Paulo disse que uma pessoa é justificada pela fé sem obras (Romanos 3:28), seu contexto deixa claro que ele define fé

como algo mais que consentimento passivo de um ponto de vista; ele a define como uma convicção de que Cristo é nossa salvação, uma convicção sobre a qual cada um apoia sua vida (Romanos 1:5).

Tiago declara que ninguém pode ser justificado pela fé sem obras (Tiago 2:14) – porque ele usa a palavra “*fé*” para referir-se à aprovação sincera de que algo é verdadeiro (2:19); ele exige que tal aprovação seja demonstrada ativamente pela obediência para mostrar que é genuína (2:18). Em outras palavras, Tiago e Paulo usam a palavra “*fé*” de maneiras diferentes, porém estas não se contradizem entre si, no nível do significado. Se ignorarmos o contexto e apenas conectarmos diferentes versos com base na redação semelhante, vamos chegar a contradições na Bíblia que os escritores originais nunca teriam imaginado.

NÍVEIS DE CONTEXTO

A maioria de nós concorda no que tange a ler a Bíblia em seu contexto, porém, até onde contextualizamos? Será suficiente simplesmente ler os versículos anteriores e os posteriores ao que estamos citando? Ou deveríamos estar familiarizados com o parágrafo que vem antes e o que vem depois? Ou deveríamos estar familiarizados com o livro da Bíblia no qual a passagem ocorre? Ainda na prática, a resposta a esta pergunta depende até certo ponto da parte da Bíblia que estejamos estudando⁴, como regra geral devemos pensar em cada passagem considerando tanto seu contexto imediato quanto o contexto do livro da Bíblia em que se encontra.

Muitos eruditos bíblicos têm falado sabiamente sobre os vários níveis de contexto para qualquer texto. Em primeiro lugar, a maioria dos textos têm um contexto imediato dentro do parágrafo em que se encontram e nos parágrafos que o rodeiam.

Em segundo lugar, podemos considerar o contexto de todo o

⁴ O contexto não é menos extenso em Provérbios do que em Gênesis, ou do que em 2 Coríntios.

livro em que a passagem se encontra, que é a unidade do texto como um todo, o que podemos ter certeza de que os primeiros escritores esperavam que os primeiros leitores tivessem diante de si mesmos.

Em terceiro lugar, às vezes necessitamos levar em consideração todo o contexto do ensino desse escritor. Por exemplo, embora os Coríntios não pudessem consultar a carta de Paulo aos Gálatas, eles estavam mais familiarizados com um plano de fundo amplo de seus ensinamentos do que nós encontramos na Primeira epístola aos Coríntios, porque durante dezoito meses, Paulo os ensinou pessoalmente (Atos 18:1). Tudo o que podemos aprender acerca do ensino de Paulo, pode-nos ser útil, tendo em conta que demos a prioridade primordial ao que foi dito à sua audiência na carta *específica* que estamos tratando de entender.

Em quarto lugar, existe o contexto da informação compartilhada – o plano de fundo que o escritor original compartilhava com seus leitores. Parte deste plano de fundo pode estar disponível na Bíblia⁵; porém, averiguar o plano de fundo também pode exigir investigação extra⁶.

Finalmente, podemos observar o contexto da revelação completa de Deus na Bíblia. Porém este deve ser o nosso último passo, não o primeiro. Por demasiadas vezes queremos explicar um versículo à luz do outro, antes de haver entendido realmente qualquer um dos dois à luz do contexto imediato em que ocorrem. Como no exemplo de Romanos e Tiago, que supra mencionamos, uma palavra ou até mesmo uma frase em particular não levam sempre o mesmo significado em cada passagem.

2 Timóteo 3:16-17 declara que *“Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra”*. Toda a Escritura comunica um

⁵ Por exemplo, Paulo esperava que muitos de seus leitores conhecessem o Antigo Testamento.

⁶ Apesar dos primeiros leitores; estes já a isso conheciam e podiam tê-lo por certo.

sentido que é essencial para a igreja – como já o temos salientado, sem “*espaços em branco*” entre nossos versículos favoritos. No entanto, para a aplicação correta deste princípio, devemos determinar que unidade da Bíblia de que Paulo está falando (isto é, o que ele quer dizer com “Escritura”). Paulo, obviamente, não se refere simplesmente às palavras individuais da Bíblia; embora as palavras individuais na Bíblia sejam importantes porque contribuem para o significado do texto, porém uma única palavra, isolada em si não pode transmitir muito significado⁷. Devemos ter a certeza de pregar pela Bíblia, e não por um dicionário! Este é o perigo de que nos concentremos nas palavras por si só, ao invés de em sua mais ampla função em frases e passagens.

Embora este princípio seja óbvio⁸, aqueles que leem a Bíblia, por vezes, o ignoram. Uma vez eu li uma devocional com base em Ezequiel 28 que se enfocava sobre a palavra “*sabedoria*”, o qual explicava como a sabedoria era maravilhosa⁹. O escritor explica em detalhes a necessidade de sabedoria e jamais se preocupou em apontar que Ezequiel 28 refere-se ao malvado príncipe de Tiro, que se gloriava em ter sabedoria, simplesmente uma representação da sabedoria mundana. Em outras palavras, este expositor não estava pregando à partir de Ezequiel 28, mas à partir de um dicionário de hebraico! Aqueles que seguem o significado de uma palavra em toda a Escritura, e em seguida, preparam todo um sermão com base em seus resultados, que poderia ser melhor¹⁰.

Às vezes precisamos estudar o significado de uma palavra, desta forma; mas aqueles que pregam a partir de uma lista de versículos aonde a palavra aparece, ainda correm o risco de se pregar à partir de uma concordância, e não da própria Bíblia. Deus não inspirou a Bíblia em sua sequência de concordância; inspirou-a

⁷ Precisamos da palavra “*e*”, mas por si só, ela não comunica qualquer significado universal ou especificamente cristão.

⁸ De que as palavras individuais não são a principal unidade de sentido.

⁹ Com base no seu significado em um dicionário da língua hebraica.

¹⁰ Desde que reconhecessem as diferentes formas que a palavra pode ser usada em diferentes passagens.

livro por livro.

Mesmo com foco em um versículo lido em seu texto imediato, ainda pode ser problemático (embora menos problemático), porque o versículo não pode representar uma unidade completa de pensamento. As referências de versículos não foram adicionadas à Bíblia quando ela estava sendo escrita, mas foram adicionadas depois de haver sido concluída. A unidade de pensamento é muitas vezes maior do que um verso, e não pode ter o sentido correto fora do contexto.

Por exemplo, Jesus chorar pode ser instrução útil para algumas pessoas que pensam que chorar é um sinal de fraqueza, mas lembrar-se do contexto nos dá geralmente um princípio mais útil. “*Jesus chorou*”, por que chorou com os amigos que estavam sofrendo dor: este exemplo nos ensina que é importante chorar com os que choram, e que o próprio Jesus se preocupa com a nossa dor o suficiente para compartilhar dela conosco.

Nós geralmente podemos tomar um parágrafo como toda uma unidade de pensamento, mas às vezes até os parágrafos não representam a total unidade de pensamento no texto. Parágrafos variam em tamanho, mas identificamo-los como parágrafos distintos precisamente porque eles próprios são em si pensamentos completos. No entanto, estas unidades de pensamento muitas vezes se conectam com outras unidades de pensamento de maneira tal que se torna difícil separá-las dos pensamentos que lhe rodeiam. Enquanto a maioria dos parágrafos contém pelo menos um dado ou um princípio, esse dado é por vezes demasiadamente curto para ser usado sozinho como base para um sermão. Por mais que eu prefira a pregação expositiva¹¹, alguns textos não se prestam tão facilmente a esta abordagem.

Por exemplo, quando Paulo se despede de seus amigos em Atos 20:36-38, o amor incontestável que tinham (como evidenciado pela triste despedida), fornece um fato crucial: Temos de apresentar esse tipo de amor e de entrega, uns pelos outros no corpo de Cristo. Mas podemos articular esse princípio de forma mais ampla,

¹¹ Pregação de um parágrafo ou passagem.

se lermos estes versículos à luz do discurso de despedida de Paulo que precede (Atos 20:18-35). Nessa passagem, podemos encontrar material suficiente para um grande sermão ou estudo bíblico – se desejamos aderir ao que os primeiros leitores de Atos tinham disponível – mesmo que apenas sigamos o tema desta passagem sobre o amor dos cristãos uns para com os outros ao longo de todo o livro no qual aparece (Exemplo: 2:44-45; 4:32-35.; 14:28; 28:14-15).

Na maioria das congregações gostaria de mais do que um ponto que aprender, ou pelo menos mais do que uma só ilustração desse ponto! Comentar sobre a unidade em João 17:23 pode ser difícil de esmiuçar, a menos que nós vejamos como João enfatizando a unidade em termos do amor mútuo (13:34-35) e os tipos de barreiras que a unidade deve exceder¹². Ler este versículo sobre a unidade no contexto de todo o Evangelho de João nos chama a traspassarmos barreiras tribais e culturais, a amar os nossos irmãos cristãos.

Um professor de homilética nos Estados Unidos me disse que ele estava cético de que toda a Bíblia era a Palavra de Deus; ele duvidava que pudesse pregar a partir de uma passagem como a de quando servos de Davi lhe trouxeram uma concubina para mantê-lo aquecido (1 Reis 1:2-4). Então eu lhe indiquei que estes versículos faziam parte de um contexto mais amplo. Depois que Davi pecou, Deus lhe anunciou que o julgamento viria sobre sua casa, e até mesmo viria dos próximos a ele (2 Samuel 12:11). Isto se cumpriu com a revolta de Absalão, possivelmente o filho mais velho de Davi, depois da morte de Amnon.

Mas agora, um outro filho de Davi, o próximo mais velho, depois de Absalão, pretende tomar o trono (1 Reis 1:5). Os versos que falam sobre Davi não ser capaz de manter o calor nos mostra o quão fraco e suscetível ele estava a esta nova revolta; a menção da concubina ajuda a explicar por que Adonias mais tarde chega a merecer a morte ao pedir para casar-se com ela (1 Reis 2:21). Casar-se com uma concubina do rei anterior era posicionar-se como

¹² Jesus ultrapassa uma grande barreira étnica, quando ele ministra a uma mulher samaritana, em João 4.

rei (1 Reis 2:22; cf. 2 Samuel 16:21-22) - Adonias persiste em derubar o reinado de Salomão! Sem ler toda a história, você pode ignorar a finalidade de cada verso particular. Mas, certamente, eles têm um propósito, e o resto da história, sem eles, não teria sentido.

Finalmente, o contexto se estende além das palavras, dos versículos e parágrafos e para toda a estrutura de cada livro da Bíblia. Este é provavelmente o que Paulo quer dizer quando diz que “*toda a Escritura é inspirada*”. A palavra grega aqui usada para denotar “*Escritura*” é “*graphē*”, que significa “*um escrito*”. Na maioria dos casos, cada livro da Bíblia seria escrito em um único rolo como um único texto; diferentes livros da Bíblia foram escritos geralmente como livros inteiros para enfrentar situações diferentes no antigo Israel ou na igreja. Embora esses livros às vezes consistam de material antigo¹³, nós os temos em nossas Bíblias como unidades completas, e nós devemos lê-los como tal.

Por exemplo, Deus nos deu os quatro Evangelhos, ao invés de um, porque queria que olhássemos para Jesus em mais do que apenas uma perspectiva¹⁴. Se você simplesmente misturar peças de diferentes evangelhos sem reconhecer o que é característico de cada um, podemos deixar de notar as perspectivas que Deus queria que obtivéssemos de cada um.

Embora possamos pregar a partir de uma narrativa individual dos Evangelhos e explicar o texto fielmente, faríamos muito melhor se nós entendêssemos como essa história da Bíblia em particular se encaixa nos temas desse Evangelho completo, no qual ele aparece.

Em outros casos, o contexto do livro é absolutamente necessário, e não é apenas uma bela adição. Por exemplo, a carta de Paulo aos Romanos é um argumento bem tecido. Ler qualquer passagem em Romanos sem compreender o fluxo lógico existente ao longo do livro, vai nos deixar com apenas um pedaço de argu-

¹³ Por exemplo, histórias sobre Jesus que circulavam antes que os escritores dos Evangelhos os escrevessem.

¹⁴ Jesus era grande demais para apenas um Evangelho, com sua ênfase distinta, nos ensinasse o suficiente sobre Ele.

mento. É certo que muitas pessoas leem Romanos desta forma; mas pelo fato deste livro se encontrar tão intimamente ligado, um estudo bíblico feito de Romanos, passagem a passagem, é muito menos produtivo como o que se faz de Marcos. Precisamos saber que todos pecaram (Romanos 1-3), mas poderiam facilmente ser usadas muitas semanas analisando essa parte de Romanos antes de chegar à justificação pela fé ou ao poder para levar a uma vida reta.

No entanto, em Marcos, encontramos novos temas de estudo em quase todos os parágrafos, e um grupo de estudo bíblico poderia facilmente tomar uma passagem ou um capítulo a cada semana sem sentir que não vão entender o que o autor quer dizer até que eles passam algumas semanas a mais. Paulo escreveu Romanos como uma carta para ser lida como um argumento estreitamente tecido, tudo de uma vez! Até mesmo o primeiro público de Marcos provavelmente leu todo seu Evangelho, todo de uma vez, numa mesma ocasião. Este evangelho funciona como um relatório unificado, prenunciando a morte iminente e ressurreição de Cristo, desde o início até ao fim. Até que entendamos a função de uma passagem à luz do argumento geral do livro em que ela ocorre, não estaremos respeitando plenamente a forma como Deus o inspirou.

Se Deus inspirou cada Escrito – referindo-se ao menos a cada “*escrito*” ou livro da Bíblia – para que possa ser útil, então temos de lidar com cada livro da Bíblia como um todo para que possamos entendê-lo completamente¹⁵.

Este princípio tem sérias implicações para o nosso estudo da Bíblia. Em vez de ler os versículos partindo da primeira instância

¹⁵ Em alguns casos, onde apenas foram colocadas aleatoriamente unidades independentes de pensamento, por exemplo, salmos no Livro dos Salmos, a maioria dos provérbios do Livro de Provérbios, e muitas leis nas seções legais de Êxodo e Deuteronômio – este princípio é menos importante. Mas é muito importante como um princípio para se ler a maior parte das Escrituras, e especialmente para os argumentos estreitamente entrelaçados, como é o caso de Romanos ou em livros de símbolos interdependentes, como é o caso do Apocalipse.

com uma concordância ou com as referências em cadeia da Bíblia, precisamos aprender a ler livros inteiros da Escritura. De preferência, deveríamos ler os menores como o de Marcos dentro de um mesmo contexto; pelo menos, deveríamos nos concentrar em um livro específico para um determinado período de tempo. Não é útil ir simplesmente pulando de livro para livro sem retornar a um determinado livro em particular.

OBJEÇÕES RELATIVAS AO CONTEXTO

Aqui devo lidar com uma objeção que surge em alguns círculos quanto ao contexto. Algumas pessoas citam as Escrituras fora do contexto e, em seguida, afirmam que eles estão certos, porque têm autoridade especial ou revelação especial dada por Deus. Mas elas deveriam ser honestas em dizer que esta revelação é particular, e que não é Escritura. Todas as revelações devem ser testadas (1 Coríntios 14:29; 1 Tessalonicenses 5:20-21.), e em parte Deus nos deu a Bíblia para que pudéssemos testar outras revelações. Ninguém tem a autoridade para tolher os direitos dos ouvintes na avaliação dos seus argumentos, dizendo que a Escritura tem uma revelação sobre o sentido da Escritura, e que aos ouvintes não é possível avaliar o estudo si.

Caso contrário, qualquer um poderia dizer que a Escritura significa qualquer coisa! Qualquer ponto de vista pode ser defendido com base em textos fora do contexto; nenhuma teologia pode fazer com que seus raciocínios soem coerentemente. As Testemunhas de Jeová fazem isso o tempo todo. Não nos atrevamos a basear a nossa fé no estudo que outras pessoas fizeram da Bíblia, mas devemos nos basear na própria Bíblia.

Há que se ter muito cuidado com o que dizemos que a Bíblia ensina. Quando dizemos: “*A Bíblia diz assim*” é como se estivéssemos dizendo: “*Assim diz o Senhor*”. Nos dias de Jeremias alguns falsos profetas diziam que eles falavam da parte de Deus, mas, na verdade, falavam de sua própria imaginação (Jeremias 23:16) e furtavam entre eles suas palavras (23:30), ao invés de ouvir a voz de Deus (23:22). Deus, em Sua imensa soberania pode falar com

as pessoas através da Escritura fora do contexto, se quisesse, e também pode falar através de um pássaro, um poema ou um burro; Deus é todo-poderoso (Apocalipse 1:8), Ele pode falar como lhe apraz. Mas nós não costumamos ir aos asnos para que estes nos ensinem a verdade e como ele fala com uma pessoa através de um versículo fora de contexto, isso não determina que este seja o seu significado para todos os ouvintes em todos os tempos. O significado universal do texto é o sentido o qual todos os leitores têm acesso, diz-se do que significa em seu contexto.

Quando eu era um jovem cristão recém-convertido, eu estava num curso de latim, e presumia-se como tarefa para casa que traduzíssemos César. Eu só queria ler minha Bíblia e não queria fazer minha lição de casa; abri a Bíblia ao acaso na esperança de encontrar algum texto que dissesse: *“Deixar tudo e segue-me”*. Em vez disso, eu encontrei: *“Daí, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”*. Deus escolheu responder à minha néscia maneira de aproximar-se das Escrituras de acordo com o nível que merecia, mas absolutamente isto não significa dizer que agora este texto faz um chamado a todos os cristãos para traduzir a obra de *Cesar: A guerra contra os gauleses!*

Deve-se analisar todas as vezes que se alegue ter ouvido a voz de Deus (1 Coríntios 14:29; 1 Tessalonicenses 5:20-21.), e ouvir alguém reivindicando-o, pode nos pôr em problemas se nós não examinarmos cuidadosamente (1 Reis 13: 18-22). Paulo nos adverte: *“Se alguém cuida ser profeta, ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. Mas, se alguém ignora isto, que ignore”* (1 Coríntios 14:37,38). A única revelação a qual todos os cristãos podem olhar com certeza é a Bíblia; podemos ter certeza de que o que diz ali é o que Deus quis dizer quando Ele inspirou os autores originais para comunicar a sua mensagem original. Esta é a única revelação sobre a qual todos os cristãos concordam como *“cânion”*, ou vara de medir, com relação a todos as demais alegações de revelação. É por ele que devemos fazer todo o melhor que pudermos para melhor compreendê-la, pregá-la e ensiná-la da maneira em que Deus no-las deu dentro do contexto.

Alguns dizem que no Novo Testamento os apóstolos toma-

ram passagens das Escrituras fora do seu contexto, fato que nos autoriza a fazer o mesmo. Críticos judeus e não-crentes usam o mesmo argumento para dizer que aqueles que escreveram o Novo Testamento não se encontravam realmente inspirados pelo Espírito Santo. Poderíamos responder que não importa como somos guiados pelo Espírito, nós não estamos escrevendo as Escrituras. Mas a realidade é que as alegações de que os escritores do Novo Testamento tomaram o Velho Testamento fora de seu contexto, em sua maioria são supervalorizadas. Os exemplos que os críticos dão, geralmente caem em uma das três categorias, das quais, nenhuma nos autoriza a descobrir o significado de um texto ignorando o seu contexto.

Em primeiro lugar, ao responder aos oponentes que usaram documentos originais, os hagiógrafos, por vezes, respondiam de acordo¹⁶. Em segundo lugar, e mais comumente, eles simplesmente estabeleciam analogias do Antigo Testamento para ilustrar princípios encontrados nos textos em questão ou as vidas que eles apresentavam. Em terceiro lugar, e talvez a mais repetida, os textos que pensamos que estão fora de contexto refletem a nossa incapacidade de reconhecer a maneira complexa em que o escritor usou o contexto.

Alguns eruditos não-cristãos têm acusado Mateus de citar Oséias 11:1 (“*do Egito chamei a meu filho*”) fora do seu contexto, e às vezes o apresentam como um dos casos mais notáveis em que os escritores do Novo Testamento mal interpretaram o contexto. Eles falam assim porque Oséias está se referindo a Deus entregando Israel ao Egito, enquanto o texto de Mateus aplica o texto a Jesus. Mas Mateus conhece muito bem o versículo: ao invés de depender da tradução de Oséias no grego comum, ele faz a sua própria e ainda mais correta tradução à partir do hebraico. Se lermos o contexto de Mateus, vemos que este não é o único lugar em que se compara Jesus com Israel: assim como Israel foi provado durante quarenta anos no deserto, Jesus foi provado por quarenta dias (Mateus 4:1-2). Mateus também conhece o contexto de Oséias: assim como

¹⁶ “*Respondendo ao tolo segundo a sua estultícia*”, como diz Provérbios.

uma vez Deus chamou Israel do Egito (Oséias 11:1), Ele trará um novo êxodo e uma nova salvação para o seu povo (Oséias 11:10-11). Jesus é o precursor, o pioneiro desta nova era de salvação para o seu povo.

No mesmo contexto, Mateus aplica Jeremias 31:15 (onde Raquel chora pelo exílio de Israel) à matança dos bebês em Belém (Mateus 2:17-18), perto da qual Raquel foi enterrada (Gênesis 35:19). Mas Mateus conhece o contexto de Jeremias: depois de anunciar a tragédia de Israel, Deus promete restauração (Jeremias 31:16-17) e uma nova aliança (Jeremias 31:31-34). Mateus compara esta tragédia ocorrida na infância de Jesus com a história de Israel, porque ele espera que seus primeiros leitores, com algum conhecimento da Bíblia, reconhecessem que tal tragédia formou o prelúdio da salvação messiânica. Mateus também sabe muito bem o contexto de Isaías 7:14, o qual cita em Mateus 1:23¹⁷; o contexto permanece fresco na mente de Mateus quando ele cita Isaías 9:1-2 em Mateus 4:15-16. Mateus não está ignorando o contexto: ele está comparando o ministério de Jesus com a história de Israel e as promessas que evocam esses mesmos contextos. Ele leu melhor o contexto do que os seus críticos!

RESPONDENDO DIANTE DE DEUS

Em diferentes partes do corpo de Cristo ensinamos muitas coisas; nossa única base para o diálogo é a nossa base comum nas Escrituras. Mas se podemos fazer com que as escrituras digam o que queremos ao levá-la para fora de seu contexto, não podemos realmente dizer que temos verdadeiramente uma base comum.

Às vezes, a má interpretação faz uma diferença de vida ou morte: por exemplo, no passado, algumas pessoas justificavam as indulgências¹⁸ ou a escravidão. Este estudo é sobre os métodos de interpretação, não de doutrinas, mas tomemos como exemplo alguns pontos de vista que são cridos geralmente hoje em dia. Eu

¹⁷ Veja o debate no Capítulo 2.

¹⁸ PHagar o dinheiro à igreja para receber o perdão.

não estou perguntando se estamos certos ou errados com tais ensinamentos, mas senão, quais poderiam ser as consequências se estivessemos errados. Se o que ensino (e não apenas a interpretação errada dos ouvintes) faz com que as pessoas acreditem que depois de haverem proferido alguma oração serão salvos, não importando como eles vivem ou a qual religião eles se convertam depois, mais vale estar no certo; caso contrário, terei que dar muitas explicações diante de Deus se eu estiver errado.

E se, pelo contrário, o que eu ensino (e não apenas a leitura errada dos ouvintes) faz com que as pessoas vivam inseguras de sua relação com Deus ao ponto de alguns renderem-se ao desespero, eu terei que prestar muitas contas diante de Deus, se estiver na incerteza. Se ensino sobre a cura de tal maneira que as pessoas têm medo de confiar em Deus, e as pessoas sofrerem ou morrerem podendo ser restauradas, então eu devo responder a Deus. Se eu ensino que todos os que creem serão curados, e se alguns não forem curados, deixando então de crer, então eu devo responder a Deus.

A questão não é se teremos que responder a Deus, já que todos nós teremos que dar conta perante Ele de qualquer maneira, mas se seremos encontrados por Ele dignamente, fiéis, com respeito ao que ele nos ensinou. O que ensinamos pode trazer consequências de vida ou de morte na vida das pessoas. Se o que ensinamos é o que a Bíblia realmente diz, a responsabilidade recai sobre a Bíblia e o Deus que a deu, mas se o que ensinamos é a nossa interpretação errada da Palavra de Deus, devemos assumir a nossa responsabilidade diante d'Ele. Eu posso imaginar que, no dia do juízo, muitas pessoas protestarão dizendo: “Mas por que, se eu apenas pregava o que o senhor fulano de tal pregava”?

Mas o que ocorre é que muitos dos “megapregadores” têm seu tempo mais gasto em se promoverem e tornarem-se “grandes” do que passado tempo estudando a Bíblia¹⁹. Quando nos apresentarmos diante de Deus, não poderemos culpar os “mega-pregadores” pelo que nós temos ensinado. Deus nos deu uma Bíblia, não para que memorizássemos as teorias de outros pregadores,

¹⁹ Se você mergulha plenamente na Bíblia, você sabe quem é quem.

mas para que pudéssemos encontrar o que Deus realmente nos ensina.

No próximo capítulo, vamos examinar exemplos de versículos no contexto – em parte para ilustrar o quão necessário é que estudemos o contexto ainda com mais cuidado, apesar do fato de que todos professam ser seus seguidores. Eu escolhi deliberadamente textos que são frequentemente usados fora de contexto em círculos eclesiais que mais conhecemos. Eu ensino alunos de muitas denominações (e outros que não pertencem a nenhuma), e vejo que a maioria desses textos são conhecidos por quase todos eles em sua maneira descontextualizada. No entanto, quase sempre, depois de juntos haveremos examinado estes textos dentro de seu contexto (ou após os alunos estudá-los no contexto), chegamos a um consenso quase unânime (geralmente por unanimidade) com relação ao que eles querem dizer.

Depois de examinar “*o contexto imediato*” no capítulo que se segue, vamos passar para outros tópicos nos capítulos seguintes. Primeiro, vamos discutir o tema do contexto global do livro, que inclui reconhecer a estrutura do argumento²⁰ e desenvolver temas (mais em livros como Marcos). Em seguida, iremos para temas como o contexto histórico e o situacional – “plano de fundo” – assegurando-nos de que estejamos nos referindo aos mesmos tipos de assuntos que os autores bíblicos se referiam. Nós também discutiremos os diferentes tipos de escritos na Bíblia (estilos, gêneros e formas, como as parábolas).

²⁰ Em livros como o de Romanos com argumentos muito estreitamente relacionados.

Capítulo 2

CONHECENDO O CONTEXTO

Embara, em tese, todos reconheçam a importância do contexto, a maioria dos leitores da Bíblia, em parte, o ignoram na prática. Você pode ser uma exceção, mas não se alarme em demasia se você é um daqueles leitores que não conhecem o verdadeiro contexto de muitas das passagens discutidas neste capítulo. Eu ofereci intencionalmente essas passagens como amostra, porque ouço muitas vezes sendo usadas fora de contexto, e porque os meus alunos são muitas vezes surpreendidos. Embora possamos pensar que lemos a Bíblia em seu contexto, em muitas ocasiões a lemos à luz do que temos ouvido de outros que usaram esses mesmos textos bíblicos. Essas interpretações, sejam antigas ou modernas, não podem prevalecer sobre o que o próprio texto diz dentro de seu contexto.

Você não precisa concordar com nossa interpretação de cada um dos exemplos abaixo mencionados, mas é importante meditar sobre eles e estar certo de que o seu ponto de vista do texto é baseado em seu contexto em vez de como você o ouviu sendo usado. Esses exemplos deverão ilustrar como o contexto marca a diferença em nosso entendimento. Em nenhum dos casos estamos desafiando doutrinas específicas que foram feitas a partir destes versículos; o que desafiamos são os métodos de interpretação¹.

Você aprenderá melhor os princípios do contexto se você realmente revisar por si mesmo as passagens antes de ler a nossa interpretação deles; desta forma, você reconhecerá o mesmo que os meus alunos geralmente reconhecem na minha classe: quando a maioria deles chega à mesma interpretação de forma independente, eles reconhecem por si mesmos como claro é o significado do texto.

Começaremos com alguns breves exemplos de contexto

¹ Se alguns textos no contexto não suportam uma doutrina, tal doutrina ainda pode ser defendida se outros textos a apoiam.

dentro dos versículos, mas a ênfase deste capítulo será sobre os níveis mais amplos de contexto.

O CONTEXTO DENTRO DOS VERSÍCULOS

Às vezes, os leitores ignoram o contexto mesmo dentro de um versículo. A poesia tradicional inglesa equilibra os sons com as rimas, mas diferente disso, a poesia antiga hebraica equilibrava as ideias. A maioria das traduções coloca a poesia dos Salmos e da maioria dos profetas em forma de verso².

Existem diferentes tipos de equilíbrio de ideias, ou paralelismos, nos textos. Aqui, apenas podemos citar dois dos mais comuns. Em um destes tipos de paralelismo, a segunda linha repete a ideia básica da primeira³; por exemplo: *“Bem-aventurado o homem que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores”*. (Salmo 1:1)⁴. Num outro tipo de paralelismo, a segunda linha é um contraste explícito para a primeira; por exemplo: *“Os tesouros da impiedade de nada aproveitam; mas a justiça livra da morte.”* (Provérbios 10:2).

Nos Estados Unidos, muitos cristãos usam a frase: *“Não havendo profecia, o povo perece; porém o que guarda a lei, esse é bem-aventurado”* (Provérbios 29:18⁵), para falar sobre o fazer planos. Mas, o que em Provérbios se refere como sendo *“profecia”*? Assim, só se refere a ter um bom plano para o futuro? Significa apenas que uma

² Na *King James Version* em Inglês não fizeram assim; os tradutores apenas não tinham redescoberto em 1611 o padrão de equilíbrio de ideias.

³ Por vezes, adicionando ou substituindo alguns detalhes.

⁴ Não há necessidade de pregar três pontos em um sistema com base nessas três linhas, pois elas são, de fato, três ilustrações de um mesmo ponto.

⁵ **Nota do Tradutor:** O autor faz uso da Versão *NASB – New American Standard Bible*; semelhante à *NVI*, usada pelos tradutores em espanhol, na qual lemos: *“Onde não há revelação divina, o povo se desvia; mas como é feliz quem obedece à lei!”*; o termo *“profecia”*, usado na *ACF* é substituído por *“revelação divina”* na *NVI*. É por tal razão que o autor faz uso do termo *“visão”*.

motorista que precisa usar óculos atropelará alguém caso dirija sem óculos? Porque a maior parte do livro de Provérbios é uma coleção de princípios gerais ao invés de um argumento contínuo; os versículos ao redor de Provérbios 29:18 não nos ajudam a interpretar muito bem. No entanto, a outra metade do verso fornece-nos algum contexto: *“Não havendo profecia, o povo perece; porém o que guarda a lei, esse é bem-aventurado”* (Provérbios 29:18).

A segunda metade do verso traça um paralelo com a ideia básica da primeira metade: a visão e a lei são as duas fontes da revelação de Deus; fonte para se ouvir a Deus. Em outras palavras, *“visão”* não se refere à simples visão natural, nem se refere também a simplesmente ter um plano para o futuro; refere-se a ouvir a Deus. A palavra hebraica traduzida aqui como *“profecia”*, na verdade, tem a ver com sonhos, revelações ou oráculos, o que confirma essa ideia: o povo de Deus precisa da Bíblia e de verdadeiros profetas de Deus que as ouvissem d’Ele, para assim, liderá-los pelo caminho correto.

Provérbios 11:1 adverte-nos que a *“Balança enganosa”* é abominação para o Senhor. Infelizmente, no nosso tempo, algumas pessoas citam este verso para implicar que Deus quer que sejamos pessoas *“equilibradas”*, sem muito compromisso com uma agenda em particular. No entanto, o verdadeiro significado do provérbio é evitar fazermos armadilha ao nosso próximo. O restante do verso diz: *“mas o peso justo é o seu prazer”*. Nos mercados do antigo Israel, as pessoas pesavam o grão ou outros itens em troca de um determinado peso de dinheiro, mas alguns enganavam seus clientes, mudando os pesos. A ideia é esta: Deus odeia a injustiça, e as pessoas que enganam o seu próximo. Este tipo de paralelismo é frequente na poesia israelita⁶.

Outro exemplo de contexto dentro do verso pode ser Oseias 4:6: *“O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento”*. Muitas vezes, o significado deste versículo é corretamente obtido sem

⁶ Por exemplo, Maria diz basicamente a mesma coisa quando ela diz que a sua alma *“engrandece”* ao Senhor, quando ela declara que o seu espírito se alegra em Deus, (Lucas 1:46-47).

conhecer o contexto, mas isso pode ser porque a Bíblia é valorizada como o fazia Oséias, mais do que pelo explícito na linha que citamos. Afinal de contas, poderíamos perecer se nos faltasse o conhecimento quando dirigimos um carro para fazer um teste, na política externa, na prevenção do crime, nas doença e muitas outras coisas desse tipo. No entanto, o “*conhecimento*” a que se refere este versículo em particular não significa todos os tipos de conhecimento. O verso refere-se especificamente à recusa de Israel à lei de Deus: “[...] visto que te esqueceste da lei do teu Deus [...]” (Oseias 4: 6). Em outras palavras, o povo de Deus perece por não dar atenção à Sua Palavra; Eles não o conhecem porque não conhecem a Palavra.

Por mais útil que seja examinar o contexto em um versículo em particular, na maioria dos casos precisamos de um círculo mais amplo de contexto, e não apenas do que está dentro de um único versículo.

O CONTEXTO DO PARÁGRAFO: PRATIQUE VOCÊ MESMO

O contexto do parágrafo é geralmente o que as pessoas querem dizer quando falam de “*ler dentro do contexto*”. Nós não podemos nos deter com o contexto do parágrafo – uma palavra pode contribuir com algum sentido a uma sentença que funcione como parte de um argumento mais amplo dentro de um parágrafo, que, simultaneamente, funciona como parte de um argumento maior dentro de todo um livro da Bíblia. No entanto, o contexto a nível de parágrafos – o imediato material relacionado em torno de um determinado versículo em particular – é essencial ao colocar versos dentro do contexto. Se você se sentar em uma igreja onde se leva a cabo um culto e no qual alguém começa a recitar versículo após versículo, você precisa ser capaz de analisar cada um desses versículos em seu contexto.

Com o tempo, você vai saber o suficiente da Bíblia como para conhecer de imediato o contexto assim que alguém cita um verso; até então, você precisa buscar os versículos e analisar o con-

texto. No entanto, para o seu próprio estudo da Bíblia, nem sequer comece com versículos isolados; leia parágrafos – e de preferência os livros – como um todo. Em seguida, você vai aprender os textos corretamente desde o início, isto é, no seu contexto.

Em vez de simplesmente ler agora todo o restante deste capítulo, nós recomendamos que procure os seguintes versos em contexto e que decida por si mesmo o que eles significam. Indague-se a si mesmo as perguntas que foram anexadas a cada um destes textos. Depois que terminar, você pode revisar as suas próprias conclusões com as nossas observações sobre esses textos e outros mais adiante. Se algo de nossas observações chamar-lhe a atenção, como um aspecto que não tenha sido levado em conta, você deve considerar ler o texto novamente⁷.

Se nossas observações simplesmente confirmarem a sua própria leitura, você pode assumir que a sua capacidade de ler dentro do contexto está muito bem desenvolvida. O objetivo não é simplesmente aderir a pontos de vista específicos nos textos que se mostram como exemplo a se seguir, mas para desenvolver a habilidade de ler toda a Escritura dentro do contexto⁸.

Algumas das passagens mais difíceis – no final da nossa lista – são mais controversas no significado que algumas das mais óbvias – no topo. Além disso, em alguns casos, as passagens podem incluir um princípio que se aplica ao ponto em que as pessoas o cita. Mas o exercício feito aqui é para determinar o que o texto significa especificamente, para que assim possamos aplicar o princípio de todas as formas adequadas, e não apenas nas formas em que se ouve com frequência.

1. João 10:10. Quem é o ladrão? (Comece pelo menos no 10:1 ou 10:5).

⁷ Embora, no final, não é obrigado a aceitar todas as nossas conclusões das nossas observações.

⁸ Quando eu era um jovem cristão, usava a maior parte dos seguintes versos fora do contexto, até que comecei a estudar a Bíblia livro por livro, e, com o tempo, o seu conteúdo foi gradualmente se tornando óbvio para mim.

2. Quando Jesus diz: “*Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei à mim*” (Jo 12:32). O que quer dizer por ser “*levantado*”?

3. Que dia é o “*dia que fez o SENHOR*” (Salmo 118: 24)? O texto refere-se à todos os dias (da maneira como a maioria aplica) ou significa um dia específico? (Veja o Salmo 118: 22-23; de modo mais geral 118:15-29).

4. O anúncio que Deus faz de que Ele é o dono de “*todo animal da selva, e o gado sobre milhares de montanhas*” (Salmo 50:10), é uma confirmação de que Ele pode suprir todas as nossas necessidades? Ou dentro do contexto significa algo mais que isso⁹?

5. Ao quê se refere o “*batismo com fogo*” de que fala Mateus 3.11? Refere-se à purificação, à capacitação dos crentes ou a algo mais¹⁰?

6. Ao chamar-nos a “*imitar*” Deus (Efésios 5:1), Paulo quer que chamemos planetas à existência? Que nós estejamos em todos os lugares ao mesmo tempo? Verifique o contexto (4:32-5:2).

7. O que é resistir ao diabo em Tiago 4:7? E em 1 Pedro 5:9 e Efésios 4:27? Algumas pessoas usam estes versículos repreendendo o diabo quando algo está errado. É esse o ponto?

8. Alguns citam Joel 2:9 para dizer que somos o poderoso exército de Deus (em um sentido espiritual). Outros textos podem dizer isso, mas é isso que este texto significa?

9. Algumas pessoas citam Joel 3:10 pra dizer que devemos pedir a força de Deus quando estamos fracos. Embora este seja um princípio bíblico (2 Coríntios 12:10), aqui está se referindo a isso?

10. Mais controverso ainda, leia Isaías 14:12-14 à partir da perspectiva de todo o capítulo 14 de Isaías. A quem este texto se refere¹¹?

⁹ Não se esqueça de que há outras passagens que ensinam que Deus supre as nossas necessidades; a questão aqui não é se Deus pode prover, mas, se é isso o que esta passagem está dizendo.

¹⁰ Lembre-se que o “*fogo*” simboliza coisas diferentes em diferentes passagens. A pergunta é: o que significa “*fogo*” neste contexto imediato?

¹¹ Lembre-se que o termo “*Lúcifer*” encontrado apenas na *King James Ver-*

11. Muitas pessoas aplicam Ezequiel 28:12-14 ao diabo, da mesma forma que aplicam a Isaías 14. Segundo o contexto, é realmente isto o que esta passagem quer dizer?¹²

12. Quando Paulo diz: “*Tudo posso em Cristo que me fortalece*” (Filipenses 4:13), ele tinha em mente algo em particular¹³?

13. Ao quê se refere Romanos 10:17 como a “*palavra de Deus*” (ou “*palavra de Cristo*” na maioria das traduções¹⁴)? Está se referindo especificamente à Bíblia, neste caso, ou à alguma outra

sion em inglês, é simplesmente um título em latim para denotar “*estrela da manhã*” e que, na verdade, não é hebraico. Pelo fato de alguns intérpretes acreditarem que este texto se refere a Satanás, eles aplicaram esse título a Satanás, mas a Bíblia não usa o termo em nenhum outro lugar; então se não é realmente o nome designado para Satanás depende do significado desta passagem.

¹² Mais uma vez, não estamos questionando a existência ou a queda do diabo. A questão é se essa passagem se refere a esse tema.

¹³ Ou seja, “*tudo*” significa que ele conseguia voar, atravessar paredes, cuspir fogo, e coisas como esta, ou significa algo mais específico?

¹⁴ **Nota do Tradutor:** Embora a maior parte das traduções modernas da Bíblia em português tenha trazido a variante “*palavra de Cristo*”, suportada por apenas 2% dos manuscritos mais antigos (tendo sido observado apenas o critério da antiguidade – para saber mais sobre o assunto, leia “*A Crítica Textual: o erro da Supremacia do Critério Cronológico*”, por Ícaro Alencar de Oliveira – ao invés da variante “*palavra de Deus*”, suportada pela maioria absoluta dos testemunhos manuscritos – cerca de 98% dos manuscritos, especialmente os que trazem o texto do tipo Bizantino –, os quais, embora mais recentes que os testemunhos da variante manuscrita anterior (segundo o “*The Greek New Testament According to the Family 35*” de Wilbur Norman Pickering, uma das maiores autoridades no assunto), é a redação canônica. Uma das principais evidências de que a variante “*ῥήματος Θεοῦ*” é a correta palavra inspirada por Deus é que “*ῥήμα χριστοῦ*” aparece tão somente nesses 2% dos manuscritos e em nenhuma outra parte do Novo Testamento; já a variante “*palavra de Deus*”, aparece em Lucas 3:2; João 3:34; Efésios 6:17; Hebreus 6:5 e 11:3; este fato foi observado inclusive por críticos do texto neotestamentário como Richard L. Omandson (OMANSON, Roger L. *Variantes Textuais do Novo Testamento*).

coisa?

14. 1 Coríntios 13: 8-10. Algumas pessoas citam esta passagem para afirmar que os dons espirituais já cessaram. Mas de acordo com o contexto, quando cessarão os dons do Espírito? Na verdade, qual é a função deste capítulo no contexto de toda a carta aos coríntios? (Veja 12:31; 14:1). Qual é a função de 13:4-6 no contexto de toda a carta aos coríntios? (você pode deixar esta questão em aberto até o nosso estudo sobre o contexto por livro, se quiser).

15. Algumas pessoas enfatizam o “*fê-hoje*” em Hebreus 11:1, como se a fé devesse ser dirigida ao que vamos receber no presente. Segundo o contexto, a fé mencionada em Hebreus 11:1 orienta sobre algo a se receber no presente ou algo a se receber no futuro? (Comece e ler aproximadamente à partir do 10:25 e leia até o 12:4).

16. Apocalipse 3:20. Quando Jesus bate à porta, está tratando de converter alguém? (A quem é dirigido este versículo?)

17. Pode-se dizer que quando Deus “*deu*” Seu Filho (João 3:16), refere-se ao fato de Ele dar Jesus em Seu nascimento em Belém ou quando Ele O ressuscitou dentre os mortos? O que significa “*dar*” a Jesus no contexto?

18. Quando se busca primeiro o reino, quais coisas serão acrescentadas? (Mateus 6:33).

19. Quem são os embaixadores de Cristo em 2 Coríntios 5:20? A quem eles rogam a que se reconciliem com Deus?

20. Algumas pessoas dizem que as “*testemunhas*” em Hebreus 12:1 são os mortos nos observando desde o céu. Mas, no contexto de Hebreus, capítulo 11, as “*testemunhas*” se referem àqueles que nos observam ou aqueles que foram uma testemunha confiável da verdade da qual Deus fala¹⁵?

21. Algumas pessoas proclamam a promessa de que nenhu-

mento: Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 2010, p. 316).

¹⁵ Você ser que isto seja ainda mais difícil de se ver, dependendo da tradução que você usa, como algumas traduções não mostram a conexão de palavras relacionadas entre si neste contexto.

ma arma forjada contra eles prosperará (Isaías 54:17). Este é uma garantia para cada cristão individual em todas as circunstâncias, ou para o povo de Deus em geral, protegido pelo plano que tem para eles?

22. Provérbios 23:7 significa que qualquer coisa que nós pensamos sobre nós mesmos se tornará realidade? (“*Tal qual alguém pensa ser em seu coração, assim ele é*”). Ou significa outra coisa? (Leia Provérbios 23: 6-8.).

23. Refere-se o Salmo 18:7-15 à segunda vinda de Jesus? (Leia 18: 4-6,16-19)

24. Quem é a Rosa de Sarom e o lírio do vale, em Cantares de Salomão 2:1-2?

25. Em Mateus 18:18, o que Jesus quer dizer com “*ligar e desligar*”? Se refere a como devemos tratar os demônios, ou refere-se a outra coisa? (Veja especialmente 18:15-20).

26. A qual “*vinda*” refere-se Jesus Cristo em João 14:1-3? Refere-se a Sua segunda vinda ou a algo mais? (Leia 14:4-23 e, talvez, 13:36-38).

27. Esta última questão pode ser a mais difícil. Leia Isaías 7:14 no seu contexto (especialmente 7:10-16; 8:1-4). No contexto imediato, a quem se refere este filho recém-nascido¹⁶?

O CONTEXTO DO PARÁGRAFO: EXAMINE VOCÊ MESMO

1. O Ladrão em João 10:10

Muitas pessoas supõem que o ladrão em João 10:10 é o diabo, mas os mesmos pensam assim, porque têm-no ouvido repetidamente e não porque eles examinaram cuidadosamente o texto dentro do contexto. Claro, o diabo vem para roubar, matar e destruir, mas muitas vezes citamos esta passagem desta maneira e passamos

¹⁶ Se suas conclusões lhe causarem desconforto, não se preocupe, mais tarde, as esclareceremos. Mas é importante que lutemos com o texto de maneira inteligente primeiro em seu contexto, e não simplesmente interpretando a passagem segundo hajamos visto ser usado em outra parte.

por alto as aplicações diretas do texto porque não nos temos detido a ler o versículo dentro do seu contexto.

Quando Jesus fala sobre o “ladrão”, o diz a partir de um contexto muito mais amplo de ladrões, salteadores, lobos e mercenários que vêm para ferir as ovelhas (10:1,5,8,10,12). Neste contexto, aqueles que vieram antes de Jesus, dizendo ter a Sua autoridade, eram ladrões e salteadores (10:8). Eles tentavam se aproximar das ovelhas sem passar pelo pastor (10:1). O faziam porque queriam explorar as ovelhas; portanto, Jesus estava pronto para dar sua vida defendendo suas ovelhas daqueles ladrões, salteadores e lobos.

O sentido se faz mais claro ainda se começarmos mais atrás no contexto. No capítulo 9, Jesus cura um homem cego a quem os líderes religiosos expulsam da comunidade por seguir o Senhor. Jesus defende ao que tinha sido cego e chama de cegos espirituais aos líderes religiosos (9:35-41). Pelo fato de que não havia quebra de capítulos na Bíblia original, as palavras de Jesus que continuam no capítulo 10 são ainda dirigidas aos líderes religiosos. Ele declara Ser o verdadeiro pastor, e as suas ovelhas O seguem e ouvem a Sua voz; não a voz dos estranhos (10:1-5). Aqueles que vieram antes dele eram ladrões e salteadores, mas Jesus era a verdadeira salvação das ovelhas (10:8-9). O ladrão tão somente vem para destruir, Jesus veio para dar vida (10:10).

Em outras palavras, o ladrão representa o falso líder religioso, os quais, semelhantemente aos fariseus que expulsaram da sinagoga ao que havia sido curado. O plano de fundo do texto esclarece ainda mais este ponto. Em Jeremias 23 e Ezequiel 34, Deus era o pastor do Seu povo disperso, de Suas ovelhas. Essas passagens do Antigo Testamento, por sua vez, falam dos falsos líderes religiosos que abusaram de sua autoridade sobre as ovelhas, bem como alguns dos líderes religiosos do tempo de Jesus, e também não poucos em nossos dias.

2. A crucificação de Jesus em 12:32

No meu país, os cristãos muitas vezes cantam um hino baseado em João 12:32, que diz assim: “*Exaltai a Jesus... Ele disse: Se for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo*”. Certamente, a Bíblia

fala de “*exaltar*” a Deus e de “*levantar-lhe*” louvores, mas esse não é o significado deste texto. Se porventura se ler o versículo que se segue (que diz explicitamente que Jesus se referia a sua morte), torna-se claro que “*levantar*”, refere-se à Sua morte na cruz¹⁷. Então, se a música está querendo dizer exaltai-O segundo o que significa esse versículo, estaríamos cantando: “*Crucifica-O! Crucifica-O!*”

É claro que Deus conhece nossos corações, mas se alguém pergunta por que algum compositor iria basear uma canção, que milhões de pessoas podem chegar a cantar, um versículo sem dedicar tempo para analisar o verso em que a baseia?

João fala três vezes de Jesus sendo “*levantado*”: num caso, ele compara este evento com a serpente que foi levantada no deserto (João 3:14), para tornar a vida eterna disponível para todos (3:15). Em outros casos, Jesus declara que Seus adversários O levantariam (8:28). Em outras palavras, o que João se refere com “*levantar*” é o mesmo que Isaías se referiu a usá-lo: Jesus seria crucificado (Isaías 52:13 *comp.* 52:14-53:12). João inclui jogos de palavras em seu evangelho, e ao mesmo tempo pode indicar que “*levantamos*” Jesus pregando na cruz, mas não nos deixa dúvida do sentido primário do termo neste contexto: a crucificação. Lê-lo de outra forma é ignorar a maneira explícita e inspirada do “*seja levantado*”.

3. O dia da exaltação de Cristo no Salmo 118: 24

Muitas igrejas cantam ou iniciam seus cultos citando o verso: “*Este é o dia que o Senhor fez*”. Quando cantamos assim, a maioria de nós está disposta a dizer que Deus tem feito todos os dias e o que este traz, e, portanto, devemos nos alegrar com o que acontece no referido dia. Este princípio é verdadeiro, mas seria melhor citarmos um texto diferente para demonstrarmos isso (Efésios 5:20). O texto que estamos citando ou cantando (e cantá-lo ou citá-lo não tem nada de errado) realmente nos dá uma causa diferente e dramática para a celebração.

¹⁷ O jogo de palavras que existe com a palavra “*exaltar*” já se usava em grego e hebraico para sugerir maneiras de ser pendurado, como na crucificação.

Dentro de seu contexto, o Salmo 118:24 não se refere a cada dia, mas de um em particular e transcendental: o dia no qual o Senhor fez a pedra rejeitada, a pedra de esquina (118:22-23), provavelmente do templo (118:19-20, 27). Aqui se fala de um dia especial de triunfo para o rei davídico, aplicável a princípio a muitos dos grandes triunfos de Deus, mas normalmente aplicado no Novo Testamento de uma maneira especial. Se o Salmo 118:22-23 foi cumprido no ministério de Jesus, como disse (Marcos 12:10-11), o mesmo acontece no Salmo 118:24: o grande e importante dia que o Senhor tinha feito no dia em que o salmista chama a celebrar aos que o escutam, o dia profético quando Deus exaltou a Jesus, que foi rejeitado pelos principais sacerdotes como a pedra angular de seu novo templo (*cf.* Efésios 2:20). O versículo aponta para uma verdade muito mais significativa do que simplesmente a verdade bíblica comum de que Deus está conosco diariamente; aponta para o maior ato de Deus em nosso favor, quando Jesus nosso Senhor morto e ressuscitou por nós.

4. O Gado no Salmo 50:10

Algumas pessoas insistem em que Deus pode suprir todas as nossas necessidades, porque, afinal, dele é *“todo [...] o gado sobre milhares de montanhas”* (Salmo 50:10). Alguns vão mais além do fato de que Deus irá suprir todas as nossas necessidades e sugerem que Ele vai fornecer tudo quanto quisermos. Na verdade, é verdade que Deus pode suprir todas às nossas necessidades, mas existem outros textos que falam desse ponto de maneira explícita. O Salmo 50:10, no entanto, não se refere à questão de Deus atender às nossas necessidades (muito menos tudo o que queremos), mas afirma que Deus não precisa de nossos sacrifícios.

O ambiente figurativo do Salmo 50 é uma sala de julgamento, onde Deus tem reunido Seu povo para que este responda às suas acusações. Ele recolheu o céu e terra como testemunhas (50:1-6), como testemunhas da aliança (Deuteronômio 32:1; Salmo 50:5). Eles iriam testemunhar a violação do pacto por parte de Israel. Israel tem algumas razões para estar nervoso; Deus não é apenas a parte ofendida no caso, mas também o Juiz (Salmo 50:4,

6), e isso, sem mencionar as testemunhas de acusação!

Ao testificar contra eles, Deus declara: *“Eu sou Deus, o teu Deus”* (50:7), lembrando-os do pacto que tinha feito com eles. Eles não haviam falhado na oferta de sacrifícios (50:8); na verdade, Deus não está muito interessado nesses sacrifícios. *“Da tua casa não tirarei bezerro, nem bodes dos teus currais. Porque meu é todo animal da selva, e o gado sobre milhares de montanhas. Conheço todas as aves dos montes; e minhas são todas as feras do campo. Se eu tivesse fome, não to diria, pois meu é o mundo e toda a sua plenitude. Comerei eu carne de touros? ou beberei sangue de bodes?”* (50:9-13). O sacrifício que ele realmente quer é a ação de graças e a obediência (50:14-15; cf. 50:23). Mas há de julgar (50:21) os ímpios que quebrarem Seu pacto (50:16-20).

Os antigos orientais acreditavam que seus deuses dependiam deles para os seus sacrifícios, e que se os seus deuses fossem suplantados em poder, semelhantemente seria seu povo. O Deus de Israel lembra-lhes que Ele não é como os deuses pagãos que lhes rodeiam. Ao contrário de Baal dos cananeus (cujos templos incluíam uma cama), o Zeus dos gregos (a quem Hera pôs para dormir para que seus gregos pudessem ganhar a batalha), e outras divindades, o Deus de Israel não dormirá nem tosquenejará (Salmo 121:3-4). Deus não menciona o gado sobre mil montanhas para nos prometer qualquer coisa que quisermos¹⁸. Ele menciona o gado naquele momento para lembrar-nos que Ele não depende de nós, e que não estamos fazendo-Lhe um favor por servi-Lo.

5. O batismo com fogo em Mateus 3:11

Uma denominação moderna nos Estados Unidos é chamada *“Igreja da Santidade e do Batismo com Fogo”*. Muitos outros cristãos dizem alegremente ser *“batizados com Espírito Santo e com fogo”*. Claro, nós sabemos e apreciamos o que eles querem dizer; eles se referem à santidade, e santidade é essencial. Mas, é que o que João quer dizer quando diz *“batismo de fogo”* nesta passagem? Às vezes,

¹⁸ Como assinala numa canção que data de alguns anos atrás: a propósito, nem todos nós necessitamos de vacas neste momento.

na Bíblia, o fogo é usado como um símbolo da intensa santidade de Deus ou das evidências que trazem purificação, mas quando no Novo Testamento o fogo é colocado junto com a imagem do batismo, isso não tem a ver com a purificação simples do indivíduo, mas com a purificação de todo o mundo através do juízo¹⁹. Em vez de procurar por meio da referência cruzada outras passagens que usam a imagem do fogo de diferentes maneiras, devemos examinar o que significa em seu próprio contexto o texto do “*batismo de fogo*”. Devemos primeiro usar esta mesma passagem antes de ir imediatamente a um denominador comum.

O contexto é um chamado ao arrependimento, e a maior parte do público ao qual tinha sido prometido este batismo de fogo não estava disposta a se arrepender. João o Batista estava imergindo às pessoas na água como um sinal de arrependimento e de preparação para o reino de Deus que estava por vir (Mateus 3:2,6)²⁰. João advertiu aos fariseus sobre a ira de Deus (3:7), e que, se eles não dão fruto (3:8), o machado do julgamento de Deus iria lançá-los no fogo (3:10; cf. 12:33). Árvores estéreis eram inúteis, exceto para lenha. Mas a palha não poderia ser utilizada como lenha (queimava-se muito rápido); no entanto, a palha que João falava seria queimada no “*fogo inextinguível*” (3:12).

Nos versículos que lhe antecedem e aqueles que seguem o nosso versículo, “*fogo*” refere-se ao inferno (3:10,12). Quando João o Batista fala do batismo no fogo, usa uma imagem de juízo que é mantida durante todo o parágrafo. Lembre-se que aqui os que ouviam João não eram pessoas arrependidas (3:7). O Messias vem para dar ao seu público um batismo de natureza dúbia, e diferentes membros do seu público irão experimentar diferentes aspectos desse batismo. Alguns vão se arrepender, serão recolhidos e colocados no celeiro e receberão o Espírito. No entanto, aqueles que não se arrependerem, serão a palha, árvores cortadas, que recebe-

¹⁹ O julgamento é a aplicação simbólica mais comum de fogo na Bíblia.

²⁰ O povo judeu usava o batismo quando os não-judeus se convertiam ao judaísmo, mas João o Batista exigia que os judeus religiosos viessem a Deus, nos mesmos termos em que deviam vir os gentios, cf. 3:9.

rão o fogo!

6. Imitando Deus em Efésios 5: 1

Esta passagem nos chama a que imitemos a Deus da maneira em que os filhinhos imitam seu pai. No entanto, o texto também é específico nas maneiras em que devemos imitar Deus: devemos perdoar da maneira como Deus nos perdoou em Cristo Jesus (4:32), e nos amarmos uns aos outros como Cristo nos amou sacrificialmente (5:2). Felizmente, o texto não nos pede para imitarmos a Deus no sentido de sermos todo-poderosos ou a estarmos em todos os lugares ao mesmo tempo.

7. Resistir ao diabo em Tiago 4:7; 1 Pedro 5:8-9; Efésios 4:27

Tiago contrasta a sabedoria pacífica que vem de Deus (3:13,17-18; "*que do alto vem*" era uma forma típica judaica de dizer "*de Deus*") com a sabedoria polêmica que vem do diabo (3:14-15). Em seguida, adverte os seus ouvintes a que não tentem levar ambas as perspectivas, como se fossem compatíveis. Aqueles que tentam seguir ao mesmo tempo, a sabedoria de Deus e do mundo são "*adúlteros*" (4:4). Então, submeter-se a Deus e resistir ao diabo (4:7) é rejeitar o mau caminho que o mundo trata uns aos outros e prefere a maneira saudável de Deus. Adotar essa nova maneira de tratar os outros exige arrependimento (4:8-10).

Em 1 Pedro, refere-se a uma situação onde os cristãos estão sendo perseguidos (1 Pedro 4:12-16); em 1 Pedro 5:8-9, fica claro que o diabo está tentando esmagar os cristãos na tentativa de removê-los de sua fé. Resistir, portanto, significa perseguição duradoura. No contexto de Efésios 4:27, nós resistimos ao diabo ao recusarmos querer enganar ou ficar furioso contra nossos irmãos crentes (4:25-26); isso é parte de toda uma "*guerra espiritual*" (6:11-14,18).

8. O Exército de gafanhotos de Deus em Joel 2:9

Embora o terceiro capítulo de Joel parecesse descrever uma

guerra futura, os capítulos um e dois falam sobre um exército invasor, de uma invasão de gafanhotos devastadores (Joel 1:4; 2:25). Este texto não descreve a igreja como um exército espiritual dos evangelistas (uma verdade demonstrada em outras passagens bíblicas mais que suficientes); ele descreve os gafanhotos como um juízo agrícola contra os pecados do povo de Deus.

9. A força dos fracos, em Joel 3:10

Esta passagem não é um convite para que os justos que estão esgotados sejam fortalecidos; tampouco fala sobre o poder de Deus aperfeiçoado em nossa fraqueza (por mais central que seja essa mensagem bíblica). Deus está falando em juízo para as nações reunidas contra o seu povo para a batalha final (Joel 3:9). Deus convida ironicamente os inimigos de seu povo a reunir-se contra ele, para preparar as suas armas e fortalecerem-se, quando na verdade eles são muito fracos diante dele. Então, Ele promete destruí-los! Na verdade o que Deus faz é ironizar os inimigos de seu povo, convidando-os a juízo (3:12-14).

10. O rei de Babilônia em Isaías 14

O contexto completo dessa passagem mostra-nos que Isaías denuncia um rei, mas não disse isso explicitamente. Como muitos profetas israelitas antigos, Isaías inclui vários oráculos contra várias nações: Babilônia (13-14), Moabe (15-16), Damasco (17), os impérios núbio e egípcio (18-20), novamente Babilônia (21:1-10), Duma (Edom) (21:11-12), Arábia (21:13-17), Jerusalém (22) e Tiro (23). Isaías 14:3-4 nos diz explicitamente que o seguinte oráculo está direcionado ao que governa a Babilônia – um opressor (14:4), um rei (14:5), que conquistou outras nações (14:6). Quando cair derrotado, as nações se alegram (14:7); até mesmo as árvores do Líbano (figurativamente falando) se alegram porque elas deixarão de ser cortadas para seus projetos de construção (14:8). Como o Senhor desacreditou a este rei para quebrar a sua vara e o seu cetro? (14:5)

O texto indica claramente que ele está morto: ele vai para o inferno, o reino dos mortos (14:9), e outros reis que ali se encon-

tram se regozijam que aquele que os derrotou esteja morto eles tal qual eles (14:9-10). Com a sua pompa e dignidade desfeitas, os harpistas de sua coorte silenciados, agora apodrece com larvas que comem a sua carne (14:11) – ou seja, já é um cadáver. Esta descrição não descreve completamente o diabo, mas um governante humano que se exaltou e, portanto, foi humilhado por sua arrogância.

Assim como Israel, cuja glória foi derrubada desde céu à terra (Lamentações 2:1), este rei foi jogado do céu à terra. Até este ponto, alguns leitores pensam que o assunto deve mudar para uma queda literal do céu, caso em que, dizem, deve ser aplicado a um anjo caído como o próprio diabo. Mas os aplausos dos cedros do Líbano em 14:8 é muito difícil de ser literal; nem a imagem dos reis mortos subindo de seus tronos no reino dos mortos no 14:9 (permaneceriam ainda assim em seus tronos)?

A poesia hebraica pintava quadros com palavras, assim como o faz a poesia do presente. Em contraste com as partes de Isaías que não são poéticas, aqueles estão cheias de linguagem figurada. Outros textos também falam em linguagem figurada sobre “*queda do céu*”, e a maioria delas sem ser aplicada ao diabo (Amós 9:2; Mateus 11:23; Lucas 10:15).

Os reis da Babilônia, bem como alguns outros antigos reis do Oriente próximo, na verdade proclamavam-se deuses (Compare, por exemplo, Daniel 3:5; 6:7). Proclamavam-se como uma divindade tal como a estrela da manhã, a semente do deus sol ou a deidade do crepúsculo; tal ideia não seria estranha para um rei do Oriente próximo, mas Isaías concede-lhe o título em escárnio desdenhoso: “Pobre rei da Babilônia! Você subiu ao céu, mas foi lançado ao chão! Tentou levantar-se acima de Deus, mas morreu como um homem!” (Compare com um desprezo similar, no Salmo 82:6-8). Os versículos 12-14 referem-se ao rei de Babilônia, como os versículos que o precedem: uma vez conquistou nações (14:12), queria ser entronizado no monte santo – talvez referindo-se a futura conquista babilônica do Monte Sião em Jerusalém – (14:13), e foi levado ao *seol*, o reino dos mortos (14:15).

O contexto que se segue explica o ponto de uma maneira

mais plena: este é “o homem” que infundia temor nos corações das nações (14:16), “o homem”, cujas conquistas deixaram a terra deserta, destruindo cidades, levando povos cativos (14:17). Ao contrário dos reis de outras nações que, pelo menos, foram enterrados em túmulos reais com dignidade (honra final que foi muito importante para o senso de honra dos antigos), o cadáver deste rei foi lançado fora para apodrecer ao ar livre, pisoteado, como castigo pela destruição violenta que ele havia trazido a seu próprio povo (14:18-20). Seus descendentes e os de seu povo, Babilônia, seriam cortados (14:21-22). O texto não podia ser mais claro no contexto: este oráculo explícito contra o rei de Babilônia (14:3-23) seria cumprido em seu tempo, e o povo de Deus estaria livre da opressão.

Apesar da clareza do texto, alguns leitores permanecem tão comprometidos com sua antiga interpretação que estão determinados a evitar o contexto. De maneira inconformada dizem: “Bem, talvez refira-se ao rei da Babilônia, mas também devem referir-se ao diabo”. Mas por que deve se referir ao diabo? Há algo aqui que indique que não é um governante terreno exaltando-se a si mesmo? Será que algum dos oráculos contra outras nações (*caps.* 13-23) contêm profecias escondidas acerca do diabo? Era o diabo um mero conquistador terreno, trazido ao mundo dos mortos depois de ser expulso do céu (14:12,15)? “Mas todos nós sabemos que Lúcifer se refere ao diabo e que o diabo disse ele subir ao céu” – um estudante protestou-me uma vez: “Como sabemos?” – Eu respondi: A visão de que “Lúcifer” refere-se ao diabo e de que o diabo prometeu subir ao céu é baseada na interpretação dada pela *King James Version* deste texto.

Se “Lúcifer” aparecesse aqui, seria o único lugar na Bíblia em que ocorre, mas na verdade este não é o caso. Aqui, o hebraico não fala de “Lúcifer”; este é um termo retirado do latim, que significa “*estrela da manhã*”, que foi usado pela *King James Version* para traduzir este texto. No entanto, mesmo que disséssemos que este texto “também” se refere ao diabo, por que é que muitos leitores o citam aplicando-o ao diabo, e não ao que diz diretamente, um pecador humano? Talvez se aplicássemos mais o texto como uma ad-

vertência contra o orgulho humano, muitos não gostariam de pregar mais à partir deste texto do que pregam à partir dos capítulos circundantes (na verdade, muito pouco).

Incapazes de defender seu ponto de vista sobre Isaías 14, alguns alunos dizem que esta passagem deve referir-se ao diabo porque Ezequiel 28 faz isso. Há duas falácias neste argumento. Em primeiro lugar, Ezequiel 28 e outras passagens poderiam referir-se a queda do diabo sem que Isaías 14 tivesse necessariamente a ver com este tema. Ninguém nega que alguns textos da Bíblia falam de anjos caídos, mas este não é o sentido de Isaías 14. A segunda falácia do argumento é que Ezequiel 28 não é um dos textos que falam de anjos caídos.

11. O rei de Tiro, em Ezequiel 28

Como Isaías, Ezequiel também apresenta oráculos contra as nações: Amom (25:1-7), Moabe (25:8-11), Edom (25:12-14), Filístia (25:15-17), Tiro (26:1- 28:19), Sidom (28: 20-26) e Egito (29:1-32: 32). A passagem por vezes aplicada ao diabo (28:12b-19), está no meio de um oráculo contra o rei de Tiro. Na verdade, o versículo 12 começa assim: *“Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro”*. Ninguém contesta que o texto refere-se ao rei de Tiro, mas aqueles que aplicam o texto ao diabo declaram que também se aplica ao diabo, porque (alegam) algumas características do texto não podem ser aplicadas a ninguém que não seja o diabo.

Este argumento, como veremos, não é realmente preciso. O lamento chama este rei de arrogante por sua sabedoria e perfeição de beleza (28:12,17) – já que Tiro dizia-se perfeito em beleza (27:3-4,11) e cheio de sabedoria, o que tinha produzido riqueza (28:3-4), uma sabedoria autoproclamada que fazia com que o governante pensasse ser um deus (28:6), ainda que não era senão um ser humano (28:8-10).

Este rei se achava no Éden, jardim de Deus (28:13); aqueles que favorecem a interpretação concernente ao diabo pensam que deve tomar-se isso literalmente. Eles dizem: “No Éden é o lugar onde só o diabo jazia”, mas esta afirmação não é verdadeira. Adão e Eva, que na verdade tentaram ser iguais Deus (Gênesis 3:5), tam-

bém viveram no Éden, e Ezequiel poderia ter comparado a arrogância do rei de Tiro com estas primeiras pessoas.

No entanto, há uma outra explicação que é melhor do que a referida ao diabo ou a que se refere a Adão: Ezequiel compara explicitamente o governante de Babilônia, a um querubim (28:14-15). Gênesis não chama querubim a Adão nem à serpente, mas não se refere explicitamente a querubins no jardim: anjos de Deus que estavam ali para impedir a entrada de Adão e Eva no jardim depois de sua queda (Gênesis 3:24; cf. Ezequiel 28:14-1: “*querubim da guarda*”). Em outras palavras, esta é uma imagem que representa grande prestígio no jardim de Deus²¹.

Alguns têm objetado que o rei não pode tão pressurosamente ser *comparado* a um querubim glorioso no Éden. O texto o chama de querubim, e deve ser interpretado literalmente. No entanto, aqueles que insistem que todos os detalhes de profecias como estas devem ser tomadas literalmente, não estão sendo consistentes com a maneira como eles interpretam outras referências do Éden em capítulos circundantes. O próprio Ezequiel está cheio de imagens poéticas, gráficas e metafóricas (comparações em que uma coisa é chamada por outra sem o uso de “*igual a*”); uma delas é a afirmação de que o faraó era uma árvore no Éden, jardim de Deus (Ezequiel 31:1-18; é também um monstro marinho, 29:3-5).

Usando várias imagens da história da queda de Adão e Eva, as profecias de Ezequiel falam tanto dos majestosos querubins como das grandes árvores (Talvez a árvore da vida ou a árvore do conhecimento do bem e do mal?). Talvez aqueles que defendem a interpretação a respeito do diabo insistem em seus argumentos de que “*estar no Éden*” em Ezequiel 28 refere-se ao diabo, mas não em Ezequiel 31, porque só pode adaptar Ezequiel 28 dentro de seu

²¹ O “*santo monte*” – 28:14 pode fazer referência ao Monte Sião, como é comum nas Escrituras, em cujo caso é provável que a imagem de querubins também lembre os querubins os quais sentavam-se sobre a arca de Deus no templo. Até a inocência ser achada má – 28:15 – também pode ser parte da imagem do querubim.

ponto de vista em algum outro sentido²².

Os adornos de pedras preciosas (28:13) aludem à grande riqueza de Tiro, descrita em outros lugares em termos que dão uma série de nuances de tons de esplendor (27:4-7,24) e um comércio com base em vários produtos que inclui gemas (27:16,22). A maldade de que fala o 28:15 é os interesses mercantis de Tiro (28:16), a *“injustiça do seu comércio”* (28:18), que é falado em outros lugares dentro do contexto (27:2-36; 28:4-5; cf. 26:17). O orgulho do rei por causa de sua beleza (28:7) lembra-nos o orgulho do rei de Tiro, que dizia ser um deus e ainda assim era apenas um homem (28:2), e que se sentia orgulhoso por causa das riquezas que Tiro havia alcançado pelo comércio (28:5). O fogo viria diante do rei de Tiro (28:18); igualmente a cidades antigas que foram destruídas pelo fogo no meio deles (cf. por exemplo: Amós 1:4,7,12; 2:2,5 – especialmente Amós 1:10, contra Tiro).

Ezequiel refere-se a um governante humano que é arrogante. O rei desta passagem exalta-se a si mesmo com orgulho, e é expulso. A expulsão é mais explicitamente encontrada no oráculo no início do capítulo (28:2-10). Ele alegou ser um Deus entronizado no meio dos mares (28:2; Tiro ficava na costa da Fenícia). Deus faz com que Ezequiel escarnecesse deste rei: Você acha que é mais sábio do que um deus (28:6), mas Deus trará juízo sobre este rei por meio de outras nações (28:7); seguirá, então, fingindo ser um deus diante daqueles que o matarão? (28:9). Ele era um “mortal”, e não um deus, e ele iria padecer uma morte violenta e terrível (28:8-10). Esta não é precisamente uma descrição do diabo, que é um espírito imortal; se trata de um governante terreno que alegou ser um deus, que iria encontrar sua mortalidade no exato momento, quando que Deus iria julgar Tiro.

Ainda que estas duas passagens aludissem ao diabo bem como aos governantes terrenos, – ainda que no contexto não seja assim – por que os defensores deste ponto de vista, muitas vezes aplicam essas passagens ao diabo e, no entanto, nunca as aplicam

²² Alguns citam os *“tubos”* em seu corpo, mas isto está baseado apenas numa tradução, o que não parece ser apoiada, neste caso, pelo hebraico.

a governantes terrenos julgados por Deus por causa de sua arrogância? Não seriam muito mais úteis os exemplos de arrogância humana para pregar ou ensinar temas que são relevantes para os ouvintes? Eu suspeito que muitos crentes simplesmente supõem que estas passagens falam do diabo porque essa era a interpretação que sempre escutaram, mas muitos de nós nunca as examinamos cuidadosamente dentro de seu contexto. Quaisquer que sejam as opiniões deles, não creio que qualquer leitor deixe de ver o que queremos dizer: esta passagem tem um amplo contexto nos capítulos em seu entorno, e os nossos atalhos para aprender a Bíblia não tem podido estudar os livros da Bíblia da maneira em que Deus os inspirou para que fossem escritos.

12. Fortalecidos para contentamento em Filipenses 4:13

Em uma universidade cristã, um jogador de futebol americano veio muito confuso a seu professor de Bíblia. Seu treinador havia encorajado a equipe dizendo-lhes que *“eles tudo podiam em Cristo que os fortalecia”*, com referência a Filipenses 4:13. No entanto, a equipe havia perdido alguns jogos, e, portanto, o aluno não tinha ideia do porquê sua equipe não ganhava sempre, porque *“podiam todas as coisas em Cristo”*. Claro, o problema não era o texto, mas a perspectiva com o jogador, e, aparentemente, o seu treinador, haviam lido o versículo. O jogador supunha que Paulo tinha em mente questões como ganhar uma partida de futebol.

Agradecendo aos filipenses por haver-lhe enviado uma dádiva (4:10,14), Paulo os faz saber que eles havia aprendido a se contentar tanto com pouco (4:12). Tudo o podia em Cristo (4:13). Neste contexto, ele estava dizendo que pela força (poder) de Cristo poderia se alegrar, quer tivesse muito quer tivesse pouco. Em nossos dias, devemos aprender a alegrar-nos em qualquer que seja a nossa situação, sabendo que Cristo nos fortalece para suportar qualquer perseguição, ridicularização ou até mesmo, perder uma partida de futebol.

13. A fé salvadora através do Evangelho em Romanos 10:17

Algumas pessoas citam Romanos 10:17 para apoiar a ideia de que devemos repetir versículos bíblicos em voz alta: *“De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus”*. Claro, repetir versículos da Bíblia é importante (se nós o entendermos no seu contexto). Mas aqueles que pensam que isso é o que significa este versículo em particular deveriam reexaminar o contexto de Romanos 10:17.

Paulo explicava que ninguém poderia ser salvo, a menos que não ouvissem esta palavra, que é a mensagem de Cristo (10:14-15), o “anúncio” de testemunhas (10:16). Esta é também a “palavra” em suas bocas e corações, por meio do qual são salvos (10:8-10). A fé só poderia vir ouvindo esta palavra, o Evangelho de Cristo (10:17). Em contraste com Hebreus 11:1, onde “fé” no contexto significa fé perseverante, esta passagem se refere à fé salvadora. Ele não pode ser salvo sem ouvir a verdade sobre Jesus Cristo.

14. 1 Coríntios 13: 8-10

Paulo diz que os dons espirituais como profecia, línguas e conhecimento passarão quando não mais sejam necessários (1 Coríntios 13:8-10). Alguns cristãos leem esta passagem, como se dissesse: “Os dons espirituais, como o dom de profecia, de línguas e o de conhecimento passaram quando o último livro do Novo Testamento foi escrito”. No entanto, essa interpretação de 1 Coríntios 13 ignora todo o contexto de 1 Coríntios: esta é uma carta aos Coríntios que data da metade do primeiro século e eles nem sequer tinham ouvido falar da existência do Novo Testamento. Tinha Paulo referido-se ao término do Novo Testamento – começado por explicar o que era o adicionar do Novo Testamento em suas Bíblias.

No entanto, no contexto, descobrimos que Paulo quer dizer que os dons espirituais cessarão quando conhecermos a Deus como Ele nos conhece, quando o vemos face a face (13:12, quando já não vemos por espelho, como no presente – cf. 2 Coríntios 3:18, o outro lugar onde Paulo usa o termo). Em outras palavras, os

dons espirituais devem continuar até que nosso Senhor Jesus retorne no final dos tempos. Eles devem continuar a fazer parte da nossa experiência cristã na atualidade.

Um exame mais amplo do contexto revela ainda mais o que Paulo quer nos dizer nesta passagem. Nos capítulos 12-14, Paulo se dirige àqueles que estavam abusando de alguns dons espirituais, em particular, e argumenta que Deus dotou todos os membros do corpo de Cristo com os dons para a edificação do povo de Deus. Aqueles que estavam usando os dons de Deus de modo que feriam a outros, estavam abusando dos dons que Deus lhes tinha dado para ajudar os outros. É por isso que Paulo usa três parágrafos no meio da sua discussão acerca dos dons espirituais para tratar o tema do amor: os dons sem amor são inúteis (13: 1-3); o amor busca edificar (13: 4-7); os dons são temporários (para este tempo e nada mais), mas o amor é eterno (13: 8-13). Devemos procurar os melhores dons (1 Coríntios 12:31; 14:1), e o amor nos dá uma visão para ver quais dons são os melhores para uma dada situação, aqueles que edificam os outros.

O contexto de toda a carta de Paulo confirma ainda mais este ponto: a descrição que ele dá sobre o que é o amor em 1 Coríntios 13:4-7 contrasta grosseiramente com as descrições anteriores discriminadas em sua carta sobre os Coríntios: egoístas, arrogantes e assim por diante (1 Coríntios 3:3, 4: 6-7,18; 5:2). Os cristãos de Corinto, como a igreja de Laodiceia (Apocalipse 3:14-22), tinham muito a seu favor, mas faltava o que mais importava de todas as coisas: a humildade do amor.

15. perseverante fé em Hebreus 11:1

Hebreus 11: 1 declara que *“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem”*. Embora o verso expresse a fé em termos do que podemos esperar – sugerindo uma ênfase no futuro – alguns pregadores muito populares têm enfatizado a primeira palavra do verso, “agora”, que aparece em

várias traduções²³. Eles leem “*agora*” como se fosse um adjetivo que descreve ou modificar uma “fé”: “Hebreus diz ‘fé-agora’, por isso que, se não é ‘agora’ não é ‘fé’”. Eles argumentam que é preciso ter fé para obter a resposta agora; se alguém simplesmente acredita que Deus irá responder a oração depois, em seguida, então eles dizem que isso não é fé.

Outras passagens podem enfatizar a importância de crer-se em Deus no presente (como a mulher com o fluxo de sangue que tocou manto de Jesus), mas esse não é o significado desta passagem. Primeiro, a palavra “*agora*” não é um adjetivo, mas um advérbio; portanto, se o texto se referia ao tempo, eu não diria “*fé do tipo agora*”, mas “*a fé que é agora*” (ie., “*agora*” não descreve a fé). Mas por outro lado, a passagem não foi escrita em português, mas em grego, e a palavra grega traduzida para “*agora*” não tem nada a ver com o tempo neste caso. Significa, simplesmente, “mas” ou “e” – “E a fé é”²⁴. Parece que os pregadores populares estavam tão ansiosos para expor a sua doutrina que nunca se preocuparam em verificar este versículo em grego.

O contexto deixa bem claro que este versículo fala de recompensas futuras, não das presentes. Os primeiros leitores de Hebreus tinham padecido grande sofrimento (Hebreus 10:32-34), mas alguns não estavam buscando a Cristo com todo o seu coração, e alguns estavam suscetíveis a afastar-se (10:19-31). O escritor, em seguida, convida os leitores a não abandonar a sua fé, a qual Deus recompensará se perseverar (10:35-37). Ele confiava que eles perseverariam na fé, em vez de afastar-se para a destruição (10:38-39). Essa fé perseverante foi o tipo de fé que se Hagarrou firmemente às promessas de Deus para o futuro, o tipo de fé que os grandes heróis da fé exibiram no passado: por exemplo, sabemos que Enoque tinha essa fé, porque a Bíblia diz ele agradava a Deus, e ninguém pode agradar a Deus sem essa fé (11:5-6).

²³ Em português: NVI, NKJV, NTLH; Inglês: KJV, NKJV, NIV, NASB, etc.

²⁴ É como o “*agora*” de “*Exato agora, houve uma vez*” - a palavra grega nunca tem que ver com o tempo.

A maioria dos exemplos de fé que Hebreus 11 fornece são exemplos de fé perseverante com a esperança de uma recompensa futura: Abraão deixou sua terra buscando uma cidade cujo artífice e construtor era Deus (11: 8-10); José olhou para o êxodo que iria acontecer muito tempo depois de sua morte (11:22); Moisés rejeitou os tesouros que lhe oferecia o Egito em troca de uma recompensa futura (11: 24-26), e tantos outros. O escritor conclui com esses heróis da fé que sofreram e morreram sem libertação nesta vida (11:35-38). Na verdade, embora a história elogiasse a fé de todos os heróis mencionados neste capítulo, o autor afirma que nenhum deles recebeu o que Deus tinha prometido (11:39-40).

Finalmente, o escritor aponta para o supremo herói da fé – o autor e consumidor da nossa, que suportou a cruz, na esperança de sua recompensa futura, a alegria da Sua exaltação à mão direita de Deus (12:1-3). Se todos esses homens e mulheres de fé puderam avançar no passado, por que os hebreus deixaram de ver o seu sangue derramado (12:4), diante das tribulações foram apenas uma disciplina temporária de Deus? (12:5-13). Ao invés de desmaiar (12:14-29) por causa da perseguição sofrida, eles deveriam manter-se firmes em Cristo, sem ser movidos da esperança da sua vocação. “A fé” neste contexto não significa uma explosão momentânea de convicção, mas a perseverança provada pelas vicissitudes e o tempo, que permanece à luz das promessas de Deus para o futuro.

16. Batendo à Porta em Apocalipse 3:20

Aqui Jesus não está batendo à porta de um indivíduo pecador, mas à porta de uma igreja que estava agindo como tal! Enquanto Jesus tinha uma porta aberta para outra igreja, convidando-os a sua presença, apesar das falsas acusações daqueles que o perseguia (Apocalipse 3:8), aqui vemos outra com a porta fechada diante dele. A hospitalidade dos antigos exigia que se compartilhasse a comida com os convidados, mas a igreja de Laodiceia tinha fechado a porta para Jesus por causa de sua arrogância e petulância (3:17-18), mas Ele queria que esses cristãos se arrependessem e expressassem novamente que necessitavam dele (3:19).

Isto não torna ilegítima a fé daqueles que foram levados a Cristo usando este versículo; o princípio se aplica e em qualquer caso, seria a mensagem do evangelho, não a interpretação de um versículo, o que os converteu. Mas, se mantém que queremos dizer, que se interpretarmos mal o verso, não podemos aprender o que esta passagem nos ensina. Pode haver igrejas arrogantes hoje em dia que deixaram Jesus para fora.

17. Deus deu Seu Filho em João 3:16

O contexto indica que Deus entregou a Seu Filho, no sentido específico no qual João 3:16 diz, quando Jesus ressuscitou (3:14-15). No contexto do resto do Evangelho de João, este deve referir-se que ele foi “levantado” na cruz (ver 8:28; 12:32-33). Deus deu Seu Filho quando Jesus morreu por nossos pecados. Este é o clímax de seu amor para a humanidade.

18. Buscando primeiro o reino de Deus em Mateus 6:33

Os Judeus por vezes utilizavam aos gentios – não judeus, que normalmente são considerados “*pagãos*” como um exemplo do que os judeus deveriam evitar. Jesus dizia que “*os pagãos*” saíam à procura de comida, bebida e roupas, mas não devemos olhar para estas coisas (6:31-32). Em vez disso, os seguidores de Jesus devem procurar o seu reino, e estas outras coisas - as necessidades básicas da vida - seriam providas (6:33). Pode não ser coincidência que Jesus tinha acabado de ensinar a seus discípulos a orar, em primeiro lugar pa-ra as coisas do reino (6:9-10), e só então fazê-lo por suas próprias necessidades básicas (6:11-13).

19. Embaixadores de Cristo em 2 Coríntios 5:20

Em todas ou quase todas os exemplos em que aparece “nós” nos capítulos anteriores (e, provavelmente, mesmo em 5:21 que se segue, porém isso é discutível), Paulo se refere a si mesmo e seus colegas no ministério. Então, provavelmente, em 5:20, Paulo também se refere apenas aos embaixadores que trazem a mensagem de reconciliação de Deus e não a todos os cristãos. Afinal, aqueles que chamam para a reconciliação com Deus são os cristãos em

Corinto, que não são embaixadores, mas que precisam de embaixadores! (6:1-2)

Idealmente, talvez todos os cristãos devessem levar a mensagem de reconciliação de Deus, mas, na prática, a maioria dos cristãos de Corinto não o faziam. Os cristãos de Corinto estavam agindo como aqueles que não eram cristãos, então Paulo e seus colegas agiram como representantes da justiça de Cristo a eles, como Cristo representou o nosso pecado por nós na cruz (5:21)²⁵.

20. As testemunhas em Hebreus 12:1

Neste caso, nem todas as traduções expressam claramente como a mesma claridade “os termos no contexto relacionado com o termo que utiliza as testemunhas” em 12:1. No entanto, o conceito torna-se aparente, pelo menos em alguns deles. No contexto que o precede, Deus muitas vezes “serviu como uma testemunha” ou deram “testemunho” que seus servos tinham sido fiel (11:2,4-5, 39). Portanto, você pode consultar a lista de apenas quem aparece em Hebreus 11 como aqueles que também testemunharam o que sabiam a respeito de Deus. Eles podem não ser “testemunhas”, como aqueles que assistiram a um evento esportivo em um estádio, mas como aqueles que “testemunham” ou “testemunharam” sobre a verdade que eles descobriram sobre Deus.

21. A vindicação de Deus em Isaías 54:17

O contexto indica que a passagem se concentra no povo de Deus. Israel havia pecado, tinha sido julgado, mas agora seria restaurado, e aqueles que tinham tentado opor-se a Israel seriam esmagados. Aqui vemos o princípio de que Deus vindica a Seu povo, mas isso não é uma garantia inquebrável para todas as circunstâncias de cada indivíduo (embora muitas vezes sim proveja proteção para os cristãos, mas isso não é algo que acontece o tempo todo; muitos cristãos morreram como mártires fiéis). No entanto, ele nos encoraja que Deus ao final, reivindicará Seus ser-

²⁵ Paulo pode estar usando uma hipérbole, uma figura do significado da fala “exagero para enfatizar graficamente o que se entende por”.

vos e Seu plano para a história. Assim, apesar de tudo o que enfrentamos no presente, podemos ter a certeza da fidelidade de Deus e Sua reivindicação, se permanecermos fiéis a ele.

22. O verdadeiro coração de um Anfitrião

No mundo mediterrâneo antigo, o compartilhar da comida obrigava as pessoas a serem leais umas com as outras. Mas Provérbios adverte-nos que não podemos contar com o anfitrião se ele é egoísta; talvez ele incentive-o a comer o quanto quiser, mas lamentar-se-á se você confiar nele. O que importa não é o que ele lhe diz, mas o que ele realmente pensa em seu coração (23:6-8).

23. A Libertação do salmista no Salmo 18:7-15

A linguagem do Salmo 18:7-15 soa como um acontecimento de suma importância que sacode toda a criação. Mas antigas canções israelitas, assim como algumas das nossas hoje, poderiam expressar louvor poeticamente. Nesse caso, o salmista descreve um momento em que Deus o entregou pessoalmente (18:4-6,16-19). A libertação soa como se ele houvesse afetado a criação inteira, mas, na verdade, reflete a dramática experiência do salmista, de cuja perspectiva, a intervenção de Deus parecia muito dramática para ser contada de uma forma inferior.

24. O Amor Matrimonial em Cantares de Salomão 2:1-2

Muitas músicas cristãs descrevem Jesus como “*o lírio dos vales*”, “*Rosa de Sarom*”, o “*amado entre dez mil*”. As músicas são bonitas, e o que elas querem transmitir é que Jesus é o maior beleza e o maior desejo de nossas almas. No entanto, não devemos transmitir o significado dessas belas canções ao significado de Cantares de Salomão. No entanto, “*a rosa de Sarom*”, da qual é falado neste livro não se refere a Jesus, direta nem indiretamente. Este livro é uma canção de amor antigo, que fornece perspectivas maravilhosas sobre o romance, da linguagem do desejo conjugal e o carinho, dos conflitos no casamento (o breve conflito é 5:2-6), o poder do ciúme (8:6), etc.

Na medida em que reflete a beleza do amor conjugal,

também pode dar-nos as palavras em nossa busca apaixonada de Cristo, mas isso não é o assunto direto do livro. Este livro é um exemplo prático do amor romântico conjugal²⁶.

Mas mesmo que Cantares de Salomão fossem apenas um símbolo de Cristo e Sua igreja, como alguns supõem, a “*Rosa de Sarom*” e o “*lírio dos vales*” não poderiam referir-se a Cristo. Como refletido na Almeida Corrigida Fiel²⁷, é a noiva quem declara: “*Eu sou a rosa de Sarom, um lírio do vale*”, isto é, tão bonito como a mais bela das flores; seu noivo a tinha feito sentir-se amada, apesar de suas próprias inseguranças (1:6).

O noivo também a compara com um lírio (2:2; 7:2); ela compara sua chegada com alguém que se move entre os lírios (2:16; 6:2-3; ele também aplica esta imagem a ela no 4:5). Mesmo se o Cântico dos Cânticos fosse uma alegoria de Cristo e da igreja (o que é bem pouco provável), a “*Rosa de Sarom*” não se refere a Cristo, mas à Sua igreja. Muito provavelmente este é um exemplo da bela linguagem romântica que um autor inspirado poderia aplicar à sua amada, como um guia inspirado que enfatiza a importância do afeto romântico em nossos casamentos hoje.

25. A disciplina da Igreja em Mateus 18:18

Eu costumava seguir uma má interpretação popular deste versículo. Quando eu era um jovem cristão, eu costumava usar Mateus 18:18 para “amarrar” e “soltar” demônios em qualquer ocasião que estivesse orando (como se os demônios estivessem parados, um ao lado do outro, escutando). Felizmente, Deus se preocupa mais com a nossa fé do que nossas fórmulas e em Sua mise-

²⁶ Por exemplo, a “sala do banquete” e a “bandeira” em 2:4 pode referir-se aos costumes de casamento antigos: enquanto os hóspedes desfrutavam do banquete em comemoração ao casamento, a noiva e o noivo consumavam seu casamento e levantavam uma bandeira como um sinal de que haviam selado sua união sexualmente. É duvidoso que devamos ler tais detalhes como símbolos de Cristo. Esse é melhor lido como uma imagem do amor sexual dos casados no antigo Israel.

²⁷ *Nota do Tradutor:* O autor cita a Nova Versão Internacional.

ricórdia respondia às minhas orações quando eu lançava qualquer “amarra”. Mas um dia eu li Mateus 18:18 no contexto, e eu percebi que havia mal-interpretado a passagem. Por as minhas orações terem “funcionado”, eu decidi seguir “amarrando” e “soltando”, mas quando eu soube melhor, a prática não funcionou mais, porque já não podia fazê-lo na integridade do meu coração diante de Deus! Felizmente, eu descobri que Deus ainda responde às orações que subiram em nome de Jesus sem precisarmos “amarrar”.

O que significa “ligar” e “desligar” neste contexto? No contexto, Jesus indica que, se um irmão na fé está vivendo um estilo de vida de pecado, devemos confrontar o irmão; se ele ou ela não quiserem ouvir, deve-se trazer outros para que assim tenhamos duas ou três testemunhas, se formos levar o assunto à igreja. Se, apesar dos confrontos feitos em amor, essa pessoa não se arrepende, a igreja deve expulsá-la para ensiná-la a arrepender-se (Mateus 18:15-17).

Neste contexto, Jesus declara que qualquer coisa que “ligarem” ou “desligarem” na terra terá sido “ligado” ou “desligado” no céu, isto é, nestas circunstâncias seria claramente agir sob a autoridade de Deus (18:18). Porque os termos “ligar” e “desligar” tem a ver literalmente, com aprisionamento ou dar liberdade às pessoas, e os mestres judeus usaram esses termos para descrever a sua autoridade legal, o termo se encaixa bem neste contexto: a igreja deve disciplinar seus membros que estão agindo de forma errada, retirando-os da participação na igreja, caso continuem em pecado.

Os “dois” ou “três” que oram, neste contexto, referem-se a duas ou três testemunhas (18:16). Quando leio esta passagem, me preocupava que minhas orações fossem menos eficazes ao não encontrar alguém para se juntar a mim na oração; no entanto, eu me preocupava porque minha própria fé seria insuficiente. Mas este versículo não significa que a oração se faz eficaz se, pelo menos, se faz com um mínimo de duas pessoas. Este versículo promete que, se há apenas duas testemunhas, e se as orações ou ações na terra têm a ver com algo tão sério como proibir a participação de uma pessoa na igreja, Deus vai apoiar Seus servos

aos quais tem autorizado.

Talvez a oração específica que se tenha em mente é que Deus faz com que o que está em disciplina se arrependa e seja restaurado. Assim que Jesus deliberadamente contrasta a atitude que pede a Seus seguidores com as duas ou três testemunhas na lei do Antigo Testamento, que eram os primeiros a apedrejar aqueles contra quem testemunhavam (Deuteronômio 17:7). Provavelmente, aludindo a um ditado judaico circulando nos primeiros séculos desta era: “onde dois ou três estiverem reunidos para estudar a lei de Deus, a Sua presença estará entre eles”, Jesus garante a seus seguidores (especificamente às testemunhas) que Sua presença estará com eles, mesmo na difícil situação de disciplina da igreja (Mateus 18:20). É claro que o princípio das orações respondidas também se aplica a outras orações, mas aqui especifica “dois ou três” referindo-se aos “dois ou três” que acabara de mencionar.

Embora nós não possamos tomar espaço para comentar mais sobre este assunto, esta passagem em específico não apoia a prática comum de “amarrar” demônios como é feito hoje. Entretanto “amarrar demônios” da forma como é geralmente praticado hoje não tem apoio nesse texto, no entanto, aparece em alguns textos antigos de magia, o que torna essa prática ainda mais suspeita. Quando Jesus diz “amarrar o valente” (Mateus 12:29), ele não diz a Satanás “te amarro”, antes expulsou demônios. Ele já havia derrotado o homem forte, vencido as tentações e obedecendo a vontade do Pai; assim, ele estava livre para exercer sua autoridade e expulsar os demônios.

26. A vinda de Cristo depois a ressurreição em João 14: 3

Jesus diz aos seus discípulos: “*Na casa de meu Pai há muitas moradas*” (14:2²⁸). Jesus promete que ele preparará um lugar para seus discípulos, mas que ele voltará e os levará para estar com Ele onde Ele está (João 14:2-3). Normalmente os leitores hoje assumem que Jesus se refere a sua futura vinda para nos levar para o

²⁸ “*moradas*” vem da tradução do latim - não se encontra no original grego.

céu ou a nova terra. Se estes versos forem encontrados isolados, esse ponto de vista teria sentido como qualquer outro; afinal, Jesus falou de Sua segunda vinda e que estaríamos com Ele para sempre.

Mas o contexto indica que Jesus fala aqui de uma outra vinda mais próxima: não tão somente de estar com Jesus depois que ele retornar no futuro, mas para estar com Ele em nossa vida diária hoje. Como pode ser isso?

Pedro quer seguir Jesus aonde quer que Ele vá, mas Jesus lhe disse que se ele quiser segui-lo até onde ele vai, tem que segui-lo até a morte (João 13:31-38). No entanto, Pedro e os outros discípulos não deviam ter medo; deviam confiar em Jesus, da mesma forma que confiaram no Pai (14:1). Ele lhes faria uma morada para eles na casa de seu Pai, e depois voltaria para levá-los para Si mesmo (14:2-3). *“Mesmo vós sabeis para onde vou, e conheceis o caminho”* - Ele lhes disse (14:4). Talvez como nós, os discípulos estavam confusos, e Tomé falou para todos eles: *“Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?”* (14:5). Jesus então explica que ele queria dizer: onde ele estará é com o Pai (14:6), e vai para lá através da morte na cruz, mas, em seguida, voltará para dar-lhes o Espírito (14:18-19; 16:18-22). Como eles poderiam ir para o Pai? Através de Jesus, que é o caminho (14:6).

Muitas vezes citamos João 14:2-3 como um texto confirmando a futura vinda de Cristo e, ao contrário, citamos João 14:6 como um texto que confirma a salvação. Mas se seguirmos o sentido da conversação, estaríamos errados em um desses dois. No 14:2-3 declara que Jesus vai trazê-los para onde está indo, mas 14:6 diz onde está indo e como os seus seguidores chegarão ali: Ele vai para o Pai, e viemos ao Pai quando somos salvos por Jesus Cristo (14:6). Vamos ao Pai através de Jesus Cristo somente quando Ele voltar no futuro, ou já temos ido até Ele por meio da fé? Todo o contexto deixa claro este assunto. Entramos na casa do Pai quando nos tornamos seguidores de Jesus Cristo!

No contexto de todo o Evangelho de João não há razão para se supor que a “casa do Pai” refere-se ao céu, apesar de que poderia ser uma alusão ao Templo (João 2:16) ou à família (casa) do Pai (João 8:35; e nós somos Seu novo templo e sua família). Para

nos ajudar a melhor, Jesus passa a explicar a "morada" de forma mais explícita no seguinte contexto. A palavra grega para designar "morada" usada em 14:2, ocorre apenas num outro verso no Novo Testamento, neste mesmo contexto, em 14:23, que é parte da explicação contínua dada por Jesus do que disse em 14:2-4. "*Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada*".(14:23).

O verbo com o qual se relaciona aparece ao longo de João 15: 1-10: "Estai [habitar]" em Cristo e deixar que Cristo "permaneça" em você. Nós todos sabemos que Jesus voltará algum dia no futuro, mas se lermos o resto de João, veremos que Jesus já regressou do Pai a eles após a Sua ressurreição, quando deu-lhes o Espírito, a paz e a alegria (20:19-23), como havia prometido (14:16-17,26-27; 16:20-22). Na verdade, esta é a única vinda a qual este texto se refere (14:18 no contexto de 14:15-27; 16:12-24).

Qual é o verdadeiro significado de João 14:2-3? Não é que Jesus voltará e estaremos com Ele um dia - isso é verdade, mas esse ensino é de outros textos. O sentido é que Jesus retornou após a Sua ressurreição para que os cristãos possam ter vida com Ele (14:18-19), que já nos trouxe em Sua presença, e podemos experimentar a realidade de sua presença neste momento e em todos os momentos. Isso significa que o mesmo Jesus, que lavou os pés de seus discípulos no capítulo anterior, que ensinou, curou e sofreu por nós, está conosco neste exato momento. Ele nos convida a confiar que a sua presença está conosco.

27. Um filho recém-nascido em Isaías 7:14

Estamos familiarizados com o uso dado à passagem do Novo Testamento que fala de uma criança nascida de uma virgem como uma referência para Jesus em Mateus 1:23, mas nós nunca levamos em consideração como Mateus chegou a essa conclusão. Mateus não usa todas as suas profecias do Antigo Testamento da mesma forma. Alguns dos textos das Escrituras extraídos por Mateus referem-se a Israel no Antigo Testamento e não a Jesus. Por exemplo: "*Do Egito chamei o meu Filho*", refere-se claramente ao êxodo de Israel do Egito em Oséias 11:1, mas Mateus aplica ao

êxodo de Jesus do Egito (Mateus 2:15).

Mateus não está dizendo que Oséias tinha a Jesus em mente; está dizendo que Jesus, como o filho supremo de Abraão (1:1), recapitula as experiências de Israel (por exemplo, seus quarenta dias no deserto e Suas referências de Deuteronômio em Mateus 4:1-11). Esse mesmo capítulo de Oséias segue falando sobre um novo êxodo, uma nova era de salvação comparável à antiga. Mateus cita Oseias 11:1, porque ele sabe que o próprio Oséias apontou para uma nova salvação.

Portanto, antes de visualizarmos a aplicação que Mateus faz de Isaías 7:14 ao ler Isaías, devemos examinar com cuidado o que Isaías 7:14 significa no contexto²⁹. Embora Mateus 1:23 refira-se claramente a Jesus nascido de uma virgem (o termo grego é claro), os estudiosos não concordam sobre se as palavras hebraicas em Isaías também se referem necessariamente a uma “virgem”, ou, mais geralmente a um “jovem”. Para evitar cair em discussões, vamos evitar este ponto e analisar apenas o contexto.

O rei da Assíria estava invadindo as fronteiras de Israel (o reino de Samaria) e Síria (Aram, o reino de Damasco). Percebendo que eles estavam em apuros, trataram de que o rei de Judá (o reino de Jerusalém) se juntasse a eles para lutar contra os assírios. Quando viram que ele não queria cooperar, tentaram forçá-lo a se juntar à coalizão. Por este tempo, Deus enviou o profeta Isaías a Acaz, rei de Judá, para avisá-lo que não se juntasse à aliança de Israel e da Síria³⁰. Síria ou Aram (representado pela sua capital, Damasco) e Israel ou Efraim (representado por Samaria) seriam esmagados em breve (7:4-9).

Isaías até ofereceu para Acaz, rei da Judéia, um sinal para confirmar que Aram e Israel rapidamente seriam derrotados (7:10-13). Este sinal chamaria a atenção de Acaz: uma mulher teria um filho e teria o nome de Emanuel, “Deus conosco” (7:14). Antes

²⁹ Se este exercício deixa-lhe nervoso, pode ir diretamente para a nossa conclusão, mas trate de retornar e continuar a nossa discussão até o fim.

³⁰ Não se esqueça de que naquele ponto da história, Judá e Israel já eram dois países separados.

que a criança pudesse diferenciar entre bom e mau, enquanto ainda comesse coalhada (7:15; isso foi nos dias de Isaías, 7:21-25), o rei assírio iria devastar Aram e Israel (7:16 -20). Em outras palavras, a criança nasceria na geração de Acaz! Mas então, por que a criança é chamada de “Deus conosco”? Talvez pela mesma razão que todos os filhos de Isaías levam nomes simbólicos (8:18), assim como as crianças de Oséias eram sinais proféticos do reino de Israel sobre o mesmo período (Oséias 2:4-9). Mais tarde, em nossa discussão, voltaremos a este ponto.

Depois de oferecer esta profecia a Acaz, Isaías foi enviado para “a profetisa” (provavelmente a sua jovem e nova esposa, que também pode ter tido o dom da profecia) e ela ficou grávida. Puseram-lhe à criança “Maer-Salal-Has-Baz”: “O despojo se apressa; a presa se precipita”. Deus lhe disse para colocar esse nome na criança como um sinal para Judá de que Deus em breve entregaria seus inimigos nas mãos do exército assírio. Antes que o menino crescesse o suficiente para proferir as palavras mais infantis como “mamãe” ou “papai”, a Assíria saquearia Aram e Israel (8:1-10). Em outras palavras, o filho do próprio Isaías seria o sinal para Acaz: após o seu nascimento, em seguida, veio a devastação das terras do norte, as quais tinham tentado forçar Judá a participar de sua coalizão. Judá precisava saber que “Deus está conosco” e que o “despojo” de Aram e Israel seria levado “às pressas” e sua “presa precipitada...” (7:14; 8:3).

Então, por que Mateus pensou que Isaías 7:14 poderia ser aplicado a Jesus? Provavelmente não, pela mesma razão que pensamos. Aplicamos Isaías 7:14 a Jesus porque nunca lemos seu contexto imediato. Mateus provavelmente aplicou-o a Jesus porque levou em conta o contexto mais amplo das passagens ao redor, e não o texto imediato. Como mencionamos antes, os filhos de Isaías eram “sinais”, cada um ensinando a Judá o que Deus faria (8:18). O sinal imediato de que Deus estava com Judá seria que seus inimigos do norte seriam conquistados, mas o ato mais proeminente de que Deus estava com Judá quando o próprio Deus viria em verdade estar com eles.

Na passagem seguinte, Isaías anuncia uma esperança que se

estenderia para além de Judá, incluindo o reino do norte de Israel (9:1-2); um rei conquistador, uma criança que nasceria da casa de Judá (9:3-7). Este não só seria chamado de “Deus conosco”; tal como seus outros títulos, os quais correspondem corretamente, “Deus Forte” também correspondem a ele (9:6³¹). Este rei davídico (9:7) seria o próprio Deus encarnado (9:6); no antigo Oriente Médio, onde em Israel era incomum converter os seus reis em deuses, Isaías não havia se arriscado ao chamar de “Deus Forte” a este rei, se não estivesse querendo dizer que o próprio Deus vinha a reinar como um dos descendentes de David. Mateus estava certo, mas não pela razão que havíamos presumido!

Alguns críticos de Mateus, os quais acreditam que ele não conhecia o contexto, são céticos. É justo assinalar-lhes que Mateus demonstra seu conhecimento do contexto exatamente três capítulos mais a frente. Lá, ele relata uma passagem de Isaías 9:1-2 com Jesus (Mateus 4:15-16), mostrando que o contexto de Isaías 7:14 permanece fresco em sua mente!

Conclusões

Como vimos, o contexto afeta drasticamente a forma como nós interpretamos cada passagem. Mas na maioria dos casos, o contexto deve ir além dos parágrafos ao seu redor, até ter em conta os capítulos que lhes precedem e sucedem, ou até mesmo todo o livro em que a passagem ocorre. Assim, nos voltamos para o próximo capítulo para falar de um nível mais amplo de contexto, no qual muitos leitores não tinham incorrido.

³¹ Um título de Deus, que também é encontrado no contexto (Mateus 10:21).

Capítulo 3

O CONTEXTO GLOBAL DO LIVRO

Embora seja importante ler cada passagem dentro do contexto imediato que o rodeia, também é importante lê-lo no contexto de todo o livro no qual aparece – seja em João, Juízes, Tiago ou em outro livro da Bíblia. Esta foi a maneira que Deus nos deu a maior parte da Bíblia, inspirando cada autor em particular para escrever livros, os quais foram recebidos pelos primeiros leitores livro por livro.

Às vezes a passagem em particular que estamos estudando se encaixa em um argumento que se desenvolve ao longo de todo esse livro da Bíblia. Às vezes, há pontos na passagem em questão que desenvolvem temas que fluem ao longo do livro; então, os pontos se fazem muito mais claros quando vistos à luz de como o livro trata desse tema em outras partes. Em alguns casos, a história flui ao longo de vários livros de nossa Bíblia que alguma vez estiveram ligados como narrativas prolongadas¹.

Uma concordância pode nos ajudar a ver como certas palavras são usadas em outras partes dentro do mesmo livro. Você pode praticar isso, seguindo a palavra “lei” ou “Espírito”, no decorrer de Gálatas. Se você quer desenvolver essa habilidade de forma mais ampla, em vez de usar uma concordância, simplesmente leia toda a carta aos Gálatas e faça a sua própria lista de alguns temas e das referências dos versículos, onde cada tema aparece.

Em seguida estão alguns exemplos de como ler uma passagem à luz de todo o livro, aonde aparece enriquece a nossa interpretação.

1. A Reconciliação judaico-gentílica em Romanos

Às vezes exortamos as pessoas a que se convertam crendo

¹ Por exemplo, a história de Moisés em Êxodo flui a partir da história de José em Gênesis, e 1 Samuel até 2 Reis são uma extensa história; assim o são Lucas e os Atos.

com todo seu coração na ressurreição de Jesus e confessando com sua boca que Jesus é Senhor. Este resumo de como responder ao evangelho é baseado em Romanos 10:9-10, o qual na verdade fala da salvação. Mas seria útil examinar por que aqui Paulo menciona especificamente a boca e coração².

Paulo certamente não negaria que um surdo-mudo pudesse se salvar simplesmente porque não poder confessar com a sua boca. Ele escolhe as palavras particulares “coração” e “boca” por razões específicas evidentes neste contexto.

Em primeiro lugar, nos voltamos para o contexto imediato, como fizemos nas passagens anteriores. Paulo acredita que somos salvos pela graça, não pelas nossas obras. Ao contrário das maneiras de justificação que propunham os opositores de Paulo (Romanos 10:1-5), Paulo demonstra à partir da lei de Moisés que a mensagem da fé é a palavra de salvação (10:6-7). Como Moisés disse: “*a palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração*” (10:8); Moisés estava se referindo à lei (Deuteronômio 30:10-11, 14), mas o princípio também se aplica ao Evangelho, que também era palavra de Deus.

Nos tempos de Moisés não se podia subir ao céu para trazer a lei do alto; Deus em Sua misericórdia já havia dado-a para Israel no Monte Sinai (30:12). Também não era necessário ir outra vez para o mar (30:13); Deus já havia redimido o seu povo e o havia trazido fazendo os cruzar o mar.

Eles não podiam salvar-se a si mesmos; tinham que depender da poderosa graça de Deus (*cf.* Êxodo 20:2). Da mesma forma, Paulo diz que não somos nós os que trazemos Cristo de volta de entre os mortos ou aqueles que o enviam ao Pai. Assim como a lei e a redenção de Israel, a salvação de Cristo é um dom de Deus para nós (Romanos 10:6-7). Moisés declarou que esta mensagem estava “*em sua boca e coração*” (Deuteronômio 30:14), isto é, já havia sido dada a Israel pela graça de Deus.

Paulo explica que, da mesma maneira se encontrava a men-

² E não em outras passagens que enfatizam diferentes aspectos da salvação.

sagem de Deus em sua boca quando você confessou a Cristo com sua boca e em seu coração, quando você creu n'Ele em seu coração (Romanos 10: 9-10). A fé só poderia vir escutando esta palavra, o Evangelho de Cristo (10:17), como mencionado acima.

O contexto imediato explica porque Paulo menciona a “boca” e o “coração” nesta passagem específica, mas isto por sua vez é uma nova questão. Por que Paulo teve que dar uma explicação completa baseada no Antigo Testamento que a salvação era pela graça mediante a fé? Alguém tinha dúvidas disso? Lendo o livro de Romanos como um todo explica a razão para cada passagem dentro desse livro. Paulo está se referindo a uma controvérsia entre cristãos judeus e gentios.

Paul começa Romanos enfatizando que os gentios estão perdidos (1:18-32); então, justamente quando os leitores cristãos judeus estão aplaudindo, Paulo aponta que as pessoas religiosas também estão perdidos (*cap.* 2), e resume que todos estão perdidos (*cap.* 3). Paulo afirma que toda a humanidade está igualmente perdida para nos lembrar que todos temos de vir a Deus nos mesmos termos; ninguém pode jactar-se acima de ninguém.

Mas a maioria dos judeus acreditavam que eles tinham sido escolhidos para a salvação em Abraão; portanto, Paulo lembra aos seus irmãos na fé que a descendência espiritual, e não a étnica, é a que importa na salvação (*cap.* 4). Se alguns desses leitores judeus continuassem enfatizando sua descendência genética, ele lembra-lhes que todos, inclusive ele mesmo, descendem do Adão pecaminoso (5:12-21).

O povo judeu acreditava que a maioria dos judeus guardavam todos os 613 mandamentos da lei (pelo menos na maior parte do tempo); por outro lado, a maior parte dos gentios não guardava sequer os sete mandamentos que muitos judeus acreditavam que Deus havia dado a Noé.

Assim que Paulo argumenta que embora a lei seja boa, nunca salvou aqueles que a praticavam, incluindo ele próprio (*cap.* 7); somente Jesus Cristo pôde fazê-lo! Caso os cristãos judeus se-guissem a insistir em sua eleição por meio de Abraão, Paulo lembra-lhes que nem todos os descendentes físicos de Abraão foram

eleitos, mesmo nas primeiras duas gerações (*cap.* 9:6-13). Deus era tão soberano que não se limitava a escolher pessoas segundo sua descendência étnica (9:18-24). Ele poderia escolher com base na sua fé em Cristo. Mas no caso dos cristãos gentios olharem com desprezo os cristãos judeus, Paulo também lembra que a herança a qual eles foram enxertados, pertencia, depois de tudo, a Israel (*cap.* 11). Deus tinha um remanescente judeu, e um dia faria com que a maioria dos judeus colocasse sua fé em Cristo (11:25-26). Neste ponto, Paulo se torna muito prático. Os cristãos devem servir uns aos outros (*cap.* 12); no coração da lei de Deus é realmente o amar uns aos outros (13:8-10).

A literatura antiga mostra que os gentios romanos zombavam dos judeus romanos, especialmente devido às suas leis e feriados alimentares. Paulo argumenta que não devemos menosprezá-los entre nós, por causa de diferenças práticas fúteis (*cap.* 14). Em seguida, ele fornece exemplos de reconciliação étnica: Jesus, embora judeu, ministrou aos gentios (15:7-12), e Paulo trouxe um presente das igrejas dos gentios para os cristãos judeus em Jerusalém (15:25-31). Em sua despedida, ele oferece uma exortação final: que tenham cuidado com aqueles que causam divisão (16:17). Obter todo o panorama de Romanos nos proporciona uma compreensão mais clara da função de cada passagem em particular na obra como um todo. Também sugere o tipo de situação que a carta dizia. O que sabemos sobre o “plano de fundo” lança mais luz sobre a situação: Roma anteriormente tinha expulsado os cristãos judeus (Atos 18:1-3), mas agora já haviam retornado (*cap.* 16:3).

Isto significa que as igrejas romanas que tinham lugar em casas, e que por muitos anos foram compostas por gentios na sua íntegra, enfrentavam agora os conflitos com os cristãos judeus, que tinham uma maneira culturalmente diferente de fazer as coisas. A carta de Paulo aos Romanos chama os cristãos para a reconciliação étnica, cultural e tribal entre eles, lembrando-nos que todos vêm a Deus, nos mesmos termos, somente através de Jesus Cristo.

2. Justiça para os pobres em Tiago

Algumas pessoas, quando leem a Epístola de Tiago, têm

pensado que a mesma contém exortações diversas que não se encaixam muito bem entre elas. Mas isso é improvável, porque quando analisamos cuidadosamente, Tiago se encaixa muito bem, a maior parte do livro realmente se encaixa muito bem.

Na seção anterior sobre “contexto imediato”, perguntávamos como Tiago esperava que resistíssemos ao diabo (4:7), e acrescentou que se referia a resistir aos valores do mundo. Este é um princípio geral válido, mas alguns valores específicos para os quais Tiago estava particularmente preocupado com os leitores? Muito provavelmente, sim.

Na introdução da Epístola de Tiago, ele apresenta vários temas que voltam a aparecer no resto da carta. Ao analisar estas questões, temos um simples esboço das principais questões de que trata a carta³.

Primeiro, vemos o problema de frente para Tiago: leitores cruzavam várias provações (1:2). À medida que você avança na leitura da carta, você pode ver que muitos de seus leitores eram pessoas pobres que tinham sido oprimidas pelos ricos (1:9-11; 2:2-6; 5:1-6)⁴. Parece que alguns dos leitores de Tiago foram lidar com problemas diferentes da maneira errada: com respostas violentas, físicas ou verbais (1:19-20; 2:11; 3:9, 4:2).

Então, Tiago oferece uma solução pedindo-lhes que eles tivessem três virtudes: a paciência (1:3-4), a sabedoria (1:5) e a fé (1:6-8). Necessitavam a sabedoria de Deus para ter a paciência adequada e necessitavam da fé para pedir a Deus tal sabedoria. Tiago, em seguida, retorna a cada uma dessas virtudes em sua carta explicando em detalhes. Assim, ele fala de paciência quase no final da sua carta usando a Jó e aos profetas como exemplos bibli-

³ Quando prego em Tiago, muitas vezes eu gosto de pregar a partir da introdução da epístola, o que me permite realmente pregar de quase toda ela usando tão somente um dos parágrafos como o meu esboço.

⁴ O plano de fundo lança mais luz sobre esta situação, que era muito comum nos dias de Tiago. Mas, por enquanto continuaremos a centrar-se no contexto geral do livro, posto que mais a frente discutiremos o que é o plano de fundo.

cos de paciência (5:7-11).

Também exige uma fé sincera e não apenas uma fé passageira (2:14-26). É instrutivo o que diz aqui sobre a fé. Algumas das pessoas pobres estavam sendo tentadas a levantar-se contra os seus opressores e destruí-los, e pensavam que Deus permaneceria de seus lados desde que não cometessem nenhum pecado, por exemplo, como o adultério. Mas Tiago lembra-lhes que o assassinato é pecado, mesmo sem ter cometido adultério (2:11).

A confissão básica de fé judaica consistia em que Deus era um só, mas Tiago lembra a seus amigos que até mesmo o diabo tinha “fé”. Deus era um só, mas esse conhecimento não salvava o diabo (2:19). A fé genuína significa fé que é demonstrada pela obediência (2:14-18).

Da mesma forma, se orarmos “em fé” pedindo sabedoria, devemos orar nessa fé genuína que está disposta a obedecer a qualquer tipo de sabedoria que Deus nos dê. Não devemos ser “*de duplo ânimo*”, isto é querer abraçar a perspectiva do mundo e a de Deus ao mesmo tempo (4: 8).

Tiago trata em especial o assunto da sabedoria de maneira mais detalhada. Ele está preocupado com a retórica inflamaada – o tipo de discurso que encoraja as pessoas a irarem-se umas contra as outras (1:19-20; 3:1-12). Isso não quer dizer que guardem silêncio para com os ricos opressores; mas bem profetiza o juízo de Deus contra eles! (5:1-6). Ele não está de acordo que encorajem-se as pessoas a recorrerem à violência contra os ricos opressores. Tiago denota que existem dois tipos de sabedoria. Uma delas tem a ver com egoísmo e conflito, e é por sua vez, mundana e diabólica (3:14).

Este é o tipo de perspectiva e atitude que tentava os seus leitores. O que Tiago faz é defender a sabedoria que vem de Deus, que é amável (3:13), é pura –, não se mistura com outro tipo de sabedoria – é pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade e sem hipocrisia, e de fruto da justiça que se semeia na paz (3:17-18). Seus leitores foram tentados a usar da violência (4:2) e desejavam a maneira do mundo de fazer as coisas (4:4). Mas antes de tomar a questão por conta própria, eles

deveriam submeter-se a Deus (4:7).

Tiago nos faz uma chamada para mantermos a paz entre todos. E se Ele chama os oprimidos para não tentar matar o opressor, quanto mais nós chamamos para amarmos e sermos gentis com as pessoas mais próximas a nós, mesmo aqueles que não nos tratam bem? “Resistir ao diabo!” pode exigir muito mais esforço do que muitos pensam!

3. O juízo de Davi em 2 Samuel 12:11

Às vezes pensamos que o castigo de Davi terminou com a morte de seu filho (12:18). Mas pelo fato de Davi ser um líder na casa de Deus, o seu comportamento afetou a muitos outros, e isso exigia um severo juízo (12:14). Deus leva a sério o pecado, especialmente quando isso leva outros a interpretarem erroneamente a Sua santidade. Em 12:11, Natã profetiza contra Davi que fará juízo de sua própria casa, incluindo a violação pública de algumas de suas esposas (assim como ele foi imoral com a esposa de outro homem) por meio de um amigo seu. Esta profecia fornece quase que um esboço para o resto de 2 Samuel!

No capítulo 13, Amnon, filho de Davi, estupra sua meia-irmã Tamar. Absalão, irmão de sangue de Tamar, vinga a honra de sua irmã ao matar Amnon, que era coincidentemente também o irmão que sucedia o mais velho, o que significava que, se Quileabe não estivesse envolvido na política (não é mencionado em nenhum outro lugar), Absalão é o que se lhe seguia na ordem de sucessão ao trono por direito de nascença (2 Samuel 3:2-3). Absalão retorna do exílio (*cap.* 14), e então organiza uma revolta que quase elimina Davi e seus aliados (*caps.* 15-18) - e isso entristeceu Davi, seu pai, grandemente. Absalão dormiu com as concubinas de seu pai, à vista de todo o Israel (16:21), embora tal fato ia contra a lei (Levítico 20:11).

Uma vez que este levante tinha sido dissipado e Davi regressasse em paz para Jerusalém (*cap.* 19), ele teve de lidar com outra revolta que começou com o fim do anterior, mas desta vez organizado por um benjamita usurpador (*cap.* 20). No início de 1 Reis, o filho que vinha após Absalão está conspirando tomar o trono (1

Reis 1). Embora ele tenha sido perdoado por Deus e tenha sido restaurado ao trono, Davi sofreu para o resto de sua vida, as consequências de seu padrão de pecado. Esta história fornece um aviso severo para os líderes espirituais do presente, os que se esquecem de sua responsabilidade de viver uma vida santa.

4. Os “pequeninos irmãos” em Mateus 25:40

Muitas pessoas hoje em dia enfatizam a importância da preocupação com os pobres ao nos lembrarem que Jesus nos advertiu que nós seríamos julgados segundo houvéssemos tratado “*a um destes pequeninos irmãos*” (25:40, 45). Embora seja verdade que Deus nos julgará como nós tratamos os pobres, é o “pobre” que Jesus está se referindo aqui quando diz seus “irmãos”? Serão julgadas as nações (25:32), tão somente por isso? O contexto imediato não esclarece a questão, mas no contexto mais amplo da tradição do Evangelho pode nos ajudar mais. O que Jesus quer dizer com “*irmãos*” e “*pequeninos*” quando se fala sobre eles em outras partes?

Como os leitores antigos iriam desenrolar um manuscrito à partir do início, os primeiros leitores já teriam lido os capítulos anteriores antes de chegar a Mateus 25. Assim, eles saberiam que entre os irmãos e as irmãs de Jesus se incluíam todos aqueles que fizeram a Sua vontade (Mateus 12:48-50), que todos os discípulos de Jesus são irmãos e irmãs (23:8) e que, antes que terminassem de ler o evangelho, saberiam que os discípulos de Jesus seguiriam sendo seus irmãos depois da ressurreição (28:10)⁵. Quando Jesus fala do “menor” no reino, por vezes, também se refere a alguns discípulos (11:11).

Quem são, então, os menores destes discípulos de Jesus que as nações aceita ou rejeitaram? Isto pode ser, pelo menos, aqueles mensageiros do evangelho, “missionários” que levam, antes do juízo final, as boas-novas para os não alcançados. Certamente, a mensagem sobre o reino será espalhada entre os grupos de pessoas

⁵ Devido à forma como a língua grega funciona, “*irmãos*” por vezes pode incluir também “*irmãs*”, mas em 28:10, as mulheres discípulas se dirigem especificamente aos discípulos homens.

antes que venha o reino (24:14).

Pode ser que estes mensageiros tenham sede ou fome por causa das acomodações que sacrificaram para trazer a outros o evangelho; pode ser que sofram cadeias por causa da perseguição, pode ser que até se encontrem exaustos ao ponto de ficarem doentes por causa de seus esforços⁶. Mas aqueles que receberem esses mensageiros receberão a Jesus que os enviou, mesmo se tudo o que eles tiverem para dar for um copo de água, como Jesus já havia ensinado (10:11-14, 40-42).

É possível, então que, à luz de todo o Evangelho de Mateus, esses “pequenininhos irmãos” sejam os menores missionários enviados para as nações. As nações serão julgadas segundo responderam aos emissários que Jesus lhes enviou.

5. O que significa crer em João 3:16

João 3:16 fala sim da salvação do pecado por meio da fé em Jesus Cristo, tal e como normalmente esperamos. Mas nós não captamos o pleno significado deste versículo a menos que leiamos o Evangelho de João do início ao fim. O restante do Evangelho de João lança luz sobre o que este versículo quer dizer com “*“mundo”*”, sobre como Deus expressou seu amor (descrevendo a cruz) e outros assuntos. Aqui vamos nos concentrar no que se quer dizer João 3:16 com a fé salvadora.

Talvez alguém diga que acredita em Jesus; no entanto, essa pessoa pode ir à igreja uma vez por ano e ainda viva cometendo pecados sem se arrepender (digamos que essa pessoa assassine alguém nos finais de semana, alternadamente). Será este verdadeiramente um cristão? O que realmente significa “*“crer”*” em Jesus?

O restante do Evangelho de João esclarece o que Jesus se refere aqui com a fé salvadora. Pouco antes da conversa em que Jesus menciona o que disse em 3:16, João nos fala sobre alguns crentes inadequados. Muitas pessoas ficaram impressionadas com os milagres de Jesus e “*“criam”*” nele, mas Jesus não confiava neles,

⁶ Como Epafrodito em Filipenses 2:27-30.

⁷ Por exemplo, inclui os samaritanos – ver 4:42 no seu contexto.

porque sabia o que havia realmente no interior (2:23-25). Eles tinham algum tipo de fé, mas não era a fé que salva.

O que aconteceria se alguém professasse a fé em Cristo, e depois renunciasse a Cristo e se tornasse muçulmano ou adorasse aos antigos deuses Iorubás? A sua antiga profissão de fé seria suficiente para salvá-los no final? A questão não é difícil de responder à luz do que o resto do Evangelho de João, embora alguns de nós não gostemos da resposta.

Mais tarde, no Evangelho de João, alguns dos que ouviam Jesus “criam” nele, mas advertiu-os que eles deveriam perseverar na Sua Palavra, para que desta forma demonstrassem que eles eram Seus discípulos e que conheciam a verdade que os libertaria (8:30-32). No entanto, até o final do capítulo, aqueles que ouviram no princípio demonstraram que não eram fiéis: de fato queriam matar Jesus (8:59). Mais tarde Jesus adverte que aqueles que não permanecem nele, serão lançados fora (15:4,6). No Evangelho de João, a fé genuína que salva é o tipo de fé que persevera até o fim.

O propósito do Evangelho de João era registrar alguns dos sinais que Jesus tinha feito para aqueles leitores cristãos que nunca tinham visto Jesus em pessoa, para que chegassem a um nível mais elevado de fé, o tipo de fé que seria forte o suficiente para perseverar em Cristo até o fim (20:30-31). João faz este comentário depois de haver narrado a confissão culminante de fé neste evangelho. Jesus disse a Tomé que ele fosse “*crente*”, e Tomé expressa sua fé, chamando Jesus de “*Senhor meu e Deus meu*” (20:27-28).

A deidade de Jesus é uma das ênfases que ocorrem no Evangelho de João (1:1,18; 8:58), de modo que, de todas as confissões acerca da identidade de Jesus neste Evangelho (1:29,36,49; 6:69), esta é a mais importante: Ele é Deus.

O conteúdo da fé de Tomé é correto, mas João quer mais de seus leitores. A informação correta a respeito de Jesus é necessária, mas por si só a informação correta não é necessariamente uma fé forte. Tomé creu porque viu, mas Jesus diz que quer uma fé muito mais forte, uma fé que creia antes de ver (20:29). Os leitores de João creem por que lhes narra seu testemunho do que viu (20:30-31), confirmado pelo poder do Espírito Santo (15:26-16:15).

Em João 3:16 a fé salvadora não é aquela de apenas fazer uma simples oração, e, em seguida, seguir nosso próprio caminho e esquecermos Jesus pelo resto de nossas vidas. A fé salvadora abraça Jesus com tal dependência radical em sua obra por nós que asseguramos nossas vidas sobre a verdade de suas reivindicações.

6. Sob a Lei em Romanos 7

Anteriormente, havíamos observado a importância da estrutura completa de Romanos, a qual nos ensina sobre a reconciliação étnica. Neste contexto, a função específica de Romanos 7 é significativa: Paulo observa que os crentes não estão mais “*sob a lei*” (7:1-6), mas também observa que o problema não é com a lei como tal (7:7,12,14), mas com os seres humanos como criaturas de “*carne*”. Muitas pessoas tomam este capítulo para descrever também a escravidão presente de Paulo para com o pecado, e alguns até mesmo usam-no para justificar uma vida de pecado, dizendo: “se Paulo não podia deixar de viver em pecado, como nós podemos?”. Seria realmente isso o que Paulo quis dizer?

Em 7:14, Paulo diz que ele é “*carnal, vendido sob o pecado*”. No entanto, nos capítulos circundantes, ele declara que todos os crentes em Cristo foram libertados do pecado e feitos servos de Deus e da justiça (6:18-22). Em 7:18, Paulo se queixa de que “*não habita bem algum*” nele, mas em 8:9 diz que o Espírito de Cristo habita em todos os verdadeiros crentes. Em 7:25, ele confessa que, com seu corpo serve à “*lei do pecado*”, mas em 8:2 declara que Jesus libertou os crentes da “*lei do pecado e da morte*”.

Por que esta aparente confusão? Provavelmente apenas porque temos negligenciado a questão principal. Embora em Romanos 7 Paulo fala graficamente sobre a vida sob a lei, ele não implica que este é seu estilo diário de vida cristã. Ele diz que quando os crentes “*estavam*” na carne⁸, suas paixões pecaminosas exacerbadas pela lei produzia neles a morte. Em comparação, Paulo diz: “*mas agora*” os crentes foram “*libertados da lei*” servindo, em contrapartida, pelo Espírito (7:5-6).

⁸ Provavelmente querendo dizer “*governados por seus próprios desejos*”.

Ou seja, a maior parte de Romanos 7 descreve a frustração de tentar conseguir justiça pelas obras da lei, isto é, por esforço humano⁹. No entanto, quando aceitamos a justiça de Deus como um dom gratuito em Cristo Jesus, nós somos capazes de caminhar em uma nova vida, e o resto da vida cristã é baseado na ousadia de confiar na obra consumada de Cristo (6:11).

Na medida em que nossas vidas se assemelham com Romanos 7 em alguma coisa, significa que estamos tratando de tornarmos-nos bons o suficiente para Deus, ao invés de aceitarmos o Seu amor misericordioso para conosco.

7. Recriminando os cristãos que não têm amor em 1 Coríntios 13

Muitas vezes citamos 1 Coríntios 13, como se fosse uma descrição do amor em todos os sentidos, tanto para casamentos, aconselhamento matrimonial, amizade, e, assim por diante. Os princípios neste capítulo são realmente, por demais universais para serem aplicados a essas situações, mas Paulo os escreveu originalmente para referir a uma situação específica que muitos de nós hoje não percebemos. Paulo estava se referindo ao uso apropriado dos dons espirituais.

A igreja de Corinto se encontrava dividida por causa de uma variedade de questões. Uma dessas questões, discutidas nos capítulos 12-14, foi o uso dos dons espirituais. Paulo lembra aos cristãos de Corinto que o propósito dos dons usados em público é a edificação do corpo de Cristo. No Capítulo 14, enfatiza-se que a profecia é mais importante no culto público do que as línguas, porque edifica a igreja (a menos que a língua seja interpretada). Entre esses dois capítulos tem o capítulo 13, que revela o amor como a virtude fundamental que nos move a usar nossos dons para a edificação da Igreja de Cristo.

Paulo enfatiza que, ainda que tivéssemos os maiores dons, sem amor, nada somos (13:1-3). Também aponta que os dons são temporários, que passarão com o retorno de Cristo, quando nós o

⁹ Romanos 7 traz “eu”, “mim”, “meu”, “meus” por mais de 40 vezes.

vermos face-a-face (13:8-10); no entanto, o amor é eterno (13:11-13). Entre estes dois pontos ele descreve-nos as características do amor – essas características dentro do contexto de todo o livro, se relacionam diretamente com o que os coríntios careciam (13:4-8).

O amor não é invejoso, não trata com leviandade, não se ensoberbece (13:4), mas os cristãos de Corinto eram muito invejosos (3:3), arrogantes (4:6,18-19; 5:2; 8:1) e prepotentes (*cf.* 1:29; 3:21; 4:7; 5:6). Em suma, tudo o que Paulo diz que o amor é, ele disse aos coríntios que eles não são! A exaltação que Paulo faz do amor é simultaneamente, uma gentil repreensão.

Mas, assim como o amor é a nossa primeira prioridade, o amor nos diz quais dons devemos procurar primeiro para a edificação do corpo de Cristo. Os versículos que imediatamente rodeiam 1 Coríntios 13 nos lembram que devemos buscar da parte de Deus os “*melhores dons*” para o culto público, tais como o dom de profecia, que são dons para edificar os outros (12:31; 14 :1).

8. A vida batizada no Espírito em Marcos 1:8-13

O Evangelho de Marcos menciona o Espírito de Deus de maneira explícita tão somente seis vezes, mas a metade delas aparece na introdução (1:8-13), onde apresenta vários de seus temas centrais para o seu público. Seus outros usos enfatizam a obra do Espírito ao conceder poder para expulsar demônios (3:29-30), aos profetas do Antigo Testamento para falar a mensagem de Deus (12:26), e às testemunhas de Jesus para falar sua mensagem (13:11).

Na introdução, João, o Batista, anuncia o Poderoso que batizará a outros no Espírito Santo (1:8); este que batiza com o Espírito Santo é Jesus de Nazaré. Imediatamente após este anúncio, vemos a Jesus batizado e o Espírito descer sobre Ele (1:9-10). Assim, aquele que batiza com o Espírito nos dá um modelo de como será a vida daquele que é batizado no Espírito, porque Ele mesmo recebe em primeiramente o Espírito.

É por essa razão que, o que o Espírito faz em seguida, parece ser mais surpreendente: o Espírito lança Jesus ao deserto para que entre em conflito com Satanás (1:12-13). A vida cheia do Espí-

rito não é uma vida de lazer ou de conforto, mas de conflito com as forças do mal.

O restante do Evangelho de Marcos segue esse padrão. Pouco depois de Jesus sair do deserto, teve de enfrentar um espírito maligno em uma reunião religiosa (1:21-27). Por todo o Evangelho, Jesus continua derrotando o diabo para curar os doentes, expulsar os demônios (*cf.* 3:27), enquanto que, por outro lado, o diabo continua a atacar a Jesus através de seus agentes políticos e religiosos. No final, o diabo os arranja para que matem a Jesus - mas Jesus triunfa ressuscitando de entre os mortos.

Da mesma forma, Jesus espera que Seus discípulos curem os enfermos, expulsem os demônios (3:14-15; 4:40; 6:13; 9:19,28-29; 11:22-24), e também se juntem a ele no sofrimento (8:34-38; 10:29-31,38-40; 13:9-13). Seus discípulos pareciam estar mais felizes em compartilhar Seus triunfos do que Seus sofrimentos, mas o evangelho de Marcos enfatiza que não podemos compartilhar Sua glória sem também compartilhar Seu sofrimento. A lição permanece relevante para os discípulos modernos, como o foi para os antigos.

9. Como fazer Discípulos em Mateus 28:18-20

O contexto imediato de 28:18-20 dá-nos exemplos de como testemunhar de Cristo (28:1-10) e de como não testemunhar de Cristo (28:11-15). Mas o contexto de todo o Evangelho de Mateus também informa como devemos ler esta passagem, especialmente porque é a conclusão do Evangelho e os leitores haviam terminado de ler o resto deste Evangelho no momento em que chegaram lá.

O mandamento de “*fazer discípulos de todas as nações*”, em grego, está cercado por três cláusulas que descrevem como fazermos discípulos de todas as nações, “*indo*”, “*batizando*” e “*ensinando*”. Jesus tinha falado “*ide*”, quando enviou os seus discípulos ainda nos termos da Galileia (10:7), mas desta vez os discípulos deveriam ir para outros povos e culturas, porque eles farão discípulos das “*nações*”.

Fazer discípulos às nações concorda com uma ênfase apresentada ao longo deste Evangelho. As quatro mulheres especificamente mencionadas nos antepassados de Jesus (1:2-17) são clara-

mente gentias: Tamar, uma cananeia; Raabe, de Jericó; Rute, a moabita, e a “*que foi mulher de Urias*”, o hitita (1:3, 5-6). As antigas genealogias judaicas normalmente enfatizavam a pureza da linhagem israelita da pessoa, mas essa genealogia ressalta deliberadamente a herança mestiça do Messias, que também salvará os gentios bem como os judeus.

Enquanto muitos de Seu próprio povo O ignoraram ou O perseguiram, astrólogos pagãos vieram do Oriente para adorá-Lo (2:1-12). Deus e Seu Filho podiam suscitar filhos a Abraão até das pedras (3:9); operar na “*Galileia dos gentios*” (4:15); abençoar a fé de um oficial militar romano (8:5-13); libertar endemoninhados em território gentio (8:28-34); dizer que cidades israelitas eram piores do que Sodoma (10:15; 11:23-24); recompensar a fé persistente de uma mulher cananeia (15: 21-28); permitir que a primeira confissão apostólica de Jesus como Messias fosse em território pagão (16:13); prometer que todas as nações ouviriam o evangelho (24:14) e permitir que a primeira confissão de Jesus como Filho de Deus depois da cruz viesse de um pelotão romano de execução (27:54).

Provavelmente Mateus escreveu para incentivar seus companheiros judeus convertidos ao cristianismo a evangelizar aos gentios; de modo que o Evangelho termina de forma adequada com este mandamento.

A palavra “*batizar*” lembra-nos a missão de João o Batista, o qual batizava as pessoas para o arrependimento (3:1-2,6,11). Na cultura judaica, o batismo representava um ato de conversão, de modo que o “*ide*” pode representar um ministério transcultural; podemos descrever o mandamento de Jesus de “*batizar*”, como evangelismo. Mas o evangelismo não é o suficiente para se fazer discípulos completos; também necessitamos da educação cristã.

“*Ensinando-os*” tudo o que Jesus ordenou é facilitado pelo fato de que Mateus forneceu-nos ensinamentos de Jesus, convenientemente em cinco seções principais do discurso: ensinamentos de Jesus sobre a ética do reino (*caps. 5-7*); a proclamação do reino (*cap. 10*); as parábolas sobre o estado atual do reino (*cap. 13.*); as relações no reino (*cap. 18*) e o futuro do reino e do juízo sobre o es-

tabelecimento religioso (*cap.* 23-25).

Mas no Evangelho de Mateus não fazemos discípulos da forma em que a maioria dos mestres judeus faziam, no seu tempo. Fazemos discípulos, não para nós mesmos, mas para o nosso Senhor Jesus Cristo (23:8). Este parágrafo no final do Evangelho de Mateus também dá adequadamente conclusões sobre vários temas quanto a identidade de Jesus que aparecem neste evangelho. João (3:2), Jesus (4:17) e seus seguidores (10:7) anunciaram o reino de Deus, o Seu reino; agora Jesus reina com toda a autoridade em toda a criação (28:18).

Além disso, batizamos, não só em nome de Deus e Seu Espírito, mas também em nome de Jesus (28:19) e, portanto, se coloca Jesus como deidade ao lado do Pai e do Espírito. E, finalmente, a promessa de Jesus de estar sempre conosco como à medida que pregamos o reino até o fim dos tempos (28:20), lembra-nos outras promessas mencionadas anteriormente no Evangelho. O próprio Jesus é “*Emanuel*”, “*Deus conosco*” (1:23), e onde dois ou três estiverem reunidos em Seu nome, Ele estará no meio deles (18:20). Para os antigos leitores judeus, estas declarações implicavam que Jesus era Deus.

A promessa de que Jesus estaria conosco “*até a consumação dos séculos*” (28:20) implica que, uma vez que termine o mundo (os séculos), Ele já não estará mais conosco? Tal ideia passaria totalmente por alto do sentido do texto. Jesus promete estar conosco para levar a cabo Sua comissão (28:19); isso deve ser cumprido antes do fim do mundo (24:14); assim, as nações podem ser julgadas segundo hajam respondido a essa mensagem (25:31-32). Tomar esta passagem no contexto de todo o Evangelho nos dá abundante material de pregação sem sequer termos saído de Mateus!

10. Lealdade até a morte em João 14:34-35

Quando Jesus nos manda amar uns aos outros como Ele nos amou, por que chamar isso de um “*novo*” mandamento (13:34)? Deus não ordenou a todos os crentes que amassem uns aos outros no Antigo Testamento (Levítico 19:18)? O que faz com que este mandamento seja novo é novo exemplo dado pelo Senhor Jesus.

O contexto imediato torna este exemplo mais claro. Jesus assume o papel de um servo humilde ao lavar os pés dos seus discípulos (13:1-11); ele também lhes disse para imitar o Seu exemplo (13:12-17). No mesmo contexto, entendemos o grau em que ele se tornou um servo por nós ao fazê-los saber o que sofreria: Jesus e o narrador seguem falando sobre a traição iminente contra Jesus (13:11,18-30).

Jesus explica que será “*glorificado*” (13:31-32), ou seja, assassinado (12:23-24); ele está prestes a deixar os discípulos (13:33) e Pedro ainda não está preparado espiritualmente para seguir a Jesus ao martírio (13:36-38). Este é o contexto de amar uns aos outros “*assim como*” Jesus nos amou. Somos chamados para sacrificar até mesmo nossas vidas uns pelos outros!

O restante do Evangelho de João ilustra mais plenamente o exemplo de Jesus de amor e serviço, que culmina na cruz.

11. O castigo de Judá em Gênesis 38

Em seus ataques ao Cristianismo, o escritor sul-africano Ahmed Deedat se queixa de que a Bíblia está cheia de pornografia e que Gênesis 38, a história de Judá e de Tamar, “*é, uma história suja e vulgar*”. Acaso a Bíblia incluiu esta história simplesmente para satisfazer interesses vis de leitores ímpios? Ou Deedat e outros não viram o que a história quer dizer?

A história pode ser resumida brevemente, depois da qual veremos rapidamente uma lição de moral nela. Judá tem três filhos: Er (38:3), Onã (38:4) e Selá (38:5). Quando Deus matou Er por seu comportamento pecaminoso (38:7), seu irmão mais novo, Onã, herdou automaticamente a responsabilidade de Er de levantar descendência para o nome de seu irmão. Algumas culturas onde as mulheres não podem fazer herança praticam a herança da viúva, onde outro irmão leva a esposa de seu irmão falecido.

No entanto, nas culturas ao redor desta família o que normalmente se faz é que o irmão simplesmente engravida a viúva, para que ela possa ter uma criança que receba a primeira parte da herança de seu marido; enquanto esse filho haveria de sustentá-la financeiramente na velhice.

Mas Onã derramava o sêmen na terra (ACF) e Deus, irado, o mata (38:9-10), tal qual havia retirado a seu irmão antes dele. Por que Onã derramava na terra? E o quê de tão ruim havia em fazer isso? O primogênito (neste caso, Er) recebia normalmente duas vezes mais que a parte que pudesse tocar qualquer outro irmão; se Onã levantasse um filho de seu irmão, esse filho seria contado como filho de seu irmão e receberia metade da herança, deixando apenas um quarto para Onã e Selá. Mas se Tamar não conseguisse engravidar, Onã receberia dois terços da herança e Selá um terço.

Onan era ambicioso e importava-se mais com a herança adicional do que honrar seu irmão e prover Tamar. Deus defendeu a honra de Tamar, porque ela era importante para ele. O texto nos ensina sobre a justiça.

Mas a história continua. Judá, temendo que o fato de permitir que seus filhos dormissem com Tamar levá-los-ia à morte, se recusa a dar seu último filho para Tamar. Em algumas das culturas circundantes (embora nunca na cultura israelita posterior), se não houvesse um irmão disponível, se considerava aceitável o pai; portanto, Tamar trata do assunto por conta própria. Ela, sabendo que tipo de pessoa era Judá, disfarça-se de prostituta e, em seguida, permite-lhe deixá-la grávida, mas mantém seu anel de sinete para que ela possa mais tarde provar que ele é o pai (38:18).

Quando Judá descobre que Tamar estava grávida, ele ordenou que a mesma fosse executada. Isso reflete um padrão duplo praticado em muitas culturas: a ideia de que um homem pode ter relações sexuais com qualquer mulher (como Judá dormiu com quem pensava ser uma prostituta), mas uma mulher não poderia fazê-lo. Mas Deus não tem um padrão duplo: o pecado é tão mau para um homem como o é para uma mulher. Tamar enviou-lhe o selo, forçando-o assim a libertá-la e a admitir: *“mais justa é ela do que eu”* (38:26).

Essa era a moral da história: Judá era imoral e criou a dois filhos imorais, e agora ele se encontrava preso em sua culpa. Ao desafiar a dupla moral de sua cultura, o escritor está contra o pecado. Esta não é, em si, uma “história suja!”

Mas o contexto global do livro revela ainda mais. O capítulo 37, antes do 38, é o capítulo onde Judá assume o protagonismo na venda de seu irmão como um escravo. No capítulo 38, o estilo de vida pecaminoso de Judá o alcança, e ele sofre por isso! Judá vendeu como escravo ao filho de seu pai; agora ele perdeu dois de seus filhos. O capítulo 39, depois de 38, é onde José resiste a provocações sexuais da mulher de Potifar, apesar das penalidades que sofre por causa disso. José não pratica padrões duplos: vive em santidade, sem se importar qual o custo.

Em alguns capítulos posteriores, Deus recompensa José por sua obediência. Ele converte-se em vizir de faraó, e no agente através do qual Deus pode resgatar os próprios irmãos que o haviam vendido como escravo. E quando José é exaltado Faraó dá-lhe o anel de sua mão (41:42) – convidando-nos a lembrar de Judá, que emprestou o seu anel de sinete a quem achava ser uma prostituta (38:11). A história ampliada tem uma moral: aqueles que levam um estilo de vida pecaminoso podem, em suma, prosperar, mas, no fim, sofrerão; por outro lado, aqueles que permanecem fiéis a Deus podem sofrer a início, mas serão abençoados ao final.

No entanto, este não é o fim da história. Apesar de Judá assumir o papel de protagonista na venda de seu irmão, ele aprendeu com seus erros. Mais tarde ele mesmo se responsabiliza por Benjamim, o irmão de pai e mãe de José, a seu pai Jacó (43:8-9) e por causa de seu pai, se faz responsável por Benjamin até José (44:16-34). Judá está disposto a se tornar um escravo para evitar que Benjamin o seja – e é isso que convence José de que seus irmãos tinham finalmente mudado. Em seguida, a moral final da história é a do perdão e a reconciliação, e da fidelidade de Deus que preparou os eventos para que tudo isso acontecesse. Ahmed Deedat não leu o suficiente para entender a história!

12. Rios de Águas vivas em João 7:37-38

A promessa que Jesus faz cerca dos rios de água viva em João 7:37-38, referindo-se à vinda do Espírito Santo (7:39), sempre será emocionante. Mas o é especialmente se seguimos através do resto do Evangelho o contraste entre a verdadeira água do Espírito

e os simples rituais com água que se faziam nos tempos de Jesus.

O batismo de João em água era bom, mas o batismo de Jesus no Espírito era melhor (1:26.33). Os estritos rituais judeus de Caná requeriam que os recipientes com água fossem usados apenas para a água dos rituais para purificação, mas quando Jesus transformou a água em vinho, mostrou que valorizava a honra de seus amigos mais que os rituais e a tradição (2:6).

Uma mulher samaritana deixou seu recipiente de tirar água do poço antigo sagrado ancestral quando vê que Jesus oferece-lhe uma nova água que traz consigo a vida eterna (4:13-14). Um homem doente que não podia ser curado pela água que supostamente trazia a cura (5:7) encontra a cura em Jesus (5:8-9); um homem cego é curado por água em certo sentido, mas apenas porque Jesus o “*envia*” até lá (9:7).

A função desta água é sugerida mais abundantemente em João 3:5. Jesus aqui explica que Nicodemos não pode entender o reino de Deus se não nascer “*de novo*” (3:3)¹⁰, ou seja, de Deus. Alguns mestres judeus falavam dos gentios “*nascidos de novo*”, no sentido daqueles que se convertem ao judaísmo, mas Nicodemos não podia ver a si mesmo como um gentio, ou pagão, então supõe que Jesus está falando sobre voltar para o útero de sua mãe (3:4).

Jesus explica Sua declaração. Os judeus criam que os gentios se convertiam ao judaísmo por meio do batismo e da circuncisão; então Jesus diz a Nicodemos que ele deve nascer de novo “*da água*”. Em outras palavras, Nicodemos deveria vir a Deus nas mesmas condições que um gentio!

Mas se Jesus aqui se refere à “*água*” como acontece em 7:37-38, pode estar usando o termo como um símbolo do Espírito, que estaria dizendo: “*deves nascer da água, ou seja, do Espírito*”¹¹. Se assim for, Jesus pode estar usando o batismo de conversão ao judaísmo simplesmente para simbolizar o batismo ainda mais sublime do Espírito que é dado àqueles que creem n’Ele. A água também pode simbolizar a obra sacrificial de Jesus por seus discípulos (13:5).

¹⁰ A palavra grega também significa “*de acima*” ou “*do alto*”, literalmente.

¹¹ Uma forma legítima de se ler o grego.

Então, o que Jesus quer dizer com “rios de água viva” em João 7:37-38? Embora mais a frente estaremos tratando mais profundamente do plano de fundo e as traduções, é preciso usá-los pelo menos de maneira breve, a fim de obter o impacto total desta passagem. Em primeiro lugar, na maioria das traduções em vigor, há pelo menos uma nota de rodapé na página indicando uma forma alternativa de marcar o 7:37-38^{12|13}.

Nestas outras maneiras de ler os versículos, não está claro se a água flui do crente; em vez disso pode ser que flui de Cristo. Posto que os crentes “recebem” a água em vez de dar (7:39), e que eles têm uma “fonte” em vez de um rio (4:14), Cristo pode muito bem ser a fonte de água nestes versos¹⁴.

A tradição judaica sugere que no último dia da Festa dos Tabernáculos, os sacerdotes liam o povo Zacarias 14 e Ezequiel 47, que fala de rios de água viva fluindo do templo no final dos tempos. Jesus agora está falando sobre o último dia dessa festa (7:2,37), provavelmente em alusão à mesma Escritura que tinha acabado de ler¹⁵. O povo judeu considerava o Templo como o “centro” ou o “ventre” do mundo. Portanto, Jesus pode estar declarando: “*Eu sou a pedra fundamental do novo templo de Deus. De mim corre a água da vida; aquele que quiser, venha e beba gratuitamente*”.

Normalmente (como apontaremos mais a frente) não devemos ler a narrativa bíblica como simbolismo, mas o final de João é

¹² Os primeiros textos gregos não tinham pontuação, e os primeiros pais da igreja se dividiam a respeito de qual interpretação de tomar.

¹³ **Nota do Tradutor:** o cerne da questão está na segmentação do texto; como o autor já explicou, o grego *koiné* era escrito sem sinais de pontuação – como vírgulas, ponto de interrogação e exclamação, por exemplo –, e não havia espaços entre as palavras. Segundo o *The Greek New Testament – According to the Family 35* (p. 301-302), é adotada uma pausa maior, como se observa na ACF, indicando que a “fonte” viria do interior do próprio crente.

¹⁴ Isto não significa negar a possibilidade de que os crentes podem experimentar revestimentos de poder mais profundos por parte do Espírito após a conversão.

¹⁵ “*como diz a Escritura*” (7:38).

uma exceção, um símbolo que Deus deu àqueles que assistiram a crucificação¹⁶. Quando um soldado perfurou o lado de Jesus com uma lança, jorrou água juntamente com sangue (19:34). Literalmente, uma lança cravada perto do coração poderia fazer brotar um líquido aquoso que envolve o coração e sangue de uma só vez.

Mas João é o único dos quatro escritores dos evangelhos a enfatizar a água, e, provavelmente, a mencione para notar algo: uma vez que Jesus foi levantado na cruz e glorificado (7:39), a nova vida do Espírito tornou-se disponível para o Seu povo. Bebamos e comamos gratuitamente.

13. O Caráter de Moisés em Êxodo 6:10-30

A maioria de nós não prega à partir genealogias; na verdade, a maioria das genealogias individuais não foi projetada para se pregar à partir delas. Mas devemos perguntar por que Deus subitamente interrompe a história de Moisés com uma genealogia em Êxodo 6:14-25. Deus ordena a Moisés que diga a Faraó que deixasse seu povo ir, mas Moisés reclama que nem o seu próprio povo prestava-lhe atenção, então, como Faraó iria ouvi-lo? (6:10-13). Após a genealogia, a narrativa repete o ponto: Deus ordena a Moisés que confronte Faraó e Moisés reclama que Faraó não lhe ouviria.

Que sentido faz interromper esta narrativa com uma genealogia? A genealogia como tal, menciona três tribos, que são as três mais antigas, e cujos nomes, quando se chegava à tribo de Moisés, talvez fossem repetidas em alta voz pelos sábios que conheciam a história. Mas o fato de que a genealogia esteja neste ponto da narrativa pode indicar mais do que isso.

A lista lembra-nos que Moisés era descendente de Levi e que estava relacionado com Rúben e Simeão. Ruben dormiu com a concubina de seu pai, Simeão e Levi massacraram todos os homens em Siquém. Ao colocar a genealogia aqui, Êxodo pode estar comentando por que Moisés se sentia tão desconfortável para

¹⁶ João usa o simbolismo apenas um pouco mais que a narrativa normalmente o faz.

confrontar Faraó. Se ele era descendente de pessoas como Levi, Rúben e Simeão há alguma dúvida de que Moisés agiria dessa maneira?

Com a exceção de Jesus, todas as pessoas que Deus escolheu na Bíblia eram pessoas com fragilidades, e não pessoas que poderiam pensar que "mereciam" ser chamados. Deus escolheu pessoas quebrantadas, cujos triunfos trariam glória a Ele, em vez de a eles próprios.

14. O Engano de Rebeca em Gênesis 27:5-10

Alguns leitores acusaram tanto a Isaque quanto a Rebeca de cometer o mesmo erro de favorecer os seus filhos (Esaú e Jacó, respectivamente; 27:1-10.). Mas, no contexto de todo o livro de Gênesis, os motivos dos dois pais são muito diferentes. Isaque favorece o filho mais velho (25:25; 27:4), mas toda a linha patriarcal sugere que Deus nem sempre escolhe o filho mais velho (21:12; 49:3-4), e o favoritismo dos pais causa problemas (37:4). O próprio Jacó finalmente aprende e aplica isto em sua velhice (48:14-20). Quais são as razões de Rebeca? A pista mais acessível que o próprio texto fornece está em 25:22-23: ela buscou a Deus, e Deus disse que o menor prevaleceria.

Ao contrário de Isaque, Rebeca atua sobre a base da palavra dada por Deus. Mais tarde, Esaú casa-se com mulheres pagãs e vende seu direito de primogenitura, numa aparente falta de responsabilidade para com o chamado que tem sua família de ser bênção de Deus para a terra (ver 25:31-34; 26:34-35). Numa cultura onde a vontade do marido era, enquanto Isaque estava cego para a escolha de Deus, Rebeca optou pela única alternativa que conhecia para assegurar a promessa.

Genesis está cheio de relatos que enfatizam para Israel o milagre da sua bênção e sua existência – três matriarcas estéreis (18:11; 25:21; 30:22), bigamia na realeza ou ameaça das matriarcas (12:13; 20:2¹⁷), e assim por diante. Em outros lugares de Gênesis nenhum outro senão o patriarca é quem escolhe; no entanto, a boa

¹⁷ Isaque repetiu o exemplo de seu pai – 26:7.

terra está nas mãos do patriarca (13:9-13; 36:6-8). No contexto dos temas que são enfatizados ao longo do livro, é coerente acreditar que Deus operou por meio do engano de Rebeca, assim como operou através de uma variedade de meios para proteger a sua linhagem escolhida.

Isso não significa que o engano foi o meio preferido de Deus para realizar isso, embora às vezes tenha favorecido o engano quando este salvava a vida humana de mãos opressoras injustas (Êxodo 1:18-21; Josué 2: 5-6; 1 Samuel 16:1-3; 2 Samuel 17:19-20; 2 Reis 8:10; Jeremias 38:24-27). Assim como Jacó roubou a primogenitura de seu irmão através do engano, também foi enganado por meio de duas irmãs.

Quando Isaque perguntou a Jacó seu nome, ele mentiu para obter a bênção (27:18-19.), E assim provocou a ira assassina de seu irmão (27:41). Sua mãe prometeu-lhe que o mandaria buscar quando visse que era seguro regressar (27:45), mas aparentemente ela morreu durante esse tempo e, portanto, não poderia mandá-lo buscar, por isso, quando volta espera que seu irmão ainda queira matá-lo (32:11).

Então, quando passa toda a noite lutando com o Senhor ou Seu representante, ele é confrontado com seu passado. Desta vez, antes que ele possa receber a bênção de Deus, é perguntado o seu nome e ele deve responder com a verdade (32:26-27, e em seguida é dado um novo nome, 32:28), em contraste com a vez que buscou a bênção de seu pai (27:18-19). Mas Deus estava com Jacó, apesar de quem era Jacó. Ele se encontra com anjos, tanto quando sai da terra (28:12) como quando retorna (32:2). Nesta história, embora Isaque viva mais do que Rebeca, ela foi quem teve maior percepção dos propósitos de Deus para os seus descendentes.

15. O lançar de sortes em Atos 1:26

Alguns intérpretes de hoje sugerem que os apóstolos cometeram erro em tirar sorte para encontrar o duodécimo discípulo, embora tenha sido antes da chegada do dia de Pentecostes. No entanto, o contexto imediato sugere algo positivo. Os crentes se encontravam unidos em oração (1:12-14; 2:1), e é quando Pedro

exorta-lhes que devem substituir o apóstolo que falta (1:15-26). Será que Lucas gastaria tanto espaço descrevendo uma prática com a qual não estivessem de acordo e que logo em seguida, não poderia oferecer nenhuma palavra de correção?

O contexto de todo o livro de Atos, na verdade, nos convida a lermos Lucas e Atos juntos, porque eles são uma obra em dois volumes (Atos 1:1-2; cf. Lucas 1:1-4.). Quando lidos em conjunto, vemos que o Evangelho de Lucas também começa com um episódio em que se lança sorte, neste caso, para selecionar qual sacerdote serviria no templo (Lucas 1:9). Nesse caso, Deus certamente controlava a sorte, porque foi por esta que Zacarias foi escolhido para servir no templo e depois receber uma promessa divina projetada especificamente para ele e Isabel, a promessa de um filho: João Batista (1:13).

Se Deus está no controle da sorte na história com que o volume um começava, por que não teria na história com que começou (depois de repetir a ascensão) o volume dois? O plano de fundo vai nos ajudar ainda mais: se Deus controlava a sorte em todo o Antigo Testamento, incluindo a seleção dos ministérios levíticos, por que deveríamos duvidar de que, desta vez em Atos usou o mesmo método, antes da direção especial inaugurada do endereço especial fornecido pela guia especial do Espírito, inaugurada com o Pentecostes (2:17)?

ALGUMAS OBSERVAÇÕES FINAIS SOBRE A “TEOLOGIA BÍBLICA”

Em nossos dias, às vezes começamos com os pressupostos doutrinários específicos e, em seguida, aplicamo-los ao ler a Bíblia. O perigo existente com este método é que ele priva de que algumas vezes aprendamos algo novo – se somente lemos a Bíblia como um livro cujo texto lida com o que já cremos; estaremos propensos a perder algo para nos ensinar ou que tenha de nos corrigir. Portanto, é importante aprender as perspectivas da Bíblia tal e qual estão escritas.

Mas ao mesmo tempo em que afirmamos que a Bíblia é

correta e não se contradiz, reconhecemos que alguns livros da Bíblia enfatizam algumas questões mais do que fazem outros livros. Assim, por exemplo, se você ler o livro do Apocalipse, podemos encontrar aqui mais ênfase na segunda vinda de Jesus do que no Evangelho de João. No Evangelho segundo São João, se dá uma maior ênfase na vida eterna, que está disponível no presente.

Da mesma forma, quando Paulo escreve aos coríntios sobre o falar em línguas, ele enfatiza em uso como oração. Quando Lucas descreve as línguas em Atos, estas funcionam como uma demonstração de que Deus transcende todas as barreiras linguísticas, adequando-se ao tema de Lucas de que o Espírito capacita o povo de Deus para atravessar as barreiras culturais. Diferentes autores e livros, muitas vezes, têm diferentes ênfases. Essas diferenças não se contradizem entre si, mas devemos estudá-las com respeito em seus próprios termos, antes de que tentemos ajuntá-las.

Este princípio é importante no contexto global do livro (ou do autor). Quando uma passagem específica nos parecer obscura e não podermos compreender o que o autor quis dizer com ela, é muito útil olhar para o resto do livro para ver qual a ênfase do autor. Assim, por exemplo, o fato de que o Evangelho segundo São João enfatiza tanto que as esperanças futuras, tais como a “*vida eterna*”, são realidades do presente¹⁸, pode lançar luz sobre como vemos João 14:2-3, como referido anteriormente.

Ao mesmo tempo, nunca deveríamos esquecer que cada escrito do Novo Testamento, por mais que difira de outro, também é parte de um contexto muito mais amplo do ensino apostólico cristão, a qual tinha características comuns. Portanto, embora o Evangelho de João enfatiza a presença do futuro, de modo algum minimiza o fato de que Jesus também voltará um dia no futuro (5:28-29; 6:39-40).

PRINCÍPIOS PARA INTERPRETAÇÃO DE UM LIVRO COMPLETO

Antes de encerrar este capítulo, deveríamos de maneira

¹⁸ Por exemplo, João 3:16,36; 5:24-25; 11:24-26.

resumida dar alguns princípios para a interpretação um livro na sua totalidade. A maior parte do capítulo foi ilustrando esses princípios.

- Devemos ter cuidado de não “perder todo o bosque por causa das árvores”, como diz o ditado: a princípio, não devemos nos concentrar tanto em detalhes difíceis que nos impedem de ver o quadro mais amplo do que o livro nos está tentando dizer (em seguida, você pode trabalhar nos detalhes).

- Devemos procurar os tópicos que permanecem ao longo de qualquer livro em particular.

- Devemos seguir a corrente do argumento em qualquer livro da Bíblia em que isso seja relevante.

- Às vezes é útil desenhar vários temas quando eles ocorrem em um livro, tomando notas sobre eles ou fazendo um esboço do fluxo do argumento.

Capítulo 4

OUTROS PRINCÍPIOS DO CONTEXTO

Devemos observar brevemente outros princípios do contexto: o contexto do autor, os métodos do anticontexto que devemos evitar, e o valor de esboçar as Escrituras para obter o fluxo de pensamento.

CONTEXTO DO AUTOR

Em alguns casos obtemos ajuda adicional na hora de entender uma passagem ou uma declaração da Bíblia, porque podemos observar em outras partes o estilo particular de um autor. Paulo diz que Deus inspirou as Escrituras “*por meio*” de pessoas (Romanos 1:2), o que sugere que o significado do autor corresponde com o de Deus. Portanto, é importante entender o significado do autor. Ao entender a Inspiração, se reconhece que Deus inspirou a vários autores em seus próprios estilos básicos. Jeremias, Isaías e Ezequiel, todos eles ouviram a mensagem de Deus, mas cada um tem um estilo muito diferente. Deus ainda dá Ezequiel um apelido: “*filho do homem*”.

Às vezes o estilo do autor é relevante dentro do livro. Por exemplo, quando algumas pessoas dizem hoje que a “*vida com abundância*” de que fala João 10:10 refere-se a prosperidade material, devemos perceber que isso não é o que João quer dizer quando fala de “*vida*” em outras partes (1:4, 3:15-16,36; 4:14,35; 5:24, 26,29,39-40; 6:27; *etc.*). No entanto, se isso não fosse suficiente, poderíamos também ver as referências ao termo “*vida*” que faz o mesmo autor em 1 João (1:1-2; 2:25; 3:14-15; 5:11-13,16,20).

Alguns argumentam dizendo que Jesus curou a todos baseados em Mateus 4:23. Mas “*todos*” significa cada indivíduo em toda a região? Mateus também diz que ele foi trazido para “*todos*” os doentes da província da Síria (a qual incluiu a Galileia e a Judeia); se ele queria dizer isso literalmente, então ninguém teria necessidade de cura a partir desse momento (o que contradiz o

testemunho de Atos e até mesmo o resto do Evangelho de Mateus).

Jesus curou todos os que estavam perto dele que estavam doentes (13:58), embora houvesse razões para isso, e o texto indica que Jesus normalmente curava as pessoas. Quando lemos Isaías e os Salmos, “salvação” tem um significado mais amplo do que normalmente tem no Novo Testamento, e devemos respeitar o contexto de uso do Salmista e de Isaías, e não interpretar outros textos com a base destes.

Deixem-me dar dois exemplos dos escritos de Paulo. Em nenhum desses casos estamos nos referindo a qualquer doutrina em particular; muitas vezes uma doutrina pode ser baseada em outros textos. Mas é importante tomar exemplos que destaquem este ponto. Por exemplo, alguns dizem que a igreja não passará pela grande tribulação no final do tempo, porque Paulo afirma que não vai experimentar a “ira” de Deus (1 Tessalonicenses 1:10; 5:9). No entanto, este é um argumento questionável para essa posição. Paulo, ocasionalmente, fala da “ira” de Deus na era atual (Romanos 1:18), mas quando usa o termo, geralmente se refere à ira futura no dia do juízo de Deus (Romanos 2:5,8; 5:9; 9:22) – em nenhum momento o usa para a Grande Tribulação antes desse dia.

Alguns intérpretes recorrem ao uso de “ira” em Apocalipse, mas Apocalipse ainda não tinha sido escrito, por isso Paulo não poderia esperar que os Tessalonicenses pulassem de página até o Apocalipse para adivinhar o que Paulo queria dizer com “ira”¹.

Meu segundo exemplo de Paulo é a trombeta em 1 Tessalonicenses 4:16 e 1 Coríntios 15:52. O último destes textos a chama de “a última trombeta”, então alguns intérpretes querem estabelecer um paralelo com a sétima trombeta do Apocalipse. Mas, novamente, o público original de Paulo não tinha acesso a um livro que ainda não tinha sido escrito.

¹ Se alguém apelar ao Apocalipse, porém, tal palavra grega específica para “ira” sempre se refere ao julgamento no final da tribulação; a palavra que às vezes – nem sempre – refere-se a tribulação como ira de Deus não é sequer a mesma palavra!

Eles não poderiam simplesmente abrir a página em Apocalipse para entender o que Paulo queria dizer com “*a trombeta*”. Nem sequer podiam ir de Tessalonicenses a 1 Coríntios, já que a maioria dos primeiros leitores em Tessalônica não tiveram uma cópia de 1 Coríntios².

A maioria das cartas que temos de Paulo são relativamente curtas. Em contraste com isto, muitas de suas congregações o conheciam e estavam familiarizados com algumas das ideias que estava propondo. Portanto, é mister que o conheçamos melhor, familiarizando-nos com todos os seus escritos. Isto nos ajuda em qualquer momento que tenhamos que estudar qualquer escrito de Paulo em particular.

MÉTODOS DE ANTI-CONTEXTO QUE TEMOS DE EVITAR

Temos de ser muito cuidadosos com os estudos de palavras, e devemos evitar completamente sermões comuns baseados em estudo de palavras: isso é equivalente a pregar à partir de um dicionário ao invés da Bíblia! Assim, alguns ministros pregam sobre os diferentes “tipos” de amor em diferentes passagens, amor *agapao* versus amor *phileo*. Mas a distinção entre estes dois “tipos” de amor tinha praticamente desaparecido no período do Novo Testamento, tantas vezes (provavelmente até mesmo costumeiramente) foi utilizado de forma intercambiável!

Seguir todos os usos de uma palavra específica na Bíblia é útil para averiguar as diferentes maneiras em que a palavra pode ser usada. No entanto, isso nunca deveria transformar-se um sermão (a única exceção é que pode ser com algumas passagens em Provérbios), porque isso é pregar à partir de uma concordância, ao

² Provavelmente os primeiros cristãos tinham ouvido a Paulo partilhando dos ensinamentos de Jesus com eles, e pode haver conhecido sobre a trombeta em Mateus 24:31. Neste sentido, podemos usar os ensinamentos de Jesus como “*plano de fundo*” para a mensagem de Paulo. Mas pulando descuidadamente de um autor para outro, digamos, de Paulo a Apocalipse, por vezes, pode produzir resultados errados.

invés de um texto estudado em seu contexto.

Deveríamos evitar determinar o significado das palavras usando sua etimologia. Ou seja, você não pode decompor uma palavra em cada uma das partes que a compõem e sempre sair com o seu significado, e, geralmente, não se pode determinar o significado de uma palavra tendo em conta como se usou séculos atrás ou como a palavra foi usada. Deixem-me dar-lhes um exemplo de nosso tempo: se um dos meus alunos dissesse em inglês que eu sou um “nice teacher” (professor legal), o diria em forma de elogio. Mas se eu me dedicar a compreender as palavras de acordo com as suas origens, eles poderiam chegar a me incomodar muito.

Em inglês, “nice” (bom) é um termo amistoso, mas a sua raiz latina significa “ignorante” ou “tolo”. Desta forma, você pode interpretar mal alguém chamando-me de “nice” como se essa pessoa estivesse me chamando de “ignorante”! Sabemos que no inglês não é assim que funciona, e não devemos esperar tampouco que idiomas antigos funcionem assim.

Por exemplo, alguns tomam a palavra grega “*arrepender-se*”, *metanoieo*, e a dividem em duas partes, sendo que a segunda, *noieo* está relacionada com o pensamento. Portanto, eles dizem, “*arrepender-se*” simplesmente significa uma mudança de mente. O problema com esta interpretação é que o significado das palavras é determinado pelo seu uso, e não por suas origens! O Novo Testamento geralmente usa “*arrepender-se*” não no sentido grego de “*mudança de mente*”, mas no sentido de “*voltar-se*” usado pelos profetas do Antigo Testamento: a mudança radical de nossas vidas do pecado para a justiça de Deus.

Outro exemplo deste problema ocorre quando intérpretes falam da igreja como a “*congregação*”, baseado na palavra grega *ekklesia*. Certamente somos “*reunidos*”, mas sabemos disso por outras razões, não porque nós podemos determiná-lo à partir de *ekklesia*. Alguns dividem *ekklesia* em *ek*, que significa “*fora*” e *kaleo*, que significa “*chamar*”. Mas *ekklesia* já havia sido usada pelos gregos durante séculos para se referir a uma “*assembleia*” ou “*reunião*”. Os judeus que sabiam grego se referiam à congregação de Israel no

deserto como a *ekklesia* de Deus. Assim, o Novo Testamento não inventou uma nova palavra para chamar aos cristãos “*congregados*”; em vez disso, usa um termo padrão para uma assembleia, e, provavelmente, os primeiros cristãos pensavam especialmente na assembleia de Deus, o Seu povo no Antigo Testamento.

As pessoas podem torcer o grego da mesma maneira que podem torcer o espanhol, o português ou qualquer outra coisa. Quando as Testemunhas de Jeová dizem que João 1:1 chama Jesus de “*um deus*”³ porque não há nenhum artigo definido (“*o*”) diante de Deus, eles estão negando a vários fatores, dos quais dois resumirei brevemente. Em primeiro lugar, “*Deus*” nem sempre tem um artigo definido no Evangelho de João; o Deus que enviou a João Batista não tem um artigo definido (João 1:6), mas as Testemunhas de Jeová nunca disseram que este tão somente “*um deus*”.

Em segundo lugar, “*Deus*” é um predicado nominativo no “*o Verbo era Deus*”, e os predicados nominativos normalmente omitem artigos definidos. Mesmo sem avançar mais nisso, podemos ver que a interpretação que as Testemunhas de Jeová fazem nesta passagem é baseada na ignorância do grego.

Alguns se referem a *zoe* como o “*tipo de vida que provém de Deus*”, mas *zoe* se refere à vida humana tão somente. Alguns interpretam mal a gramática grega dizendo que “*a fé de Deus*” deve significar “*tipo de fé em Deus*”. Isso poderia até significar, mas no contexto provavelmente signifique “*fé em Deus*”. Alguns dizem que “*agora*” em Hebreus 11:1 refere-se ao tempo presente “*agora*”. Mas a palavra grega neste caso significa “*mas*” ou “*e*”. Alguém me disse uma vez que todos os cristãos se converteriam em Cristo, porque Ele viria com os seus milhares de santos (Judas 14). O erro desta pessoa era simples – “*as suas santas dezenas de milhares*” é a maneira correta de dizer em grego “*dezenas de milhares que são d’Ele*”, e não dezenas de milhares de Si mesmo, mas isso levou a um erro doutrinário sério.

³ **Nota do Tradutor:** Conforme lemos na “*Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada*”, edição 2015: “*No princípio era a Palavra, e a Palavra estava com Deus, e a Palavra era um deus*”.

Em muitas ocasiões (pode haver algumas exceções), quando alguém surge com uma interpretação baseada em grego ou hebraico que contradiz a ideia que se tem à partir do resto da Bíblia, é bem provável que estejam lendo algo em grego ou hebraico que realmente não se encontra ali. É muito útil aprender grego e hebraico, mas se você não puder, obter um bom número de traduções ajudaria muito.

O método de anticontexto mais comum praticado por seitas como as Testemunhas de Jeová, mas que também se espalhou nas igrejas da maioria das denominações. Lemos no texto o que esperamos encontrar lá por causa da nossa doutrina ou por causa de como ouvimos dizer que a história é contada. Quantas vezes lemos uma história da Bíblia para tão somente percebermos que parte da história que sempre ouvimos não se encontra nessa passagem? Quantas vezes lemos nossa doutrina (talvez até mesmo uma doutrina correta, apoiado por outros textos) em um texto ou textos que realmente não se referiam ao assunto? Quando isso acontece, os cristãos de diferentes grupos não podem mais usar a Bíblia como uma base comum para buscar a verdade, porque todos nós estamos “seguros” de nossas interpretações as quais por vezes, não podemos defender a partir do contexto!

É muito importante respeitar a Bíblia o suficiente para deixá-la falar por si mesma. Se nossa doutrina não está na passagem, não precisamos ler aí; é muito provável que a nossa doutrina esteja em outra passagem – caso contrário, o nosso respeito pela autoridade da Bíblia pode nos obrigar a alterar a nossa doutrina. Assim, cada vez que lemos a Bíblia para estudá-la ficamos abertos às novas descobertas. Ao mesmo tempo, isso não significa se livrar de tudo o que aprendemos e começar do zero a cada dia. Nós construímos sobre o que já aprendemos, e voltamos e mudamos algumas interpretações em particular, somente quando estudamos o texto da forma mais honesta possível e encontramos que uma mudança é necessária. Desta forma, podemos também dialogar com outros cristãos honestos sobre as Escrituras.

FAZER ESBOÇOS PARA CAPTAR O CONTEXTO DO SEGMENTO

Esboçar a estrutura de uma passagem ou de um livro muitas vezes pode ajudar algumas pessoas a não perder a linha de raciocínio. Alguns textos são fáceis de decompor em uma estrutura óbvia. Por exemplo:

EFÉSIOS 5:21- 6:9

Declaração de tese: 5:21, submeter-se uns aos outros no temor de Cristo

1. 5:22-33: Esposas e Esposos.
2. 6:1-4: Filhos e Pais.
3. 6:5-9: Servos e Proprietários.

MATEUS 5:21-48

1. Suficientemente irado para matar (5:21-26)
2. Cobiçar sexualmente (5:27-30)
3. Infidelidade pelo divórcio (5:31-32)
4. A integridade, melhor que os juramentos (5:33-37)
5. Evitando a resistência (5:38-42)
6. Amor pelos inimigos (5:43-47)

Conclusão: Sede perfeitos como Deus (5:48)

MATEUS 6:1-18

Tese: 6:1, qualquer bem que façamos, seja visto tão somente por Deus, ou você perderá a recompensa que você tem.

1. Esmolar em segredo (6:2-4).
2. Orar em segredo (6:5-15).
 - a. Instruções para a oração (6: 5-8).
 - b. Oração-modelo (6:9-13).
 - c. Detalhes sobre o perdão (6:14-15).

3. Jejum em segredo (6:16-18).

Também se pode subdividir 6:5-13 desta maneira:

A. Não orem como (os hipócritas, 6:5).

B. Orem assim (no secreto, 6:6).

A'. Não orem como (os pagãos, 6:7-8).

B'. Orem assim (a oração do Senhor, 6:9-13).

SALMO 150

1. Aonde louvar a Deus (em todas as partes, 150:1).

2. Porque louvar a Deus (por Suas obras e Seu caráter, 150:2).

3. Como louvar a Deus (com todos os instrumentos disponíveis, 150:3-5).

4. Quem deve louvar a Deus (todos, 150:6).

SALMO 1

1. O caminho e a Bênção dos justos (1:1-3).

a. Eles não desfrutam da companhia dos pecadores (1:1).

b. Pensam com a lei de Deus (1:2).

c. Deus os abençoará com êxito (1:3).

2. O caminho e o juízo dos perversos (1:4-5).

a. Os perversos enfrentarão juízo (1:4).

b. Os perversos não desfrutarão da companhia dos justos (1:5).

3. Resumo

No entanto, nem todos os esboços são simples. Alguns esboços de pensamento (ideias) podem ser mais complicados. Assim, por exemplo, pode-se dividir Romanos 1:18-32 em um esquema simples: Deus julga o mundo por preferir ídolos do que a sua verdade (1:18-23); eles caem em pecado sexual (1:24-27); e, finalmente, em todo tipo de pecado (1:28-32). Mas um esboço mais detalhado pode também revelar a linha de pensamento de Paulo com mais detalhes (Adaptar a ACF abaixo):

Assim diz em Romanos 1:10 – *“Pedindo sempre em minhas*

orações que nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de ir ter convosco”.

Por quê? Qual a razão para o 1:10? O 1:11, diz o por quê – “Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados”. **1:12, que é –** “[...] para que juntamente convosco eu seja consolado pela fê mútua, assim vossa como minha”. **1:13 –** “Não quero, porém, irmãos, que ignoreis que muitas vezes propus ir ter convosco (mas até agora tenho sido impedido)”

Por quê? Qual o propósito da ida – “para também ter entre vós algum fruto, como também entre os demais gentios”. **Novo ponto, gramaticalmente (embora logicamente continue a explicação do que precede): 1:14 –** “Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”. **O 1:14 fornece a razão para o 1:15 –** “E assim, quanto está em mim, estou pronto para também vos anunciar o evangelho, a vós que estais em Roma”. **O 1:16a, fornece a razão do 1:15, o por quê:** “Porque não me envergonho do evangelho de Cristo”. **O 16b, também fornece a razão do 1:16a, o por quê:** “pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego”.

Por que tal poder salvífico de Deus é tanto para o judeu quanto para o grego? O 1:17 fornece a razão para o 1:16b⁴ – “Porque nele se descobre a justiça de Deus de fê em fê”. **Essa é a base para que se compreenda que:** “como está escrito: Mas o justo viverá pela fê”.

Por que a justiça vem pela fê? O 1:17 está implícito na seção inteira que se segue 1:18-2:29 e mais além – todos estão igualmente perdidos. O 1:18, diz o por quê – “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça”. **Por que Deus está tão Irado? A ira (v.18) é porque eles deveriam ter conhecido melhor (v.19). O 1:19, diz por quê –** “Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta,” **Por quê –** “porque Deus lho manifestou”.

Como? O 1:20 diz – “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se

⁴ Ambos, judeus e gentios vêm a Deus de igual modo, por meio da fê.

entendem, e claramente se veem pelas coisas que estão criadas”. Com o resultado de que - a linha final mostra o resultado da anterior – “para que eles fiquem inescusáveis”. Por quê? A base para o resultado na última linha do 1:20, por conseguinte, é a razão das linhas anteriores ao 1:20 – “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis”.

O 1:24 ocorre por causa do 1:23 – o pecado sexual (pervertendo a imagem de Deus na humanidade) decorre de idolatria (pervertendo diretamente a imagem de Deus). *“Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si”.* **O 1:25 é a base para 1:24 e ensaia o pensamento de 1:21-23. Em 1:25, o por quê – “Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém”.** **O 1:26 ocorre por causa do 1:25, e tanto ensaia como desenvolve o pensamento de 1:24. Em 1:26-28, o por quê – “Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm”.**

Esboçar as passagens pode ser muito útil quando se tenta transmitir verdades bíblicas. Os esboços mais amplos de passagens em ocasiões que brindam os pontos principais para um sermão ou um esboço para um estudo bíblico indutivo. Neste caso, a estrutura do texto torna-se a estrutura do seu sermão – tornando-os ainda mais dependente da Bíblia para o que eles ensinam! Também podemos listar várias lições em uma passagem e ligar os pontos principais. Ou simplesmente contar a história no texto e mencionar as

lições como Israel acontecem. Em ambos os casos, nós nos disciplinamos a tratarmos nosso público e nossa audiência a compreender melhor a Bíblia quando tratá-lo passagem por passagem, em vez de pular indiscriminadamente a partir de uma passagem para outra.

Capítulo 5

PLANO DE FUNDO BÍBLICO

Em qualquer tipo de comunicação, alguns assuntos podem ser levantados, mas outros podem ser retidos como pressuposições. Por exemplo, encontro-me escrevendo em espanhol supondo que tanto eu como os meus leitores sabem espanhol. Se Paulo escreveu aos Coríntios em grego, ele assumiu que eles sabiam grego. Eu presumo que os meus leitores sabem o que é uma Bíblia e não seria errado assumir que os meus leitores sabem o que é um carro, um rádio e um computador. Os leitores de Paulo não sabiam qualquer uma dessas coisas, exceto o que era a parte da Bíblia chamada de Antigo Testamento.

Da mesma forma, Paulo poderia aludir aos costumes específicos que seus leitores praticavam sem ter que explicá-los, porque os coríntios sabiam exatamente o que ele queria dizer¹. Mas para nós entendermos o que Paulo queria dizer, devemos conhecer o grego ou possuir uma tradução, e devemos conhecer a cultura que os escritores bíblicos compartilhavam com seu público ou ter acesso a recursos que nos ajudem a explicar essa cultura. O que o escritor poderia assumir como parte do seu significado era tanto uma parte do sentido como do que ele tinha estado.

Anteriormente ressaltamos a importância do contexto de todo o livro porque a maioria dos livros da Bíblia destacam questões específicas que falam sobre assuntos específicos. Não devemos saltar de um livro da Bíblia para outro (exceto quando um livro refere-se especificamente a outro que haja circulado prévia e amplamente), pelo menos não até que tenhamos deduzido primeiro o que significa cada passagem em seu próprio contexto.

Mas, uma das razões do por quê os livros enfatizarem questões específicas é que eles falam de situações específicas. Apesar de muitas pessoas, por vezes, ignorarem tais versos, muitos versos expõem explicitamente públicos específicos para esses livros

¹ Por exemplo, “o batismo dos mortos”, em 1 Coríntios 15:29.

como, por exemplo, os cristãos em Roma (Romanos 1:7) ou em Corinto (1 Coríntios 1:2). Há maneiras apropriadas de aplicar esses livros no presente, mas em primeiro lugar, devemos levar a sério o que essas obras explicitamente afirmam ser: obras dirigidas para públicos específicos, tempos específicos e lugares específicos. Em outras palavras, antes de podermos determinar a forma de aplicar o antigo significado no presente, devemos entender o significado antigo. Ignorar este passo importante na interpretação bíblica é ignorar o que a Bíblia diz sobre si mesma.

Quando Paulo escreveu as cartas, o mesmo gênero no qual ele escrevia nos lembra que ele falava sobre situações específicas, como costumam fazer as cartas. Assim, por exemplo, em 1 Coríntios, Paulo fala de perguntas sobre a comida oferecida aos ídolos, o cobrir-se a cabeça e outras questões que os cristãos hoje geralmente veem como relevantes somente em algumas culturas. A carta também fala da divisão entre os seguidores de Paulo e Apolo, o que não acontece exatamente igual hoje; temos de lidar com as divisões na igreja, mas poucos são os que hoje afirmam ser de Apolo. Se lermos as cartas como cartas, lembremos-nos de buscar as situações específicas abordadas.

Devemos ainda considerar a relevância das narrativas para o primeiro público a que foram dirigidas. Por exemplo, se Moisés escreveu Gênesis para aqueles que acabavam de ser libertados da escravidão no Egito, imediatamente eles podiam ter se identificado com José, que também tinha sido um escravo no Egito antes de sua exaltação. A ênfase repetida em Gênesis sobre a promessa da terra santa também oferecia grande alento aos israelitas, os quais estavam prestes a nela entrar e conquistar. Ao considerar a envergadura da relevância da Bíblia ao seu público original não torna-a menos relevante para nós; ao contrário, ela nos ensina como descobrir sua relevância corretamente. Tudo o que está escrito na Bíblia é para todos os tempos, mas nem tudo o que está na Bíblia é para todas as circunstâncias.

ALGUNS EXEMPLOS DE ENSINOS ESPECÍFICOS DE CULTURA ESPECÍFICA ENCONTRADOS NA BÍBLIA

Todos nós reconhecemos que alguns mandamentos da Bíblia foram limitados ao período de que fazem referência. Moisés disse que construísem um “*parapeito*” (ACF) em torno do telhado para não ser culpado de derramamento de sangue, se alguém cair dele (Deuteronômio 22:8); no entanto, a maioria de nós não constrói parapeitos em torno de nossos eirados (telhados). Estamos, acaso, desobedecendo esta passagem?

Acontece que nos dias de Moisés, as pessoas tiveram seus telhados planos e as pessoas costumavam passar o tempo no telhado, muitas vezes com os seus vizinhos. Então, se o filho de um vizinho caísse do teto, poderia ferir-se; portanto, Moisés manda construir um parapeito ao redor do eirado para proteger os vizinhos. Atualmente, embora nós não levemos nossos vizinhos para o telhado, o que significa para nós não é o eirado, mas o princípio aplicável de que cuidemos dos nossos vizinhos (próximos). Por exemplo, quando alguém vai para o nosso carro, nós tratamos de fazer com que use o cinto de segurança, mas não tínhamos descoberto o princípio se não tivéssemos entendido o plano de fundo.

Alguns em nosso tempo tratam de tirar doutrina especificamente das cartas de Paulo; então tomemos algumas do Novo Testamento como exemplos. Paulo diz a Timóteo para ir a Trôade e trazer sua capa que se encontra ali (2 Timóteo 4:13); no entanto, nenhum de nós trata de obedecer esta ordem explícita das Escrituras, escavando Trôade para encontrar a capa de Paulo².

Mesmo que Timóteo não houvesse sido capaz de buscar a capa, e mesmo se eles ainda existissem e pudéssemos ter certeza de que a capa era a de Paulo, somente uma pessoa poderia realmente ir encontrá-la e nenhum de nós poderia levá-la a Paulo! Esta escri-

² Mesmo que Paulo também tenha chamado Tito para ir até onde ele está em Tito 3:12, não vemos que visitar Paulo em Roma seja um mandamento para nós no presente.

tura está dirigida à única pessoa que poderia levá-lo a cabo, a saber, Timóteo.

Do mesmo modo, realmente necessitamos ter cuidado com Alexandre, o latoeiro? (2 Timóteo 4:14-15). Mesmo que a expectativa média de vida das pessoas fosse de mais de 150 anos, certamente teria morrido há muito tempo. (Para outras alusões a situações específicas, veja os exemplos em 2 Timóteo 1:2-6; 3:14-15, 4:20; Tito 1:4-5). Podemos aprender princípios a partir do vínculo de Paulo com Timóteo e suas advertências com respeito a oposição, mas não podemos dizer que essas abordagens são literalmente mandamentos para hoje.

Reconhecemos esses exemplos como absurdos. Protestamos dizendo: “Estes mandamentos foram dados apenas para Timóteo!”. O nosso protesto está correto, mas, e quanto aos outros mandamentos em 1ª e 2ª a Timóteo podem ter sido apenas para Timóteo ou apenas para a cultura de Éfeso do primeiro século? Não podemos dar por respondida esta pergunta simplesmente adivinhando uma resposta que seja de nossa preferência, nem podemos ignorar a questão e esperara estar sendo consistentes. Paulo provavelmente estava ciente de que o Espírito o guiava à medida que escrevia (1 Coríntios 7:40; 14:37), mas é muito pouco provável que ele esperasse que os cristãos tratassem de aplicar esta carta dois mil anos mais tarde, ou esperasse que a história da humanidade fosse durar dois mil anos (*cf.* 1 Coríntios 7:29; “nós” em 1 Tessalonicenses 4:17.). Se eles realmente tratassem de aplicar esta carta dirigida a Timóteo, ele esperaria que levassem em conta o que esta porção da Escritura afirma ser explicitamente: uma carta a Timóteo (1 Timóteo 1:2; 2 Timóteo 1:2).

Hoje, muitos cristãos questionam a fé de outras pessoas que não interpretam literalmente cada texto, que eles sim, interpretam literalmente. No entanto, não tomamos todos os textos de modo literal, ou pelo menos não queremos aplicar alguns textos diretamente, independentemente da nossa situação é diferente. Paulo diz a Timóteo que trate de não beber água, e em vez disso beber vinho por causa do seu estômago (1 Timóteo 5:23). Na verdade, Paulo não estava dizendo a Timóteo para ficar bêbado; na época de

Paulo, a maior parte dos vinhos era diluída em duas porções de água para cada porção de vinho e o vinho não era destilado, de modo que o teor de álcool não era elevado.

Ao mesmo tempo, antes da refrigeração e de vedação hermética, os sumos de uva que tinham sido armazenados por alguns meses após a última colheita continha certo grau de álcool. Diríamos então a qualquer cristão do nosso tempo que tenha dor de estômago que não tome água e que beba uma cerveja com água? Ou era simplesmente o remédio mais eficaz disponível na época de Paulo, em contraste com a nossa época?

Na verdade toda a Escritura é universalmente aplicável (2 Timóteo 3:16). No entanto, isso não significa que não se encontre articulada de maneiras específicas na cultura e na linguagem. Pelo contrário, significa que temos de levar em conta a situação quando interpretar as Escrituras, lendo-a como estudos de caso aplicados a situações específicas, a fim de encontrar os seus princípios, os quais depois podem ser aplicados em outras situações. Caso contrário, acabaríamos como alguns dos missionários do Hemisfério Ocidental, que misturavam sua própria cultura com a mensagem bíblica, e depois disseram aos cristãos na África que, para ser bons cristãos, teriam que manter o que a Bíblia diz e os costumes da cultura ocidental³.

A inspiração não altera o *gênero* de um tipo escrito ou da literatura. Os Salmos ainda são salmos; a narrativa é ainda narrativa e as epístolas ainda são epístolas. (Em outro capítulo dos que se seguem, discutiremos o tema do gênero). As cartas pessoais, como sermões dirigidos às congregações locais, podem conter ao mesmo tempo exortações universais e específicos de uma cultura; isso é verdade em cartas bíblicas e inspiradas, tal e qual o é em outras cartas.

Por exemplo, às vezes escrevo cartas de exortação contendo basicamente princípios universais e relevantes à situação particular de que falo. No entanto, nessas mesmas cartas posso incluir algu-

³ O que se assemelha ao que os oponentes de Paulo fizeram na Galácia – Gálatas 2:3-5; 6:12-13.

mas relevantes exortações apenas para a situação particular que estou tratando. A menos que se escreva conscientemente esperando que haja outros futuros leitores fora da situação, pode ser que nunca me detenha a distinguir cada exortação, seja ela universal ou específica. Pelo fato de eu tratar para que todas as minhas exortações sejam relevantes para o meu público imediato, eu não escrevo estes dois tipos de exortações de formas literárias.

Portanto, um leitor posterior pode distinguir entre as admoestações específicas e exortações universais ao reconstruir a situação em que eu escrevia e ao comparar meus outros escritos referindo-me às situações específicas. Assim, a murmuração será sempre algo errado (1 Coríntios 10:10; Filipenses 2:14); comer alimentos dos ídolos é algo que às vezes é errada (1 Coríntios 8-10); a autoridade das mulheres como ministras da Palavra às vezes era limitada, mas outras foram elogiadas (*cf.* Romanos 16:1-12; Filipenses 4:3).

Paulo fornece muitos mandamentos diretos que não observamos hoje, e outros que não podemos fazê-lo. Quantos cristãos reservam o dinheiro no primeiro dia de cada semana para uma oferta aos santos em Jerusalém (1 Coríntios 16:1-3)? Paulo manda a seu público que recebam Epafrodito (Filipenses 2:29), mas como este já está morto, não podemos cumprir este mandamento literalmente. Paulo exorta seus leitores a orar por seu ministério e o de seus companheiros (2 Tessalonicenses 3:1-2), Mas é tarde demais para orar por seus ministérios. Em vez disso, aprendemos os princípios gerais sobre a hospitalidade e o orar pelos servos de Deus.

Deve ser absurda a aplicação transcultural antes que a limitemos? Ou estes exemplos “absurdos” nos mostram a forma devemos ler maneira consistente as cartas de Paulo? Dizer que apenas as passagens em que a limitação cultural faz óbvia são realmente as culturalmente limitadas, é simplesmente fugir dos métodos de interpretação. Se estes exemplos nos lembram do gênero no qual Paulo escreve, então lembram-nos que Paulo poderia misturar livremente declarações diretamente transculturais com aqueles que se refere simplesmente a situações específicas. Não deveria nos surpreender que Paulo relata seus leitores sobre onde eles estão; ele

afirma especificamente que esta é a sua estratégia missionária (1 Coríntios 9:19-23; 10:31-33), e a maioria de nós hoje, semelhantemente, tratamos de ser relevantes a quem falamos.

Quando Paulo exorta os homens a orar corretamente (1 Timóteo 2:8), devemos supor que as mulheres não devem orar corretamente? Ou deveríamos supor que, assim como Paulo tinha uma situação específica a qual dirigir-se em relação às mulheres nessa congregação (2:9-15), ele também tinha em mente um problema específico sobre o comportamento dos homens daquele lugar (2:8)? Porque outras passagens elogiam (Romanos 16:1-12; cf. Juízes 4:4; Atos 2:17-18; 21:9; Filipenses 4:2-3) ou permitem (1 Coríntios 11:4-5) diferentes ministérios das mulheres, pode ser possível que as restrições dadas em 1 Timóteo 2:11-12 referiam-se a uma situação específica? As respostas para algumas destas questões são muito debatidas, mas o nosso desejo de ser coerentes na maneira em que devemos interpretar a Bíblia pode nos convidar a fazer tais perguntas.

O cargo de “Bispo” (1 Timóteo 3:1), com a maioria das outras posições nas igrejas locais no Novo Testamento, surgiu em um contexto cultural específico. Era conveniente às igrejas tomar as modelos de liderança de sinagogas que já estavam funcionais no mundo romano. Poderia ser possível que as disputas de denominações modernas sobre as formas de liderança da igreja exagerar muito sobre uma questão que realmente não é central para o que Paulo quer ensinar? Alguns conservariam como transcultural o requisito de que dirijamos adequadamente nossa família como condição para liderar a igreja (3: 4-5).

Mas isso é tomado de um antigo requisito mediterrâneo para ter uma liderança respeitável, em uma cultura onde a autoridade paternal poderia ser levada a cabo através da disciplina severa (da teoria à aplicação) - uma cultura que difere consideravelmente da nossa. Tudo bem, alguns levam em conta estes modelos de ordem eclesiástica como transculturais, por isso temos de recorrer a outros exemplos específicos de cultura mais claros.

Talvez sejam mais significativas as passagens que fornecem instruções, não somente a Timóteo, mas à igreja em geral. Quan-

tos considerariam transcultural a advertência de que as viúvas com menos de sessenta anos fariam “*o que e não convém*”⁴? Ou que as fábulas circulam especialmente entre as mulheres mais velhas (4:7)? Aqui, por exemplo, as viúvas não podem ser colocadas na lista dos necessitados da igreja, a menos que tenham pelo menos sessenta anos, que tenham sido casadas apenas uma vez (5:9), tenham criado filhos e tenham lavado os pés aos estranhos (5:10), e também que não tenham uma grande família que possam cuidar delas (5:8). Os americanos geralmente relegam ao governo o programa de atenção às viúvas. Os africanos, ainda mais perto da cultura bíblica, normalmente mantêm uma família grande.

Mas na maioria das culturas de hoje, tão poucas viúvas têm lavado os pés dos outros, que as nossas igrejas não podem reivindicar obedecer os ensinamentos de Paulo, muito menos que as estejam mantendo. Paulo ordena que as viúvas mais jovens que casarem-se novamente, não tomem o lugar das mais idosas mantidas pela igreja (5:11,14). Não jaz muito claro sobre o fato de como eles iriam cumprir este preceito se houvesse marido. Nos dias de Paulo havia uma escassez de mulheres (possivelmente pela prática pagã de rejeitar as nascidas fêmeas) e, portanto, a maioria das mulheres encontrava marido rapidamente. No entanto, em muitos das igrejas de membresia afro-americanas, as mulheres solteiras superam em número o número de homens solteiros em mais que duas mulheres para cada homem. De maneira oposta, em algumas partes rurais da Índia e China, os homens excedem em muito o número de mulheres.

Paulo deixa claro que algumas de suas ordenanças nas Epístolas Pastorais se referem ao fato de evitar a apostasia (1 Timóteo 5:15) e – um assunto relacionado com as perspectivas de uma cultura mais ampla – a desonra pública (1 Timóteo 3:2,6-7,10; 6:1; Tito 1:6-7; 2:5,8,10). Isso inclui suas exortações referentes à obediência dos escravos (1 Timóteo 6:1-2; cf. Tito 2:9-10), que a maioria dos cristãos sabia que está direcionada a uma situação cultural

⁴ Provavelmente a melhor tradução seria “*falsos ensinamentos*” (1 Timóteo 5:11-13).

específica. Se os princípios são mais inevitáveis que as exortações sobre situações específicas que as ilustram, então vamos querer considerar como a situação atual é diferente da do primeiro século, e que práticas de apoio ou dificultam a evangelização da igreja.

Mas nada disso significa que essas passagens não tenham nada a nos ensinar. Paulo as escreve de maneira específica a Timóteo, Tito e às igrejas em particular, mas podemos aprender da sabedoria inspirada para estas situações, à medida que nos detemos a pensar em como se pode contextualizar de maneira diferente nossas poucas situações diferentes. A natureza humana e a natureza de Deus não mudaram, e nós podemos levar em conta as mudanças na cultura desde que saibamos algo das culturas originais da Bíblia. Por exemplo, Paulo especificamente deixou Timóteo em Éfeso para alertar sobre aqueles que ensinavam doutrinas falsas (1 Timóteo 1:3), e exorta-o a que o faça de acordo com as profecias que se lhe havia dado (1:18; 4:14; cf. 2 Timóteo 1:6). Também não faz menção específica dos falsos mestres (1:20), que agora estão mortos.

Embora Paulo não nos tenha deixado em Éfeso, e, embora não tenhamos recebido as profecias de Timóteo, aqui encontramos uma gama abundante de princípios transculturais, como o rejeitar das falsas doutrinas, o prestar atenção às palavras de sabedoria ou profecias corretamente examinadas. Mas, novamente, o fato de percebermos que as exortações específicas podem ter uma relevância mais geral não nos permite que simplesmente suponhamos que conhecemos essa relevância transcultural antes de que tenhamos estudado cuidadosamente a situação.

Quando Paulo disse a Timóteo para beber um pouco de vinho por causa do seu estômago (1 Timóteo 5:23), aprendemos que às vezes é necessário tomar o remédio. Às vezes, Deus cura instantaneamente em resposta às nossas orações, mas em muitos outros casos, tem proporcionado meios naturais por meio do qual podemos melhorar a nossa saúde⁵. Ao reconhecer que esta é a única

⁵ Quando dizemos “*natural*”, referimos-nos ao que ele criou na natureza, não a práticas ocultistas envolvendo espíritos malignos.

maneira que podemos aplicar algumas partes das Escrituras, deve chamar-nos a que sejamos coerentes: talvez esta seja a única maneira de ser lida toda a Escritura para que esta seja útil para o ensino (2 Timóteo 3:16).

Esta foi a maneira que Paulo usou para ler o Antigo Testamento: *“E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobicaram; Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos”* (1 Coríntios 10:6,11). Da mesma forma, devemos ler as histórias da Bíblia como estudos de caso, como exemplos de como Deus lidou com pessoas em diferentes tipos de situações. Então, podemos receber advertência ou encorajamento quando reconhecemos situações como esta, mas devemos nos assegurar de que as situações são realmente semelhantes. Nós simplesmente *não* aplicamos *diretamente* cada passagem que lemos, a *nós* sem levar em conta a diferença da situação.

O mesmo é verdade quanto às cartas de Paulo. Paulo se referiu a situações específicas de uma cultura específica. Não podemos simplesmente aplicar diretamente suas palavras a todas as culturas, como se pudéssemos ignorar as diferenças. Quando Paulo diz: *“Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo”* (Romanos 16:16; 1 Coríntios 16:20; 2 Coríntios 13:12; 1 Tessalonicenses 5:26), ele usa a forma mais comum de cumprimento mais íntimo dentro de sua cultura. (Os beijos familiares por vezes pareciam ser ligeiros beijos nos lábios). Hoje, os cristãos ainda devem cumprimentar uns aos outros carinhosamente, mas na maioria das nossas culturas muito pouco se usa beijos ao fazê-lo, especialmente os tipos de beijos que foram usados naquela época. Embora intérpretes cristãos do presente diferem quanto definir uma regra, ninguém tenta cumprir literalmente todos os mandamentos da Bíblia, sem levar em conta a diferença das situações. Ninguém tenta encontrar a capa de Paulo em Trôade para levá-la.

USANDO O PLANO DE FUNDO CULTURAL

Mas o simples fato de que devemos considerar a cultura ao

interpretar a Bíblia, não nos diz exatamente como usá-la. Para isto é preciso seguir vários etapas.

1. Obtendo o Plano de fundo correto

Em primeiro lugar, devemos considerar da melhor forma possível a cultura específica e as situações as quais os escritores originais da Bíblia abordaram e se dirigiram. Por exemplo, é de grande ajuda saber sobre o uso dos beijos em saudações na cultura de Paulo. Se em nosso tempo estamos praticando (ou não) o cobrir da cabeça, devemos saber como o cobrir da cabeça era visto na época de Paulo (e, portanto, o que ele quis dizer com isso) e por que ele apoiou o uso (para ver se podemos compartilhar essas razões).

De onde obtemos este pano de fundo? Alguns deles se encontram na mesma Bíblia. Por exemplo, podemos aprender muito dos tempos nos quais Isaías profetizou, se lermos as histórias dos reis em cujos reinados ele profetizou (enumerados em Isaías 1:1), em 2 Reis da mesma forma, sobre as situações que Jeremias falou tão severamente um século mais tarde. Atos 17:1-9 nos fala da fundação da igreja em Tessalônica, a qual ao mesmo tempo nos dá um plano de fundo para ler 1 e 2 Tessalonicenses.

Nós também podemos reconstruir parte da situação específica a que é dirigida com base no que o mesmo texto enfatiza. Por exemplo, Paulo parece abordar a divisão judaico-gentílica em Roma, aos conflitos entre os cristãos mais abastados e os mais pobres em Corinto, e assim por diante. Perceber esses padrões nestas cartas pode nos ajudar a reconstruir os diferentes tipos de questões com as quais os autores tiveram de lidar, lançando luz sobre muitos detalhes nestas cartas.

Mas nem todo o plano de fundo está disponível na própria Bíblia. Quando Paulo escreveu sua carta aos coríntios, ele não forneceu uma tradução de sua carta no português, árabe ou inglês; mas depois, tradutores proveram-nos tais coisas, Paulo escreveu sua carta em grego, porque essa era a língua falada pela maioria ou todos os cristãos em Corinto.

Da mesma forma, ele não se detém em explicar costumes ou situações que ele e os coríntios já conheciam. Eles já presumiram

seu significado, mas os leitores modernos precisam pesquisar para descobrir o que ele queria dizer. Para Paulo pareceria bom que outros leitores tardios aprendessem de suas cartas, mas ele não podia escrever uma carta que fosse dirigida a todas as línguas e todas as culturas ao mesmo tempo. Paulo esperaria que aprendêssemos sua língua e cultura, ou que usássemos ferramentas que nos ajudaram.

Um conhecimento mais específico sobre a cultura exige por demais esforço, porque nem todos têm os recursos para descobrir o plano de fundo bíblico à parte da Bíblia. Em alguns casos (como o ósculo santo, os costumes em enterros judeus ou os vasos de água em Caná), reconhecemos que a cultura da Bíblia, muitas vezes difere da nossa. Mas, às vezes sentimos que erramos, mesmo quando pensamos que podemos esquecer a nossa própria formação cultural (como se todos os cristãos modernos compartilhassem a mesma cultura!) é o suficiente para entender a Bíblia.

Muitos de nós não podemos perceber o impacto que teria sobre aqueles que ouviram pela primeira vez a parábola de Jesus sobre o filho pródigo: nenhum pai decente teria dividido sua herança ante as exigências de um filho, tinha corrido para cumprimentá-lo ou o teria recebido em casa, sem dar-lhe punição. Jesus compara Deus a um pai complacente e pouco severo – simplesmente para mostrar quão misericordioso ele foi com respeito às transgressões contra ele.

Em muitos casos, não podemos compreender o sentido da passagem porque não estamos familiarizados com a cultura em que foi escrita. Algumas culturas, como as do Oriente Médio e do Mediterrâneo, ou alguma outra cultura Africana rural tradicional, estão mais próximos das culturas do Antigo Testamento e do Novo Testamento do que a maioria das culturas ocidentais⁶.

Mas ninguém se atreve a presumir que sempre interpretare-

⁶ A cultura beduína pode ser a mais próxima para entender a Abraão, uma mistura de camponeses e sábios judeus nos dá o melhor plano de fundo para Marcos; os escritos de Paulo refletem um mundo cosmopolita e uma urbanidade greco-romana mais ampla.

mos a Bíblia corretamente, sem consultar a cultura antiga. As culturas africanas estão mais próximas da cultura bíblica do que a ocidental, mas isso facilita que ignoremos o fato de que as culturas africanas, por vezes diferem da bíblica (por exemplo, em Corinto, o marido ou a esposa podiam pedir o divórcio, sem importar os protestos de rejeição (1 Coríntios 7:15).

Várias fontes fornecem informações das culturas do Mediterrâneo antigo. Por exemplo, alguém que queira estudar os Evangelhos em mais detalhes, deve ler, além do Antigo Testamento, os apócrifos (uma seção incluída nas Bíblias católicas, mas não na protestante), especialmente Sabedoria e Eclesiástico (Sirácida); alguns dos Manuscritos do Mar Morto (especialmente o Manual de Disciplina e o rolo da guerra) e a chamada Pseudepigrapha (especialmente 1 Enoque; Epístola de Aristeu, 4 Esdras e 2 Baruque); partes das obras de Josefo (especialmente suas obras *Vida de Josefo*, *Contra Apion* e fragmentos de *Guerras*), e, provavelmente, o tratado de Aboth na Mishná. Como a maioria dos estudantes não têm acesso a todos esses recursos, podem usar uma enciclopédia bíblica⁷ para obter respostas a perguntas específicas que se tenha. Mas às vezes alguém nem sequer conhece as perguntas que deve fazer sem saber algo dos plano de fundo.

Por essa razão, uma das ferramentas mais simples e disponíveis é a Bíblia Background Commentary (*Comentário do Plano de fundo Bíblico*). A parte que se refere ao Novo Testamento fornece o plano de fundo para cada passagem ou verso no Novo Testamento. Anos atrás, eu queria uma ferramenta como esta, mas como nenhuma estava disponível, passei muitos anos pesquisando a cultura mediterrânea antiga para fornecê-la em um volume, passagem por passagem, para torná-la amplamente disponível a todos os leitores da Bíblia. Desde aquela época, também houve outros comentários sobre o plano de fundo bíblico. Para aqueles que querem se aprofundar, *Bible Background Commentary* fornece uma bibliografia de recursos úteis para pesquisas mais avançadas da cultura do mediterrâneo antigo.

⁷ Como a recente *International Standard Bible Encyclopedia*.

2. Determinando como a passagem se relaciona com a cultura

Devemos conhecer a cultura suficientemente bem e a situação para entender por que os escritores bíblicos falaram o que falaram da forma que eles fizeram. Uma vez que entendamos a cultura e a situação, precisamos entender o que os escritores dizem à situação. Quando uma passagem é estudada, temos de nos perguntar: o autor concorda com os pontos de vista de sua cultura sobre esta matéria? Por exemplo, quando Jesus diz aos seus discípulos que repreendam em particular antes de fazê-lo em público (Mateus 18:15-17), aqui Ele concorda com o costume judeu de fazer as coisas dessa forma. Em outros casos, os escritores bíblicos adotam certos elementos neutros das culturas que falam para o fato de que as testemunhas relevantes dentro daquelas culturas, tal como Paulo explica claramente o que ele faz em 1 Coríntios 9:19-23.

Algum escritor bíblico não concorda com alguns aspectos da sua cultura? Por exemplo, embora os israelitas tivessem alguns dos sacrifícios que os cananeus tinham (como as ofertas pelo pecado), eles não ofereciam sacrifícios para que chovesse. Muitos pagãos pensavam que as oferendas a seus deuses poderia garantir a chuva, mas o Deus de Israel simplesmente prometeu a seu povo que os enviaria chuva se obedecessem Sua aliança. A Lei mesopotâmica exigia que se uma pessoa abrigasse um escravo fugitivo, deveria ser executada; por outro lado, Deus ordenou aos israelitas que fornecessem abrigo para escravos fugitivos (Deuteronômios 23:15).

Será que o escritor bíblico modifica uma perspectiva comum de sua cultura, mesmo quando (muitas vezes) se encontra comunicando a sua mensagem de forma culturalmente inteligíveis? Esta é uma das maneiras mais frequentes em que os escritores da Bíblia se relacionavam com as suas culturas. Por exemplo, de Aristóteles em diante, os gregos e romanos enfatizaram muitas vezes que o chefe de família devia governar sua esposa, filhos e escravos. Mas Paulo, ao abordar o problema, modifica as instruções: diz ao marido que este não deve governar sua esposa, mas deve amá-la (Efésios 5:25). A esposa deve submeter-se, mas como uma forma de submissão cristã que todos os cristãos devem

aprender a praticar (5: 21-22). Se lermos esta passagem como se Paulo estivesse dizendo exatamente o mesmo que Aristóteles poderíamos ignorar o que nos quer dizer.

Semelhantemente, Deus instrui aos israelitas que construam um tabernáculo, com um lugar santíssimo, santuário e átrios, tal e qual nos templos egípcios, mas isso faz o contraste ainda mais impressionante: acima da arca de Deus, não há imagem da Divindade como nos templos egípcios. Por vezes os escritores bíblicos por causa de seu testemunho, adotam aspectos de sua cultura que eram bons ou neutros, mas isso nos convida a prestarmos muito mais atenção para onde esses escritores contradizem suas culturas.

3. Aplicando a Mensagem dos Escritos Bíblicos

Não podemos determinar se toda cultura ou situação deve expressar os problemas da mesma maneira que fizeram os escritores bíblicos até que não entendamos as razões para esses escritores apresentar os argumentos apresentados. Mas uma vez que tenhamos uma boa ideia do por que os escritores bíblicos se referem a uma situação da forma como fizeram, podemos começar a nos perguntar como tinham aplicado os mesmos princípios em situações muito diferentes.

Por exemplo, saber por que as mulheres cobriam suas cabeças nos dias de Paulo nos ajuda a entender por que ele dá essas instruções. A maioria das mulheres no Mediterrâneo Oriental cobriram seus cabelos em público como um sinal de modéstia sexual; assim, as mulheres de classe baixa nas igrejas ficaram alarmadas quando algumas mulheres da classe alta recusavam usá-los⁸. Portanto, Paulo aborda a questão da ostentação, sedução, modéstia sexual e divisão de classes na igreja, todos os quais são questões transculturais.

Mas Paulo resolveria da mesma maneira os assuntos de modéstia sexual ou divisão de classes em cada cultura da mesma

⁸ O cabelo era o principal objeto da luxúria masculina no antigo mundo mediterrâneo, de modo que às mulheres casadas era necessário cobrir o cabelo; alguns véus modernos para cabeça não conseguem fazer isso.

forma que fez em corinto? Os véus para a cabeça resultariam numa solução para assuntos como estes em cada cultura? Poderiam os véus para a cabeça converter-se em sinais de ostentação em algumas culturas, mostrando boa posição? Poderiam esses realmente converter-se em algumas culturas em instrumentos de sedução, da maneira que as joias e os vestidos ostentosos o eram na cultura de Paulo? O que há de cultura aonde tão somente pessoas de boa posição podem dar-se ao luxo de usar os véus para a cabeça, e assim desta maneira se introduzir divisão de classes na igreja? É possível que existam igrejas em algumas partes do mundo onde usar um véu na cabeça (em oposição a não levá-lo) pode fazer com que o que leva chame a atenção?

Em tais casos, seguimos o exemplo específico de Paulo, ou seguimos os princípios transculturais que Paulo usou para resolver um caso específico em uma cultura específica? É por isso que é de tanta importância levarmos em consideração o contexto cultural e consistentemente lermos a Bíblia à luz do seguinte: Se Deus inspirou os escritores para falar com sua cultura de uma forma particular, como falariam hoje à nossa? Quais são os princípios e quais são os exemplos específicos que ilustravam esses princípios nas situações em que os escritores bíblicos falavam?

Jesus interpretava as Escrituras desta forma. Os fariseus estavam interessados nas medidas detalhadas, mas Jesus estava interessado nos princípios (Mateus 12:7). Jesus tinha em mente as razões humanas pelas quais algumas partes das Escrituras foram dadas: Deus permitiu algumas coisas por causa da dureza do coração (Marcos 10:5), mas o objetivo principal era que eles pudessem compreender os propósitos ideais de Deus (Marcos 10:6-9). Eles citaram uma lei; Ele lhes citou uma história. Toda a Escritura é inspirada e é útil para ensinar (2 Timóteo 3:16); portanto, a questão não é se uma parte da escritura é mais útil do que a outra.

O problema era que eles tão somente viam os detalhes; em vez disso, Jesus buscava as *razões* para os detalhes. Jesus alegava que o que mais importava era a justiça, a misericórdia e a fé (Mateus 23:23) – o coração da Palavra de Deus. Da mesma forma, Paulo não coincidia com seus contemporâneos quanto ao que era

essencial, argumentando que era o poder de Deus o que nos salvava, e não questões secundárias, como a circuncisão ou as leis sobre os alimentos. Este método de interpretação exige que nos concentremos no que mais importa (o evangelho e obediência à vontade de Deus), ao invés de tornarmos-nos em legalistas por causa de questões secundárias que poderiam desviar-nos da essência do Evangelho.

Grande parte do Novo Testamento consiste simplesmente em exemplos de como se relacionar com a mensagem básica do Evangelho em várias situações e desafios históricos e concretos. Da mesma forma, devemos aprender como relacionar a mensagem central de Cristo com nossas situações diferentes do presente, nunca perdendo de vista qual é o princípio central e quais são simplesmente as expressões culturais. Muitos dos primeiros missionários vieram com um Evangelho contextualizado em sua própria cultura; diga-se de versões americanas ou europeias do cristianismo. Normalmente se mantinham fiéis à Bíblia, mas eram muitas vezes incapazes de discernir a diferença entre o ensino real da Bíblia e a forma em que ela tinha sido aplicada aos problemas que enfrentaram em suas culturas particulares.

Assim, por vezes, obrigavam os cristãos africanos a que adotassem os estilos musicais do ocidente, os estilos de roupas, os estilos de cerimônia para casamentos, entre outras coisas, e, por supor que tais costumes eram cristãos. Hoje sabemos mais e, portanto, devemos evitar cometer os mesmos erros. Temos de ser capazes de distinguir entre princípios universais da Bíblia e como os aplicar em culturas a que se dirigiu⁹. Da mesma forma, é preciso distinguir entre o que a Bíblia ensina para todas as culturas e como a temos aplicado especificamente às situações que devemos tratar.

Claro que, se não tivermos cuidado, as pessoas podem usar a cultura para esquecer aspectos da Bíblia; isso é um perigo que

⁹ Mais uma vez, afirmamos que toda a Escritura é a mensagem de Deus, mas primeiro foi a mensagem de Deus às culturas originais as quais Deus enviou, então, para que possamos adequadamente ouvir isso, devemos considerar como Deus o relacionava com essas culturas.

devemos evitar a todo o custo. Durante séculos houve pessoas que tentaram dar uma explicação convincente do que a Bíblia diz independentemente do aspecto da cultura; portanto, esse perigo não deve levar-nos a usar o medo como plano de fundo no caminho certo. Nós simplesmente devemos usá-lo com seriedade, sendo diligentes para encontrarmos a verdade. O único ponto de partida para encontrar a sabedoria é o temor do Senhor (Provérbios 1:7); se tememos, tenhamos o cuidado de realmente compreender a sua verdade, onde quer que genuinamente as provas da Bíblia nos leve, em vez de procurar uma explicação convincente dessa verdade.

Capítulo 6

EXEMPLOS DE PLANO DE FUNDO CULTURAL

Aqui nós oferecemos apenas um número limitado de exemplos relativos ao uso do plano de fundo. Na *Bible Background Commentary: New Testament*¹ que mencionamos anteriormente, encontram-se disponíveis exemplos mais detalhados. Mas acima de tudo, na mesma Bíblia temos disponível alguns planos de fundos. Isto é especialmente verdadeiro nos casos em que os escritores bíblicos dependem do que outros escritores bíblicos proclamaram diante deles. Os profetas, por vezes, dependiam da Lei de Moisés (embora não a citavam); o Novo Testamento geralmente depende do Antigo.

Duas passagens em que o Novo Testamento usa o plano de fundo do Antigo são João 1:14-18 e 4:23-24. Para entender melhor o tabernáculo, a história de Hagar e alguns dos outros relatos da Bíblia, serão relevantes certos planos de fundo do antigo Oriente Próximo e nordeste da África. Finalmente, fontes judaicas e greco-romanas lançarão luz sobre várias passagens do Novo Testamento. Incluo mais exemplos do Novo Testamento somente porque essa é a minha área de especialização, e não porque sejam mais importantes.

1. O Novo Verbo em João 1:14-18

Os escritores modernos propuseram muitos aspectos valiosos do plano de fundo para o “Verbo”, mas provavelmente o mais óbvio é que o “Verbo” era no Antigo Testamento: a palavra de Deus era a lei, as Escrituras que ele tinha dado a Israel. João provavelmente havia escrito seu Evangelho especialmente para cristãos judeus. Provavelmente os que se opunham aos judeus cristãos, são os que os expulsava de suas sinagogas, dizendo que estes tinham se desviado da Palavra de Deus. Longe disso, João responde: Jesus é a personificação de tudo o que Deus ensinou nas Escri-

¹ Comentário do Plano de Fundo Bíblico do Novo Testamento.

turas, porque o próprio Jesus é o Verbo de Deus e Sua revelação.

João provavelmente faz alusão a uma história em particular; o relato de quando Moisés subiu pela segunda vez para receber a lei em Êxodo 33 e 34. Israel tinha violado o pacto, e Deus tinha julgado; agora, ele retorna para dar a lei a Moisés, mas não quer “habitar” com Israel. Moisés roga a Deus que habitem com eles, e, em seguida, pede-lhe para mostrar a Sua glória. “Ninguém pode ver toda a minha glória”, responde Deus, “mas vou mostrar parte da minha glória e minha bondade (33:19-20), passarei na sua frente”.

Quando Deus passava diante de Moisés, Moisés testemunhou um espetáculo incrível de glória, mas Deus lhe revelou especialmente sua “bondade”, Seu caráter Santo a Moisés. Como ele passou diante de Moisés, Ele descreveu a si mesmo como um “*miserícorioso e piedoso*” (34:6), que pode ser traduzida como “*cheio de graça e de verdade*”. Depois que Deus terminou de revelar Seu caráter, Moisés protestou: “Deus, se tu fores assim, então, por favor, perdoe-nos e venha habitar conosco”. E Deus prometeu fazê-lo.

Treze séculos mais tarde, o apóstolo João, assim como Moisés, disse de si mesmo e de seus companheiros que também viram com seus próprios olhos a Jesus: “*E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade*”. (João 1:14). E leva ao clímax em 1:17: “*Porque a lei foi dada por Moisés; a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo*”.

Certamente Deus revela a Sua graça e verdade a Moisés quando deu-lhe a lei, mas Moisés tão somente viu parte da glória de Deus; apenas uma parte da Sua graça e de verdade. “*Deus nunca foi visto por alguém*”, João lembra-nos, referindo-se a advertência dada a Moisés que ele não podia ver toda a glória de Deus; mas agora “*O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou*” (1:18). Moisés viu a glória de Deus, mas os que andavam com Jesus viram toda a glória de Deus, porque vê-Lo é ver ao Pai (14:7).

O contexto de todo o livro explica isso mais detalhadamente. A glória de Deus é revelada de maneiras diferentes em Jesus (2:11; 11:4), mas a expressão máxima da glória de Deus está na cruz e os eventos que ocorreram mais tarde (12:23-24). Nós vemos o

coração de Deus, e entendemos mais profundamente como Deus é, quando olhamos para a cruz aonde Ele deu Seu Filho para que pudéssemos ter vida.

2. A adoração “em espírito” em João 4:23-24

O judaísmo antigo, muitas vezes focava na obra do Espírito ao inspirar a profecia. O Antigo Testamento fala da adoração inspirada e profética (*ex.*, 1 Samuel 10:5), especialmente no templo de Davi (1 Crônicas 25:1-6.). Então, “adorar a Deus no Espírito” pode implicar que se confie em que o Espírito de Deus nos capacita para a adoração verdadeiramente digna de um Deus tão grande. Devido à crença geral de que o Espírito profético não se encontrava mais ativo nos tempos de Jesus, Suas palavras teriam abalado grandemente seus contemporâneos.

3. A mensagem de Deus no Tabernáculo

Os egípcios construíram templos de forma diferente dos Mesopotâmicos; pelo fato dos israelitas terem sido escravos no Egito usados para a construção, certamente eles sabiam qual era a aparência de um templo egípcio. Eles teriam sabido sobre os santuários portáteis usados no Egito e Midiã, também sobre as estruturas dos templos egípcios (e palácios), com um pátio exterior e o santuário mais íntimo, o santo dos santos. Deus escolheu um projeto com o qual os israelitas estavam familiarizados para que desta forma pudessem entender que o tabernáculo que eles levavam pelo do deserto era um templo.

Alguns aspectos do tabernáculo têm paralelo com outros templos, e os paralelos comunicam verdadeira teologia sobre Deus. No tabernáculo, os materiais mais caros foram usados mais perto da arca da aliança: o ouro era mais caro do que o cobre, e a tonalidade azul, mais que o vermelho. Estes detalhes revelam uma prática muito antiga do Oriente Médio: as pessoas usavam os materiais mais caros à medida em que se aproximaram do santuário mais íntimo para expressar que a seu deus deviam se aproximar com reverência e temor. O tabernáculo usa antigos símbolos padrões do Oriente Próximo para comunicar o sentido

da santidade de Deus que quer expressar.

Alguns aspectos do tabernáculo incluem tanto paralelos os contrastes, os quais também comunicam a teologia sobre Deus. Por exemplo, alguns dos utensílios do Tabernáculo são semelhantes aos de outros templos antigos: uma mesa para a oferta, um altar, e assim por diante. Mas os templos cananeus, egípcios e hititas incluíam outros recursos, como um armário com gavetas e uma cama. Os sacerdotes despertavam os seus ídolos na parte da manhã, banhavam-lhes de manhã, os entretinham com donzelas que dançavam para eles, os alimentava e, eventualmente, levava-os de volta às suas já de noite. Nada disso estava presente no templo do Senhor, porque Ele não era um simples ídolo dependente de seus sacerdotes para ajudá-lo.

Algumas características do Tabernáculo contrastam amplamente com a cultura em que se encontrava. O clímax de outros templos pertencentes ao antigo Oriente Médio e ao Norte da África era a presença da imagem da divindade, entronizada em seu pedestal sagrado que estava nas profundezas do santuário sagrado; mas no Templo de Deus não há imagens, porque Ele não permitiu imagens esculpidas de si mesmo (Êxodo 20:4).

Além disso, muitos enormes templos egípcios incluíam santuários para as deidades protetoras em ambos os lados santuário interior; mas não há outras divindades associadas ao Tabernáculo do Senhor porque Ele não tolera a adoração de outros deuses diante Dele (Êxodo 20:3). Deus comunicou Sua teologia de Israel até mesmo na arquitetura do Tabernáculo, e fê-lo em termos culturais que pudessem compreender. (Algumas interpretações modernas das cores e desenhos do Tabernáculo são apenas suposições que têm circulado em toda parte. Em vez disso, as sugestões oferecidas aqui representam uma pesquisa cuidadosa sobre a forma como os templos foram projetados no tempo de Moisés).

4. Por quê Sara usou o ventre de Hagar e logo depois a expulsou?

Por ser egípcia, Hagar deve ter sido uma das servas que Faraó deu a Abraão e Sara há vários anos (Gênesis 12:16). (Alguns des-

ses egípcios devem ter sido do sul do Egito ou de Núbia). De passagem, devemos mencionar que a presença dos criados egípcios de Abraão fornece elementos sobre a questão da presença de alguns elementos africanos em antepassados de Israel. Abraão logo passou tudo quanto possuía a Isaque (25:5), e quando Jacó desceu ao Egito com “setenta” membros imediatos de sua família (46:27), este número não incluía todos os criados que também foram com eles, que supostamente foram mantidos como escravos quando mais tarde os israelitas foram feitos escravos (Êxodo 1:11). Isto significa que os israelitas mais tarde tinham sangue egípcio em suas veias, além das duas tribos mistas de José (Gênesis 41:50).

Mas voltando à questão de HHagar, em algumas culturas do antigo Oriente Próximo, se não havia nenhuma maneira de que uma mulher desse a seu marido um filho, ela poderia fazer com que sua serva, o fizesse em seu lugar. Então Sara, seguindo algumas suposições de sua cultura, fez com que Abraão engravidasse Hagar (16:2-3). No entanto, neste caso, entendeu-se que a criança legalmente pertence a Sara, mas Hagar começou a se vangloriar diante de Sara, dando a entender que era melhor do que ela (16:4).

Depois que Isaque nasceu, Sara encontra Ismael zombando dele (21:9); em seguida, ela percebe que a presença de Ismael ameaça o direito do filho que Deus havia prometido, que era Isaque. De acordo com alguns antigos costumes do Oriente Próximo, se Abraão tivesse considerado Ismael como seu filho, Ismael seria tratado como o primogênito. A maneira de evitar que isso ocorresse foi libertando Hagar para sair antes que Abraão morresse, e dispensá-la com e Ismael, sem a herança (21:10).

Foi a sugestão inicial de Sara que a pôs em apuros; em seguida, a arrogância de Hagar piorou a situação ainda mais, mas no final, Sara age em favor de preservar a promessa de Deus, antes, visto que ela mesma havia posto em risco por causa de sua sugestão anterior para Abraão. Com a exceção de Jesus, todas as figuras bíblicas, incluindo Abraão, Sara e Hagar, teve defeitos em um ou outro aspecto; mas se entendemos os costumes de seu tempo, ajudar-nos-ia a compreender melhor a decisão de Sara.

5. Mateus 2:1-16

Os narradores antigos, muitas vezes insinuam lições de moral, contrastando vários personagens, alguns bons, outros ruins e outros com uma combinação de ambos. Nesta narrativa, existem três personagens ou grupos de personagens que fazem a passagem de Mateus 2:1-6 chamar tanta atenção. Eles são os magos (“sábios”), Herodes, o Grande, e os escribas.

Os magos eram uma casta de astrólogos persa - isto é, praticavam uma profissão explicitamente proibida no Antigo Testamento (Deuteronômio 18:10; Isaías 47:13). O termo realmente é usado em algumas traduções gregas do Antigo Testamento para se referir aos inimigos de Daniel que queriam matá-lo. Um de seus trabalhos como magos era promover a honra do rei da Pérsia, cujo título oficial era “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. Mas eles vieram para render honra ao verdadeiro Rei dos reis nascido na Judéia. Assim, Mateus deixa surpresos os seus leitores judaico-cristãos dizendo-lhes como pagãos vieram adorar a Jesus, o que implica que não podemos prever de antemão quem vai responder a nossa mensagem; portanto, devemos compartilhá-la com todos.

Herodes, o Grande, era um governante cruel que sofria de paranoia por todo aquele que pudesse ameaçar o seu reinado. Por não ser judeu de nascimento (ele era um descendente dos antigos edomitas), ele não tinha certeza de seu título, “Rei dos Judeus” e não queria compartilhá-lo com mais ninguém. Ordenou a execução de dois de seus filhos, porque ele disse que eles estavam conspirando contra ele (que resultou descobrindo ser falso). Outro filho também foi executado por conspirar contra ele (nos momentos em que Herodes estava morrendo)².

Um jovem sacerdote, que estava se tornando muito popular e que poderia representar concorrência, morreu acidentalmente afogado em uma lagoa muito rasa. Herodes era o tipo de pessoa que descreve o que dizemos anteriormente! Mas matar os as crianças

² Diz-se que o imperador se queixou: “É melhor ser um porco de Herodes do que ser um filho seu”.

de Belém³ lembra como Faraó tratou os meninos israelitas no Êxodo. Os magos pagãos adoravam o verdadeiro rei dos judeus; no entanto, Herodes, rei do povo, agiu como um rei pagão.

No entanto, o mais intrigante de tudo são os principais sacerdotes e escribas (2:4). Estes eram os mestres e principais ministros de seus dias. Eles sabiam onde nasceria o Messias (2:5-6), mas não se uniram aos magos em sua busca. As pessoas que melhor conheciam a Palavra de Deus não deram o valor que tinha - um pecado que pode ser apenas aqueles que conhecem a Palavra. E uma geração mais tarde, quando já era inevitável ignorar Jesus, Seus sucessores queriam matá-lo (Mateus 26:3-4). Também hoje em dia deve permanecer muito tênue a linha entre não dar o valor que Jesus tem e querer que se saia do caminho. Além do plano de fundo nos ajuda a aprender mais sobre os personagens nesta passagem, especialmente nos adverte em termos bastante rústicos não emitir juízo antecipado de quem irá responder ao Evangelho, e a não pensar de nós mesmos mais do que deveríamos.

6. Guardando a Palavra de Deus em Mateus 5:18-19

Nesta passagem, Jesus diz que nem mesmo a menor letra ou a marca da Palavra de Deus passará. Provavelmente está se referindo ao ם (*yod*), a menor letra do alfabeto hebraico. Rabinos antigos contavam a história de que quando Deus mudou o nome de Sarai para Sara, o *yod* queixou-se a Deus por gerações até ser reinserido, mas desta vez no nome de Josué. Alguns professores também contam que Salomão tentou remover um *yod* da palavra de Deus; portanto, Deus anunciou que mil “Salomões” seriam removidos antes que apenas um *yod* fosse retirado. Mestres judeus usavam ilustrações como estas para mostrar que a lei era sagrada e não podia ser considerada nenhuma de suas partes como muito pequena ou indigna de se guardar.

Como Jesus continuou dizendo que violar o mais simples dos mandamentos te faz alguém menor no reino de Deus, enquanto

³ De acordo com a população de Belém, para aquele tempo deve ter sido cerca de vinte crianças.

torna-se grande qualquer um que faz isso, algum leitor superficial pode perguntar: "E se você quebrar um e mantiver o outro?". O problema é que tal questão ignora a típica linguagem judaica que representa. Rabinos da antiguidade decidiram que o maior mandamento era honrar pai e mãe, e o menor era o de respeitar a mãe de um pombo. Eles argumentaram que ambos mereciam a mesma recompensa, a vida eterna⁴. Assim, se alguém violou o menor dos mandamentos, este recebe punição; se alguém o cumpre, este se salva.

Além disso, estes mesmos sábio reconheciam que todos pecaram, inclusive eles próprios. Eles não estavam dizendo que algumas pessoas nunca violariam qualquer mandamento; em vez disso, eles disseram que as pessoas não podiam ir e escolher o mandamento que eles queriam. Ninguém poderia dizer: "Eu sou justo só porque eu não matei ninguém, embora eu vá para a cama com alguém que eu não me casei". Nem ninguém poderia dizer: "Eu sou uma pessoa devota, porque não roubo, embora eu trapaceie". Todos os mandamentos de Deus são a Sua Palavra, e descartar qualquer um é negar seu direito de governar e, portanto, rejeita-O. É por isso que Jesus disse de uma maneira gráfica similar: "Não se pode descartar nem mesmo o menor mandamento, ou Deus lhes tomará conta".

7. A oração do Reino em Mateus 6:9-13

Muitos pagãos punham às suas divindades tantos nomes quanto possível, lembrando assim de todos os seus sacrifícios e, portanto, como foram de alguma forma estavam forçados a responder-lhes. No entanto, Jesus diz que nossas orações devem basear-se na relação que o Pai Celestial nos deu a si mesmo: nós podemos clamar a Ele porque Ele é o nosso Pai (Mateus 6:7-9).

Jesus usou aspectos de Sua cultura que estavam carregados de sabedoria bíblica. Neste caso, adapta uma oração comum nas sinagogas. Essa frase dizia: "*Nosso Pai que estás nos céus, santificado seja o Teu nome grande e glorioso nome e venha o Teu Reino em breve...*".

⁴ Com base na "vida" em Êxodo 20:12; Deuteronômio 22:7.

O povo judeu esperava o momento em que Deus seria “*santificado*” ou se mostrasse santo entre os povos. Os judeus tinham a sensação de que Deus reinava no presente, mas quando eles oraram pela vinda do reino de Deus, o faziam para que Deus reinasse de maneira indiscutível sobre toda a terra e para que a Sua vontade fosse feita na terra assim como era no céu. Portanto, Jesus ensinou a seus discípulos a orar para que o Reino de Deus viesse em breve, o momento em que o nome de Deus seria universalmente honrado.

O fato de pedir a Deus para dar-lhe “*o pão de cada dia*”, recorda como Deus proveu pão para Israel todos os dias quando eles estavam no deserto. Deus ainda é o nosso provedor. Além disso, pedir que nossas “*faltas*” sejam perdoadas trazem uma visão familiar para as mentes dos que ouviram Jesus. Os camponeses pobres tiveram que pedir muito dinheiro emprestado para semear seus campos, e as pessoas do tempo de Jesus entendiam que os nossos pecados eram dívidas perante Deus. O orar para “*não cair em tentação*”, provavelmente refere-se a uma oração daquelas feitas naquele tempo nas sinagogas pedindo a Deus para guardar seu povo do pecado. Se assim for, a oração, provavelmente, não quer dizer “*não nos deixe ser tentados*”, mas sim “*não nos deixe ser desaprovados na tentação*” (compare 26:41,45).

8. Soldados inimigos torturam e zombam de Jesus em Mateus 27:27-34

Mais de seiscentos soldados romanos permaneciam na fortaleza de Antônia e no palácio de Pilatos (que por algum tempo pertenceu a Herodes, o Grande). Ao não reconhecer que diante deles se encontrava o verdadeiro rei de Israel e da humanidade foi ridicularizado como um rei de mentira. Os soldados romanos eram conhecidos pelo abuso e pelo escárnio para com os prisioneiros. Uma das mais antigas formas de escárnio era vestir como rei a uma pessoa. Quando os soldados usavam uniformes vermelhos, provavelmente, eles usaram o casaco desbotado de um soldado para imitar o terno escarlate de antigos reis gregos. Portanto, como neste caso, as pessoas reverenciavam àqueles reis ajoelhando-se

diante deles. Os chicotes dentro do exército romano eram frequentemente levados a cabo utilizando uma vara de bambu, por isso é provável que alguns dos soldados usassem como o cetro do rei, mentindo. “Salve!” era a saudação que as pessoas habitualmente usavam para com o imperador romano.

Um dos insultos mais graves que uma pessoa poderia receber era que cuspissem no rosto, e os judeus em particular consideravam a saliva de um gentio como algo impuro. Os romanos rasgaram-lhes as roupas de seus prisioneiros até que eles ficassem nus (algo muito vergonhoso, especialmente para os judeus da Palestina), e depois pendurados em público.

Normalmente, a pessoa condenada tinha que levar por si mesma a viga horizontal (lat., *patibulum*) da cruz até o lugar onde ele esperava a viga vertical (lat., *palus*), mas as costas de Jesus foi flagelada antes que tivesse que fazer isso (27:26). Tais flagelações muitas vezes deixavam as costas com tiras de carne suspensas e sangrando; às vezes, deixaram os ossos expostos, e às vezes provocavam a morte por espasmos e hemorragia. Por esta razão, os soldados fizeram com que Simão de Cirene levasse o feixe em seu lugar. Cirene, uma cidade não pequena aonde é hoje a Líbia no Norte de África, tinha uma grande comunidade judaica (talvez um quarto da cidade), o que, sem dúvida, incluídos nativos convertidos ao Judaísmo.

Simão de Cirene tinha ido a Jerusalém para as celebrações, como as multidões de judeus que vivem no exterior e de convertidos ao judaísmo. Soldados romanos podiam “forçar” qualquer um a carregar suas coisas. Apesar dos ensinamentos de Jesus em Mateus 16:24, os soldados tiveram de levar alguém de fora do acontecimento para fazer o que os discípulos de Jesus demonstraram incapazes de fazer.

A crucificação era a execução mais vergonhosa e dolorosa que se conhecia no mundo romano. Por não ser capaz de excretar seus resíduos em privado, o moribundo o fazia publicamente. Às vezes os soldados atavam os condenados à cruz, e em outros, as pregavam, como foi no caso de Jesus. Assim, ao que agonizava era impossível poder espantar os insetos que eram atraídos pelo

sangue dos ferimentos em seu corpo. Vítimas da crucificação, por vezes, levavam três dias para morrer.

Mulheres de Jerusalém preparavam uma porção analgésica de vinho misturada para que os condenados bebessem; Jesus se recusou tomá-lo (cf. 26:29). O vinho misturado com mirra, do qual fala Marcos 15:23, uma iguaria em bebida e, possivelmente, um analgésico externo, em Mateus torna-se em vinho misturado com fel; compare com Salmo 69:21 e a semelhança entre a palavra aramaica para “mirra” e hebraica para “fel”. Mesmo sem a mirra, o vinho em si era um analgésico (Provérbios 31:6-7). Jesus, porém, não quis beber. Embora desistamos e fuçamos quando ele precisa-va de nós, Ele veio e tomou a nossa dor, e queria levá-lo na íntegra. Este é o amor de Deus por nós.

9. O Adultério e o Assassinato em Marcos 6:17-29

A relação amorosa de Herodes com sua cunhada Antipas, com quem para esse tempo já estava casado, era amplamente conhecida. Na verdade, a relação o havia levado a divorciar-se de sua primeira esposa, cujo pai, um rei, foi mais tarde para a guerra contra Herodes por causa deste insulto e o poderia derrotar. A denúncia apresentada por João deste relacionamento como ilegítimo (Levítico 20:21) desafiou a imoralidade sexual de Herodes, mas Herodes Antipas pode tê-la percebido como uma ameaça política, dadas as ramificações políticas que mais tarde conduziram a uma derrota militar final⁵.

A celebração dos aniversários naquela época era apenas um costume dos romanos e gregos, e não um costume judaico, mas a aristocracia judaica já tinha absorvido para esse período grande parte da cultura grega. Outras fontes afirmam que na corte de Herodes caiu esse tipo de comportamento imoral, conforme descrito aqui. Depois de tomar a esposa de seu irmão (Levítico 20:21), Antipas cobiçava Salomé, a filha de sua esposa (cf. Levítico 20:14).

⁵ O antigo historiador judeu Flávio Josefo diz que muitos viram a humilhação de Herodes na guerra como um julgamento divino que lhe sobreveio por ter ordenado a execução de João Batista.

Em seguida, ele faz um juramento daqueles que se costuma fazer quando se está bêbado, mas que especialmente nos remonta para o fato do rei persa movido pela beleza de Ester (Ester 5:3,6,7:2), embora neste caso o pedido para a menina não tem nada nobre. No entanto, uma vez que Herodes era um rei vassalo, ele não tinha autoridade para ceder nem um milímetro de seu reino.

Salomé teve que “sair” para perguntar a sua mãe Herodias, devido pois as mulheres e os homens geralmente comiam separadamente nos banquetes. As escavações na fortaleza de Antipas, chamada Maqueronte, sugere a existência de duas grandes salas de jantar, uma para mulheres e outra para homens; por isso é provável que Herodias não estava presente para ver a reação, que Herodes teria por causa da dança. Josefo caracteriza Herodias da mesma maneira que Marcos faz: ela ciumenta, ambiciosa e calculista.

Embora os romanos e os seus agentes executassem por crucificação ou outras formas tão somente as pessoas de classes mais baixas e escravos, a forma preferida de execução de pessoas respeitáveis era a decapitação. No entanto, ao pedir a cabeça de João numa bandeja, Salomé queria que a servissem como parte do menu, um toque repugnante do ridículo. Embora o juramento de Antipas não o comprometesse legalmente, e os sábios judeus pudessem libertá-lo do mesmo, seria vergonhoso quebrar um juramento diante dos convidados. Embora nem o imperador faria isso de forma tão leve. Muitas pessoas se revoltaram por causa dos líderes que faziam com que trouxessem-lhe cabeças, mas muitas fontes confirmam que os tiranos poderosos como Antipas faziam esse tipo de coisa.

Se um homem tinha filhos, normalmente o mais velho deles era responsável pelo funeral de seu pai. Neste caso, os discípulos de João tiveram de lidar com ele. Posto que tinha sido executado, os discípulos levaram a cabo uma tarefa perigosa, a menos que tivessem permissão de Herodes para levar o corpo. Sua coragem enfatiza, por outro lado, o abandono dos discípulos (homens) de Jesus durante Seu funeral!

10. O nascimento de um novo rei em Lucas 2:1-14

Os censos são usados principalmente para avaliar as exigências fiscais. Esta história começa com um censo fiscal instigado pelo venerado imperador Augustus, estabelecendo um contraste entre a pompa terrena de Cesar e a glória celestial de Cristo. Embora os registros de censos egípcios mostrem que as pessoas tinham de voltar para suas casas de origem para serem contadas, a “casa” a qual eles voltavam era o lugar onde eles tinham propriedades, não apenas onde nasceram (os censos inscreviam as pessoas de acordo com suas propriedades). Portanto, José deve ter tido alguma propriedade em Belém.

O noivado fornece a maior parte dos direitos legais do casamento, mas não permitia o sexo. José foi corajoso ao levar sua noiva grávida, mesmo se (como é muito provável), ela também era de Belém e tivesse que voltar para aquela cidade. Embora as leis fiscais na maior parte do Império apenas exigiam que se apresentasse o chefe da família, a província da Síria (então incluindo a Judéia) também recolhia impostos às mulheres. Mas José talvez simplesmente queria evitar deixá-la sozinha em seu estágio muito avançado, especialmente se as circunstâncias de sua gravidez tinham-na privado de seus outros amigos.

As “fraldas” eram longos pedaços de tiras utilizadas para manter os membros dos bebês em linha reta, para que desta forma pudessem crescer adequadamente. Parteiras normalmente assistiam o parto; especialmente por ser este o primeiro filho de Maria, é provável (embora não esteja claro no texto) que haja encontrado uma parteira para atendê-la. A lei judaica permitia às parteiras viajar longas distâncias para ajudar no parto, inclusive nos sábados.

Já no início do segundo século, mesmo entre os pagãos era amplamente conhecida a tradição que Jesus havia nascido em uma caverna usada como um estábulo para animais, e que esta se encontrava atrás da casa de alguém. A manjedoura era uma calha de alimentação para animais; às vezes elas eram construídas no chão. A “pousada” tradicional poderia facilmente ter sido traduzida como “casa” ou “quarto” e provavelmente significa que os

membros mais dispersos da família de José voltaram para casa ao mesmo tempo, e era mais fácil para Maria dar a luz na caverna vaga que estava fora.

Muitas pessoas religiosas da época, e especialmente a elite, geralmente desprezavam os pobres pastores de ovelha por ser uma ocupação da classe baixa, mas Deus olha diferente de como as pessoas olham. Pastorear os rebanhos de ovelhas à noite indica que foi uma temporada mais quente, não no inverno (em que pastam mais durante o dia); o dia 25 de dezembro foi adotado como o Natal, em seguida, apenas para substituir um festival pagão romano previsto para essa data.

Os pagãos falavam das “boas novas” do aniversário do imperador, comemorado por todo o império, a quem saudavam como “Salvador” e “Senhor”. Também eles usaram coros nos templos imperiais para adorar ao imperador. Se adorava o imperador do momento, Augusto, por haver inaugurado uma “paz” em todo o mundo. Mas a pobre manjedoura distingue o imperador romano do verdadeiro rei; Jesus é o verdadeiro Salvador, Senhor e provedor da paz universal. Deus não está impressionado com o poder ou a glória humana; Ele veio a este mundo como o mais humilde entre os humildes, revelando assim o coração de Deus, especialmente para aqueles que mais precisam.

11. A Exigência dos discípulos em Lucas 9: 58-62

A advertência a um discípulo potencial que o Filho do Homem tinha menos lar do que as raposas e aves, indica àqueles seguidores de Jesus, que poderiam faltar as mesmas comodidades. Normalmente, os discípulos eram aqueles que buscavam seus próprios mestres (ao contrário de Jesus, que chamou os seus próprios). Alguns filósofos radicais que acumularam grandes fortunas estavam tentando repelir os discípulos que exigiam demasiadamente, a fim de prová-los e obter somente aqueles que fossem mais dignos. Muitos judeus da Palestina eram pobres, mas poucos eram aqueles que não tinham lugar para viver. Jesus tinha renunciado ter a sua para viajar e dependia completamente da hospitalidade e ajuda dos outros.

O homem que quer enterrar seu pai não está pedindo-lhe que espere um curto período de tempo: seu pai não teria morrido naquele dia ou no dia anterior. Os membros da família carregavam o corpo para a sepultura logo após sua morte, e depois permaneciam em casa durante sete dias de luto. O homem pode ter dito, como em algumas culturas do Oriente Médio semelhantes, “Deixe-me esperar pelo dia em que meu pai morrer e eu cumprir meus deveres de seu funeral”.

A outra possibilidade é que se refere ao segundo funeral de seu pai, um costume praticado precisamente nesse período. Um ano depois de seu primeiro funeral, depois que a carne tinham decomposto, o filho voltaria para enterrar os ossos em uma caixa especial em uma abertura na parede. Assim, este filho estaria pedindo que esperasse por quase um ano.

Uma das responsabilidades mais fundamentais do filho mais velho era o funeral de seu pai. A exigência de Jesus de que o filho pusesse Jesus acima da maior responsabilidade que filho poderia oferecer a seu pai teria desafiado esta a ordem social: na tradição judaica, honrar pai e mãe era um dos mandamentos mais importantes e seguir a Jesus de forma radical como ele deu a entender estava quebrando esse mandamento.

Mas enquanto o segundo interessado aprendia acerca da prioridade de seguir a Jesus, o terceiro aprende a urgência de seguir Jesus. Um discípulo potencial simplesmente pede permissão para dizer adeus a sua família, mas Jesus compara este pedido de olhar para trás quando você está a arar a terra, que iria estragar o sulco. Jesus fala em sentido figurado para lembrar-lhe dessa pessoa histórica do chamado Eliseu. Quando Elias encontrou Eliseu arando, ele chama a segui-lo, mas permite-lhe dizer adeus primeiro de sua família (1 Reis 19:19-21). Os profetas do Antigo Testamento sacrificaram muito para seguir a vontade de Deus, mas o chamado que Jesus faz nessa passagem é mais radical do que a de um profeta radical! Embora devamos ter cuidado com aqueles que, por vezes, deturpam a mensagem de Jesus, devemos estar dispostos a pagar qualquer preço que requerer o chamado de Jesus em nossas vidas.

12. O regozijo dos amigos de Deus em Lucas 15:18-32

A elite religiosa estava irritada com Jesus porque Ele passava o tempo com os publicanos e pecadores; afinal de contas, a Escritura falava contra passar tempo com pessoas ímpias (Salmo 1:1; Provérbios 13:20). Claro, a diferença é que Jesus passou um tempo com essas pessoas para ganhá-las para o reino, para não ser moldado por suas formas (Lucas 15:1-2).

Jesus respondeu a esta elite religiosa com três histórias: a história da ovelha perdida, a moeda perdida e do filho perdido. Cem era o tamanho aproximado de um rebanho de ovelhas, e quando uma ovelha se desviava de seu pastor, ele faria qualquer coisa para obtê-la de volta⁶.

Quando ele encontrava a que estava perdida, chamava seus amigos e juntos eles se alegraram, e Jesus diz o mesmo a respeito de Deus: aqueles que são realmente seus amigos se alegram com ele quando ele encontra o que foi perdido (15:3-7). Parece que Jesus quis dar a entender que a elite religiosa não era amiga de Deus; caso contrário, eles se alegrariam com ele.

Jesus então passa à história da moeda perdida. Se uma mulher tinha dez moedas como dote, o dinheiro que tinha levado o seu casamento, em caso de divórcio ou viuvez, foi certamente uma mulher muito pobre: dez moedas representa o salário de dez dias úteis de trabalho para a média de idade do homem que trabalha. De qualquer forma, um em cada dez representa mais do que um em uma centena. E aqui vemos esta mulher desesperada buscando o que tinha perdido! A maioria das pequenas casas galileias tinha um quarto, e os pisos eram de pedras lavradas colocadas umas ao lado da outra, de modo que normalmente moedas e outros objetos caíam entre as fendas e chegaram a ficar perdidas lá até que os arqueólogos modernos as encontrassem em suas escavações!

⁶ Ele poderia deixar suas outras ovelhas com outros pastores conhecidos que pastavam os rebanhos junto com ele. As ovelhas muitas vezes percorriam juntas e eram separadas pelos chamados ou toques distintos de flautas tocado por cada pastor.

Além disso, aquelas pequenas casas costumavam ter apenas uma janela e uma porta, por isso não havia claridade suficiente que servisse para encontrar a sua moeda perdida. É por isso que a mulher dessa parábola acende uma lâmpada, mas naquela época a maioria das lâmpadas eram tão pequenas que eles poderiam sustentar na palma da mão e não iluminar muito. Em seguida, ela varre o chão com uma vassoura à espera de ouvir o som da moeda e finalmente encontra! Suas amigas se regozijam com ela, e os amigos de Deus se regozijam com ele, implicando mais uma vez, que talvez os membros da elite religiosa não está entre os amigos de Deus (15:8-10).

Em seguida, Jesus vai para a história do filho perdido. O filho mais novo diz ao pai: “Eu quero agora a parte que me pertence da herança”. Naquela cultura, o filho foi praticamente declarando: “Pai, quem dera você estivesse morto”, personificando a falta de respeito. O pai não tinha a obrigação de dividir sua herança, mas de qualquer maneira o faz. O irmão mais velho deve ter recebido dois terços, e o menor um terço. Sob a antiga lei, repartir a herança consistia simplesmente no que o pai lhe dizia a cada um dos filhos quais eram os campos e os bens que cada um levaria depois de sua morte; o filho não poderia gastar seus bens antes de sua morte, porque seria ilegal. Mas de qualquer forma esse filho o faz, desta forma, foge para um país distante e desperdiça os anos de trabalho de seu pai.

No entanto, no final, na pobreza, tem de viver da alimentação dos porcos. Para os judeus que ouviam Jesus, este era um final merecido para um filho tão rebelde e um bom final para a história. Se o jovem estava relacionado com a criação de porcos, então ele era considerado impuro e incapaz até de se aproximar de um irmão judeu para pedir-lhe ajuda. Mas o homem decide que é melhor ser um servo na casa de seu pai do que morrer de fome, então retorna para casa para pedir misericórdia. Seu pai, olhando de longe, corre ao encontro. Naquela cultura, era considerado indigno de um homem adulto corresse, mas este pai descarta sua dignidade, o seu filho voltou para casa!

O filho trata de rogar que lhe permitam ser apenas um

escravo, mas o pai ignora o que ele diz; em vez disso, pede-lhes para colocar a melhor roupa na casa (sem dúvida a sua própria); um anel, que simboliza a restauração de seu título como um filho, e sapatos para os pés⁷. O novilho cevado foi comida suficiente para alimentar toda a aldeia; assim ele prepara toda uma grande festa, e todos os seus amigos se alegram com ele.

Até agora, a história tem um paralelo com os dois anteriores, mas agora Jesus vai além, desafiando a elite religiosa mais diretamente. A literatura antiga, às vezes adornava um im-portante parágrafo que começa e termina com a mesma alegação; neste caso, que o filho voltou para casa (15:24,32). Quando o irmão mais velho descobre que seu pai recebeu bem seu irmão mais novo, ele não tinha nada a perder economicamente. A herança já tinha sido repartida (15:12).

O problema consiste em se considerar injusto que seu pai celebre o retorno de um filho rebelde, quando ele mesmo não precisava de misericórdia, já que se via como muito bom sem a misericórdia de seu pai. Ele reclama com o pai, não querendo reconhecer seu irmão como tal e critica o pai por ter vindo ao seu encontro e pediu-lhe para entrar. No momento ele está sendo desrespeitoso com seu pai tanto como o foi o irmão mais jovem! *“Eis que te sirvo há tanto tempo”* – reclama (15:29), assim revelando que ele se via como um escravo, e não como um filho – o mesmo papel que o pai se recusou a aceitar (15:21-22).

A elite religiosa desprezava os "pecadores" que vinham a Jesus, não percebendo que seus próprios corações não estavam em melhor condição. Os pecadores eram como o irmão mais novo; a elite religiosa, como o irmão mais velho. Todos nós precisamos de Jesus; ninguém pode ser salvo sem a misericórdia de Deus.

13. O primeiro Cristão gentio em Atos 8:26-27

Pelo fato dos samaritanos serem consideradas meio-irmãos

⁷ Porque a maioria dos funcionários não usava sandálias; o pai está tentando dizer, “De jeito nenhum lhe receberei como um escravo! Lhe receberei como meu filho”.

(8:4-25), este oficial africano é o primeiro gentio, como tal, que se converte ao cristianismo⁸.

Instruções do anjo de tomar o caminho do sul até Gaza (8:26), provavelmente teria parecido estranho para Filipe; Samaria tinha produzido alguns convertidos, mas a quem iria encontrar em um caminho que normalmente estava deserto? Desde Jerusalém havia duas estradas que conduziam ao sul, uma passava por Hebron até a Idumeia (Edom), e a outra unindo-se ao caminho antes de chegar a Gaza, levando à costa e que conduzia ao Egito, ambos com muitos sinais romanos ao longo do caminho.

A antiga Gaza era uma aldeia deserta cujas ruínas estão perto das cidades agora culturalmente gregas de Asquelom e Nova Gaza. A ordem de dirigir-se para o sul, em direção a uma cidade deserta, o que levaria vários dias de viagem, deve ter parecido absurda, mas às vezes Deus testava a fé através de ordens aparentemente absurdas (por exemplo, Êxodo 14:16; 1 Reis 17:3-4,9-14; 2 Reis 5:10).

“Etiópia” (um termo grego) figurava em lendas do Mediterrâneo e geografia mística como o fim do mundo, às vezes estendendo-se desde o extremo sul (toda a África ao sul do Egito, “os etíopes do cabelo enrolado”) para o Extremo Oriente (“os etíopes de cabelos lisos” do sul da Índia). A literatura grega sempre respeitava os africanos como pessoas particularmente amadas pelos deuses (o historiador grego Heródoto os aponta também como o mais belo dos povos), e alguns africanos subsaarianos eram conhecidos no Império Romano.

A característica mais comumente mencionada sobre etíopes na literatura judaica e greco-romano (também registrada no Antigo Testamento) é a sua pele escura, embora a arte mediterrânea antiga também descreva outras características típicas africanas e reconheceu diferenças de tom de pele. Às vezes, os egípcios e outros povos eram chamados de “pretos” em comparação com outros povos do Mediterrâneo de aparência mais clara. Mas quanto mais

⁸ Ainda que provavelmente isso fosse algo que a maior parte da igreja em Jerusalém desconhecia (11:18).

ele viajou para o sul ao longo do Nilo, mais escura era a pele e os cabelos encaracolados. Os gregos consideravam os “etíopes” a personificação da escuridão.

Aqui estamos diante de um império Africano, em especial, embora é provável que não tenhamos em mente o fato de que podemos confundir essa “Etiópia” com a Etiópia moderna. Esse reino, Axum, foi um poderoso império do Leste Africano e se converteu ao cristianismo no início do segundo século na mesma geração em que se converteu o Império Romano. No entanto, aqui é mais provável que este império seja um reino Núbio em particular, em uma pele mais escura, localizada ao sul do Egito, no que é hoje o Sudão. “Candace” (*kan-dak’a*) parece ter sido um título de dinastia da Rainha do império núbio, que também é mencionado na literatura greco-romana, e a tradição declara que a rainha-mãe governou naquela terra. (Os gregos antigos chamavam a toda Nubia “Etiópia”).

Seu reino núbio durou de cerca de 750 a.C. As suas principais cidades foram Meroe e Napata. Este reino era rico (o que fazia com que um tesoureiro como este tivesse muito o que fazer!) e tinha relações comerciais com o norte; Roma adquiria pavões reais e outros tesouros africanos através destes reinos, que por sua vez tiveram contato com as regiões mais remotas da África. Em escavações realizadas em Meroe encontramos traços das riquezas romanas. O comércio também foi estendido para o sul; em um lugar tão ao sul como a Tanzânia, foi encontrado um busto do César. Apesar de tudo isso, os laços comerciais com Roma eram limitados, e este funcionário e sua comitiva devem ter sido um dos poucos núbios que vieram visitar o norte distante.

Este oficial da corte núbia era provavelmente um gentil “temente a Deus”. O que significava literalmente – o que não era sempre o caso (Gênesis 39:1) – os eunucos, isto é, os homens castrados. Embora estes fossem preferíveis como funcionários reais, o povo judeu se opunha a essa prática, e a lei judaica excluía os eunucos de Israel (Deuteronômios 23:1). As regras, sem dúvidas, foram instituídas para prevenir os meninos castrados de Israel (Deuteronômios 23:1).

Mas na verdade, os eunucos poderiam ser aceitos por Deus (Isaías 56:3-5)⁹. No Antigo Testamento, um “eunuco” etíope acabava por ser um dos poucos aliados de Jeremias e também alguém que salva sua vida (Jeremias 38:7-13). Este funcionário da corte africana foi o primeiro cristão que não era judeu. Tal informação poderia ser útil para estabelecer que o cristianismo não era apenas uma religião ocidental, mas depois de suas origens judaicas era acima de tudo uma fé africana.

14. Paulo prega aos filósofos em Atos 17: 22-31

Paulo “contextualizava” o evangelho àqueles que o ouviam, e o fazia mostrando-lhes como se relacionava com a sua cultura, sem ser intransigente em seu conteúdo¹⁰. Paulo fala a dois grupos de filósofos que estavam presentes, os estóicos e (provavelmente um de menor tamanho) os epicureus. Sua fé tinha pouco em comum com os epicureus, mas os estóicos concordavam com algumas crenças cristãs.

Paulo começa encontrando alguma empatia com seu público pagão. Era costume entreter o público no início do discurso, o *exordium*. Ele não tinha permissão para lisonjear o Areópago (os principais líderes filosóficos e acadêmicos de Atenas), mas Paulo continua livre para começar com uma nota de respeito. A palavra “*religiosos*” significava que eles eram muito observadores, e não que concordava com a sua religião¹¹.

Em seguida, Paulo trata de buscar mais terreno semelhante. Muitos anos atrás, muito antes de Paulo nascer, uma praga atingiu Atenas; nenhum dos altares havia alcançado a benevolência dos deuses. Finalmente os atenienses ofereceram sacrifícios AO DEUS DESCONHECIDO, e a praga cessou imediatamente. Esses altares

⁹ Incluindo até mesmo eunucos estrangeiros (Sabedoria 3:14).

¹⁰ Hoje erramos, seja numa parte ou noutra - não podendo ser culturalmente relevante ou não podendo representar fielmente a mensagem bíblica.

¹¹ A palavra “*supersticiosos*” usada pela King James Version não transmite a direção certa.

ainda estavam de pé, e Paulo usa isso como a base para o seu discurso.

Paulo adota uma técnica procedente dos mestres judeus que, durante vários séculos antes dele, haviam tentado explicar aos gentios a existência do verdadeiro Deus. Os judeus que não viviam na Palestina, por vezes, recordavam aos gentios que eles ainda tinha um Deus supremo e tratavam de mostrar aos pagãos que as suas mais altas aspirações religiosas poderiam ser melhor atendidas no judaísmo. Os estóicos acreditavam que Deus estava mergulhado em todas as coisas e que, portanto, ele não poderia ser colocado em templos (*cf.* também Isaias 66:1). Os estóicos e judeus de língua grega enfatizavam que Deus “não precisa de nada”, usando a mesma palavra que Paulo usa em 17:25. Os judeus e muitos gregos, às vezes concordaram que Deus era o criador, e o divisor das fronteiras terrestres e dos limites das estações (17:26)¹².

Os judeus usavam para falar de Deus como um pai especificamente para o seu povo. Mas os gregos, os judeus dispersos entre os gregos e algum outro escritor cristão do século II falou de Deus como o “Pai” do mundo no sentido de criador. Embora Paulo use o termo em outros lugares, mais especificamente, desta vez adota o sentido mais geral do Pai como criador (17:28-29). A citação de Epimênides em 17:28 aparece em antologias judaicas de textos demonstrativos úteis para mostrar aos pagãos a verdade sobre Deus, e Paulo poderia ter aprendido lá¹³.

Contudo, apesar de Paulo estar tentando encontrar pontos de contato com o melhor do pensamento pagão por uma questão de comunicar o Evangelho, também ficou claro onde o Evangelho não era consistente com o paganismo. Alguns problemas podem ser semânticos, mas Paulo não iria ignorar as diferenças reais. Embora os filósofos falassem de conversão à filosofia através de uma

¹² Os estóicos acreditavam também que o universo voltava a dissolver-se em Deus regularmente, mas isso não era um terreno comum entre eles e a Bíblia ou o judaísmo.

¹³ Os gregos citavam Homero e outros poetas como textos-prova, à semelhança dos judeus citando as Escrituras.

mudança de pensamento, eles não estavam familiarizados com a doutrina judaica e cristã de arrependimento diante de Deus (17:30).

Além disso, em contraste com a perspectiva bíblica (17:31), a visão grega da época era que estes simplesmente continuariam e não que haveria um clímax futuro da história, no dia do julgamento. Por fim, os gregos não podiam conceber que houvesse uma futura ressurreição corporal; a maioria deles acreditavam que a alma simplesmente sobreviveria após a morte. Foi por isso que a pregação de Paulo sobre a ressurreição foi o que mais lhes ofendeu (17:31-32). Mas no final, Paulo se preocupava mais em levar algumas dessas pessoas influentes a fé genuína em Cristo (17:34) do que simplesmente persuadir a todos aqueles que ele era inofensivo e partilhavam as suas próprias opiniões.

15. Paulo adapta antigas regras de família em Efésios 5:21-6:9

Algumas pessoas usaram a passagem em Efésios 6:5-9 em conjunto com argumentos gregos, romanos e árabes sobre a escravidão para apoiar esta prática nas Américas, mas um simples conhecimento da escravidão a que Paulo se refere haveria reprovado a interpretação que eles tinham dessa porção da Palavra de Deus. Outros, incluindo casos recentes, usaram Efésios 5:22-33 para tratar as mulheres de forma desrespeitosa e humilhante, o que também vai contra todo o sentido da passagem.

Esta passagem refere-se a um tipo antigo de escrita, chamada “códigos domésticos”, por meio do qual os leitores de Paulo poderiam tentar convencer seus possíveis detratores de que, afinal, não eram subversivos. Nos dias de Paulo, muitos romanos estavam preocupados com a propagação de “religiões orientais”¹⁴, que eles achavam que minavam os valores tradicionais da família romana. Os membros dessas religiões opositoras às vezes tratavam de mostrar apoio para aqueles valores usando esquemas de exortações desenvolvidos por filósofos, de Aristóteles em diante.

¹⁴ Tais como o culto egípcio de Isis, o Judaísmo e o Cristianismo.

Desde a época de Aristóteles, as exortações instruíam o homem chefe da família sobre como tratar os membros da mesma, especialmente sobre como ele deve governar sua esposa, filhos e escravos. Paulo toma essa forma de discussão diretamente dos escritos esquemas morais greco-romanos, chegando inclusive a seguir sua sequência. Mas diferentemente da maioria dos escritores antigos, Paulo muda a premissa básica destes códigos: a autoridade absoluta do chefe de família.

É significativo que Paulo apresente os códigos domésticos com um comando de submissão mútua (5:21). Em seu tempo, era costume exigir das esposas, filhos e escravos que se submetessem de formas diferentes, mas o exigir de todos os membros de um grupo (incluindo o *pater familias*, o cabeça da família) a que se submetessem uns aos outros era algo inédito.

A maioria dos escritores antigos esperava que as esposas obedecessem a seus maridos, desejando-lhes um comportamento dócil e gentil. Às vezes, até mesmo em contratos de casamento a exigência de obediência absoluta é incorporada. Isso era algo que compreendia especialmente os pensadores gregos, que não podiam conceber as esposas como iguais. Na cultura grega, as diferenças de idade contribuía para essa disparidade: os maridos eram normais e substancialmente muito mais velhos do que suas esposas, muitas vezes em mais de uma década¹⁵.

Nesta passagem, no entanto, Paulo adapta o código tradicional de maneiras diferentes. Primeiro, a sujeição da mulher está arraigada na sujeição cristã em geral¹⁶; a submissão é uma virtude cristã, mas não só para as mulheres! Segundo, Paulo não se dirige só aos maridos, mas também às esposas, para as quais a maioria dos códigos domésticos não se dirigiam. Em terceiro lugar, embora os códigos domésticos dissessem aos maridos como estes deviam fazer para que suas esposas os obedecessem, Paulo simplesmente diz aos maridos que amem suas esposas. Por fim, o mais perto do que

¹⁵ Os homens muitas vezes se casavam na casa dos trinta, e as mulheres, na adolescência, às vezes, no início da adolescência.

¹⁶ Em grego, o 5:22 até toma o verbo “*submeter*” emprestado do 5:21.

Paulo define como sujeição neste texto é “respeito” (5:33).

Ao mesmo tempo em que relaciona o Cristianismo às normas de sua cultura, na verdade, o que faz é transformar os valores de sua cultura indo para além deles! Paulo estava se referindo a cultura greco-romana, mas não poucas culturas hoje fornecem precisamente a mesma expressão de sujeição que havia em sua cultura. Hoje, os cristãos aplicam os princípios de Paulo de maneiras diferentes para diferentes culturas, mas estes princípios ainda contradizem muitas práticas utilizadas em muitas culturas (como no caso do espancamento da esposa).

Ninguém teria discordado com a premissa de Paulo apresentada em 6:1-4: os escritores judeus e greco-romanos concordavam por unanimidade, que os filhos devem honrar seus pais e, pelo menos até que, fossem adultos, deveriam obedecê-los também. Ao mesmo tempo, os pais e mestres gregos e romanos usavam espancamentos para ensinar crianças. Paulo é um dos poucos escritores da antiguidade que parecia advertir contra a disciplina excessiva (6:4).

As sociedades gregas e romanas chegavam a ser mais severas, até mesmo com recém-nascidos, pois um bebê poderia ser aceito como uma pessoa legalmente somente quando o pai o reconhecesse oficialmente, e, portanto, poderia ser abandonado, e se ele tinha alguma deformação, eles poderiam até matá-lo. Os primeiros cristãos e judeus ambos eram tanto contra o aborto quanto contra o abandono. No entanto, este texto é a disciplina das crianças da família nos códigos domésticos. A desobediência poderia ser permitida em certas circunstâncias excepcionais¹⁷.

Finalmente, Paulo aborda as relações entre escravos e seus proprietários. A escravidão romana, ao contrário da escravidão europeia posterior e grande parte do árabe (embora não toda), não era racial. Os romanos se contentavam em escravizar qualquer um

¹⁷ Por exemplo, 1 Samuel 20:32; no entanto, Paulo não aborda o ponto de vista romano sobre as crianças, como acontece com o caso de mulheres e escravos, uma vez que o Antigo Testamento também ordenavam a sujeição de crianças (Deuteronômios 21:18-21).

que estivesse disponível. Havia diferentes formas de escravidão no tempo de Paulo. O banimento como escravo nas minas ou como um gladiador era praticamente uma sentença de morte.

Poucos escravos sobreviviam por muito tempo sob tais circunstâncias. Os escravos que trabalhavam no campo poderiam ser golpeados, mas não muito diferente dos camponeses livres, que também foram duramente oprimidos e quase nunca poderiam avançar em sua posição social, embora eles formassem a maior parte da população do império. No entanto, os escravos que serviam famílias em suas casas viviam em melhores condições do que a de camponeses livres. Eles poderiam ganhar dinheiro extra e, por vezes, chegavam a comprar sua liberdade.

Uma vez livres, podiam ser promovidos socialmente, e seu antigo proprietário tinha a obrigação de ajudá-los a ter sucesso na sociedade. Muitos libertos tornaram-se mais ricos do que muitos aristocratas. Alguns escravos que pertenciam a famílias ricas poderiam exercer mais poder do que os aristocratas livres. Alguns nobres, por exemplo, casavam com escravos da casa de César, para assim, melhorar a sua posição econômica e social! Os Códigos Domésticos faziam referência aos escravos domésticos, e Paulo escreve às congregações urbanas, de modo que o tipo de escravidão que está claramente se referindo é à escravidão doméstica.

Os proprietários, por vezes, se queixam de que seus escravos eram preguiçosos, especialmente quando ninguém estava olhando. Paulo incentiva-os a trabalhar com cuidado, mas dá ao escravo uma nova esperança e uma nova razão para realizar o trabalho necessário (6:5-8)¹⁸.

Paulo diz que os escravos, assim como as esposas, devem submeter-se ao cabeça da família como ao Senhor (6:5), contudo, mais uma vez deixa claro que este deve ser um dever de reciprocidade; escravos e senhores, ambos têm o mesmo mestre celeste.

¹⁸ Em geral, Paulo acredita que devemos submeter-nos àqueles que têm autoridade, sempre que possível, para manter a paz – cf. Romanos 12:18; 13:1-7, mas isso não significa que ele acredita que deveríamos nos esforçarmos para manter essas estruturas de autoridade; cf. 1 Coríntios 7:20-23.

Quando Aristóteles reclamou que alguns filósofos pensavam que a escravidão era errada, e os filósofos que mencionou não levantaram o assunto de forma tão aberta quanto Paulo. Apenas uma pequena minoria dos escritores do mundo antigo (muitos destes estóicos) sugeriu que os escravos eram em teoria, iguais a seus mestres, mas Paulo vai mais longe, ao ponto de sugerir que, na prática, os mestres trataram igualmente seus escravos, e da mesma forma, eles também tiveram de fazer por seus mestres (6:9a)¹⁹.

Alguns reclamam que Paulo devia opor-se à escravidão de uma forma mais proeminente. Mas nos poucos versos em que Paulo fala de escravos, é apenas a questão prática de como os escravos podiam lidar com a sua situação, não com a instituição legal da escravidão – da mesma forma que um ministro ou conselheiro poderia hoje ajudar alguém a sair de um vício, sem uma razão para discutir questões legais relacionadas a esse vício. Antes do tempo de Paulo, as únicas tentativas de libertar os escravos do Império Romano eram foram três guerras em massa, de escravos, os quais terminaram com um grande derramamento de sangue e sem libertação.

Os cristãos até este momento eram apenas uma pequena seita minoritária perseguida, cuja única forma de abolir a escravidão seria persuadindo a mais pessoas sobre sua causa e transformando os valores do império (a forma como o movimento abolicionista se espalhou nos séculos XVIII e XIX na Grã-Bretanha). Além disso, se esta carta em particular tinha sido escrita como uma crítica da injustiça social (que não é o propósito desta carta particular, embora o assunto vem à tona em outras passagens bíblicas), ele não começou com a crítica à situação dos escravos domésticos, mas com os das minas, e logo com os camponeses livres e os escravos que trabalhavam na agricultura.

Nem mesmo uma revolução violenta teria terminado a escravidão no Império Romano. De qualquer forma, o que o próprio Paulo diz não deixa dúvidas acerca de qual havia sido sua

¹⁹ Os essênios judeus se opunham à escravidão, mas isso era porque eles também se opunham à propriedade privada.

posição se lhe tivéssemos proposto a questão teórica da abolição da escravatura: todas as pessoas são iguais perante Deus (6:9), e assim, a escravidão é contra a vontade de Deus.

16. Jesus repreende os autossuficientes arrogantes em Apocalipse 3:15-18

Laodiceia tornou-se uma importante cidade da Frígia no período romano. Foi a capital da Convenção Cibriática, que incluiu pelo menos 25 cidades. Ela também foi a cidade mais rica da Frígia e, especialmente próspera durante este período. Ela era localizada a cerca de 17 quilômetros a oeste de Colossos e sua cidade rival era Antioquia da Frígia. A cidade refletiu o próprio paganismo da vasta cultura mediterrânica: Zeus era o patrono do deus da cidade, mas Laodiceia também tinha templos de Apolo, Esculápio (a divindade de cura), Hades, Hera, Atena, Sérapis, Dionísio e outras divindades. Parece que a igreja partilhava os valores de sua cultura, que possuíam uma autossuficiência arrogante em aspectos como a sua prosperidade, seus tecidos e seus avanços na saúde, todos eles desafiados por Jesus nesta passagem.

Laodiceia era um centro bancário muito próspero; orgulhosa de sua riqueza, se recusou a receber ajuda de Roma para aliviar um desastre após um terremoto que ocorreu em 60 d.C. e que pôde reconstruir-se à partir de seus próprios recursos. Ela também foi reconhecida pela qualidade dos seus têxteis (especialmente a lã preta) e sua escola de medicina para os ouvidos, sem dúvida, e seu colírio de elevada reputação. Tudo aquilo em que Laodiceia poderia ter confiança exteriormente, sua igreja, que refletia sua cultura, necessitava espiritualmente.

Na única esfera da vida em que Laodiceia não podia se orgulhar de ser autossuficiente estava em seu abastecimento de água. Laodiceia tinha que trazer sua água por tubulações de outros lugares, e no momento em que a água chegava, ele já estava cheia de sedimentos. Laodiceia realmente adquiriu uma reputação muito ruim por seu abastecimento de água. Jesus faz uma observação sobre a temperatura da água: não era nem frio nem quente; era morna. Isso não significa, como alguns sugeriram, que a água

quente era boa e água fria era ruim; Jesus não queria “bons e maus” de Laodiceia, mas apenas os bons.

Água fria era preferida na hora de beber, e a água quente para banhos (também beber em banquetes), mas o calor natural da água local (em contraste com a água quente disponível nas proximidades de Hierápolis ou a água fria das montanhas circundantes) foi, sem dúvida, uma queixa comum por parte dos moradores daquela cidade, a maioria dos quais também tinha um estilo de vida confortável. Jesus está dizendo: “Se você fosse quente (ou seja, bom para banhar-se) ou frio (ou seja, bom para beber), seria útil, mas assim, dessa maneira, você é apenas desagradável. O que eu sinto por você é a mesma coisa que você sente sobre o seu abastecimento de água: estou a ponto de vomitar-te da minha boca”.

Os exemplos de fundo cultural que acabamos de mencionar são exemplos apenas, mas eu espero que você tenha um apetite para mais. O plano de fundo sempre lança luz sobre cada passagem da Bíblia. Claro, isso é uma meta, não uma questão em que cada intérprete vá concordar. Paulo reconheceu que “*em parte conhecemos e em parte profetizamos*” (1 Coríntios 13:9) - alguns textos ainda permanecem obscuros para nós (mas temos o suficiente para nos manter ocupados até que entendamos os obscuros). Mesmo quando Cristo voltar, nós não saberemos tudo, e devemos ser compreensivos em nossas divergências com outros cujas conclusões são diferentes das nossas. Isso nos traz de volta a uma de nossas observações feitas no início: vamos focar o mais difícil e crucial que temos de discutir, e tratar os detalhes à medida que se poder fazer, mais a frente.

Capítulo 7

CONTEXTO DE GÊNERO

Embora já tenhamos discutido e ilustrado muitas das regras gerais mais importantes para a interpretação, agora temos de observar que algumas habilidades de interpretação dependem do tipo de escrita que se está estudando na Bíblia. Por exemplo, o Apocalipse é uma literatura profética (e provavelmente apocalíptica), que é cheia de símbolos. Se os intérpretes no presente debatem sobre o quão literal são algumas das imagens presentes em Apocalipse, ninguém duvida que grande parte do Apocalipse (por exemplo, a prostituta e a mulher) são cada um, símbolos que representam algo diferente do que eles querem dizer literalmente (Babilônia e Jerusalém versus duas mulheres literalmente).

Salmos é um conjunto poético e também usa imagens gráficas. A poesia incluía a licença poética; quando Jó diz: *“lavam meus passos na manteiga”* (Jó 29:6), significa que era próspero, e não que as salas de sua casa estavam cheias de manteiga para os tornozeiros. Eles poderiam dar centenas de exemplos; aqueles que negam o uso de simbolismo em algumas partes da Bíblia (porções especialmente poéticas) simplesmente não tem lido a Bíblia com cuidado.

Além disso, as narrativas não estão cheias de símbolos. Não se deve ler a história de Davi e Golias e pensar: *“O que Golias significa?”* Ou, *“o que simbolizam as pedras lisas?”*. Estes eventos são destinados a refletir relatos históricos literais, e tentar aprender lições com eles da mesma forma que nós vamos tentar aprender com nossas experiências ou histórias sobre as experiências dos outros¹. Nós podemos aplicar o que aprendemos com Golias sobre outros desafios que enfrentamos, mas Golias não “simboliza” estes desafios; é simplesmente um exemplo de desafio.

Embora o contexto, que é a nossa principal regra de interpre-

¹ A diferença entre as experiências bíblicas e as experiências modernas é que a bíblica por vezes traz pistas para a interpretação adequada do ponto de vista perfeito de Deus.

tação, funcione de maneira diferente para diferentes tipos de escrita, a maior parte dos provérbios, por exemplo, não são registrados em uma sequência notável que proporciona uma continuidade de pensamento; estes são isolados e gerais que foram simplesmente recolhidos (Provérbios 25:1). No entanto, isso não significa que não temos um contexto mais amplo para nos ajudar a ler especificamente Provérbios. Ao ler esses provérbios, à luz de toda a coleção de provérbios e, especificamente, à luz dos outros relacionados ao mesmo assunto, temos um contexto geral disponível para provérbios mais individuais.

Eruditos usam o termo “gênero” para os tipos de escrita. A Poesia, a profecia, a história e as palavras de sabedoria são alguns dos gêneros representados na Bíblia. Atualmente, existem exemplos de diferentes tipos de gênero; por exemplo, a ficção (a maioria das parábolas são algo como ficção), as ameaças de ataques ou relatos jornalísticos. Vamos examinar alguns dos “gêneros” mais comuns encontrados na Bíblia, bem como alguns princípios importantes para a interpretação.

1. A NARRATIVA

A narrativa é o gênero mais comum na Bíblia. Narrativa significa simplesmente “relato”, seja um relato verdadeiro, como a história, tais como, biografias (a maioria das narrativas bíblicas) ou uma história criada para comunicar a verdade através da analogia da ficção, como é o caso de uma parábola. Uma regra básica para a interpretação de uma história é que devemos nos perguntar: “Qual é a moral desta história?” Ou colocá-la de forma diferente: “Quais são as lições que podemos aprender com essa história?”

Evite a alegorização

Alguns princípios nos ajudam a descobrir precisamente as lições encontradas nas histórias. O primeiro princípio é uma advertência, especialmente para narrativas históricas na Bíblia: Não alegorize a história. Ou seja, não a converta numa série de símbolos, como se a narrativa não tivesse realmente acontecido. Se nós

fizemos numa narrativa em uma série de símbolos, qualquer um pode interpretar qualquer coisa que queira que a narrativa diga. As pessoas podem ler a mesma narrativa e formar religiões opostas! Quando lemos um texto desta forma, estamos adicionando ao lê-lo o que já pensamos, o que significa que estamos agindo como se nós não precisássemos que o texto nos ensine algo novo.

Por exemplo, quando Davi se prepara para lutar contra Golias, ele vai e pega cinco pedras lisas. Um alegorista pode dizer que se pode dizer que as cinco pedras lisas de Davi representam o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade e a bondade. Outro poderia dizer que ele recolheu essas cinco pedras para representar estes cinco dons espirituais, em particular, ou talvez cinco partes da armadura espiritual cristã que Paulo fala no Novo Testamento, mas tais interpretações não são úteis para qualquer coisa. Em primeiro lugar, não são úteis porque qualquer um pode sair com uma interpretação, e não há maneira objetiva de encontrar todo o sentido do texto.

Em segundo lugar, não são úteis porque eles são realmente o alegorista e seus pontos de vista, e não o texto em si, que proporcionam o significado e ensinam alguma coisa. Em terceiro lugar, eles não são úteis porque obscurece o verdadeiro significado do texto. Por que Davi pegou pedras lisas? Eles eram mais fáceis de disparar. Por que Davi pegou cinco pedras, e não uma? Creio que para o caso da primeira falhar. A lição que aprendemos com este exemplo é que a fé não significa presunção: Davi sabia que Deus iria usá-lo para matar Golias, mas não sabia se ele ia fazer com a primeira pedra.

De onde provém a alegoria? Alguns filósofos gregos se envergonhavam cada vez mais dos mitos de seus deuses cometendo adultério, roubo e assassinato, assim que eles se tornaram mitos em uma série de símbolos, em vez de tomá-los como verdadeiros ensinamentos sobre seus deuses. Alguns filósofos judeus, tentando defender as alegações da Bíblia dos gregos deram explicações sobre porções difíceis da Bíblia tomando-as como meros símbolos. Dessa forma, em vez de deixar que heróis bíblicos como Noé tivessem suas falhas, um filósofo judeu poderia dizer que realmente não vos

embriagueis com vinho, mas que ele estava bêbado do maravilhoso conhecimento de Deus.

Os eruditos cristãos de Alexandria, cujas escolas foram controladas pelo pensamento filosófico grego, muitas vezes praticavam a alegoria, embora outros líderes da igreja (como João Crisóstomo) preferia o sentido literal. Gnósticos como Valentino, condenados pelos cristãos ortodoxos, misturavam algumas ideias cristãs com a filosofia pagã. Eles muitas vezes usavam o método alegórico para justificar as diferenças difusas entre o Cristianismo e outros sistemas de pensamento. Anos mais tarde, muitos pensadores cristãos fizeram uso do método alegórico, que se tornou muito comum na Idade Média, especialmente na Europa².

Muitas pessoas praticam a alegoria porque querem encontrar algum significado por trás de cada palavra ou frase na Escritura. O problema com esta abordagem é que ela desafia a maneira pela qual as Escrituras foram dadas para nós e, portanto, em vez de respeitá-las, fazem o contrário. O nível de significância é muitas vezes adquirida com a história em sua totalidade, e palavras e frases simples e individuais, naturalmente, contribuem para esse senso de contexto mais amplo. Tentar ler na história um significado que não está lá é essencialmente tentar adicionar inspiração à Escritura, como se isso não fosse o suficiente tal qual é³.

Nos últimos anos, alguns têm procurado padrões numéricos nas palavras da Escritura, mas eles ignoram as centenas de “variantes textuais”, em sua maioria de diferença ortográfica entre diferentes cópias antigas da Bíblia. A maioria dos estudiosos concorda

² Sobre o uso gnóstico da alegoria, ver por exemplo, Stephen M. Miller, “*Malcontents fro Cristo*,” *Christian History* 51 (1996): 32-34, p. 32; Carl A. Volz, “*The Genius of Chrysostom's Preaching*”; *Christian History* 44 (1994): 24-26, p. 24. Para a escola de Alexandria (talvez um pouco demasiadamente favorável), ver Robert M. Grant com David Tracy, “*A Short History of the Interpretation of the Bible*”, 2d ed. (Philadelphia: Fortress, 1984), 52-62; em “*Antiochenes like Chrysostom*”, veja *ibid.*, pp. 63-72.

³ Os intentos alegóricos para encontrar um significado mais profundo por trás de cada palavra das Escrituras assumem muitas formas.

que os supostos padrões numéricos que alguns técnicos de informática têm encontrado nas Escrituras são aleatórios. Eles podem ter resultados igualmente convincentes para outros tipos de padrões.

Leia o relato como um todo

Às vezes não podemos extrair uma lição correta de uma narrativa por ter selecionado uma porção demasiadamente estreita de texto. Anteriormente mencionávamos ao meu amigo que duvidava da utilidade da passagem onde Abisague encontra-se na cama de Davi para se abrigar. Que lição podemos tirar de uma história como essa? Erraríamos se supusermos que a lição é que os jovens devem deitar-se na cama dos idosos a abrigá-los. É verdade que temos de cuidar da saúde dos nossos líderes, mas isso não está sendo ensinado aqui. Nem tampouco o ensino é que os seres humanos cumprem melhor a função de cobertores. Alguns gostariam extrair dessa passagem qualquer ensinamento que contradiga outros ensinamentos morais da Bíblia.

Mas todas essas interpretações não dão o significado, porque o escritor não tinha a intenção de que nós lêssemos um parágrafo da história e parássemos lá. Devemos ler toda a história, e na sequência da história completa, este número nos faz ver que Davi está morrendo, e nos prepara para o por que logo Salomão deve executar seu irmão traidor, Adonias. Ajuda-nos a compreender o resto do relato e o significado do mesmo à partir da história mais ampliada; nem sempre sucede assim quando vemos suas partes separadamente.

O quanto precisamos ler para entender todo o quadro? Como regra geral, quanto mais contexto lemos, melhor. Nós não precisamos falar muito sobre este assunto, porque este princípio do contexto global do livro já foi abordado em mais detalhes acima. Nós apenas demos uma pausa para observarmos que a unidade literária é, por vezes, mais ampla do que aparece como um livro em nossas Bíblias. Por ser muito difícil levar um documento longo num único rolo, as obras maiores costumavam ser divididas em “livros” de menor tamanho. É por isso que de 1 Samuel até 2 Reis represen-

tam uma história contínua (dividida em partes). 1 e 2 Crônicas representam outra história; Lucas e Atos compreendem uma única obra na sua totalidade (embora nossas Bíblias coloquem o Evangelho de João no meio deles, leia Atos 1:1 e Lucas 1:3).

Também existe a ideia de que os relatos mais extensos podem conter outros menos extensos. Por exemplo, muitos dos relatos de Marcos podem ser lidos individualmente como unidades em si com seus próprios ensinamentos. Alguns eruditos têm levantado a hipótese que a igreja primitiva usava estes relatos como unidades para sua pregação da mesma maneira que usavam muitas leituras do Antigo Testamento. Mas ainda essa observação seja correta, os eruditos modernos reconhecem que também devemos levar em conta esses relatos menos extensos dentro de seu contexto mais extenso, para desta maneira poder obter o máximo deles.

Pode-se seguir o desenvolvimento do “enredo” de Marcos e seu suspense, e traçar os temas do evangelho do início ao fim. Isso impede que tiremos as aplicações erradas. Por exemplo, lemos Marcos 1:45 e assumimos que, se somos enviados por Deus e cumprimos a missão de Deus, como Jesus fez, seremos populares para com as massas. Mas se lermos todo o evangelho, nós reconheceremos que as multidões, mais tarde, exigiram a crucificação de Jesus (Marcos 15:11-15). O ensino não é que a obediência a Deus sempre leva à popularidade; o ensino é que não podemos contar que a popularidade permaneça, porque as multidões podem facilmente mudar de opinião. É por isso que Jesus se concentrou mais em fazer discípulos que em atrair multidões (Marcos 4:9-20).

Identifique a Lição no relato

Ler os relatos bíblicos como eventos que realmente ocorreram, e em seguida, aprender os princípios por analogia *não* é alegoria; isso é ler essas histórias da maneira como se supõe que sejam lidas. Pelo maior tempo possível devemos nos colocar no lugar do público original da história, lê-lo no contexto de todo o livro em que aparece, e tentar aprender o que teria aprendido o primeiro público. Só então estaremos preparados para pensar sobre como aplicar a história para nossas situações e necessidades do presente.

Ao mesmo tempo, se ignorarmos o significado antigo, estaremos perdendo o impacto original da história. Uma vez entendendo o que significou em seu primeiro meio, temos de pensar em como aplicar a passagem com um impacto comparável para o nosso ambiente no presente.

A maioria das narrativas contém personagens. Então, por meio de diferentes métodos, podemos tentar determinar se, dado o caso, os personagens são bons ou maus exemplo a imitar: (1) quando os escritores e os leitores compartilhavam a mesma cultura, e essa inferia se um ato era bom ou ruim, o escritor poderia supor que os leitores sabiam qual era qual, a menos que não estivesse de acordo com os pontos de vista da cultura; (2) se para se ler todo o livro, sem pode perceber que existem padrões de comportamento; uma avaliação do comportamento em um caso se aplicaria a casos semelhantes de comportamento nesse livro; (3) deliberadamente apontando as diferenças entre os personagens, você pode ver quase sempre quais eram os maus exemplos e quais eram os bons.

Às vezes podemos aprender com a história levando em conta os personagens negativos e positivos, e depois compará-los. Em 1 Samuel fazemos isso muitas vezes; os capítulos 1 e 2, aprendemos que a humilde Ana, que foi odiada por muitas das poucas pessoas que conhecia, era uma pessoa dedicada a Deus; enquanto, por outro lado Eli, o sumo sacerdote, havia sido compromissado com sua chamada. Ana ofereceu-se para ceder seu filho a Deus; Eli, recusando-se a dar seus filhos a Deus, no final os perde e, junto com eles, todo o resto.

Depois disso, a história compara o menino Samuel, que ouve a Deus à sua mensagem, com os filhos maus de Eli, que abusam de seu ministério para ficar ricos e fazer-se ricos e ter relações sexuais com muitas mulheres. Mais tarde, Deus exalta Samuel, mas se livra dos ministros hipócritas. Logo 1 Samuel contrasta então Davi e Saul; examinando as diferenças entre eles, podemos aprender princípios para cumprir o chamado de Deus e também para evitar outros perigos.

Esse contraste também aparece no Novo Testamento. Por exemplo, em Lucas, capítulo 1, Zacarias era um sacerdote altamente respeitado, idoso, que serviu no templo em Jerusalém, mas quando o anjo Gabriel veio a ele, Zacarias estava incrédulo e ficou em silêncio por vários meses. Em contraste, o anjo Gabriel aparece a Maria com uma mensagem ainda mais dramática, mas ela acredita. Por causa de seu sexo, idade, status social e de estar em Nazaré e não no templo, a maioria das pessoas iria mostrar mais consideração para Zacarias do que para com ela. Mas a narrativa mostra-nos que Maria respondeu com uma fé muito maior e, portanto, recebeu mais bênçãos do que Zacarias. Da mesma forma, percebemos um contraste entre os Magos que procuraram Jesus e Herodes, que procurava matá-lo.

Claro, distinguir entre exemplos positivos e negativos não é tão simples, e a maioria dos personagens da Bíblia, como a maioria dos personagens das histórias e biografias gregas, tinha uma mistura de características positivas e negativas. A Bíblia fala de pessoas de verdade, e desse padrão também aprendemos a não idealizar pessoas como perfeitas ou desacreditá-las por completo. João Batista foi o maior profeta antes de Jesus (Mateus 11:11-14), mas não tinha certeza de que Jesus estava cumprindo sua profecia (Mateus 11:2-3), porque Jesus estava curando as pessoas, mas não fazia cair sobre outros juízos atrozos (Mateus 3:11-12).

João era um homem de Deus, mas ele não sabia que o reino de Deus viria em duas etapas porque o seu rei viria duas vezes. Distinguir os exemplos positivos dos negativos dá trabalho, mas é gratificante. Isso exige que entremos totalmente em toda a história uma e outra vez até que vejamos os padrões que nos dão as perspectivas do autor inspirado. Mas que melhor maneira de descobrir o coração de Deus que se banhando em Sua Palavra?

Muitas vezes, podemos listar vários atributos positivos que aprendemos com os personagens bíblicos, especialmente se o texto chamá-los de justos. Um exemplo de onde podemos aprender lições com o comportamento de um personagem bíblico é o de José em Mateus 1:18-25. O texto diz especificamente que José era um homem “justo” (1:19). Antes de começar a tirar lições, precisa-

mos fornecer algumas informações. Dada a idade média em que judeus do primeiro século se casavam, José provavelmente tinha menos de 20 anos, e Maria era, provavelmente, mais jovem do que ele, talvez cerca de 16 ou 18 anos. É provável que José não conhecia muito bem Maria; algumas fontes sugerem que os pais não permitem que os casais da Galileia passem juntos muito tempo antes da noite de núpcias.

Além disso, o “desposar” judeu tinha tanto peso legal quanto o casamento e, portanto, só poderia terminar com o divórcio ou a morte de um deles. Se as mulheres fossem condenadas em juízo por infidelidade, o pai teria que devolver-lhe o dote que noivo lhe havia dado em pagamento; além disso, o noivo recebia qualquer dote que a noiva tivesse levado ou levaria ao casamento. Ao divorciar-se dela secretamente, provavelmente o noivo renunciaria essa compensação financeira.

A narrativa envolve, em primeiro lugar, algo que tem a ver com *obrigações*: José era justo, embora planejava se divorciar de Maria, porque pensava que ela tinha sido infiel, e a infidelidade é um crime muito grave. O texto também nos ensina sobre a *compaixão*: embora José acreditasse (erroneamente) que Maria tinha sido infiel, ele decidiu deixá-la silenciosamente para minimizar a vergonha e, portanto, renunciou a qualquer benefício monetário que poderia receber pelo erro cometido por Maria, e vingança. Aqui podemos apreciar que a “justiça” de José (1:19) inclui a compaixão pelos outros. Mais tarde, a passagem enfatiza a *consagração*: José estava disposto a suportar a vergonha para obedecer a Deus.

A gravidez de Maria traria vergonha, provavelmente para o resto de sua vida. Se José se casasse com ela, as pessoas iriam pensar que ele mesmo a engravidou ou, menos provável, que era um covarde sobre a moral que se recusou a puni-la como ela merecia; em ambos os casos, José estava assimilando a vergonha duradoura de Maria, em obediência à vontade de Deus. Finalmente, nós aprendemos sobre controle. Em sua cultura, todo mundo achava que um homem e uma mulher que se encontravam à sós, não podiam controlar-se sexualmente. Mas, na sua obediência a Deus, José e Maria se guardaram sexualmente mesmo depois de

ter se casado, até o nascimento de Jesus, para cumprir a Escritura, que prometeu não apenas uma concepção virginal, mas também um nascimento virginal (1:23,25). Deste parágrafo podem ser tiradas outras lições (por exemplo, sobre a importância das Escrituras em 1:22-23), mas estes são os mais óbvios da vida de José.

Então agora é uma boa oportunidade para que pratiquemos por conta própria. Poderíamos tomar uma passagem como a de Marcos 2:1-12 e escrever as lições que podem ser extraídas à partir dele. Por exemplo, uma lição de grande importância é que os quatro homens que levaram o amigo reconheceram que Jesus era a única resposta para as suas necessidades, e não deixaram nada impedi-los de chegar ao local onde jazia Jesus (2:4). Marcos chama de “fé” essa determinação deles (2:5). Às vezes, a fé é para evitar que nada nem ninguém prive-nos de buscar Jesus (como aqui) para ajudar um amigo em necessidade. Outra lição importante é que Jesus responde à fé acima de tudo, com o perdão (2:5), porque essa é a primeira prioridade de Cristo. Nós também percebemos que o último verdadeiro ensinamento de Jesus gera a oposição dos profissionais religiosos (2:6-7). Nem todo líder de igreja está sempre aberto para Deus. Mas embora o perdão fosse a prioridade de Cristo, ele também estava pronto para conceder o milagre que aqueles homens buscavam e demonstrar Seus poder com sinais (2:8-12). Jesus não era um racionalista ocidental, que duvidou da realidade dos fenômenos sobrenaturais.

Esses ensinamentos poderiam subdividir, e talvez poderiam encontrar outros. Mas sempre se deve ter cuidado, como dissemos acima, de extrair os ensinamentos corretos à luz de contexto mais amplo. Como já nos referimos, a popularidade de Jesus no texto (2:1-2) não implica que um ministério como esse sempre o produza porque no final, muitas pessoas pediram que Jesus fosse crucificado (15:11-14). Também não devemos achar um texto que diga algo que não é muito claro; por exemplo, não devemos tratar de, na resposta de Jesus à “*fé deles*” (2:5) dizer que o Senhor vai perdoar os pecados dos outros por causa da nossa fé. O texto em

nenhum lugar diz claramente que o paralítico não tinha fé⁴.

Poucas passagens geram tantas aplicações particulares do que essa. A história da descoberta feita pelos leprosos do acampamento sírio (2 Reis 7:3-10) é parte de uma história maior sobre a provisão de Deus para Israel, o juízo sobre aqueles que duvidaram de Seu profeta, e como Deus poderia substituir o juízo contra uma nação com uma misericórdia extraordinária de acordo com Sua mensagem profética. Ao mesmo tempo, esta unidade de extensão pouco provavelmente fornece algumas perspectivas que se encaixam no padrão mais amplo da Escritura em geral. Deus não escolhe os fortes (*cf.* 7:2), mas os leprosos que foram excluídos da cidade (7:3) para fazer o descobrimento - pessoas desesperada que não tinham nada a perder (7:4). A Bíblia indica que, por vezes, este é o tipo de pessoas que Deus escolhe.

Às vezes, quando dirijo um estudo bíblico, tomo uma passagem como Marcos 2:1-12, e indo verso por verso, pergunto ao público acerca das lições dentro do texto; desta forma, eles começam a pensar sobre como estudar a Bíblia por conta própria. Se suas respostas estão além do texto, peço-lhe para voltar a ele. Quanto mais praticamos, nos tornamos mais precisos, mas temos de ser pacientes quando ensinarmos os alunos sobre como ler a Bíblia por si mesmos. Quando era professor da Escola Dominical de um grupo de meninos de 10 a 13 anos, simplesmente fazia-lhes que lêssem passagens das Escrituras; então fornecia-lhes o plano de fundo e, em seguida debatíamos as passagens, permitindo-lhes descobrir-se lições no texto.

Por já saber os problemas que eles mesmos enfrentavam, eles também poderiam pensar em maneiras de aplicar essas lições para a vida de uma forma mais relevante do que se as eu tivesse dado por conta própria! Depois de algumas semanas, eu disse a um jovem de 13 anos que ele dirigiria o estudo da Bíblia na semana seguinte (eu somente lhe forneceria o plano de fundo cultural). O jovem conduziu o estudo, bem como eu teria feito! E

⁴ Supõe-se que, se não tivesse fé, vinha reclamando contra os seus amigos que estavam abaixo o telhado.

isso fez um outro jovem de 10 anos na semana seguinte. O que quero dizer é que uma vez que ensinamos as pessoas a estudar a Bíblia desta maneira, enquanto nós estamos lá para ajudá-las enquanto aprendem, eles podem em vez disso ser equipados para ajudar os outros. Deus nos proíbe de ficar com os ensinamentos para nós mesmos!

Podemos aprender “ensinamentos” à partir das narrativas?

Alguns teólogos modernos têm sido céticos sobre o aprendizagem “doutrina” ou (literalmente) “ensinamento” à partir de narrativas. Vemos em 2 Timóteo 3:16 a afirmação explícita que toda a Escritura é útil para ensinar, de modo que, ao descartar essa função das narrativas, os teólogos teriam que negar peremptoriamente que as narrativas são parte da Escritura! Mas a narrativa, mais do que qualquer outro gênero, é a maior parte da Bíblia e tanto Jesus quanto Paulo ensinam à partir de narrativas do Antigo Testamento (por exemplo, Marcos 2:25-26; 10:6-9; 1 Coríntios 10:1-11)⁵.

Se a narrativa não ensinasse, não havia necessidade de que diferentes evangelhos existissem. Pelo fato de ter Jesus feito muitas coisas e ensinado muitas outras tantas, que nenhum escritor dos Evangelhos puderam dizer tudo o que ele fez ou disse (como João 21:25 declara explicitamente). Em vez disso, cada evangelista enfatizou certos aspectos sobre Jesus, a forma como fazemos quando lemos ou pregamos à partir de um texto na Bíblia.

Isto significa que quando lemos histórias da Bíblia, nós não somente aprendemos fatos históricos sobre o que aconteceu, mas ouvimos a perspectiva do escritor inspirado sobre o que aconteceu, ou seja, as lições a tirar da história. Quando o escritor nos “prega” à partir das histórias que ele conta, muitas vezes nos dá pistas para

⁵ Algumas partes do que se segue abaixo é emprestado do apêndice do meu livro, *3 Crucial Questions about the Holy Spirit – “3 Questões Cruciais sobre o Espírito Santo”* (Grand Rapids, MI, EUA: Baker Book House, 1996).

que reconheçamos os ensinamentos. Por exemplo, muitas vezes seleciona histórias com um tema básico ou temas que enfatizam repetidamente lições específicas.

No entanto, apesar do considerável precedente histórico para usar o precedente histórico bíblico, muitos teólogos sugerem que devemos nos sentir livres para encontrar na narrativa apenas o que é ensinado visivelmente em porções "mais claras" e "didáticas" da Escritura. Embora alguns desses eruditos se encontrem entre os mais destros de outras partes das Escrituras, devo protestar que tal abordagem para as histórias da Bíblia viola as regras mais básicas para a interpretação bíblica e na prática põe em perigo a doutrina da inspiração bíblica. Não disse Paulo que toda a Escritura é inspirada e, portanto, é útil para o ensino (ou seja, "doutrina") (2 Timóteo 3:16)?

Admito que eu particularmente não entendo algumas porções da Escritura (qual é a função eterna das genealogias de Crônicas?), Mas outras que eram obscuras têm feito sentido para mim depois de eu ter entendido o contexto cultural ao qual elas foram dirigidas (por exemplo, o desenho do Tabernáculo no livro do Êxodo). Alguns textos específicos são mais úteis para o tratamento de situações específicas comuns do que outros, mas todos os textos bíblicos têm uma função útil para algumas circunstâncias.

Um dos mais básicos princípios de interpretação bíblica é que devemos perguntar o que o autor quis transmitir ao seu público contemporâneo. Este princípio aplica-se a tanto às narrativas como aos Evangelhos, as epístolas como aos Romanos. Se você simplesmente tivesse escrito um evangelho "neutro", que se refere a todas as situações universalmente, a Bíblia certamente teria incluído.

Em vez disso, a Bíblia nos oferece quatro Evangelhos, cada um selecionando alguns elementos diferentes da vida de Jesus e seus ensinamentos para pregar Cristo para as necessidades de seus leitores de forma relevante (o qual também nos fornece um modelo de como pregamos a Cristo relevantemente aos que nos escutam). A maneira que Deus escolheu para nos dar a Bíblia é mais importante do que como nós *desejávamos* que ele nos houvera dado.

Ainda mais importante, devemos ser capazes de ler todos os livros, acima de tudo, como uma unidade independente, porque essa era a maneira que Deus originalmente inspirou. Deus inspirou livros da Bíblia como Marcos ou Efésios, um de cada vez, inspirando os autores para que se dirigissem a situações específicas. Os primeiros leitores de Marcos não podiam procurar referências cruzadas em Efésios ou com João para deduzir o significado de um ponto que não estivesse claro em Marcos.

Teríamos que ler e reler Marcos como uma única unidade até que pudéssemos obter o significado de qualquer passagem neste livro. Quando lemos uma passagem em tais livros da Bíblia, precisamos ler a passagem à luz da mensagem total e o argumento do livro, bem como ler o livro à luz das passagens que o constituem.

Nós não estamos dizendo que não podemos comparar os resultados de nosso estudo de Efésios com os resultados de nosso estudo de Marcos. O que estamos dizendo é que ignoramos o caráter completo de Marcos quando chegamos a Efésios antes de haver terminado nosso exame de Marcos. Por exemplo, a oposição que Jesus enfrenta para curar um paralítico em si oferece uma lição sobre a hostilidade que podemos esperar do mundo por fazer a vontade de Deus.

A oposição que se levanta contra Jesus desde os primeiros capítulos de Marcos e culmina na cruz, é paralela aos sofrimentos que os chamados são chamados a esperar (8:31-38; 10:33-45; 13:9-13; 14:21-51). Marcos chama os cristãos a perseverar. O fato de Marcos fornecer exemplos negativos deste princípio (por exemplo, 14:31-51) reafirma o que ele quer transmitir⁶.

A maioria das culturas do mundo ensinam através de histórias. A maioria dos teólogos que questionam o uso da narrativa, no entanto, são ocidentais ou aprenderam com elas, filhos do pensamento iluminista. Na verdade, nem todos os

⁶ Mesmo que também mostre a ineficácia dos cristãos para cumprir esse chamado com suas próprias forças.

ocidentais encontram as histórias bíblicas inacessíveis; mesmo nos Estados Unidos, as igrejas de afro-americanos por gerações se especializaram na pregação baseada na narrativa.

Na maioria das igrejas, as crianças crescem amando as histórias da Bíblia até chegarem ao seu estado adulto, quando lhe ensinamos que eles agora devem pensar abstratamente, em vez de aprender com exemplos concretos. Só porque nossos métodos tradicionais de extração da doutrina bíblica das Escrituras não funcionam bem na narrativa, não significa que as histórias bíblicas não emanam as suas próprias mensagens claras. Em vez disso, sugerimos a ineficácia da maneira que nós aplicamos o nosso método tradicional de interpretação, porque estamos ignorando muito da Palavra de Deus.

Quando os seguidores de Jesus escreveram o Novo Testamento, todos em sua cultura sabiam que a narrativa transmitia princípios morais; os biógrafos e historiadores esperavam que os leitores tirassem lições de seus exemplos, eles eram lições positivas ou negativas. Os estudantes costumavam repetir tais histórias em exercícios da escola primária, e já em níveis mais avançados de ensino, aprendiam como aplicar esses exemplos para reafirmar conceitos morais.

Requerer o uso de partes da Bíblia que não são narrativas para interpretar a narrativa não é apenas desrespeitoso com as porções narrativas, mas envolve também uma forma completamente errada de ler as porções da Escritura que não são. Todos reconhecem, por exemplo, que as cartas de Paulo são “ocasionais”, isto é, destinam-se a ocasiões ou situações específicas. Assim, se a ceia do Senhor não tiver sido objeto de controvérsia em Corinto, teríamos conhecido muito pouco a respeito, exceto por Mateus, Marcos e Lucas. Se, então, interpretássemos as porções narrativas da Escritura apenas por meio de outras partes, então poderíamos assumir que temos de celebrar a ceia do Senhor em nossos dias.

Certamente, o Senhor oferece a Seus discípulos ensino sobre a Ceia dentro da narrativa, mas considerando que o ensino é posto dentro da narrativa, sempre podemos protestar que dirigiu Seu

ensino apenas a um seletto grupo de discípulos. Alguns séculos atrás, muitos protestantes tentaram encontrar uma explicação para a Grande Comissão, de modo que hoje muitos tentam encontrar uma explicação para os ensinamentos dos Evangelhos e Atos sobre sinais, que muitas vezes confirmavam e ajudavam a evangelização.

A abordagem tradicional “doutrinária” não é apenas inadequada para interpretar os Evangelhos, mas também é inadequada para interpretar as epístolas. O tipo “narrativa” de interpretar o relato bíblico em realmente nos ensina como ler as cartas corretamente. Paulo escreveu para referir-se às necessidades específicas das igrejas (raramente para enviar saudações); embora Paulo usa princípios que são eternos e aplicam-se a uma variedade de situações, Paulo expressa esses princípios concretamente ao lidar com situações específicas. Antes de podermos decifrar seus princípios, muitas vezes temos de reconhecer as situações contra as quais luta.

As palavras específicas de Paulo para situações reais constituem casos de estudo que nos mostram como nos dirigir em situações semelhantes do nosso tempo. As cartas de Paulo pressupõem uma espécie de história de plano de fundo - ele está respondendo a eventos e situações entre seu público. *Em outras palavras, devemos ler as cartas de Paulo como exemplos.* Foi desta forma que Paulo lia o Antigo Testamento - extraindo teologia (ensinamentos, especialmente morais) de seus exemplos (1 Coríntios 10:11).

Suspeito que muitos eruditos, assim como eu nos primeiros anos, se sentiram desconfortáveis com o fato de encontrar muita teologia na narrativa por causa da nossa formação ocidental. No mundo acadêmico da teologia alguém pode chegar a se sentir satisfeito tratando assuntos importantes como a cristologia, enquanto por outro lado, se ignoram questões tão necessárias como o abuso doméstico e como evangelizar num emprego secular. Mas aqueles que são pastores, pessoas que fazem muito evangelismo pessoal e aqueles com outros ministérios, não podem ignorar assuntos que excedam os limites das categorias doutrinárias tradicionais. (Não devemos esquecer que aquelas categorias doutrinárias foram estabelecidas pelos teólogos medievais que muitas vezes podiam

dar-se ao luxo de se afastar dos problemas diários com os quais lutaram a maioria de seus contemporâneos.

As questões que foram tratadas eram importantes, mas não foram bastante exaustivas). Eu acho que, enquanto estamos mais somos levados a experimentar os tipos de situações que os escritores da Bíblia viveram, mais sensíveis seremos na interpretação dos textos. Quando isso acontecer, teremos que retomar toda a Escritura para levá-la à vida e à fé da Igreja.

Uma advertência que devemos sempre ter em mente é que nem todas as ações humanas registradas nas Escrituras foram sempre exemplos positivos, mas foram feitas por personagens geralmente positivos. A escritura é realista sobre a natureza humana, e revela, portanto, abertamente as nossas fraquezas, para que, desta forma, possamos ser realistas sobre as nossas fraquezas e a necessidade que temos de confiar sempre em Deus. Abraão e Sara riram quando ouviram a promessa de Deus (Gênesis 17:17; 18:12-15); Davi quase entra em colapso por causa da perseguição de Saul e a morte de Samuel, e assim mesmo ele havia feito para matar Nabal e os seus servos, mas a intervenção de Abigail (1 Samuel 25:32-34); desesperado, porque nada seria suficiente para retirar o controle malvado sobre Israel que tinha Jezebel, Elias queria morrer (1 Reis 19:4); Jeremias desencorajado porque ninguém estava prestando atenção à sua mensagem, amaldiçoou o dia em que nasceu (20:14-18); João Batista, pouco antes de sua execução, duvida da identidade de Jesus (Lucas 7:19-23.); Pedro negou Jesus três vezes (Marcos 14:72).

Como Paulo disse, temos este tesouro em vasos de barro, para que as pessoas possam reconhecer que o poder vem de Deus (2 Coríntios 4:7). Só Jesus mostra elevado caráter moral, e ainda assim, se identificou com nossas tentações (Marcos 1:12-13; 14:34-42). As Escrituras mostram as fraquezas dos homens e as mulheres de Deus para que, desta maneira, pudéssemos perceber que não há super-heróis espirituais entre nós – somente nos melhores casos –, homens e mulheres que dependiam do poder do Espírito perfeita de Deus para dar-lhes a vitória.

Parábolas

As parábolas são um tipo específico de narrativa que difere em alguns aspectos de outros tipos de narrativa. Os antigos sábios de Israel no Antigo Testamento e no tempo de Jesus usaram várias formas de aprendizagem gráfica para comunicar a sua sabedoria, formas que muitas vezes colocam os ouvintes a pensar sobre o que foi dito. Um tipo semelhante de ensino é o provérbio (que nos referimos abaixo). A categoria mais ampla de ensinamento (que é coberto pela palavra hebraica *marshal*) que inclui provérbios, comparações curtas e às vezes comparações mais amplas, incluindo algumas que realmente são para o propósito de ser alegorizado (diferente da maior parte da narrativa bíblica!).

No tempo de Jesus os mestres judeus por vezes se expressavam contando histórias nas quais um, dois ou mesmo mais personagens representavam algo do mundo real. Alguns contaram histórias sobre um rei que amava seu filho, em que o rei era uma analogia de Deus e o filho uma analogia de Israel. Portanto, quando Jesus contava parábolas, eles podiam já estar familiarizados com elas, e saber como tomá-las.

Mas ainda quando as parábolas de Jesus eram às vezes analogias estendidas com verdades no mundo real (por exemplo, quatro tipos diferentes de terreno na parábola do semeador, Marcos 4:3-20), por vezes, simplesmente incluiu alguns detalhes necessários para que a história tivesse lógica ou para que fosse uma história bem contada⁷.

Por exemplo, quando o fariseu e o cobrador de impostos oram no templo (Lucas 18:10.), o templo não "representa" alguma coisa; só que era o lugar favorito para orar dos habitantes de Jerusalém. Quando o dono da vinha constrói um muro em torno de sua vinha (Marcos 12:1), não devemos esforçar-se para determinar o que representa a muralha; esta era simplesmente uma característica comum das vinhas e obra ao leitor atento reconhecer que Jesus está aludindo à parábola do Antigo Testamento encontrada em

⁷ Este também era o caso de outras parábolas judaicas deste período.

Isaías 5:5, para que os leitores saibam que a vinha representa Israel.

Quando falamos sobre a parábola do filho pródigo diante do Pai representava Deus, o filho menor era uma analogia dos pecadores, e o maior dos escribas e fariseus, mas os porcos não “representam” algo em particular. Eles simplesmente ilustram o rigor do sofrimento e da sujeira que sofreu o filho pródigo. As prostitutas (Lucas 15:30) não representam ensinamentos falsos, idolatria ou qualquer outra coisa, como se fossem um símbolo padrão; simplesmente ilustram o grau de imoralidade que o filho esbanjou os ganhos de seu pai.

Considere a parábola do Bom Samaritano em Lucas 10:30-35. Nesta parábola, vemos um homem que “desceu” de Jerusalém para Jericó, e na estrada é assaltado e espancado por ladrões, que o deixaram quase morto. Um sacerdote e um levita passam distante, mas finalmente um samaritano é aquele que o resgata e leva-o para uma estalagem. Agostinho, um grande pensador e pai da igreja na costa norte da África, decidiu que esta era a história do Evangelho: Adão “caiu” porque ele caiu em pecado, o diabo abusou dele, não foi ajudado pela lei, mas, finalmente, ele foi salvo por Cristo como um bom samaritano. Ele poderia pregar usando esta interpretação e realmente esperar que haja conversões, porque estaria pregando o Evangelho. Mas o evangelho pode ser pregado sem anexá-lo a esta parábola em particular, e na verdade, isto não é o que esta palavra se refere no contexto de Lucas.

Em Lucas 10:29, um intérprete da lei pergunta a Jesus quem é o seu “próximo”, ao qual a Bíblia ordenava-lhe que ele que amasse (cf. 10:25-28). Jesus respondeu que seu próximo pode ser até um samaritano - que o verdadeiro amor deve cruzar fronteiras tribais, raciais e até religiosas. Provavelmente essa não era a resposta que o intérprete queria ouvir. Esta resposta ainda hoje continua a ser muito ofensiva para alguns que não querem que essa parábola queira dizer isto. Mas por que aquele homem “desceria” de Jerusalém para Jericó? Simplesmente porque Jericó é mais baixo do que Jerusalém! Além disso, a estrada para Jericó (como muitos outros

caminhos) era reduto de muitos assaltantes; um homem que viajava sozinho seria uma presa fácil, especialmente à noite.

O sacerdote e o levita que passavam por ali, do outro lado da estrada (10:31-32), provavelmente o fizeram para evitar a impureza espiritual. Muitos mestres judeus pensavam que alguém poderia ser impuro por até uma semana se apenas a sua sombra tocasse um cadáver, e não tinha realmente como saber, a menos que se aproximasse o suficiente, de alguém “*meio morto*” (10:30) e ver se estava vivo ou morto.

O significado desta história é que algumas pessoas que eram muito religiosas não estavam agindo como um verdadeiro próximo, mas de uma pessoa da qual não se esperava qualquer coisa, sim agiu como tal. Talvez, se neste momento na história, contássemos a história, falaríamos de um professor da Escola Dominical ou um ministro que foi do outro lado do caminho, mas um muçulmano ou alguém de uma tribo hostil resgatado da pessoa. Nossos ouvintes podem reagir com hostilidade para com essa comparação, mas isso é exatamente como reagimos a ouvir a comparação de Jesus. O “próximo deste” intérprete da lei poderia ser um samaritano. O nosso poderia ser alguém a quem estejamos tentados a rejeitar de uma maneira não menos intensa, mas Jesus nos manda amar a todos.

As narrativas e a história

Seguindo a influência do Iluminismo, muitos estudiosos ocidentais se desenvolveram de maneira cética sobre milagres e, portanto, os relatos bíblicos, como parte da história. Esse ceticismo tem sido desafiado de novo e de novo com cada descoberta que é feita sobre o mundo antigo. Novas tendências começaram a desafiar os velhos pontos de vista desta linha de pensamento, e hoje a maioria dos estudiosos, cristãos ou não, se concentra mais no sentido do texto que em sua relação com a história.

Mas a igreja primitiva sim esperava que seus líderes cristãos fossem capazes de responder às objeções levantadas contra a fé (2 Timóteo 2:25-26; Tito 1:9.); por isso vamos introduzir algumas destas questões brevemente. Como alguns dos meus trabalhos aca-

dêmicos que foram publicados até agora são sobre os Evangelhos, posso bem ilustrar os métodos que lhes digam respeito (cuja confiabilidade histórica reafirmo).

Se um cético honesto não tivesse evidências a favor nem contra a confiabilidade dos Evangelhos, esse cético deveria aceitar ou duvidar dos Evangelhos? Um consenso crescente de estudiosos argumenta que os Evangelhos são biografias antigas, o que significa que pelo menos são substancialmente seguros, do ponto de vista histórico. Eles reúnem todas as características de biografias antigas, e não com as características de outros gêneros. É por isso que mesmo um cético deveria pelo menos considerá-los geralmente confiáveis.

Alguns estudiosos do século XIX, com questões históricas perceberam que algumas partes da Bíblia se inter cruzaram, como no caso de Reis e Crônicas, ou Marcos e Mateus. Assim, eles desenvolveram um método chamado “fonte histórica” para tentar reconstruir quais fontes históricas usaram os escritores bíblicos. Claramente eles dependiam de fontes anteriores; eles não inventaram nada à partir de sua imaginação. Muitas passagens na Bíblia menciona suas fontes (Números 21:14; Josué 10:13; 2 Samuel 1:18; 1 Reis 14:19; 1 Crônicas 29:29, 2 Crônicas 27:7). Primeiro e Segundo Crônicas citam um “Livro dos Reis” (nove ocorrências a partir de 2 Crônicas 16 em diante).

Embora os escritores do evangelho ao escrever se aproximam mais dos eventos do tempo que descrevem, quando provavelmente muitas fontes informavam sobre eventos semelhantes e, portanto, eles não tinham porque dizer o nome das suas fontes, mas deixava claro que muitas testemunhas estavam disponíveis (Lucas 1:1). Embora ainda haja debates, o ponto de vista acadêmico da maioria é que tanto Mateus como Lucas usaram Marcos e algum outro material que tinham em comum.

No entanto, para além deste consenso básico, a fonte histórica provia alguns pontos de vista que foram amplamente aceitos.

Os enfoques de “cortar e colar” do início do século XX⁸ são agora quase universalmente rejeitados, enfraquecendo-lhe o desses comentários que se seguem. Sabemos também que os antigos contadores de histórias do Mediterrâneo faziam uso de uma ampla variedade de fontes, incluindo tradições orais, de modo que nem sempre podemos identificar qual informação veio de qual fonte.

Outros estudiosos promoveram um método chamado “história de forma”. Os ensinamentos e obras de Jesus foram relatados em diferentes formas literárias. Algumas destas formas (tais como parábolas) são óbvias, mas os historiadores de forma tradicional especulavam muito sobre quais formas foram utilizadas pela Igreja de maneiras particulares, e a maioria de suas primeiras especulações foram refutadas pelos eruditos que lhes sucederam.

Os eruditos, em seguida, transferiram-se para a redação histórica ou edição histórica. Se Mateus usou Marcos como fonte, então por que o adapta ou o edita da forma como faz? Os biógrafos antigos tinham total liberdade para organizar as fontes e expressá-las em suas próprias palavras. Uma simples comparação de Mateus, Marcos e Lucas dizem-nos que nem sempre seguem a mesma sequência nem usaram as mesmas palavras para descrever o mesmo evento, e essas diferenças são esperadas.

Quando encontramos padrões consistentes na edição de Mateus, podemos aprender sobre como Mateus enfatiza e, portanto, o que queria comunicar aos seus primeiros leitores. No entanto, alguns antigos historiadores de redação tinham muita confiança nas suas capacidades para reconstruir a razão de algumas mudanças. Mas eruditos posteriores reconheceram que algumas delas eram puramente estilísticas ou por falta de espaço!

Embora exista algum valor em cada uma das abordagens acima, os eruditos modernos se voltaram especialmente em duas direções. A primeira é a forma de crítica literária, um componente básico do que é geralmente lido em cada livro como um todo para compreender o seu significado. A segunda é a abordagem histó-

⁸ Quando céticos extraíam fragmentos das Escrituras segundo sua conveniência.

rico-social, que incide sobre o que temos chamado “*plano de fundo*”. Quase todos os estudiosos bíblicos do nosso tempo, em todas as suas variedades, desde os “*conservadores*” até os “*liberais*”, aceitam a validade destas duas abordagens.

2. AS LEIS NA BÍBLIA

As leis bíblicas têm muito a nos ensinar sobre a justiça, mesmo que precisemos levar em conta a cultura e época histórica a que foram dirigidas. Assim, Deus informa Israel que nenhuma outra nação tinha leis tão justas quanto ela (Deuteronômios 4: 8) e o salmista celebra e continuamente medita sobre a lei de Deus (Salmo 119:97).

Algumas leis, como os Dez Mandamentos, são geralmente expressados como princípios transculturais. Também se torna difícil encontrá-los genuínos paralelos em outras coleções legais do antigo Oriente Próximo. A maioria das leis, no entanto, foi dirigida ao antigo Israel como leis civis para indicar como a sociedade israelense deveria funcionar. Estas estavam especificamente dirigidas a uma parte do Oriente Médio, e devemos ter cuidado quando se busca analogias adequadas de como aplicá-las no presente.

A lei do antigo Oriente Próximo definia o tom para os assuntos a serem tratados. As leis israelitas tratavam muito das mesmas questões tratadas na lei mesopotâmica. O código de Hamurábi e outras coleções coletivas referida, as orelhas furadas (Êxodo 21:6); servidão por dívida (21:7); o tratamento de prisioneiros escravizados (21:9); fazer uma mulher abortar (21:22); olho por olho e dente por dente (21:23-25); a negligência acerca de um boi (21:28-36); o preço da noiva (22:16-17); responsabilidade por derramamento de sangue (Deuteronômios 21:9-10.); e assim por diante.

Ao mesmo tempo, as diferenças significativas modificavam a tradição jurídica do antigo Oriente Próximo. Em outras sociedades, a punição recebida era mais grave se ele pertencesse a uma casta social mais baixa. Ao contrário disto, na lei israelita tal injustiça não está cometida. Ademais, na lei babilônica se um homem

causasse a morte da filha de outro homem, então, sua filha tinha de ser executada; na lei israelita, o homem que cometesse o assassinato era o que morria.

Não sabemos de outras sociedades que protegessem as terras ancestrais da maneira que as leis israelitas (Levítico 25:24). Essa lei impediria a acumulação monopolística de capital que faria algumas pessoas ricas à custa dos outros. Na lei de Israel alguns crimes eram punidos com mais brandura (sob a lei babilônica, os ladrões que roubaram durante o dia eram executados) e alguns outros, tinham penas mais severas (a lei israelita era rigorosa sobre filhos desobedientes). O direito Babilônico ordenava a pena de morte para aqueles que abrigavam escravos fugitivos. A lei de Deus ordenava que Israel acomodasse escravos fugitivos (Deuteronômios 23:15).

Mas as leis do Antigo Testamento, embora melhorassem as normas de sua cultura, nem sempre proviam com o ideal perfeito da justiça que Deus quer. Em todas as culturas, as leis civis proporcionam uma exigência mínima para que as pessoas trabalhem unidas, mas não fazem nenhuma menção de todas as questões morais. Por exemplo, uma lei pode dizer: “Não matarás”, mas só Deus pode realizar as implicações máximas dessa lei para os padrões morais, ou seja: “*não matará*” (Mateus 5:21-26).

Podemos tomar como exemplo a lei sobre o escravo que é espancado e morre, encontrada em Êxodo 21:20-21; na presente lei, se o escravo sobreviver um ou dois dias, o proprietário não é punido. Até certo ponto, aqui está indo de acordo com a lei para quem não morre imediatamente de feridas (21:18-19), mas neste caso a lei diz especificamente isso é porque os escravos eram “propriedade” do senhor. Como lemos em Efésios e Filemom sobre a escravidão (discutido acima), não parece mesmo ser o propósito ideal de Deus. Da mesma forma, embora a lei condene o uso sexual de um escravo pertencente a outro proprietário, o faz em grau menor que o adultério, pelo fato de ser um escravo (Levítico 19:20; Cf. Deuteronômios 22:23).

Dois séculos atrás, algumas pessoas tentavam argumentar a partir destes textos que Deus estava a favor da escravidão, mas

nenhum texto específico apoia a escravidão. Em vez disso, o texto refere-se a um sistema que já era praticado e o torna mais humano. Os israelitas compatriotas não poderiam ser escravos de forma permanente. Eles serviam por um tempo; em seguida, eles eram liberados e se lhes dava algum capital através do qual ele poderia se manter (Deuteronômio 15:12-15)⁹. Os cristãos que se opunham a escravidão citavam uma gama de princípios bíblicos (como amar o próximo como a si mesmo, Levíticos 19:18 ou que todas as pessoas são iguais perante Deus, Atos 10:28) . Este último grupo de intérpretes foi o que articulou corretamente o ideal das Escrituras. Como sabemos?

Quando alguns eruditos citaram Deuteronômios 24 como uma permissão para um homem repudiar sua mulher, Jesus disse que a lei era uma “concessão” à natureza pecaminosa do homem (Marcos 10:5): isto é, Deus não eleva a norma para o seu ideal final, porque ele estava trabalhando dentro de sua cultura. Para fornecer leis morais que funcionassem em uma sociedade pecaminosa, Deus limitou o pecado ao invés de proibi-lo completamente. Mas a moralidade que Deus exige do coração humano vai além de tais concessões.

Deus nunca aprovou que um homem se divorciasse de sua mulher, exceto por razões muito limitadas (Marcos 10: 9; Mateus 19:9). Outras concessões no Antigo Testamento podem incluir a poligamia, sendo forçado a trabalhar para alguém por um período de tempo e, talvez, a guerra santa: Deus estava trabalhando através ou apesar destas práticas, mas seu ideal no Novo Testamento é muito melhor. As leis rituais e civis podem conter alguns valores morais absolutos, mas também contêm concessões em termos de tempo e de cultura a que foram dirigidos, tal como reconheceu Jesus.

Ao mesmo tempo, algumas ofensas sempre levavam a pena de morte no Antigo Testamento, sugerindo assim a seriedade que Deus as tomava para todas as culturas: o assassinato, a feitiçaria, a

⁹ Israel geralmente não poderia sequer atender a essa norma divina; cf. Jeremias 34:11-22.

idolatria, o adultério, o sexo antes do casamento, as relações homossexuais, a rebelião extrema contra os pais e alguns outros crimes. Isso não quer dizer que, hoje, devemos buscar a pena de morte contra todos esses pecados. Mas devemos tratar todas estas ofensas com seriedade.

Ao interpretar as leis do Antigo Testamento, temos de considerar a diferença de época e a diferença de cultura. Assim como as pessoas nos dias de Moisés não podiam ignorar a revelação que Deus lhes dera, citando a que Deus tinha dado anteriormente a Abraão, também hoje algumas coisas são diferentes por causa da vinda de Jesus. Em geral a natureza humana é a mesma. As formas de Deus trabalhar têm muito em comum com as que fazia no Antigo Testamento, mas agora há momentos em que operar é de forma diferente. Nos dias de Moisés, Deus afogou os egípcios no Mar Vermelho; nos dias de Jesus, Deus desencadeou uma revolução espiritual que durante um período de três séculos converteu grande parte do Império Romano e do Aksum (África Oriental). A antiga aliança foi boa, mas operava por meio da morte; a nova aliança funciona por meio da vida (2 Coríntios 3: 6).

A lei ainda é boa e útil para o ensino da ética, desde que usada corretamente (Romanos 3:27-31; 7:12; 1 Timóteo 1:8-11.). Mas uma mera obediência à lei, sem fé nunca trouxe a salvação; Deus sempre salvou as pessoas sempre pela graça mediante a fé (Romanos 4:3-12), e desde a vinda de Cristo, salvou as pessoas por meio da fé em Jesus Cristo. Quando consideramos como aplicar nos nossos dias as minúcias da lei, devemos considerar outros fatores. Alguns padrões bíblicos, como a ordem de Deus para descansarmos, foram dadas antes de ter sido dada a lei (Gênesis 2:2-3; Êxodo 20:11). Ele também nos dá mandamentos no Novo Testamento (João 13:34; Atos 2:38; 1 João 2:7-11). O Espírito Santo também era bastante ativo no Antigo Testamento (1 Samuel 19:20-24; 1 Crônicas 25:1-2), mas assumiu uma nova atividade em Cristo (João 7:39; Atos 1:7-8; 2:17-18).

3. ORAÇÕES E CÂNTICOS BÍBLICOS, ESPECIALMENTE OS SALMOS

Em alguns casos, temos o contexto histórico de alguns salmos (ex. 2 Samuel 22:1 para o Salmo 18; 2 Samuel 23:1-7), mas na maioria dos casos não é assim. Podemos deduzir que alguns salmos refletem tristeza depois do exílio (por exemplo, o Salmo 89, especialmente 89:38-51), mas no contexto de outros salmos, diz o Salmo 150, é escura e, finalmente, não tão necessário como o são outras partes da Bíblia. Deus inspirou os salmos não só para as circunstâncias imediatas que os causaram, mas para uso no culto litúrgico de tempos posteriores (2 Crônicas 29:30), onde repercute mais com outros tipos de circunstâncias.

A adoração constituía numa atividade fundamental no templo bíblico (1 Crônicas 6:31-32; 15:16, 28-29; 16:4-6, 41-42; 2 Crônicas 8:14; Salmos 5:7; 18:6; 27:4; 28:2; 48:9; 63:2; 65:4; 68:24, 35; 73:17; 84:2,10; 92:13; 96:6-8; 100:4; 115:19; 134:1-2; 135:2; 138:2; 150:1), e retomada de maneira especial em períodos de avivamento (2 Crônicas 20:20-24; 29:25-27; 31:2; 35:2; Esdras 3:10-11; Neemias 12:24-47). Os levitas adoravam a Deus especialmente nos sacrifícios matutinos e vespertinos (1 Crônicas 23:27,30), talvez como parte das ofertas (Salmos 141:2; cf. 5:3; 88:13). Estes tipos de adoração em geral não eram muito passivas, senão mais bem jubilosas, celebrando as obras poderosas de Deus¹⁰.

Israel sempre usou os cânticos na adoração (Êxodo 15:20-21), e as mesmas podiam ser usadas para a adoração inspirada ou dirigida pelo Espírito (1 Samuel 10:5; 2 Reis 3:15; Habacuque 3:19; 1 Coríntios 14:15). Deus também podia usar a profecia para dirigir a natureza da adoração (2 Crônicas 29:25). Um adorador, no Espírito, podia alternar entre falar com Deus e escutá-lo (2 Samuel 23:1-2; Salmos 46:1,10; 91:2, 14). Mais significativo ainda é o fato de que Deus designou uma ordenada adoração no templo, mas guiada pelo Espírito (1 Crônicas 25:1-7). O Novo Testamento

¹⁰ Ex. Neemias 12:27,36,43-46; com talvez cem referências a respeito nos Salmos.

desenvolve mais adiante a importância de depender do Espírito de Deus para que nos capacite para uma adoração digna do Senhor (João 4:23-24; Filipenses 3:3).

Os salmos, em geral podem ter o propósito de ser usados mais como *orações e canções*, do que para ser interpretados. Uma vez que uma pessoa esteja cheia dos salmos, também provê modelos para nossa própria adoração espontânea a Deus¹¹.

Desta maneira, nos é útil fazer um resumo de alguns tipos de salmos e seus usos. Douglas Stuart, co-autor com Gordon Fee do livro *How to Read the Bible for All Its Worth*¹², enumera vários tipos de salmos. Temos seguido e adaptado grande parte de sua lista, e ainda estes tipos se inter-relacionam, muitas dessas categorias podem se dividir de maneiras diferentes. Mais de sessenta salmos apresentam exemplos grupais ou individuais de como expressar nosso desalento, sofrimento ou tristeza em oração a Deus. A isto as vezes são chamados “lamentos”. Alguns cristãos de nosso tempo pensam que nunca devemos admitir que estamos abandonados. Sem dúvidas, deveríamos expressar de maneira bíblica nossas feridas a Deus.

Por vezes esses salmos seguem uma estrutura sistemática; a maioria recolhe uma expressão de pesar, uma expressão de confiança em Deus, um clamor de libertação, a segurança de que Deus dará a libertação e finalmente um louvor a Ele por Sua fidelidade. Orações como estas nos ajudam a lidar com nosso sofrimento, em vez de permitir-lhe que flagelem nosso espírito.

Os salmos de ação de graças são apropriados para celebrar a bondade de Deus para conosco, e, portanto, em certo sentido, eles

¹¹ Pelo fato da cultura poética e musical do antigo Oriente Próximo sim influenciava a maneira em que eram apresentados os salmos, hoje podemos escrever nossos salmos com algumas diferenças; cf. 1 Crônicas 14:26; Efésios 5:19. Os puritanos somente usavam os salmos bíblicos como hinário mas nós tratamos de que Deus nos provera de cânticos contemporâneos na música de nossas próprias culturas também.

¹² “*Como ler a Bíblia para descobrir todo seu valor*”. Zondervan, 1993, pp.194-97.

são usados em diferentes situações aos lamentos (Tiago 5:13). Os adoradores do templo talvez por vezes utilizou durante as ofertas de gratidão (Levítico 7:7-11). Stuart lista dezesseis salmos de louvor, alguns para indivíduos e outros para o povo de Deus em geral (Salmos 18, 30, 32, 34, 40, 65-67, 75, 92, 107, 116, 118, 124, 136, 138).

Estes geralmente incluem um resumo introdutório, uma nota sobre o desânimo, um chamado que o salmista faz a Deus, uma descrição da libertação e louvor de Deus pelo livramento de Deus. Além destes, existem muitos salmos que Stuart chama de “hinos de louvor”, que fornecem adoração a Deus sem se concentrar em questões específicas de ação de graças (8, 19, 33, 66, 100, 103, 104, 111, 113, 114, 117, 145-50). Outros enfatizam a confiança no Senhor (11, 16, 23, 27, 62, 63, 91, 121, 125, 131).

Muitos salmos têm uma celebração e uma confirmação das obras de Deus para o povo. Alguns salmos destacam Deus como Rei (24, 29, 47, 93, 95-99), e eles podem usá-los para louvar o poder e o reino de Deus. Os salmos celebrando o governo do rei de Israel (2, 18, 20, 21, 45, 72, 89, 101, 110, 132, 144) podem ser usados para celebrar o nosso Rei e Senhor, Jesus o Messias. Nas sociedades em que não existe uma cultura sobre o que é a realeza, devemos lembrar que isso significa celebrar o reinado do Senhor sobre nós. Alguns outros salmos enfatizam a cidade santa (46, 48, 76, 84, 87, 122), e eles podem usá-los para comemorar a Nova Jerusalém prometida e a graça que Deus tem nos mostrado, tanto para o nosso futuro como para com nossa herança na cidade santa.

O trabalho de historiadores bíblicos, profetas e sábios também é compatível com os salmos. Alguns salmos celebram a obra de Deus em nossa herança na história de Israel (78, 105, 106, 135, 136). Alguns soam como as mensagens dos profetas, incluindo um que é uma demanda na forma de pacto que chama o povo de Deus à obediência (Salmo 50). Alguns são salmos de sabedoria, que soam como os ensinamentos dos sábios (1, 36, 37, 49, 73, 112, 119, 127, 128, 133). Podemos aprender e ensinar através da nossa adoração (Colossenses 3:16).

Os Salmos também podem expressar a paixão de nossa devoção a Deus, uma devoção que nem sempre confessamos baseada em nossos sentimentos, mas confirmamos no próprio ato de confessar. Quando cantamos a Deus que Ele é mais importante para nós do que qualquer outra coisa, nós confirmamos a nossa devoção a Ele (*ex.* Salmo 42, 63).

Os salmos nos fornecem maneiras de expressar nossa angústia, tristeza, esperança, desespero e alegria em oração a Deus. Alguns salmos são de angústia menos graves; outros, que terminam com uma nota de desespero (Salmo 89:49-51) servem como incentivo apenas para a pessoa que está passando por uma grande angústia e precisa expressar sua dor a Deus. Mesmo quando sabemos que Deus ao final, nos libertará – na vida ou na morte –, temos de expressar nossos sentimentos a Ele. Os salmos imprecatórios, como o Salmo 137 (anunciando bênção para quem mata os filhos de Babilônia como Babilônia tinha feito com os filhos de Israel), se enquadram nesta categoria (ver também Salmos 12, 35, 58, 59, 69, 70, 83, 109, 140). Ao invés de exagerar o significado literal, devemos considerar a função retórica destes salmos: são orações para uma vindicação rápida dos oprimidos, para Deus agir rapidamente com justiça. Os oprimidos não se vingam por conta própria, mas afirmam ser vingados como o sangue de Abel clamou (Gênesis 4:10; Mateus 23:35; Lucas 11:51; Hebreus 11:4; 12:24). Esta prática também aparece no Novo Testamento (Apocalipse 6:10; cf. 2 Timóteo 4:14), mas sempre no final Jesus quer perdoar e amar os nossos inimigos por isso pedimos o seu bem (Mateus 5:44; Lucas 6:28).

Esta abordagem dos Salmos não é uma forma de fugir dos textos que são incômodos para aqueles de nós que são condicionados de forma diferente pelo ensinamento de Jesus. Estamos tratando de ler os salmos de acordo com a finalidade para a qual foram escritos, e, portanto, de acordo com sua função retórica. É por isso que alguns salmos soam como se Deus sempre garantisse as bênçãos ao justo, em contrapartida, outros mostram os justos submersos em problemas. No entanto, ambos os tipos de salmos são tocados com o mesmo saltério, porque aqueles que os escreveu

e os cantou não viram nenhuma contradição. Eles usavam os Salmos para expressar os sentimentos de seus corações diante de Deus, e Deus inspirava a sua adoração e se agradava.

É por isso que os Salmos podem incluir chamados para a adoração que vão aumentando até chegar a um alto grau de emoção¹³. Outros salmos podem ser lamentos inspirados que nos fornecem modelos aceitáveis para expressarmos nossa dor. Outros são orações para vindicação. Embora nós peçamos coisas boas para os nossos inimigos (Lucas 6:28), este tipo de oração continua no Novo Testamento (Apocalipse 6:10; cf. 2 Timóteo 4:14), como já dissemos.

Os Salmos são principalmente para ser orados, mas também podemos pregar e ensinar à partir deles, desde que reconheçamos que estamos ensinando modelos para vários tipos de oração. Por exemplo, o Salmo 150 diz-nos onde devemos louvar a Deus, tanto no seu santuário como o céu, ou seja, em todos os lugares (150:1, muitas vezes o hebraico resume o geral contrastando-o com as partes contrárias). Por que devemos louvar a Deus? Tanto é assim que ele é feito como por aquilo que Ele é (150: 2). Como devemos louvar a Deus? Com danças e todos os tipos de instrumentos disponíveis (150:3-5). E, finalmente, quem deve louvar a Deus? Tudo o que respira (150:6). Os Salmos também oferecem outros tipos de alento. Por exemplo, o Salmo 2 prevê a vitória do rei de Israel sobre as nações que lhe zombavam. Isso nos lembra que em última análise, não são as pessoas ao nosso redor que têm poder sobre nós. Deus está no controle e Ele revelará; nenhum império humano que surgiu contra Ele sobreviveu, e ninguém vai.

4. PROVÉRBIOS

Os mestres de sabedoria, ou sábios, muitas vezes ensinavam

¹³ *"Hallelujah"*, que significa *"Louvado seja Deus!"* É literalmente uma ordem de louvar a Deus, e não uma palavra de elogio em si; os músicos levitas profetizavam ao povo como guiá-lo na adoração (1 Crônicas 25:1-2).

ditos que se memorizavam facilmente, aos quais chamou Provérbios. A maioria das culturas estão familiarizadas com este gênero. Os americanos têm os provérbios, como “*a pressa é inimiga da perfeição*” e as sociedades africanas tradicionais têm uma utilização mais abundante de provérbios.

Provérbios são expressões curtas e concisas de princípios gerais. Como tal, eles são resumos de promessas normais e condicionais para todas as circunstâncias. Realmente alguns princípios gerais podem entrar em conflito uns com os outros em situações específicas. É por isso que em Provérbios 26:4-5 se deve responder ao tolo segundo a sua estultícia, e não devemos responder ao tolo segundo a sua estultícia. Deve ser corrigido para o seu bem e para o bem de si mesmo deve ter cuidado para não ser como ele. Ambos os princípios são verdadeiros, e para que os reconheçamos, devemos estar atentos à amplitude das Escrituras, em vez de tomar um texto e tentar ler em outros o que significa, sem primeiro considerar o significado de cada texto.

Quem prega à partir de Provérbios pretende reunir diferentes provérbios que abordam a mesma questão para se mencionar juntos. Isto é importante porque a maior parte do livro de Provérbios consiste em um número de ditados colocados aleatoriamente, por isso, as regras normais de contexto não funcionam com ele. O contexto mais amplo de gênero não funciona, e seria muito útil tomar outros ditos sábios sobre o mesmo tema e uni-los.

Ao ignorar o gênero de Provérbios, alguns têm usado alguns destes como promessas incondicionais as quais podem logo “declarar” com certeza¹⁴. Alguns também têm tirado doutrinas estranhas ao tomar provérbios específicos fora do contexto da coleção mais ampla de provérbios que existe sobre o assunto.

Por exemplo, alguns dizem que, com base em alguns provérbios (e também em outros textos fora do contexto), podemos falar

¹⁴ Portanto, há aqueles que, como os amigos de Jó, usam princípios gerais de Provérbios sobre o êxito do justo, para condenar aqueles que não estão experimentando. Esta abordagem não compreende a natureza dos Provérbios.

sobre coisas que não devem sê-lo. Eles apontam que a língua pode levar a morte ou a vida, ferir ou curar (18:21;12:18); mas quando comparamos outros provérbios que falam sobre a língua trazendo a vida ou cura, seu significado é claro: pode-se edificar os outros ou feri-los com o que falamos, e, ao mesmo tempo, podemos ter problemas ou evitá-los pela forma como falamos com os outros (Provérbios 12:14; 13:2-3; 18:20; 21: 23).

Outras expressões em Provérbios a respeito de cura incluem o bem-estar de quem escolhe mensageiros fiéis (Provérbios 13:17), eles têm seus corações tranquilos (14:30, 17:22), recebem boas notícias (25:25) ou ouvir palavras de encorajamento (16:24). Muitos textos enfatizam o valor terapêutico da língua, especialmente em relações (12:25; 15:1,4,23,25,11-12,25). Os egípcios e mesopotâmios também tinham provérbios sobre a língua e sobre palavras como portadoras de saúde ou morte, não no sentido de falar as coisas para tornar-se o que não são, mas no sentido de sair ou entrar em dificuldades (ver, por exemplo, as “palavras de Ahiqar”).

Temos também de considerar a “função retórica” dos Provérbios. Os antigos sábios davam provérbios em expressões curtas e concisas, como princípios gerais. Provérbios eram poesia (por vezes contrastando a segunda linha com a primeira), e eram resumos curtos que não enumeravam todas as exceções possíveis dos princípios que articulavam. Eles poderiam usar o humor, a hipérbole (exageros retóricos), a ironia e outros meios para se comunicar graficamente. Os provérbios foram escritos para o efeito, fossem memoráveis e práticos, e não para que eles fossem declarações pormenorizadas de filosofia, muito menos para ser garantias legais. Devemos ler de acordo com a qualidade em que foram escritos.

Mencionaremos brevemente algumas das outras literaturas de sabedoria. Ambos, Jó e Eclesiastes, desafiam o tipo de sabedoria convencional em Provérbios: o que acontece quando os justos sofrem e os maus prosperam? A Bíblia incluir esses livros nos lembra que os princípios gerais de Provérbios são apenas princípios,

não garantias categóricas que podemos “alegar” como se Deus fosse obrigado a respondê-las¹⁵.

Bíblia também inclui uma ampla variedade de perspectivas (embora sem contradições) também nos alerta para mantermos nossas fronteiras alargadas: Deus pode enviar muitos cristãos com diferentes tipos de sabedoria, e devemos ser sábios o suficiente para assimilar todos os tipos de sabedoria. Podemos conhecer aqueles que tendem a ser cautelosos e céticos (como o cinismo de Eclesiastes), outros que aprenderam através dos sofrimentos de Jó, e aqueles que viram estes princípios gerais na fidelidade de Deus para com os justos. Devemos recebê-los todos juntos para que no corpo unificado de Cristo e tal qual trabalham unidos num cânon os diferentes livros da Bíblia.

5. A LITERATURA ROMANCE

Apesar de alguns salmos terem sido usados em casamentos reais (Salmos 45), a parte da literatura romântica mais ampla e permanente da Bíblia são os Cantares de Salomão. Ao longo da história, muitos intérpretes foram surpreendidos que as Escrituras dão atenção especial a essa questão “secular”, como o romance conjugal, e por essa razão eles interpretaram as canções como algo alegórico sobre a relação entre Deus e Israel, ou Cristo e à igreja. Mas as canções têm mais sentido em seu significado literal¹⁶.

Deus nos deu Cantares em nossa Bíblia porque Ele dá grande importância ao romance do casal, e deseja que as esposas e maridos desfrutem do amor entre eles. Parte da linguagem romântica com o qual não estamos familiarizados era comum no seu tempo¹⁷.

¹⁵ No entanto, Ele responde nossas orações, muitas vezes de fé, incluindo a fé fortalecida por tais princípios, mas isso é uma questão diferente.

¹⁶ A união de Cristo com a igreja tem alguns paralelos com o romance, mas as alusões prováveis para sexo, discórdia conjugal e ciúme não se encaixam nessa interpretação!

¹⁷ Por exemplo, canções de amor egípcias também celebram como um

A canção trata muitos aspectos práticos do romance matrimonial (por meio de exemplos específicos do rei e sua noiva): por exemplo, ele reafirma sua beleza (1:9-10,15; 2:2; 4:1-15); ela reafirma seu atrativo (1:16; 2:3; 5:10-16); eles participam do banquete de casamento (2:4); eles experimentam um mal-entendido e são reconciliados (5:2-8); deve ser tomado cuidado para não causar ciúme (8:6).

Este livro é útil para o aconselhamento matrimonial e para se pregar sobre casamento. Só depois de ter internalizado as lições para os nossos próprios casamentos podemos encontrar princípios matrimoniais na canção que também se aplica ao nosso relacionamento com o Senhor.

6. OS ENSINOS DE JESUS

Os ensinamentos de Jesus não são um gênero tão vasto como o é a poesia ou a narrativa; na verdade, esses misturam os diferentes tipos de gêneros. Jesus, entre outras coisas, era um estudioso judeu, pelo que tantas vezes usa o estilo dos mestres judeus de Seu tempo: por exemplo, os exageros retóricos, provérbios de sabedoria (ver acima) e parábolas. Ao mesmo tempo, Jesus era um profeta, e às vezes deu profecias como fizeram os profetas (“Ai, de ti, Cafarnaum!”). É claro que Jesus era mais do que um sábio ou um profeta, e muitas vezes falou com mais autoridade que os sábios e os profetas o fizeram, mas ele também usou muitas técnicas de ensino que eram familiares às pessoas do seu tempo.

Vamos tomar como exemplo o ensinamento de Jesus sobre o divórcio. Muitas pessoas acham que o que Jesus disse numa ocasião abarca todas as situações, e embora muitas vezes isso seja assim, às vezes o próprio Jesus ofereceu perspectivas diferentes para diferentes tipos de situações. É por isso que quando amamos Jesus como Ele quer que O amemos mais do que a nossos pais, nós reconhecemos que *“aborrecê-los”* é apenas um termo para com-

ambiente romântico, a chegada da primavera e os sons emitidos pelos animais durante esse tempo – cf. Cantares 2:12.

parar nosso amor para com Ele (Lucas 14:26.); em outro lugar, Ele nos dá instruções de que os sustentemos em sua idade avançada (Marcos 7:10-13).

Algumas pessoas citam apenas as palavras de Jesus de que o novo casamento é adultério (Marcos 10:11-12; Lucas 16:18), mas que tipo de palavras são estas? Quando Jesus diz que quem adultera deve arrancar um olho para não ir para o inferno (Mateus 5:28-30), devemos tomar literalmente Suas palavras sobre casar novamente ocorrendo imediatamente depois (Mateus 5:31-32)? A única maneira de testá-los é examiná-los no contexto de todos os ensinamentos de Jesus sobre o assunto.

Em primeiro lugar, devemos examinar o melhor possível o “porquê” dos ensinamentos de Jesus. Nos dias de Jesus, os fariseus discutiram entre si sobre quais eram as bases sobre as quais um homem podia se divorciar de sua esposa. A escola mais rigorosa disse que um homem podia se divorciar de sua esposa se ela fosse infiel, mas a escola mais branda disse que eles poderiam divorciar-se dela se queimasse seu pão.

Na Palestina judaica (em oposição às leis romanas), os maridos poderiam se divorciar de suas esposas por quase qualquer motivo; as esposas não poderiam se divorciar de seus maridos nem impedir que seus maridos divorciassem delas. Jesus estava, pelo menos em parte, defendendo a parte inocente que não foi danificada: o marido que se divorcia de sua esposa e se casa novamente, comete adultério “contra ela” - contra sua esposa (Marcos 10:11). Este era um pecado não só contra Deus, mas também contra outra pessoa inocente do divórcio (ver também Malaquias 2:14).

A segunda coisa a considerar é o que as palavras estão dizendo literalmente. “Adultério” no sentido literal é ser infiel ao companheiro com que se é casado; portanto, para que o novo casamento seja considerado adultério contra o ex-cônjuge significa que, aos olhos de Deus, essa pessoa ainda está casado com sua ex-cônjuge. Se tomarmos isso literalmente, então isso significa que o

casamento não pode ser dissolvido, e que todos os cristãos devem dissolver seu segundo ou terceiro casamento¹⁸.

Mas essa é uma afirmação literal ou uma das expressões usadas por Jesus para chamar a atenção das pessoas, como o arrancar de um olho, um camelo passar pelo buraco de uma agulha e a fé como um grão de mostarda? Nós podemos facilmente responder a esta pergunta, se examinarmos o que Jesus diz em outro lugar sobre o mesmo assunto.

No mesmo contexto de Marcos 10:11, Jesus diz: *“Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”* (Marcos 10:9). No 10:11 diz que o casamento não pode ser dissolvido; em 10:9, o que não deve e não pode ser dissolvido, mas acontece. A diferença de significado aqui é a seguinte: um diz que está sempre casado com o primeiro cônjuge; o outro diz para ficar casado com o primeiro cônjuge. O primeiro é uma afirmação; o outro, uma exigência. No entanto, o casamento não pode ser algo quebrável e inquebrável ao mesmo tempo; por isso, é possível que 10:11 é um exagero deliberado (hipérbole), enquanto 10:9 comunica a sua verdadeira intenção: para evitar um divórcio não quebre novos casamentos.

Outras palavras de Jesus nos ajudaram ainda mais. Por exemplo, o próprio Jesus não considerou Marcos 10:11 literalmente: Ele considerou que a mulher samaritana foi casada cinco vezes, como se não tivesse se casado uma vez e daí em diante estivesse cometendo adultério (João 4:18). Além disso, o próprio Jesus permite uma exceção em duas das quatro passagens em que se referem ao divórcio. Um seguidor de Cristo não deve dissolver o casamento, mas se o seu cônjuge o faz por infidelidade sexual, Jesus não pune a pessoa inocente (Mateus 5:32; 19:9). Neste caso,

¹⁸ É interessante que, apesar do escândalo que isso teria causado na sociedade antiga, não tem qualquer registro no Novo Testamento de qualquer pessoa que tenha rompido com os casamentos posteriores.

o casamento pode ser dissolvido, mas apenas uma pessoa é culpada disso¹⁹.

Quando Paulo cita a proibição de Jesus sobre o divórcio, ele diz aos cristãos que não devem se divorciar de seus cônjuges, sejam eles cristãos ou não (1 Coríntios 7:10-14). Mas se o cônjuge se aparta, o cristão não é responsabilizado pelo comportamento do outro (7:15). A expressão “*sujeitos à servidão*” (7:15) é usada nos antigos contratos de divórcio judeus para permitir que a pessoa se casasse novamente. Portanto, Paulo aplica os ensinamentos de Jesus como uma demanda à fidelidade no casamento, e não como uma declaração para desfazer casamentos: os cristãos nunca devem dissolver seus casamentos, mas se o seu casamento se dissolver contra sua vontade, não devemos culpá-los por isso. Jesus falou para defender o cônjuge inocente, e não piorar a sua condição.

Mas, embora Jesus não esteja realmente chamando os cristãos para dissolverem seus casamentos passados, isso não significa que devemos levar a sério o que ele diz. O sentido de que se use um exagero deliberado utilizado não é para nós dizermos: “Ah, isso é apenas um exagero; podemos ignorá-lo”. O significado desta expressão é chamar a nossa atenção para nos fazer ver o quão sério é o que exigimos. O arrependimento genuíno (expresso em restituição) cancela os pecados do passado, mas não se pode esperar que haja arrependimento genuíno, se pecarmos voluntariamente.

Os cristãos não são responsáveis por casamentos dissolvidos contra a sua vontade, mas o são se perante Deus fazem tudo o que está realmente ao seu alcance para fazer com que seu casamento não funcione. Neste exemplo tentamos mostrar como devemos ser cuidadosos ao ouvir por que Jesus se expressa em certas maneiras e examinar todos os Seus ensinamentos cuidadosamente para discernir quando ele está falando literalmente, quando ele exagera seu ponto em forma de parábola.

¹⁹ Porque tanto a lei judaica como a romana pediu o divórcio por adultério, Marcos e Lucas assumiria esta exceção sem necessidade de indicá-lo explicitamente.

Mas as expressões exageradas não são ditas com o propósito de ser ignoradas; mas o de chamar nossa atenção ainda mais! Devemos acrescentar duas palavras de precaução: o próprio Jesus utiliza princípios como *“misericórdia quero e não sacrificio”* (Mateus 9:13; 12:7) e buscar a essência da mensagem (Mateus 5:21-22; 23:23-24). Mas também temos de ser honestos no trato do que Ele nos diz (Provérbios 1:7) o temor a Deus nos dará integridade adequada na procura da verdade, em vez de tentar justificar o modo como queremos viver.

7. OS EVANGELHOS

Os Evangelhos são um tipo específico de narrativa, mas em vez de tratá-los apenas como ficção, devemos fazer algumas observações especiais. Os Evangelhos cabem no formato de biografias antigas²⁰.

Os biógrafos antigos, no momento de escrever, seguiam alguns padrões bastante convencionais, mas alguns deles diferem das formas que escrevemos biografias hoje. Por exemplo, as biografias antigas começam com uma etapa adulta do personagem (como em Marcos ou João) e, por vezes organizavam suas histórias tematicamente em vez de cronologicamente²¹.

Não obstante, biógrafos não eram livres para inventar histórias sobre seus heróis; eles poderiam escolher quais histórias incluir com suas próprias palavras. Outros escritores criticavam aqueles que inventavam histórias. Além disso, não é necessário citar palavra por palavra o que as pessoas dizem, embora se tenha que verificar o sentido do que elas significavam. Conhecendo esses detalhes sobre os diferentes tipos de narrativa antiga, que nos

²⁰ Alguns estudiosos do início do século XX divergiam sobre esta premissa, mas a mais recente academia tem cada vez mais assumido o ponto de vista histórico de que os Evangelhos são biografias antigas.

²¹ Assim, por exemplo, Mateus informa sobre os ensinamentos de Jesus; é por isso que os eventos não estão sempre na mesma ordem de um evangelho para outro.

ajuda a ser ainda mais precisos quando para aprender os princípios para interpretar narrativas²².

Aqui estão alguns comentários sobre a confiabilidade dos Evangelhos como biografias antigas. Usaremos Lucas 1:1-4 como um esboço simples. Sabemos por Lucas 1:1 que pelo tempo em que Lucas escreveu, já se encontravam em circulação muitas fontes escritas (outros Evangelhos)²³. O próprio Lucas escreve no momento em que alguns dos apóstolos ainda estavam vivos, e que muitos outros já tinham escrito antes dele! As pessoas estavam escrevendo Evangelhos quando os outros ainda lembravam os ensinamentos de Jesus com muita precisão.

Além disso, havia muitos relatos orais sobre Jesus que se passavam de pessoa para pessoa e chegou aos ouvidos das testemunhas oculares (Lucas 1:2). Muitas sociedades africanas têm membros da tribo que podem se lembrar séculos de informações que se encaixam bem com os registros escritos de viajantes europeus. O antigo Mediterrâneo tinha uma excelente memória. As crianças nas escolas aprendiam coisas através da memorização, focando nos ditos de mestres famosos. Os oradores muitas vezes memorizavam os discursos que, por vezes, duravam horas. Os professores esperavam que seus estudantes, seus discípulos, que memorizassem e propagassem seus ensinamentos – esse era o principal dever dos seus discípulos.

Os alunos muitas vezes tomavam notas, e os velhos mestres atestam que os alunos repetiam seus ensinamentos exatamente como o professor lhes dava²⁴. É um tanto ingênuo do ponto de

²² Nós também podemos identificar na Bíblia outras narrativas mais específicas do que as que temos feito, por exemplo, o livro de Atos é um tipo especial de livro de história que era comum no primeiro século.

²³ A maioria desses evangelhos não existe mais. Além dos evangelhos do Novo Testamento, todos os Evangelhos do primeiro século foram perdidos. Os chamados “Evangelhos perdidos”, que alguns afirmam ser falsificações, romances ou coleções de provérbios de tempos posteriores.

²⁴ Para obter mais documentação sobre isso, ver a introdução de *Mateus*, Craig Keener (InterVarsity, 1996); ou o volume mais detalhado que escrevi para Eerdmans).

vista histórico duvidar que os discípulos de Jesus passaram seus ensinamentos com precisão; era exatamente para isso é que existiam os discípulos antigos!

Além disso, podemos contar com o testemunho destas testemunhas oculares. Os apóstolos permaneceram em posições de liderança na igreja primitiva; tanto os Atos como Paulo mencionam o irmão de Jesus, e os principais apóstolos em Jerusalém²⁵.

Portanto, praticamente ninguém nega sua existência hoje. Por causa de sua liderança, ninguém poderia inventar histórias sobre Jesus que contradiziam seu testemunho verdadeiro sobre si. Além disso, ninguém pode acusar de mentir sobre Jesus. Eles estavam tão convencidos de que eles estavam dizendo a verdade sobre ele, que estavam dispostos a morrer pelo que eles disseram. Além disso, eles não estavam simplesmente morrendo pelo que acreditavam, eles estavam a morrer pelo que tinham visto e ouvido, quando estavam com Cristo.

Em terceiro lugar, Lucas teve a oportunidade de investigar suas reivindicações (Lucas 1:3, de acordo com o grego e a maioria das traduções). Naquela época, quando ainda era possível fazê-lo, Lucas verificou suas fontes entrevistando as testemunhas, sempre que possível. Algumas partes de Atos dizem "nós" porque Lucas estava viajando com Paulo nesses momentos precisos, e essas partes incluem sua viagem a Jerusalém e Palestina, onde permaneceu por dois anos (Atos 21:15-17; 24:27; 27:1). Isso lhe deu a oportunidade de entrevistar Tiago, o irmão mais novo de Jesus, entre outros (Atos 21:18).

Finalmente, o próprio Lucas não poderia ter inventado tais histórias. Ele está confirmando relatos a Teófilo, e não apresentando-lhes outros (Lucas 1:4). Ou seja, enquanto algumas testemunhas ainda estavam vivas, as histórias que Lucas registra eram

²⁵ Ninguém tinha qualquer razão para inventar a existência dessas pessoas e a difusão do cristianismo começara por outro lugar, além disso, várias fontes atestam a sua existência.

já conhecidas por Teófilo. Isto confirma ainda mais que, até com bases puramente históricas, os Evangelhos são confiáveis²⁶.

8. AS EPÍSTOLAS

Ao ler as epístolas na Bíblia, devemos lê-las principalmente como destinadas a pessoas reais que viveram nos dias em que ele escreveu, porque é isso o que elas dizem que explicitamente²⁷. Só depois de ter entendido as epístolas em seu próprio contexto histórico, podemos considerar como aplicá-las corretamente às nossas situações diárias. Em contraste com aqueles que pensam que as epístolas requerem menos interpretação do que outras partes das Escrituras, eles realmente estão entre as partes da Escritura que se encontram mais vinculadas à sua situação histórica.

Por exemplo, como é que vamos aplicar os ensinamentos de 1ª Coríntios em um ambiente cultural totalmente diferente? A promessa da futura ressurreição (1ª Coríntios 15) parece muito fácil. Um pouco mais controverso ainda, em diferentes culturas, em muitas igrejas nas várias partes do mundo, se dá pelo fato se as mulheres devem usar um véu para cobrir a cabeça (1ª Coríntios 11:2-16), mesmo que isso já não seja mais parte da cultura geral. Mas e que dizer sobre a comida oferecida aos ídolos (1ª Coríntios 8-10)? Nas culturas em que as pessoas já não sacrificam alimentos aos ídolos, como em grande parte do mundo ocidental, somos livres para pular esses capítulos? Ou existem princípios transculturais que Paulo usa, que também são relevantes para outras culturas?

Como observado em mais detalhes acima, o estudo do plano de fundo cultural da Bíblia não é opcional; devemos considerar a

²⁶ Da mesma forma, Paulo pode lembrar seus leitores sobre os milagres que eles testemunharam, por vezes através de seu próprio ministério, ou mencionar que outras testemunhas do Cristo ressuscitado ainda vivem e, portanto, podiam ser consultados (1 Coríntios 15: 6; 2 Coríntios 12:12; Gálatas 3:5).

²⁷ Por exemplo, Romanos 1:7.

situação original para entender completamente a Palavra de Deus. Esta verdade se aplica às epístolas como a qualquer outra parte da Bíblia, e talvez mais, porque as epístolas são endereçadas às congregações ou indivíduos específicos que representavam situações específicas. Algumas passagens são difíceis de entender porque o público original a quem foi era dirigida sabia qual era o problema, e nós nem sempre podemos reconstruí-los (2ª Tessalonicenses 2:5); Nesses casos, temos de aprender a ser humildes! Com isto em mente, se Paulo esteve dezoito meses com os coríntios (Atos 18:11), se deve esperar que lhes fale de algumas questões as quais não temos a menor ideia (1ª Coríntios 1:16; 3:4-6; 15:29). Mas mesmo nestes casos, muitas vezes podemos obter o sentido geral de toda a passagem, e isso é o que mais precisamos. A pesquisa que é realizada abaixo sobre o plano de fundo quase sempre revela detalhes, mas sempre haverá assuntos que não saberemos até que Jesus venha (1ª Coríntios 13:12).

Os escritores das epístolas bíblicas, por vezes seguiam os padrões da “retórica” e as convenções da oratória e da escrita do seu tempo. Ser-nos-á útil conhecer alguns destes costumes para entendermos melhor as epístolas²⁸. Ao mesmo tempo, eles não estavam apenas exibindo suas habilidades de escrita. Eles estavam tentando transmitir alguma coisa para corrigir os problemas e encorajar os cristãos em situações particulares.

Uma vez que entendemos a situação, podemos quase sempre entender como o autor lida com a situação. Estes escritores aplicavam princípios eternos a situações concretas de seu tempo. A fim de ter um impacto equivalente, devemos aplicar de forma diferente esses princípios a situações concretas de hoje, tendo em conta as diferenças culturais.

Quando os aplicamos, devemos assegurar que encontremos as analogias corretas entre situações que Paulo tratava e as do presente. Por exemplo, alguns intérpretes acreditam que Paulo

²⁸ Por exemplo, o porquê Paulo sempre começa com “*A graça e paz da parte de Deus e de Cristo seja convosco*”, o que coloca Cristo como uma divindade com o Pai.

proíbe a maioria das mulheres de uma congregação que ensinem porque elas geralmente seriam incultas e, portanto, poderiam ensinar o caminho errado (1ª Timóteo 2:11-12.). Naquela cultura, a ordem de que elas deveriam “*aprender*”²⁹ na verdade, elas foram libertadas, pois normalmente não recebiam instruções diretas, exceto ao sentar-se nos serviços.

Faz diferença se este é ou não o problema: se não for, a analogia apropriada hoje pode ser que as mulheres nunca devem ensinar a Bíblia³⁰. Por outro lado, se for assim, a analogia hoje pode ser que as pessoas com falta de educação, independentemente do sexo, não deve ensinar a Bíblia.

Gordon Fee, em um de seus capítulos sobre “As Epístolas” em seu livro escrito com Doug Stuart, “*How to Read the Bible for All Its Worth*”, sugere dois princípios-chave gerais para interpretar as cartas. Em primeiro lugar, “*um texto não pode significar o que nunca significou para seu autor ou seus leitores*” (p. 64). Por exemplo, ele observa que não se pode argumentar que o “*perfeito*” em 1ª Coríntios 13:10 refere-se à conclusão do Novo Testamento – uma vez que os leitores de Paulo não tinham nenhuma maneira de saber que haveria um Novo Testamento.

Em segundo lugar, “*onde compartilhamos indivíduos comparáveis (i.e., situações de vida semelhantes e específicas) com o panorama do primeiro século, a Palavra de Deus para nós é a mesma que a Sua Palavra para eles*” (p. 65). A murmuração, a imoralidade sexual e a ganância sempre serão ruins; importa o quanto ou quão pouco seja praticada em qualquer cultura.

O que fazemos com os textos que lidam com situações muito diferentes das nossas hoje? Cristãos judeus e cristãos gentios foram divididos em questões de leis alimentares e nos feriados. Paulo em Romanos 14, adverte que não deviam se dividir por questões tão secundárias. Se estamos em círculos onde não

²⁹ 2:11, em silêncio, com toda sujeição era a maneira correta dos neófitos aprender.

³⁰ Embora isso deixaria dúvidas no âmbito de outros textos como Romanos 16:1-2,7; Filipenses 4:2-3; Juizes 4:4; 1 Coríntios 11:4-5.

sabemos se existe algum cristão que guarde as festividades do Antigo Testamento e que se abstenha de comer carne de porco, ignoramos este capítulo? No entanto, o conselho que Paulo dá neste capítulo funciona à partir de um princípio mais amplo ao tratar da situação específica. O princípio é que não devemos nos dividir por questões secundárias, questões que não estão no coração do Evangelho e da moral cristã.

Paulo escreveu para congregações reais e específicas. Pelo fato de que ele não esperava que os cristãos de muitos séculos depois continuassem lendo suas cartas em diferentes culturas e situações (cf. Marcos 13:32), ele não se deteve na diferenciação dos seus princípios transculturais em que baseou a seu conselho concreto dado a estas congregações em suas situações. Fez enumerar vários princípios para distinguir princípios transculturais dos exemplos específicos indicados na Bíblia, dos quais nós adaptamos os mais importantes.

Em primeiro lugar, devemos buscar o “núcleo” ou o princípio transcultural no texto. Isso é importante para que, desta forma, mantenhamos a ênfase no evangelho de Cristo, e não nos tornemos legalistas nos detalhes, como foram alguns inimigos de Jesus.

Segundo, a Bíblia apresenta alguns assuntos como normas morais transculturais, como a lista de vícios (Romanos 1:28-31; 1ª Coríntios 6:9-10). Mas a Bíblia em diferentes culturas permitia diferentes costumes sobre as mulheres que trabalham fora de casa (Provérbios 31:16, 24; 1ª Timóteo 5:14) ou diferentes formas de ministério (Juízes 4:4; Filipenses 4:3; 1ª Timóteo 2:12). Se diferentes passagens permitem diferentes práticas, vemos estas práticas promovendo padrões em uma cultura específica, mas não um princípio transcultural por trás delas sem deixar exceções.

Em terceiro lugar, precisamos entender as opções culturais disponíveis para o escritor. Por exemplo, os escritores da Bíblia, escreveram em uma época em que ninguém estava tentando abolir a escravidão. O fato dos escritores da Bíblia não mencionarem explicitamente um problema que ninguém tenha falado, não sugere que eles tinham estado do lado daqueles que apoiaram a escravidão se a questão tivesse sido feita! Além disso, os gregos nos dias

de Paulo tinham vários pontos de vista sobre o sexo antes do casamento, as relações homossexuais, etc., mas a Bíblia é unânime em condenar tais práticas.

Em quarto lugar, temos de levar em conta as diferenças de situação: no primeiro século, os homens eram mais propensos a ser educados, inclusive na Bíblia, do que as mulheres. Paulo havia escrito exatamente a mesma aplicação para esta época, em que homens e mulheres têm as mesmas oportunidades educacionais? Os princípios de Fee se assemelham aos que supra mencionamos a respeito do uso do plano de fundo transcultural.

Nós podemos fornecer um exemplo gritante de como devemos levar em conta a situação de Paulo. Em dois textos Paulo exige que as mulheres “fiquem em silêncio” na igreja (1ª Coríntios 14:34-35; 1ª Timóteo 2:12.). Se levarmos isso para tudo o que pode significar, as mulheres não podiam cantar na igreja! Mui poucas igrejas hoje levam esses versículos tão longe, mas estão ignorando o significado da passagem? Não necessariamente. Em outros textos, Paulo elogia as mulheres por seu trabalho no reino (Filipenses 4:2-3.), e em Romanos 16 louva mais mulheres do que homens por seu serviço ao Senhor (embora mencione mais homens!).

Além disso, pelo menos ocasionalmente, os termos mais comumente usados com seus cooperadores masculinos, os usa mulheres também às “cooperadoras” (Priscila; Romanos 16:3); *diakonos* (“serva” Febe; Romanos 16:1) e uma vez até “apóstolo!” (Júnias, segundo as melhores traduções; Romanos 16:7). Mais importante ainda, ele aceita mulheres orando e profetizando com a cabeça coberta (1ª Coríntios 11:4-5). Como podem orar e profetizar se depois, na mesma carta, lhes pede para permanecer em silêncio na igreja (1ª Coríntios 14:34-35)? Será que a Bíblia se contradiz aqui? Será que Paulo se contradiz na mesma carta?

É provável que os dois textos sobre o silêncio não se refiram a todos os tipos de silêncio, mas lidar com tipos especiais de situações. O único tipo de linguagem que é especificamente dirigida em 1 Coríntios 14:34-35 é o fazer perguntas (14:35). Era comum na cultura grega e judaica que as pessoas interrompessem seus mestres e oradores com perguntas, mas foi considerado um

tanto quanto rude que os analfabetos o fizessem, e seria considerado mais rude ainda que as mulheres iletradas também agissem assim. Não devemos esquecer que as mulheres eram geralmente mais analfabetas do que os homens. Na verdade, na cultura judaica, se ensinava aos rapazes a recitar a lei de Deus, mas as meninas quase nunca recebiam essa educação.

No que diz respeito a 1ª Timóteo 2:11-12, os estudiosos ainda debatem em como Paulo usa o plano de fundo do Antigo Testamento³¹. Mas, pelo menos, há um ponto que é interessante; as cartas de Paulo a Timóteo em Éfeso são as únicas em toda a Bíblia, onde sabemos que foi especificamente dirigidas às mulheres com seus falsos ensinamentos (2ª Timóteo 3:6). Na verdade, eles é provável ter sido destinada às viúvas (1ª Timóteo 5:9), que tinham casas para desta forma usá-las como igrejas – um dos termos gregos em 1ª Timóteo 5:13 quase sempre significava: propagando “insensatez” ou falsas ideias. Aqueles que sabiam menos sobre as Escrituras eram naturalmente mais suscetíveis a falsos ensinamentos. Não se deve permitir que alguém que não conhece a Bíblia, ensine. Qualquer outra conclusão pode ser tirada a partir disto; parece duvidoso que Paulo não deixou as mulheres cantar na igreja!

Mas Fee também adverte sobre o perigo de estender a aplicação para demasiadamente além do significado no texto. Se a lei se cumpre no amor (Romanos 13:8-10), então aplicamos corretamente o texto de amar o nosso próximo como a nós mesmos, um princípio que tem inúmeras aplicações. Mas muitas pessoas têm ensinado de tal forma como se este princípio esvaziasse todo o conteúdo moral da lei, de modo que o adultério ou o roubar um banco não são de todo mal, se você estiver motivado pelo amor.

É óbvio que uma aplicação como esta distorce o significado do texto, mas há outras distorções deste tipo que praticamos o tempo todo. Por exemplo, às vezes citamos 1ª Coríntios 3:16, “*vós sois o templo de Deus*”, e usamos isso contra o hábito de fumar por-

³¹ Aplica-se exemplos do Antigo Testamento de diferentes maneiras em diferentes passagens, incluindo o exemplo de Eva, 2ª Coríntios 11:3.

que fumar prejudica o seu corpo. No entanto, o texto no contexto significa que, como igreja, somos templo de Deus, um lugar de habitação (3:9-15), e quem contamina esse corpo causando divisão traz o juízo de Deus (3:17). Este texto aplica-se até mesmo a cristãos que não fumam, até ao ponto em que somos faltos de afeto para com outros cristãos!

Melhor do que isso seria 1ª Coríntios 6:19: *“Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?”* Este versículo se refere ao nosso corpo individual, que deve ser usado apenas para o nosso Senhor (6:20). No entanto, o que Paulo quer transmitir primeiro é que o nosso corpo não deve se juntar com prostitutas (6:15-17). Este é um texto para ser usado contra a imoralidade sexual. Se tentarmos aplicar o princípio apenas para o fumo, porque isso não é glorificar a Deus em nosso corpo, então também deve aplicar-se à gula, à falta de exercício, à má alimentação e a outros problemas que prejudicam o corpo.

A extensão que fazemos o princípio paulino neste versículo pode ser legítimo mas certamente é secundário ao própria enfoque de Paulo, e é isso o que deve ser primordial para nós: se estivermos unidos a Cristo, devemos evitar a imoralidade sexual.

As diferentes cartas foram escritas de forma diferente. Em sua maior parte, lemos as epístolas cuidadosamente em sequência e na íntegra, até o fim. A epístola aos Romanos desenvolve toda uma história até o final do livro (como observado anteriormente); 1ª Coríntios mantém várias questões inter-relacionadas, mas a maioria desses problemas usam vários parágrafos em vários capítulos³². Você deve praticar, isto é, discernindo o argumento, pensando em títulos para cada parágrafo, e pode mostrar como estes parágrafos se relacionam entre si, desenvolvendo um argumento contínuo.

³² 1 Coríntios: 1-4: a igreja dividida, especialmente quanto aos oradores mais hábeis; 5-7: principalmente questões sobre o sexo; 8-11: questões sobre alimentos; 12-14: os dons espirituais.

Aqui fornecemos um resumo das nossas diretrizes para a compreensão e aplicação (contextualização) das epístolas da Bíblia:

Leia-as primeiro como cartas dirigidas a pessoas da vida real.

Conheça a situação; Como o autor se dirige a esta situação?

- Qual é a cultura e qual é a situação específica a que se refere?
- Criticismo retórico: existem razões culturais pelas quais expõe seu argumento com um formato específico?
- Determine como se refere à situação (concordando, discordando, uma mistura de ambos, etc.).

A sua aplicação é transcultural? Ou, o transcultural é simplesmente o princípio por trás desta aplicação?

- Em diferentes culturas ou situações, a Bíblia apresenta ensinamentos alternativos?
- Será que o autor concorda ou não com a visão da maioria em sua cultura?
- Se concordar em alguns pontos, é possível que apoie elementos moralmente neutros de sua cultura por relacionar-se com ela de forma positiva.
- Se não concorda com alguns pontos (ou se toma uma posição firme e sua cultura possui diversas opiniões), é provável que esteja articulando uma norma transcultural.

Para ter um impacto equivalente, devemos aplicar o princípio a situações equivalentes do presente.

- Quais situações do presente são quase analogias exatas àquelas que tiveram os primeiros leitores?
- Quais situações do presente (em nossas vidas, nas vidas dos outros, na sociedade, etc.) são semelhantes em vários aspectos à situação original?
- Que outras situações podem referir o princípio (considerando que tenhamos determinado corretamente o princípio por trás da aplicação)?
- Assegure-se que sua aplicação é adequada ao tipo que tinha dado o autor original; se ele tivesse vivido em nosso tempo, o quê ele diria em tal situação?

9. PROFECIA

Muitas profecias aparecem nos livros históricos da Bíblia, mas também temos livros que consistem principalmente em profecias com apenas alguns resumos históricos; como é o caso de Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oséias e Naum. Nos livros históricos, quase sempre se vê claramente quando as profecias são direcionadas para um rei ou para um período específico na história de Israel, em cujos casos estudamos da forma em que fazemos com outras ações de Deus na narrativa histórica³³.

Mas como podemos interpretar livros de profecias que não nos fornecem um fundo completo sobre as situações a que se referem? Aqui nós fornecemos alguns princípios que lhes serão úteis.

1. Saiba a quem e à quais circunstâncias a profecia se refere no contexto.

Para determinar as circunstâncias de que fala a profecia, normalmente se pode descobrir a era específica em que profetizou

³³ Veja os pontos suprapostos sobre isso.

o profeta buscando o princípio do livro, que (quase sempre) menciona os reinados daqueles que governaram durante o tempo em que profetizou. Então se pode ir para 1-2 Reis e 1-2 Crônicas para saber o que estava acontecendo em Israel durante esse período.

2. Use a lei e os profetas anteriores como plano de fundo

Os profetas viam-se como que chamando Israel de volta à aliança; muitos dos juízos que emitiram simplesmente satisfazem as advertências às maldições em Deuteronômio 27-28. A sua linguagem ecoa regularmente e recicla a linguagem dos profetas anteriores para sua própria geração. Muitos dos profetas repetiam várias vezes a mesma mensagem básica, mas de maneiras criativamente novas e poéticas. Algumas culturas circundantes diziam ter profetas, mas nenhum deles teve uma sucessão de profetas com a mesma mensagem básica de geração em geração³⁴.

3. Antes do exílio, os profetas geralmente profetizavam em prosa em seus livros.

O fato de os profetas profetizarem em prosa convida-nos a que interpretemos de uma forma particular. Em primeiro lugar, a poesia mais antiga era rica em simbolismos, composta desta forma para chamar a atenção. A maioria das pessoas sabe que nem todos os detalhes foram literais, mas tinham que procurar o ponto fundamental. Alguns detalhes foram deixados deliberadamente obscuros até o seu cumprimento, mas, em retrospectiva ficavam completamente claras a tal ponto que se podia reconhecer tanto a sabedoria divina quanto loucura humana ao não entendê-los.

Em segundo lugar, a profecia israelita levava paralelismo, como nos Salmos e Provérbios. (Quando a King James Version foi

³⁴ A cidade de Mari tinha profetas os quais reprovavam “moralmente” o rei e que ele estava em perigo de perder uma batalha, porque ele não tinha pago dinheiro suficiente para o templo. O Egito teve escritores proféticos que denunciavam injustiças dos governantes do passado, os quais se aproximam um pouco, mas não como os da sucessão profética da Bíblia.

feita, esses princípios não eram reconhecidos, mas quase todas as últimas traduções organizam a profecia bíblica em versos como outras poesias, o qual se torna mais fácil de reconhecer a forma poética). Alguns poemas e canções modernas buscam equilíbrio no som; por exemplo, a rima e o ritmo, mas os israelitas equilibravam principalmente as ideias.

É por isso que o segundo verso poderia repetir a ideia do primeiro³⁵. Ou o segundo verso poderia expressar o contrário³⁶. Em tais casos, não devemos ler diferentes ideias sobre linhas paralelas. Alguns pregadores em seus sermões, tomaram versos paralelos em separados, mas na prosa original, estas linhas separadas não eram ideias separadas; eram simplesmente maneiras diferentes de expressar a mesma ideia.

4. A profecia já se cumpriu? Existe algo que deixou de ser cumprido?

Neste caso, você deve rever as partes históricas da Bíblia e outras informações históricas para ver se uma profecia foi cumprida. Às vezes as profecias são formas poéticas de fornecer um sentido geral, enquanto a aplicação específica permanece ambígua (Isaías 37:29,33-37). Deus não dá a profecia para satisfazer a nossa curiosidade, mas para que possamos saber o que precisamos. Portanto, não devemos esperar o cumprimento literal de cada detalhe, como se as profecias fossem poesia em prosa e não (embora em alguns casos Deus fez cumprir detalhes literalmente). Assim, por exemplo, todos os estudiosos concordam que Jeremias profetizou antes da queda de Jerusalém, anunciando antecipadamente o julgamento sobre o seu próprio povo³⁷. Mas Jeremias (e Deuterônomo) profetizou a restauração de Israel em sua terra. Quando

³⁵ Sejam com as mesmas palavras ou com outras semelhantes que poderiam desenvolver um pouco a ideia.

³⁶ Por exemplo, se a primeira linha dizia: “*A memória do justo é abençoada*”; o segundo verso poderia enfatizar que: “*o nome dos ímpios apodrecerá*”.

³⁷ Isso era algo incomum no antigo Oriente Próximo, onde esperava-se que os profetas fossem patriotas e incentivassem o seu povo à vitória.

os assírios tinham levado cativo o povo, nenhum mais voltou, e ninguém esperava que as coisas mudassem com os babilônios.

Mas uma geração depois da morte de Jeremias, os exilados de Judá voltou para sua terra natal. Este foi um grande cumprimento transcendental em larga escala, do qual não se espera que fosse algo que acontecesse naturalmente e que não podia ser visto como algo casual; isso valida a profecia de Jeremias, mesmo que alguns detalhes fossem dados com motivos poéticos. O mesmo estilo de Jeremias ao escrever revela que muitos dos detalhes eram formas meramente poéticas, maneiras gráficas para comunicar melhor o que se queria fazer saber (por exemplo, Jeremias 4:7-9,20-31)³⁸.

Algumas profecias não se cumpriram e nunca se cumprirão (por exemplo: Jeremias 46:13; Ezequiel 29:19; 30:10), seja porque as pessoas responderam positivamente às ameaças, ou porque deram as promessas por concedidas. Deus dá muitas profecias de forma condicional (Jeremias 18:7-10).

Algumas profecias já cumpridas têm uma parte que é futura. Isto porque, quando Deus lida com a humanidade, existem padrões sistemáticos, ou porque a natureza de Deus ou humana permaneceram iguais. Assim, por exemplo, foi repetido contra o templo o juízo da “*abominação desoladora*” pelos babilônios (587 a.C.), por Antíoco Epifânio (Século II a.C.), Pompeu (século I a.C.), por Tito (século I d.C.) e Adriano (século II d.C.)³⁹. Como na história há muitos imperadores malvados, “*o mistério da injustiça opera*” (2ª Tessalonicenses 2:7); porque muitos enganadores permanecem, e já há muitos anticristos (1ª João 218).

Quando uma profecia não se cumpriu, mas lida com promessas incondicionais de Deus, o quanto permanece para o

³⁸ Algumas partes de Daniel incluem mais detalhes em prosa, estes ocorreram exatamente como Daniel previu.

³⁹ Referindo-se com antecedência à destruição do Templo por Tito, Jesus podia falar de uma abominação da desolação dentro de uma geração – Mateus 23:36-38; 24:1-3,15,34, que foi cumprido quarenta anos depois que Jesus predisse.

futuro? Por exemplo, o retorno dos israelitas da Babilônia foi um milagre claro, embora Ciro necessitasse de persuasão menos milagrosa para deixar que os cativos regressassem a seu lar do que necessitou Faraó, quando os israelitas eram escravos no Egito⁴⁰. Mas as profecias exaltadas de Isaías dos desertos florescendo com lírios não foram cumpridas. Israel permaneceu sendo um muito pequeno reino⁴¹.

Alguns aspectos da profecia de Isaías foram cumpridos no ministério de Jesus, tanto no físico como no espiritualmente (ex: Isaías 35:5-6; 61:1-2; Mateus 11:5; Lucas 4:18-19). Mas a história também sugere que Deus está preservando Israel para um propósito. Uma geração depois da crucificação de Jesus, Israel foi disperso novamente, como ele advertiu do juízo que se sobreviria (Lucas 21:20-24). No entanto, ao contrário dos hititas, os edomitas, os filisteus e outras nações que foram absorvidas por outros povos, o povo judeu nunca desapareceu.

É provável que à primeira vista, a vinda de Jesus tenha parecido uma libertação menos dramática que o primeiro êxodo ou o regresso de Babilônia, mas depois de alguns séculos, os opressores da Judéia abraçariam a crença no Deus de Israel, algo muito mais dramático do que o que aconteceu com Faraó ou Ciro. Neste momento, talvez a metade da população do mundo reconhecesse que existe um Deus; grande parte desta fé pode não ser adequada em muitos aspectos, mas do ponto de vista existente nos dias de Jeremias, ou Jesus, parece um milagre incrível.

Tudo isso nos leva a esperar o cumprimento de futuras promessas de restauração, mas não podemos ignorar a linguagem simbólica dos profetas para poder deduzir todos os detalhes. Todos aqueles que foram enxertados pela fé em herança bíblica e esperança (Romanos 2:26-29; 11:17-24) compartilhar essas promessas futuras.

No entanto, devemos ter cuidado ao falar sobre os “*cumpridos*”

⁴⁰ Na verdade, também lançou outros povos cativos.

⁴¹ Esta decepção não parece menos severa que a geração que vagou no deserto após a libertação milagrosa da escravidão no Egito.

mentos duplos". Muitos dos "*cumprimentos secundários*" das Escrituras que vemos no Novo Testamento são realmente aplicações ou analogias com o Antigo Testamento, não alegações de um cumprimento principal. Assim, por exemplo, quando Oséias disse, "*do Egito chamei o meu filho*", o contexto deixa claro que ele se refere a Israel no Êxodo (Oséias 11:1). Quando Mateus o aplica a Jesus, é porque reconhece que há uma analogia entre Israel e Jesus, que repete a história de Israel, mas vence: por exemplo, foi provado durante quarenta dias no deserto (como Israel foi durante quarenta anos); Jesus vence as mesmas tentações que Israel não conseguiu vencer (analise o contexto dos versos que cita de Deuteronômio).

Em todo o Antigo Testamento dá testemunho de Cristo porque revela o caráter de Deus, Sua maneira de salvar pela graça, seus modos de usar libertadores, seus princípios para o sacrifício, a aliança e a promessa, Seus propósitos para o Seu povo, e assim por diante. Isto significa que compreendê-lo corretamente nos leva a reconhecer em Cristo o libertador prometido, e que Deus tinha tudo isso em mente quando ele inspirou os escritos do Antigo Testamento.

No entanto, isso não significa que estamos livres de encontrarmos aleatoriamente novos "cumprimentos" da Escritura. Os escritores do Novo Testamento foram guiados por uma inspiração especial, mas nós não podemos afirmar o mesmo. Isto não é negar que podemos ser guiados pelo Espírito em compreender a Escritura; em vez disso, mas bem se argumenta que, se dissermos: "A Bíblia diz", é porque ousamos dizer apenas o que ela diz especificamente. Se lermos algo na Bíblia que não está realmente lá, temos de ser honestos e dizer: "Este é o meu ponto de vista, não a Bíblia", ou "Eu senti que Deus estava me levando por este caminho". O caminho mais seguro de ler a Bíblia é procurando seu sentido original. Com tantas coisas que ainda precisam ser entendidas corretamente na Bíblia, não há nenhuma razão para estar buscando os sentidos "ocultos"!

5. Devemos ter cuidado com os “mestres de profecia” que dizem que todos os detalhes do texto bíblico estão se cumprindo em nossa geração.

Ao longo da história da Igreja, e especialmente nos últimos dois séculos, muitos intérpretes têm reinterpretado profecias bíblicas para aplicar à sua própria geração. A cada uma ou duas décadas, ao mudar as notícias dos eventos, são forçados a rever a sua interpretação da Escritura. Em tais casos, esses mestres não estão lendo as escrituras em sua própria autoridade, mas estão interpretando à luz das notícias do dia. Isso é algo problemático porque o fazem baseado em dois pressupostos: primeiro, que toda a profecia se aplica à geração final (o que não é bíblicamente verdade) e, segundo, que somos a última geração.

Mas a maioria das gerações da história pensava que era a última! Deus diz que, pelo que sabemos, pode ser, ou não pode ser (Marcos 13:32); devemos sempre estar preparados (Marcos 13:33-37). No Novo Testamento, os “*últimos dias*” inclui todo o período entre a primeira e a segunda vinda, incluindo o primeiro século (Atos 2:17; 1ª Timóteo 4:1; 2ª Timóteo 3:1; Hebreus 1:2 ; Tiago 5:3; 2ª Pedro 3:3).

A maioria dos intérpretes dizem: "Tudo está se cumprindo agora", usar textos bíblicos que são gerais o suficiente para ter se cumprido em outros momentos. Uma série de livros (por exemplo: *The Last Days Are here Again*⁴²) refletem a história de erros que são comuns a todos os grupos que praticaram a interpretação da profecia. A maioria das pessoas sabe que alguns grupos têm repetidamente previsto o fim do mundo, de forma errada, mas acima de tudo sabemos que de fato esses grupos têm insistido que eles *não* estavam *totalmente* errados. Além disso, o mesmo erro ocorreu uma ou outra vez, à partir de alguns dos pais da igreja através de alguns reformadores e muitos mestres de profecia modernos. Devemos aprender com a história e as advertências dadas pelo próprio Jesus (Marcos 13:32; Atos 1:7).

⁴² *Os Últimos Dias Estão Aqui Novamente* (Baker, 1998), de Richard Kyle.

Capítulo 8

O APOCALIPSE

O Apocalipse é um tipo específico de profecia. Devido à sua importância especial e o interesse que gera, dediquei toda uma seção para seu debate. O Apocalipse é uma mistura do profético e do apocalíptico¹ apresentado em forma epistolar.

Em qualquer livro como Apocalipse haverá sérias diferenças de opinião, e temos de ser benévolos em nossas discordâncias. No entanto, vale a pena explorar para ver o que podem nos ensinar os métodos que foram apresentados anteriormente, e como podemos levar para além de vários pontos de vista que circularam amplamente. Ler Apocalipse como um todo (prestando atenção ao contexto de todo o livro) e à luz de seu plano de fundo (do Antigo Testamento e outros planos de fundos) nos ajudará a evitar ou corrigir muitos dos erros comuns que herdamos de outros homens.

O Apocalipse não tem a intenção de ser um livro obscuro. Talvez, no entanto, também não tenha nenhuma intenção de satisfazer a nossa curiosidade sobre o fim dos tempos, mas certamente é um livro muito prático que apresenta as exigências de Deus sobre nossas vidas. É por isso que começa prometendo bênçãos para aquele que cumprir e obedecer a sua mensagem (1:3)² – o que pressupõe que pelo menos podemos compreendê-lo o suficiente para obedecê-lo. Um anjo disse a Daniel que o livro seria selado e entendido apenas no fim dos tempos (Daniel 12:9); por outro lado, o anjo disse a João para não selar seu livro, porque o fim dos tempos se aproximava. (22:10).

O Apocalipse pode parecer “escondido” para aqueles que pensam que necessitam de uma chave especial para abri-lo; está

¹ Um tipo especial de profecia que aparece em Daniel, partes de Isaías, Ezequiel e Zacarias.

² *Nota do Tradutor:* pelo fato de neste capítulo o autor abordar tão somente um livro, sempre que as referências bíblicas não contiverem o nome do livro, deve se inferir que se trata do Apocalipse.

obscuro para aqueles que o interpretam apenas à luz das notícias que saem no jornal – o que requer de nós reajustarmos nossas interpretações a cada um ou dois anos. Mas àqueles que leem Apocalipse, desde o início até o fim, e o interpretam dentro do contexto de todo o livro, não está tão escondido. Toda a Escritura deve ser útil para o ensino e instrução em justiça à partir do momento em que foi escrita (2 Timóteo 3:16-17) – de modo que qualquer outra coisa neste sentido, pelo menos Apocalipse deve querer dizer algo significativa para nossas vidas no presente.

Um histórico de Interpretações Errôneas

Muitas vezes, nos últimos dois séculos, as pessoas têm usado a *“hermenêutica do jornal”* para entender o Apocalipse. Isto quer dizer que o mesmo tem sido interpretado à luz das manchetes. É por isso que muitos mestres de profecia tem que mudar tantas vezes suas interpretações deste livro. O fato de reconhecer que Jesus poderia vir em breve, e que, portanto, a profecia está sendo cumprida agora, é algo louvável, mas as alegações de que certos eventos atuais cumprem definitivamente uma passagem bíblica só leva à desilusão quando as manchetes de hoje acabam na lata de lixo do amanhã.

Um exemplo de hermenêutica de jornais diz respeito às interpretações dos “reis do oriente” em Apocalipse 16:12. No início do século XX, muitos intérpretes americanos pensaram que os “reis do oriente” se referiam ao Império Otomano, com a sua base central na Turquia. Obviamente, as sete igrejas da Ásia Menor ocidental nunca poderiam imaginar os reis do “oriente” como a Turquia, pois a Ásia Menor é a moderna Turquia!

Mas para os intérpretes ocidentais de mais de um século atrás, os turcos pareciam o império “oriental” mais ameaçador no horizonte. Depois que o Império Otomano foi desmembrado no final da Primeira Guerra Mundial, a nova ameaça do império “oriental” foi o Japão imperial (um império que também ameaçou a Coreia, China, Filipinas e o resto da Ásia). Depois que o Japão foi derrotado no final da Segunda Guerra Mundial, os intérpretes ocidentais puseram o título para a China.

O único fator comum destas interpretações era que esses reis hostis estavam no “oriente” daqueles que interpretavam a passagem. Às vezes, as interpretações podem também revelar alguns sentimentos antiasiáticos, que não têm apoio bíblico e não agradam a Deus. Como entenderiam os primeiros leitores de João “Reis do Oriente”? Para todos no Império Romano, especialmente na Ásia Menor, a maior ameaça militar era o Império dos Partos. O rei parto montava um cavalo branco e afirmou ser “Rei dos reis e Senhor dos senhores”. A fronteira final entre o Império Romano e o Império Parto foi o rio Eufrates (*cf.* 9:14; 16:12).

Embora governavam na região do Irã e do Iraque, a geografia importa menos que a imagem: os inimigos mais temidos do Império os invadiriam. No final, foram os bárbaros do norte e não um império do leste que derrotou o Império Romano, mas a própria Roma foi destruída por uma invasão. De qualquer forma, a conquista continua a ser um aviso assustador de julgamento em qualquer geração e em qualquer lugar (6:1-4).

Abundam também muitos outros erros de interpretação profética. As Testemunhas de Jeová, uma seita, erroneamente previram o retorno de Cristo e outros eventos do fim dos tempos para 1874, 1878, 1881, 1910, 1914, 1918, 1925, 1975 e 1984. Até mesmo cristãos que amam a Bíblia têm cometido erros ao determinar datas, algo contrário aos ensinamentos de Cristo (Marcos 13:32). Hipólito, um dos pais da igreja, concluiu que o Senhor viria por volta do ano de 500 d.C.. São Martinho de Tours acreditava que o Anticristo já vivia em seu tempo. Martinho morreu em 397 d.C., por isso, se o Anticristo ainda está vivo, tem uma grande longevidade!

Outros, sem qualquer cuidado, têm oferecido interpretações “proféticas” das notícias. Na década de 1920 alguns professores de profecia acolheram um trabalho intitulado *The protocols of the Elders of Zion*³, que confirmava seus ensinamentos. Sabe-se agora que este livro era uma falsificação usada pelos nazistas. Na década dos anos 70, muitos cristãos estavam preocupados ao escutar que um

³ Os Protocolos dos Sábios de Sião.

computador que se encontrava na Bélgica se chamou de “a besta” – não sabendo que esse computador só existia em um romance!

Por volta de 1980, um desses mestres explica que no ano seguinte ou dois anos depois, a União Soviética invadiria o Irã, iria assumir o controle do fornecimento mundial de petróleo e provocaria uma guerra mundial. Escusamo-nos dizer que a sua previsão está, pelo menos, desacreditada pelo tempo.

Vários livros⁴ têm documentado inúmeras alegações feitas ao longo da história por mestres de profecia, principalmente nos últimos 150 anos, em vários eventos contemporâneos. Às vezes, esses professores estavam certos (como os acertos dos astrólogos), mas na grande maioria dos casos estavam errados.

Em seguida, apresentamos alguns breves exemplos de erros cometidos na história. Estes exemplos foram tomados à partir da introdução do meu próprio comentário sobre Apocalipse⁵.

- Cristovão Colombo viajou para o Novo Mundo, na esperança de acelerar o novo céu e a nova terra.
- Durante a Reforma, Melchior Hoffman foi preso em Strassburg por sua convicção de que ela estava prestes a se tornar a Nova Jerusalém.
- Também durante a Reforma, Thomas Müntzer colaborou com a revolta camponesa de 1524, acreditando que isso iria acelerar o julgamento final; os camponeses falharam e Müntzer foi executado. Naqueles dias, as especulações da aproximação do fim dos tempos, terminavam de forma violenta – por vezes literalmente.
- Quando na Inglaterra o Rei Tiago I (King James I) perse-

⁴ Incluindo *The Last Days Are Here Again* (Os Últimos Dias estão Aqui Novamente) Baker, 1998, de Richard Kyle; *Armageddon Now! The Premillenarian Response to Russia and Israel since 1917* (O Armagedon agora! Uma Resposta Pré-milenista à Rússia e Israel desde 1917, (Grand Rapids: Baker, 1977), de Dwight Wilson.

⁵ *Revelation, New International Version Application Commentary* (Comentário Aplicado Nova Versão Internacional do Apocalipse (Grand Rapids: Zondervan, 2000).

guiu os primeiros líderes Batistas, eles temiam estar passando pela tribulação final.

- Muitos estadunidenses acreditavam que o rei George III (King George III) (provavelmente um dos governantes mais famosos da Inglaterra, tal e qual o reconheceria John Wesley) era o Anticristo final.
- Muitos ministros do norte esperavam que a guerra civil dos Estados Unidos estabelecesse o reino de Deus em seu favor, alguns deles esperavam que Deus fosse severo com os do lado oposto.
- William Booth, líder apostólico do final do século XIX, cujo Exército de Salvação estava fazendo grandes obras para Deus, cria que o Exército de Salvação que tinha fundado “*tinha sido escolhido por Deus como a principal agência para estabelecer final e completamente*” o reino de Deus.

Um caso mais recente foi nos Estados Unidos onde muitos cristãos compraram mais de três milhões de cópias do livro de Edgar Whisenat intitulado *88 Reasons Why Rapture Could Be in 1988*⁶. Um amigo meu trabalhava em uma livraria cristã naquele momento; o dono de uma livraria pediu-lhe que vendesse o máximo de exemplares possível do livro até o final de 1988, pois ele avisou que ninguém iria comprar o livro em 1989. Certamente os cristãos não comprariam no ano seguinte muitas cópias de sua versão atualizada, que mudaria a data do retorno de Cristo para 1989.

Não queremos dizer que os cristãos norte-americanos são tão facilmente enganados – pelo menos não duas vezes seguidas pelo mesmo autor, no ano seguinte. No entanto, o mundo estava observando; o jornal da faculdade onde eu estava fazendo meu Ph.D. zombou as previsões falhadas. Outros previram o retorno do Senhor para várias datas nos anos 90 ou 2000. Conforme observado por um outro autor, todos os que preveem os tempos e as estações têm uma coisa em comum: todos têm se enganado.

⁶ 88 Razões Pelas Quais o Arrebatamento Poderia ser em 1988.

Às vezes, alguns intérpretes têm procedido com base em dois pressupostos: primeiro, que somos a última geração, e segundo, que todas as profecias se aplicam à última geração. O primeiro pressuposto é sempre possível, mas não podemos afirmar dogmaticamente; cada geração, observando-se os “sinais” potenciais ao seu redor, tinha esperança de que talvez ela seja a última geração⁷. O segundo pressuposto está simplesmente errado; muitas profecias da Bíblia foram cumpridas, e outras aguardam o retorno de Jesus. Nem todas se referem especificamente à última geração antes de Sua vinda.

PERSPECTIVAS A RESPEITO DO APOCALIPSE

Os leitores têm tradicionalmente considerado uma das seguintes abordagens para a interpretação de Apocalipse:

1. Preterista: aqueles que creem que tudo foi cumprido no primeiro século.

2. Historicista: aqueles que creem que o Apocalipse precedia os detalhes da história contínua, que agora podemos reconhecer nos livros de história

3. Idealista: aqueles que creem que o Apocalipse contém princípios eternos.

4. Futurista: aqueles que creem que o Apocalipse fala do futuro.

A interpretação historicista tem sido descartada sobremaneira, pois a história não se encaixa bem com o esboço do Apocalipse⁸. O dispensacionalismo também mudou muito desde que foi fundado.

⁷ Bíblicamente, a última geração deve fazer mais do que esperar: é preciso terminar a tarefa da evangelização mundial, não importa qual seja o custo.

⁸ Isto é certo até para as epístolas às sete igrejas, as quais foram lidas em certa ocasião como as sete etapas da história da igreja; poucos eruditos aceitam esta perspectiva no presente, mesmo na tradição “dispensacional”, onde costumou ser muito comum por um tempo.

De outros pontos, podemos dizer que há algo legítimo em cada um deles, desde que não se use um para excluir os outros pontos. É verdade que o Apocalipse, como muitos livros da Bíblia, foi escrito para um público antigo (o ponto Preterista); o livro fala explicitamente das sete igrejas da Ásia Menor, da mesma forma que Paulo fala para as igrejas em suas cartas (1:4.), e Apocalipse é escrito em grego e usa símbolos que os leitores do primeiro século entenderiam. No entanto, isso não necessariamente tem que significar que você não está falando sobre o futuro ou (como o resto da Bíblia) articula princípios úteis para as gerações seguintes.

Apocalipse contém os princípios eternos que são relevantes para a Igreja em cada geração. Ele também fala sobre o futuro, além do presente e do passado. Os leitores podem discordar sobre o quanto de Apocalipse se refere ao futuro, mas quase todos estão de acordo em que, pelo menos Apocalipse 19-22 é futuro. Da mesma maneira, algo dele se refere diretamente ao passado: o arrebatamento da criança em Apocalipse 12 (a quem a maioria acredita ser Jesus) já aconteceu.

No entanto, além desses pontos, os leitores têm chegado a conclusões surpreendentemente diferentes com relação ao ensino do Apocalipse ao longo da história. Podemos ilustrar essa divergência por um comentário sobre o “milênio”, o período de mil anos mencionados em Apocalipse 20. Muitos leitores formados sob uma tradição específica podem se surpreender ao saber quantas pessoas que eles respeitam na história da igreja sustentavam diferentes interpretações. Essa surpresa oferece algumas lições: Deus não usa os Seus servos somente e nada mais sobre a base de suas interpretações do fim dos tempos, e nós sempre devemos recorrer à Bíblia para ver o que ela nos ensina. Só porque todos os que conhecemos possuem certo ponto de vista, não o faz ser correto. Há 150 anos atrás, quase todos os cristãos nascidos de novo tinham uma visão diferente, e 100 anos antes deles, também outra diferente.

Depois que foi terminado o livro do Apocalipse, os pais da igreja primitiva (líderes da igreja primitiva dos primeiros dois

séculos) eram pré-milenistas⁹; isto é, acreditavam que Jesus viria antes dos 1000 anos de que fala Apocalipse. Eles também eram pós-tribulacionistas; isto é, acreditavam que eles estavam na grande tribulação, ou que era algo que estava por vir, mas Jesus não regressaria para a Sua Igreja até depois dela. Mas alguns séculos mais tarde, no tempo de Agostinho, a maioria dos cristãos eram amilenistas. Muitos acreditavam que quando Constantino terminou de perseguir os cristãos, começam os 1000 anos, e muitos foram aqueles que esperaram o retorno de Jesus 1000 anos depois de Constantino.

Outra perspectiva amilenista, mais comum hoje em dia e mais fácil de defender à partir das Escrituras é que o milênio é simbólico para o período entre a primeira e a segunda vinda de Jesus, reinando este até que seus inimigos sejam colocados debaixo dos seus pés. Não só a maioria dos cristãos medievais eram amilenistas, mas assim também era a maioria dos reformadores (incluindo Lutero e Calvino). A maioria das denominações fundadas nos tempos em que predominaram amilenistas são agora amilenistas até o dia de hoje. O mesmo vale com igrejas fundadas em diferentes partes do mundo por missionários amilenistas. Além disso, as igrejas fundadas por missionários pré-milenistas são principalmente pré-milenistas. John Wesley acreditava em dois milênios separados em Apocalipse 20, uma no céu e outro na terra.

A maioria dos líderes dos grandes avivamentos dos Estados Unidos no século XVIII, em especial o XIX eram pós-milenistas, incluindo Jonathan Edwards e Charles Finney. Durante os avivamentos que levaram à fé em Cristo uma grande porcentagem de pessoas nos Estados Unidos no início do século XIX, uma fé que cria que “o evangelho do reino” seria “pregado em todas as nações, e então virá o fim” (Mateus 24:14). Charles Finney, que talvez levou aos pés de Cristo cerca de meio milhão de pessoas e ajudou a liderar o movimento contra a escravidão, era pós-milenista.

Os pós-milenistas criam que estabeleceriam, por meio do

⁹ **Nota do Tradutor:** A doutrina pré-milenista no início da igreja era chamada de Chiliasmo, ou, milenarismo.

Espírito de Deus, o reino de Deus na terra, e então Jesus voltaria para tomar seu trono. Atualmente, a maioria dos cristãos veem o pós-milenismo como um otimismo ingênuo, mas esta foi a opinião prevalecente entre os cristãos do século XIX nos Estados Unidos.

No século XIX, outro ponto de vista, que logo se popularizou no século XX era evidente. Este ponto de vista é chamado de pré-milenismo dispensacionalista. Em 1830 ou por volta deste ano, John Nelson Darby apareceu com um sistema de interpretação que dividiu a Escritura entre o que aplicado a Israel (o Velho Testamento, os Evangelhos, Revelação, e muito de Atos) e o que é aplicado diretamente à Igreja (especialmente as epístolas). Através deste sistema, ele argumentou que os dons espirituais não eram para a era da igreja, e que teria outra vinda para a igreja (antes da tribulação) e uma para Israel (depois da tribulação).

Uma vez introduzido, o ponto de vista se popularizou pela Bíblia de Referência Scofield, especialmente no início do século XX. O fracasso do otimismo pós-milênial no século XIX e a desintegração do antigo consenso evangélico dos Estados Unidos fez este ponto de vista parecer atraente. Afinal, quem ficaria chateado de ser arrebatado antes da tribulação, e não depois dela?

Não podemos nos dar ao luxo de usar muito espaço para debater a favor ou contra este ponto de vista, mas apenas de salientar simplesmente que a maioria das pessoas que têm esta visão não sabem que ninguém na história da igreja pensava assim antes de 1830. Alguns pensam que esta concepção é clara, mas os cristãos leem a Bíblia por mais de 1700 anos sem que ninguém, que até agora saibamos, tenha notado tal coisa!¹⁰

Por valer a pena, a maioria dos estudiosos comprometidos com a Escritura hoje são ou amilenistas ou não-dispensacionais (geralmente pós-tribulacionistas) pré-milenistas, apesar de existirem bons estudiosos com outros pontos de vista.

Na minha opinião, aos pré-milenistas é mais fácil explicar

¹⁰ E que, apesar da maioria dos cristãos ao longo da história crer que eles estavam nos últimos tempos, e muitos, como muitos cristãos das gerações passadas, que eram a última geração.

Apocalipse 20, mas aos amilenistas, outras passagens que têm a ver com o fim dos tempos (para muitos, então, o debate gira em torno de se interpretar a passagem mais explícita, mas unicamente à luz de muitos que são menos explícitos, ou vice-versa). Porque todos nós sabemos que a opinião é correta para o momento em que acontece, vejo que não faz muito sentido discutir o assunto. Certamente não é sábio romper a comunhão com outros cristãos em assuntos como este. Por que então eu o trouxe? Só para nos ajudar a ser mais tolerantes com aqueles que possuem diferentes interpretações das que temos de Apocalipse.

Se estamos a lutar com os nossos irmãos por cada passagem que interpretamos de forma diferente, então não vamos ter qualquer tipo de comunhão com a maior parte do corpo de Cristo. A verdadeira Igreja se encontra unida por assuntos essencialmente necessários para seguir Jesus, mas, além disso, é a nossa unidade e o amor o que mostra ao mundo o caráter de Deus (João 13:34-35; 17:20-23).

Os verdadeiros propósitos que perseguimos como isto devem ser os práticos que nossos métodos anteriormente mencionados nos ajudem a deduzir. Algumas questões são muito práticas, e nenhum verdadeiro cristão os discute: por exemplo, todos nós sabemos que temos de estar preparados para a vinda de nosso Senhor. Mas outras questões são práticas e às vezes são negligenciados por intérpretes que não têm acesso ao plano de cultural ou os métodos de contexto de todo o livro. Destes, dou um exemplo abaixo.

O USO DE SIMBOLISMOS

Algumas pessoas argumentam que devemos levar de maneira literal tudo o que o Apocalipse nos fala. Mas este livro é cheio de imagens que não podemos interpretar literalmente. Era literal que a mulher estava vestida com o sol no 12:1 (com a lua e as estrelas, literalmente debaixo de seus pés e doze estrelas na cabeça)? É a Babilônia, literalmente, a mãe genética de cada prostituta no mundo (17:5)? Apocalipse inclusive nos diz o que alguns de seus

símbolos representam, deixando claro que o livro inclui muitos deles (1:20). Deus pode criar os tipos de monstro descritos em Apocalipse 9, mas estes se assemelham à lagosta na profecia de Joel, onde são simplesmente uma descrição poética, seja de uma invasão de gafanhotos ou um exército invasor (ou uma combinação de ambos).

Em seguida, ele diz: “Tome, literalmente, tanto quanto possível”. Mas por que deveria ser este o caso? Não é melhor ser coerente com a forma como nós interpretamos o resto do Apocalipse, que claramente tem muitos símbolos? A maneira correta de ler a narrativa é geralmente lendo-a literalmente, mas como já dissemos antes, esta não é a melhor maneira de ler poesia hebraica, ou as profecias do Antigo Testamento dadas em forma poética. Nem essa é a maneira de ler as profecias do Novo Testamento que usam o mesmo modo de comunicação simbólica como nas profecias do Antigo Testamento.

Algumas declarações podem ser literais (por exemplo, dizemos que as sete igrejas eram sete igrejas literais), mas outros (como a mulher vestida com o sol) não são, muitas vezes mais do que narrativa. Alguns estudiosos, apontando para uma palavra grega usada para “declarou” ou “deu a conhecer” em Apocalipse 1:1, até sugere que um destes mesmos termos usados para revelar a mensagem para João sugere que ele foi dada em símbolos¹¹.

Escritores Judeus nos dias de João os quais imitam o estilo de escrita dos profetas do Antigo Testamento¹², também usou o simbolismo frequentemente¹³. Assim como os mestres judeus, por vezes, utilizaram enigmas para despertar o pensamento, escritos apocalípticos usavam profecias enigmáticas para desafiar o público. No entanto, se tivéssemos o Antigo Testamento como plano de fundo para o Apocalipse, esperaríamos uma abundância de simbo-

¹¹ Um termo relacionado ao “sinal” pode levar este sentido em 12:1,3; 15:1.

¹² Escrevendo uma forma de escrita mais tarde chamada apocalíptica.

¹³ Por exemplo, 1º Enoque descreve anjos fecundando mulheres como a estrelas fertilizando vacas.

lismo profético (por exemplo, ver especialmente Zacarias, Ezequiel, e muitas profecias de Daniel e Isaías).

CONTEXTO INTEGRAL DO LIVRO

O Apocalipse proporciona um contraste contínuo entre duas cidades: Babilônia e a Nova Jerusalém. Babilônia é uma prostituta (17:5); Nova Jerusalém, uma noiva (21:2). Babilônia é adornada com ouro e pérolas (17:4) como a prostituta tentando atrair com a sua oferta de prazer pecaminoso e temporária. A Nova Jerusalém é feita de ouro, e as suas portas são pérolas (21:18,21). Ninguém no seu perfeito juízo preferiria a Babilônia ao invés da Nova Jerusalém; mas apenas aqueles que confiam na esperança da promessa de Deus para a cidade celeste e resistir à tentação de presente.

Nos dias de Agostinho¹⁴, Roma caiu após invasores bárbaros do norte, e os cristãos ficaram desencorajados. Agostinho fez contraste entre Roma e Cidade de Deus; as cidades e os impérios terrenos adornados de esplendor perecerão, mas a cidade de Deus é eterna, e a promessa que Ele nos fez será cumprida. O mundo exige colocar-se a marca da besta, se você quiser comprar ou vender (13:17), mas aqueles que se recusam a negociar com o tipo de alimento oferecido pelo mundo (2:14,20), Deus dá-lhes uma promessa de alimento eterno (2:7,17) e maná, quando o mundo os perseguir (12:6). Aqueles que acreditam ser ricos é provável que sejam pobres no que é verdadeiramente importante (3:17), e aqueles que parecem pobres, sejam por sua vez ricos no que realmente importa (2:9). Jesus oferece o ouro puro da Nova Jerusalém aos que confiam nele, e não nas riquezas terrenas que possuem (3:18).

O que podemos aprender com a Nova Jerusalém? Algumas traduções explicam que a Nova Jerusalém mede 1.500 milhas (2.414 km) em todas as direções, incluindo altura (21:16); o que a faria 1.495 milhas (2.406 quilômetros) mais alta do que a montanha mais alta da Terra, onde o ar é rarefeito, portanto, torna-se difícil respirar. Devemos reconhecer que Deus poderia mudar as

¹⁴ Teólogo norte-africano 354-430 d.C.

leis da física se ele quisesse, mas encontramos outras evidências mostrando que a medida específica de Nova Jerusalém oferece um fato simbólico: em uma cidade 1.500 milhas (mais de 2,400 km), as paredes são 72 de jardas (aproximadamente 65 metros).

A resposta à magnitude destas medidas aparentemente desproporcionais encontramos quando lemos o versículo em grego, em uma tradução muito literal ou nota de rodapé na maioria das traduções: Nova Jerusalém mede 12.000 estádios cúbicos, com paredes de 144 côvados . Quando o leitor trata de Apocalipse capítulo 21, já terá visto esses números. Apocalipse 7:4-8 e 14:1-5 fala de 144.000 homens judeus castos, 12.000 de cada tribo. Como “Jerusalém” na Bíblia refere-se tanto às pessoas que vivem nessa cidade bem como à própria cidade, faz sentido esta relação: aqui estão os habitantes da Nova Jerusalém que estão no monte Sião (14:1), aqueles que viveriam na Nova Jerusalém! A cidade pertence àqueles que perseveraram por ela, aqueles que (14:4) eram castos e não dormiam com a prostituta de Babilônia. Isso significa que aqueles que vivem na Nova Jerusalém são apenas homens judeus¹⁵? Cristãos gentios não têm lugar lá? Pelo contrário!

A lista das tribos em 7:4-8 se assemelha à listagem dos recenseamentos militares no Antigo Testamento; neste caso, sugerindo um exército para o fim do tempo. Os exércitos dos judeus eram compostos de homens somente, e muitos judeus estavam esperando um exército para o fim do tempo; alguns também esperavam que este exército fosse casto antes da batalha. Então não é nenhuma surpresa que o Apocalipse fala deste grupo como “vitoriosos” ou “triunfantes” (15:2-4; cf. 14:3). O animal pode vencer os servos de Deus no nível humano (11:7; 13:7), mas eles venceram porque não quiseram desobedecer ao Senhor que tem a vitória final (12:11). Mas se está se referindo ao Apocalipse, literalmente e um exército de 144.000 judeus? Mas e este exército de 144.000 judeus? Pode-se interpretar dessa maneira, e não faria sentido; afinal,

¹⁵ Se os números forem literais, cada um ocupa mais de 15 milhas, ou 24 km, do solo da cidade.

a Bíblia diz que até o final dos tempos, o povo judeu se voltará para o Senhor (Romanos 11:26). Mas, no contexto de Apocalipse, acho que melhor se adapta outra interpretação.

O Apocalipse fala em outras partes daqueles que são judeus espiritualmente (2:9; 3:9). Da mesma forma, no mundo antigo os candeieiros (símbolo de João as igrejas em João 1:20) eram um símbolo da fé judaica. Às vezes, uma segunda visão ou um segundo sonho repetindo o significado do primeiro (por exemplo: Gênesis 37:7,9; 40:1-7), e o mesmo pode acontecer aqui: no próximo parágrafo, esse exército triunfante de 144.000 de Israel torna-se uma multidão incontável de todas as nações (7:9-17). As promessas feitas a esta multidão em 7:15-17 são promessas de Deus feitas a Israel no Antigo Testamento; mas ao seguir o rei de Israel, essas nações foram enxertadas sobre o patrimônio e as promessas de Israel, pode ser que aí sejam judeus espiritualmente.

Todo o contexto do livro esclarece a relação entre esses dois parágrafos. Dois capítulos anteriores, João “ouve” sobre o leão da tribo de Judá, um símbolo do judaísmo usado para o guerreiro Messias. Mas quando João se vira, o que ele “vê” é um cordeiro, isto mesmo; morto superou pela Sua própria morte (5:5-6). Portanto, agora vemos que João “ouve” cerca de 144.000 (7:4), mas quando ele retorna, o que “vê” é uma multidão incontável (7:9), possivelmente de mártires que partilharam os sofrimentos de Cristo.

Isso se encaixa com o que o mesmo texto diz. Os 144.000 são os “servos de Deus” (7:3) - um título que em outros lugares em Apocalipse refere-se a todos os crentes em Cristo (1:1; 22: 3). Há apenas 144.000 servos de Deus? São todos judeus etnicamente? São todos os homens? É verdade que somente os servos do Deus único que habita na Nova Jerusalém, mas os servos de Deus incluem tanto os seguidores judeus e gentios de Jesus. A Nova Jerusalém é para todos aqueles que confiam em Cristo (21:7-8,14, 27), e oferece a mesma promessa que esta passagem sugere para os cristãos gentios (21:4 e 7:17).

As Testemunhas de Jeová têm erroneamente tomado o número 144.000 literalmente, mas parte dos homens judeus, muitos

cristãos tomam figurativamente a ambos os elementos literalmente. Todavia, no contexto de Apocalipse, ambos os elementos são, provavelmente, simbólicos, com uma mensagem mais profunda para a Igreja que a maioria dos cristãos pode reconhecer.

Todo o contexto do livro também fornece informações sobre o quanto o Apocalipse quer dizer quando menciona a marca da besta. Devemos pregar sobre isso para que as pessoas o evitassem no futuro? Ou será algo a nos ensinar no presente? Ao contrário do que foi ensinado, a maioria de nós, sim fizemos uma leitura sistemática de todo o livro, isso vai sugerir que tal marca pode não ser visível para as pessoas. Considere outras marcas escritas sobre pessoas que falam do Apocalipse. Por exemplo, os crentes se tornarão os pilares no templo de Deus e, como colunas antigas tinham nomes escritos sobre elas, então temos o nome de Deus e o nome da Nova Jerusalém inscrita em nós (3:12; cf. 2:17).

Sobre nossas fronteiras, estarão escritas para sempre o nome de Deus e o nome do cordeiro (22:4), talvez como a marca que tem um escravo ou outra marca que mostra que pertencem. Jesus volta com um nome escrito em sua coxa (19: 12-13, 16), talvez por isso João pudesse ler seu título na visão. Babilônia, a Grande, tem um nome escrito na testa (17:5), mas assim como a Babilônia não é uma mulher literal, reconhecemos que o registro é parte da visão, não uma inscrição literal na cabeça da mulher.

Como Deus colocou uma marca sobre os justos em Ezequiel 9:4-6, Deus sela 144.000 para protegê-los durante seus julgamentos (7:3). Como em Ezequiel, esta marca é uma marca que só Deus pode ver. Porque não havia divisões de capítulos na Bíblia original, os primeiros leitores teriam notado o contraste entre os 144.000 e o resto do mundo (13:16-14:5). Aqueles que seguem a besta adoram o seu nome (13:17); aqueles que seguem o seu Cordeiro, (14:1); a besta, progênie de seu mestre, dragão, que tinha sete cabeças e dez chifres (12:3; 13:1; 17:3,7).

Mas uma segunda besta é uma deturpação deliberada do Cordeiro (compare 5:6): tem dois chifres como um cordeiro, mas fala a mensagem do dragão (13:11). Um pequeno exército de 144.000 seguirá o verdadeiro Cordeiro; o resto do mundo (um

exército de pelo menos 200 milhões de 9:16) segue a besta. Cada seguidor tem uma marca de identificação que paga lealdade, ou ao cordeiro ou a besta. Se as pessoas do mundo precisam ver uma marca literal mostrando que pertence a eles, ou simplesmente sinais de que é um aliado, o ponto para pregar é óbvio: temos de ser leais ao lado de Deus e não ao mundo, independentemente do preço.

PLANO DE FUNDO

João provavelmente escreveu este livro quando estava no exílio (1:9), durante o tempo em que o imperador romano Domício governou. Este imperador exigia que todos adorassem a sua estátua como se ele fosse um deus, e os primeiros cristãos se recusaram a fazê-lo. Esse assunto era mais confiável de onde a Ásia Menor oriental, onde se encontravam sete igrejas. Já algumas dessas igrejas estavam enfrentando perseguição (2:9-10,13; 3:9). O primeiro público do Apocalipse deveria ter encontrado temas relevantes para o seu tempo a advertência contra adorar a imagem da besta (13:15). No entanto, algumas das outras igrejas mostrou conciliadores com o sistema mundial que assassinava a seus irmãos em todos os lugares (2:14, 20; 3:2, 15-18).

As sete igrejas da Ásia Menor (1:4) eram um público tão real como qualquer uma das igrejas às quais Paulo escreveu. As igrejas estão nas sete cidades mais importantes da província romana da Ásia, e estão localizados precisamente na sequência em que um mensageiro provavelmente de Patmos iria entregar as epístolas. Muitos desses casos mencionados (tais como a riqueza e as águas desagradáveis de Laodiceia) vão guiados precisamente a assuntos que sabemos que são relevantes nessas igrejas, em particular. Isso não significa que a mensagem só é relevante para a igreja a que se destina; Jesus convida todos a ouvir sua mensagem; cada um deles (2:7); mais bem com o seu exemplo aprendemos, da mesma forma que aprendemos, da mesma maneira que aprendemos das igrejas as quais Paulo escreveu: aprendemos plano de fundo, para que

desta forma que está, possamos entender quais assuntos O autor inspirado estava se referindo, de fato.

Falamos anteriormente sobre Babilônia. Isto não tem necessariamente que ser mais que um nome literal que os pais de falsos profetas lhes deram, literalmente, chamando-os de “Balaão” ou “Jezabel” em 2:14,20. Como a maioria dos cristãos tem reconhecido através história, a Babilônia do dia de João é Roma. Todos sabiam que Roma era uma cidade construída sobre sete colinas (17:9). Roma ainda inclusive celebrava um festival anual chamada “Sete Montanhas”, que celebrava a sua fundação. As importações mencionadas no 18:12-13 são precisamente aquelas que conhecemos como as mais proeminentes em Roma. Nos dias de João, Roma ainda era o único império mercantil que governou por mar para os reis da terra (17:18; 18:15-19). Mais importante ainda, as fontes judaicas (e provavelmente 1 Pedro 5:13) chamou Roma de “Babilônia”. Isto foi porque tanto Roma, bem como a Babilônia, havia escravizado o povo de Deus e destruído o templo.

São dramáticas as implicações de associar a Babilônia do Apocalipse com Roma. Em 18:2-3, João ouve uma canção triste para Babilônia (como o canto fúnebre sobre a Babilônia literal em Isaías 21:9). Roma, o império mais poderoso que o mundo tinha conhecido até então, parecia pronto para esmagar a pequena Igreja de Jesus Cristo. Roma tinha exilado na ilha de Patmos ao já idoso profeta João (1:9). No entanto, João ouve o canto fúnebre deste poderoso império. Quanta fé precisaram os primeiros cristãos para crer nessa promessa de que seu opressor sucumbiria!

No entanto, João se apoiava sobre os ombros dos antigos profetas que tinham profetizado contra a Assíria, a Babilônia literal e assim por diante, e suas profecias tinha sido cumprida. Assíria, Babilônia e Roma e todos os outros impérios da história encontram-se agora em cinzas. Mas a Igreja de Jesus Cristo, a qual os impérios passados ameaçou exterminar, está agora mais difundida do que nunca! Num tempo em que a igreja se encontrava somente estabelecida principalmente em apenas em algumas cidades do Império Romano, João profetizou uma igreja de cada tribo, povo e nação (5:9; 7: 9) - e assim tornou-se!

Contudo, embora para os primeiros leitores de João, a “Babilônia” é Roma, que é simplesmente porque Roma ajustava o papel naquele momento. Se Roma poderia ser uma nova Babilônia, poderia haver outras novas Babilônias ou novas Romas, outros impérios do mal que usurpam o papel que pertence ao futuro reino de Deus. Estes não têm necessariamente de ser localizado geograficamente na Itália, como Roma não estava no Oriente Médio como uma nova Babilônia. Em outras palavras, a Babilônia é a cidade do mundo como a cidade chamada “Sodoma” e “Egipto” em 11:8. O sistema mundial em sua rebelião contra Deus, é a alternativa da Nova Jerusalém. Mas, como a primeira Babilônia caiu, caiu como Roma, vão cair as outras Babilônias e Romas na história. Os últimos impérios ruirão no dia em que o reino deste mundo se tornar do reino do nosso Deus e de Cristo (11:15).

O plano de fundo romano pode ser relevante para a compreensão do rei mal em Apocalipse 13:1-3 e 17:10-11. O primeiro imperador a perseguir a Igreja era oficialmente Nero, que queimou os cristãos vivos para que alumiassem as tochas dos jardins à noite. No entanto, quando Nero morreu, a crença que ele voltaria se espalhou e alguns impostores se levantaram, passando-se por Nero. Alguns anos antes do Apocalipse ser escrito, havia um falso Nero que ele até chegou a persuadir aos partos para que o seguissem cruzando o Eufrates para invadir a Ásia Menor. Assim, muitos estudiosos sugerem que a cabeça ferida de morte volta à vida de que fala 13:3 é um “novo Nero”.

Isso não significa que ele é um Nero literal que regressa¹⁶; simplesmente significa que se vem “no espírito e poder” de Nero (cf. Lc. 1:17), e se compara com Nero, o terrível perseguidor. Ou seja, Apocalipse usa a linguagem do seu tempo de dizer: “O futuro ditador será como o César Nero, muito mal e perseguidor dos cristãos”. A invasão parta de além do Eufrates era uma imagem horrível na época de João, e um novo Nero foi um aviso do sofrimento futuro.

¹⁶ Como há números em 11:3-6 Moisés ou Elias.

Dois fatores apoiam ainda mais essa associação com Nero. O Apocalipse fala de um antigo rei que reina no momento, mas gostaria de voltar (17:10-11). Nero foi definitivamente um dos poucos reis antes dele tinha quando o Apocalipse foi escrito. Além disso, se o seu nome está escrito em letras hebraicas, o resultado é o número 666. Muitos primeiros cristãos pensavam que Nero voltaria como o Anticristo final. Claro, existem outras interpretações possíveis; “Besta” em hebraico também lança 666, e isso não é algo menos relevante. Seja Nero ou não, o último governante do mundo é mau! E o caráter desse governante mal já está operando em outros malfetores (2ª Tessalonicenses 2:7; 1ª João 2:18). Nunca subestime o mal nem tampouco o final de tudo, o Deus justo ainda terá o controle (Ap. 17:17).

OUTRAS APLICAÇÕES DE IMAGENS DO ANTIGO TESTAMENTO

Anteriormente, indicávamos que o leão acabou por ser o cordeiro. Nós também percebemos a aplicação, mais uma vez das pragas do Êxodo nos juízos do Apocalipse (8, 9 e 16), ou da cidade chamada “Sodoma” e “Egito”. O Apocalipse não pretende “prever” as pragas dos dias de Moisés, nem a cidade da qual fala que é a Sodoma e o Egito literal (como se pudessem ser ambas!).

Em Apocalipse 21:16, a altura da Nova Jerusalém é igual ao comprimento e à largura que tem a forma de um cubo. Isso provavelmente evoca o lugar mais santo do Antigo Testamento, em que só podia entrar o sumo sacerdote uma vez por ano. No entanto, na Nova Jerusalém, todos os que creem no Senhor Jesus Cristo estarão na própria presença de Deus como se fosse esse o lugar mais sagrado, sem qualquer barreira¹⁷. O tabernáculo de Deus está entre nós, Ele habitará conosco, e nós seremos Seu povo (21:3).

Ezequiel profetizou um novo templo glorioso, com um rio cujas águas correm daquele e aonde existem árvores frutíferas em

¹⁷ A glória que nossos corpos mortais não poderia suportar, mas para então tenhamos corpos glorificados!.

ambos os lados do rio (Ezequiel 47). No entanto, o Apocalipse afirma que não há templo na Nova Jerusalém. (21:22). Isso não quer dizer que o Apocalipse contradiz o que ele diz em Ezequiel; em vez disso, Apocalipse fala de uma realidade muito maior do que apontava o simbolismo de Ezequiel. Ezequiel estava mostrando que o futuro templo seria mais glorioso do que o antigo. A promessa de Apocalipse não é menor do que a de Ezequiel, mas é ainda maior: Deus e o Cordeiro são o templo (21:22), e o rio flui do Seu trono (22:1). O rio é o rio da vida (22:1), e as árvores de Ezequiel são a árvore da vida (22:2).

Estes novos detalhes apontam para uma promessa maior do que a de Ezequiel, aludindo uma volta a Gênesis. O Éden original tinha um rio e uma árvore de vida, mas foi marcado por uma maldição. A Nova Jerusalém tem um rio e uma árvore de vida, mas não há mais maldição (22:3). O paraíso estará na presença de Deus para todo o sempre.

A presença de Deus não é apenas uma promessa para a futura Nova Jerusalém, mas também para os crentes no céu. Considere o mobiliário do céu das cenas que dá o Apocalipse do mesmo: por exemplo, a arca (11:19); um altar de sacrifício (6:9); um altar de incenso (8:3-5; 9:13; 14:18); lâmpadas (4:5); um mar (15:2), e harpas (5:8; 14:2; 15:2). Como ele descreveu para o céu? Ele aparece como um templo (o templo do Antigo Testamento tinha todas as características acima).

Por essa razão, não estamos surpresos se encontrarmos pessoas adorando no céu. O Apocalipse o descreve simbolicamente como um templo para relembrarmos a nossa principal atividade naquele lugar. Nós nunca estaremos tão perto do céu nesta terra, como quando estamos adorando a Deus, uma atividade que vai continuar para sempre na Sua presença de uma maneira mais pura e mais plena.

Em 6:9-11, lemos sobre as almas “sob o altar”, os mártires que morreram para espalhar a mensagem de Jesus. Por que eles estão “sob o altar”? No Antigo Testamento, se derramava na base do altar o sangue de alguns sacrifícios (Levítico 4:7). Estes servos de Deus, ao morrer por causa do evangelho, compartilham os

sofrimentos de Cristo. Como o Cordeiro foi morto em 5:5-6, da mesma forma estes servos de Cristo tornaram-se em sacrifícios vivos junto com Ele.

Vejam os outros exemplos, talvez o mais controverso possível, a extensão do período de tribulação que fala Apocalipse. Eles são os 1260 dias (11:2-3; 12:6,14;13:5) literal ou simbólica? Sejam ou não, vários fatores nos advertem que não devemos assumir, antes de investigar, que o Apocalipse deve utilizar literalmente. O Apocalipse leva este período tempo de figuras semelhantes em Daniel (*ex.* Daniel 7:25; 12:7,11) mas pode referir-se a um assunto diferente ao que faz Daniel. Em Daniel, este período inclui uma abominação da desolação (Daniel 11:31; 12:11); Jesus ensina que, pelo menos, um desses períodos aconteceu antes que o Apocalipse fosse escrito, na geração em que Jesus falou dela (Mateus 24:15, 34; Marcos 13:14, 30)¹⁸.

A abominação literal mencionada por Daniel já tinha se cumprido antes que o Apocalipse fosse escrito (o Apocalipse foi escrito duas décadas após a destruição do templo!). Além disso, a cronologia de Daniel repousa sobre uma aplicação da profecia de Jeremias dos "70 anos" depois que os 70 anos estavam quase cumpridos (Daniel 9:2-3, 24). Se Daniel poderia voltar a aplicar simbolicamente um número encontrado em Jeremias, por que eu não poderia fazer Apocalipse com um número dos de Daniel? Muitos judeus contemporâneos com João também simbolicamente aplicavam o tempo de Daniel, assim que muitos haviam entendido este método se Apocalipse o seguiu.

Isso não significa que Daniel não foi literal neste ponto¹⁹; somente que o Apocalipse aplica o números de maneira diferente. Porque às vezes Apocalipse usa números (como 12.000 e 144)

¹⁸ Aqueles que dizem que "geração" significa "raça" estão dando o seu próprio significado para as palavras em grego. Nos evangelhos, o termo significa sempre "geração".

¹⁹ como já dissemos, de acordo com Jesus, pelo menos, uma das abominações desoladoras de João foi literalmente cumprida antes de Apocalipse ser escrito.

simbolicamente, é possível que tome o número de Daniel para nos dizer menos sobre o período de tempo e tempo e metade de um tempo. Mas até agora só temos argumentado que é possível, e não que o Apocalipse realmente use o período simbolicamente. Como podemos saber se o emprega simbólica ou literalmente?

Em Apocalipse 12: 1-6, o dragão (o diabo) se opõe a uma mulher e ao filho nascida dela. Quando a criança é levada para governar as nações com cetro de ferro, a mulher foge para o deserto por 1260 dias. Quase todos concordam que a criança se refere a Jesus (*cf.* 12:17; 19:15); Se assim for, os 1260 dias parecem começar quando Jesus foi exaltado para o céu (mais de sessenta anos antes de Apocalipse ser escrito). Ela começa com a primeira vinda e termina com o segundo. Para o Judaísmo, a tribulação final é o período imediatamente antes do final (às vezes três anos e meio, sete, quarenta ou quatro centenas de anos), mas nós, cristãos reconhecemos que estamos no fim dos tempos.

O Messias já veio uma vez, e todos quantos que vivem entre a primeira e a segunda vinda estão no fim dos tempos, sempre esperando o retorno de nosso Senhor. Assim como o leão é o cordeiro e ida e a vinda de Cristo marcam a tribulação. Todas as expectativas judaicas adquirem um novo significado à luz da vinda de Cristo.

É muito provável que, na verdade tem uma maior intensificação da tribulação pouco antes do final, mas o sentido do Apocalipse, pelo menos nesta passagem é mais importante para nós do que isso. Nosso tempo presente no mundo é um tempo de tribulação, mas, podemos nos animar porque Jesus venceu o mundo (João 16:33). A mulher e os outros filhos estavam no deserto (12:6, 17), o que nos diz sobre a natureza do tempo intermediário. Israel viveu no deserto entre o Egito e a redenção da sua herança na terra prometida. Para a exaltação de Cristo, nós também começamos a experimentar a salvação. Satanás não mais pode acusar-nos (12:10), mas devemos permanecer neste mundo, até o retorno de Cristo (12:11-12).

Não temos espaço suficiente neste capítulo para nos referirmos se este é o único sentido do período de tribulação em Apoca-

lipse (falo mais do tema em passagens relevantes em meu comentário sobre Apocalipse). Mas o “tempo final” presente parece ser sentido no Capítulo 12, e o Novo Testamento em ocasiões vê a era presente como o período do fim dos tempos. À partir dos próprios apóstolos em primeiro lugar, temos vivido nos “*últimos dias*” (Atos 2:17; 1 Timóteo 4:1; 2 Timóteo 3:1; Tiago 5:3; 1 Pedro 1:20; 2 Pedro 3:3). O povo judeu se referia ao fim dos tempos como “as dores de parto do Messias”, mas Jesus ensinou que as dores do parto já começaram, de modo que o final só virá quando tivermos terminado nossa missão de pregar o evangelho a todos nações (Mateus 24:6-8,14).

Paulo declarou que a própria criação já está experimentando dores de parto conosco para dar à luz um novo mundo (Romanos 8:22-23). Saber que estamos vivendo no fim dos tempos deve afetar a maneira como vivemos. A partir do Pentecostes temos vivido em uma era de derramamento do Espírito Santo. Vivemos em uma era iniciada por Jesus, e que deve ser completada por Jesus. Portanto, devemos ficar focados em quem nos enviou, em qual é a nossa missão é, o quê e a quem estamos realmente buscando.

CONCLUSÃO¹

Um princípio geral para interpretar qualquer texto é tentar de entendê-lo à luz de todo o seu contexto – o livro completo no qual ele ocorre (seus temas e enredo ou trama) e seu plano de fundo histórico. Outro princípio é o de levar em conta o tipo de escrito que é o livro; por exemplo, lemos Marcos como uma biografia antiga; Atos, como uma obra de história antiga; Isaías, como um livro de profecias (de forma poética em sua maioria) e os Salmos como uma coleção de canções de louvor e oração. Da mesma forma, podemos ler Apocalipse como profético ou apocalíptico (o qual inclui muitos símbolos). Cada tipo de literatura tem suas características especiais (por exemplo, nós literalmente interpretamos a maior parte da narrativa, mas reconhecemos que na poesia e profecia há recursos literários simbólicos).

Depois de ter dominado as habilidades que temos mencionamos, outros recursos são necessários apenas para nos ajudar com o plano de fundo².

Para muito mais detalhes, eu recomendo a *New International Standard Bible Encyclopedia*, com as palavras e frases em grego e he-

¹ Muitas ideias sobre as partes que falam sobre o gênero deste manual seguem de perto o livro intitulado *How To read the Bible for All Its Worth* (Zondervan) dos autores Gordon Fee e Douglas Stuart. Sou especialmente grato ao seu trabalho sobre os Salmos e as Epístolas. No entanto, a maior parte do restante vem de anos de luta indutivamente com a própria Bíblia, e depois com as fontes antigas que revelam o mundo da Bíblia.

Este manual pode ser compartilhado sem nenhum custo, mas apenas na condição de que seja sempre gratuito e permaneçam esses créditos. (É “shareware” para uso público, como um sermão que foi projetado originalmente para ser usado com os alunos da Nigéria, não para ser publicado ou para obter alguma compensação financeira). As ilustrações de “plano de fundo” podem ser encontradas com mais detalhes em *IVP Bible Background Commentary: New Testament* (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1993, com cerca de 500 mil exemplares impressos).

² Como *The IVP Bible Background Commentary: New Testament*.

braico, que podem nos ajudar a esclarecer as traduções. Mas este objeto tem focado principalmente no desenvolvimento das habilidades necessárias para interpretação antes de avançar. Essas habilidades podem ser resumidas como contexto literário, contexto cultural e contexto de gênero (tipo de escrita).

SOBRE O AUTOR



CRAIG KEENER é professor de estudos do Novo Testamento no *Asbury Theological Seminary*, no Kentucky. Ele recebeu seu Bacharelado pela *Bible College Central*, Mestrado em Divindade pelo *Seminário Teológico das Assembleias de Deus* e seu Doutorado em Estudos do Novo Testamento e Origens do Cristianismo na *Duke university*.

É particularmente conhecido por seu trabalho sobre o Plano de fundo Bíblico como um erudito do Novo Testamento (comentários do Novo Testamento em seu primeiro ambiente judaico e greco-romano). Ela já vendeu mais de meio milhão de cópias de seu trabalho “*Bible Background Commentary: New Testament*” (Comentário do Plano de fundo Bíblico do Novo Testamento). Ele é o autor de mais de uma dezena de livros.

A experiência ministerial de Craig inclui o ministério pastoral, principalmente como um pastor associado. Ele serviu em Igrejas Batistas e Igrejas Carismáticas, e tem vários anos de experiência no ministério com estudantes universitários. Ele tem pregado e tem treinado pastores em várias partes da África, principalmente na Nigéria, Camarões e Quênia.

A esposa de Craig, Médine, tem doutorado pela *Universidade de Paris* e atualmente leciona na *Eastern University*. Médine foi uma refugiada por 18 meses em seu país natal na África. Juntos, os Keeners têm trabalhado no sentido da reconciliação étnica na África.



Esta obra foi composta em Calisto para o corpo do texto e Century Gothic para os títulos, para Carisma Editora, em Março e Abril de 2016.